ANAIS

DA

BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 87

1967

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

RIO DE JANEIRO — 1969

BIBLIOGRAFIA DO CONTO BRASILEIRO

1841 — 1967

Tomo II — M-Z

ANAIS
DA
BIBLIOTECA NACIONAL

VOL. 87

1967

BIBLIOGRAFIA DO CONTO BRASILEIRO

1841 – 1967

por

CELUTA MOREIRA GOMES

e

THEREZA DA SILVA AGUIAR

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

RIO DE JANEIRO – 1969

M

MACAGGI, Ada — Taça. Rio, Calvino Filho, 1933. 173 p.
Menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, em 1934.

1245

MACAGGI, Nenê — Contos de dor e de sangue. Rio, Coelho Branco ed., 1935. 127 p.

1246

MACEDO, Agnelo — Nossa Senhora das perdidas, contos. São Paulo, Martins, 1948. 199 p. ilust.

1247

MACHADO, Aníbal Monteiro — Histórias reunidas [Capa de Poty] Rio de Janeiro, J. Olympio, 1959. 292 p. ilust.

Nota do autor: "Integra o presente volume a 2.ª edição, revista, de Vila Feliz, e mais sete ficções inéditas em livro".

"Diante do atual panorama literário no setor neomodernista, que não nos parece dos melhores, uma coletânea de contos como os de AM: "Histórias reunidas", causa realmente prazer, e mais do que prazer: admiração. É que a "essência" de seu "herói literário" não se reduz a um conjunto mecânico ou simples reunião de elementos heterogêneos. Suas criaturas não nascem apenas da argila do realismo, mas da transfiguração poética (tánto quanto a prosa permite) da existência de todos os dias. Sua obra é a de um escritor que preza seu ofício. Escreve pouco e bem. (...)
Ao analisar o conto "Tatí, a garôta": "Sendo a "imagem", como se sabe uma figura de estilo cujo quadro não se completa, o autor, deixando entrever o objeto sensível, possibilita ao leitor o prazer de perceber o que falta. E mais: tôdas as "imagens" empregadas pelo autor são escritas com prudência, moderação e propósito, o que valoriza bastante esta magnífica figura de pensamento. Deixando ao leitor o prazer de perceber o que faltava no sonho de Tatí, AM se inscreve na linha machadiana. Permite que se advinhe a ingenuidade da criança em confronto com a opressiva e sádica desigualdade social.

Em tôdas as histórias o escritor pôs à prova certos recursos e adequações de estilo, apresentando-se com uma das expressões mais sóbrias e belas da moderna ficção brasileira". *Oliveiros Litrento* — Um livro singular. *O crítico e o mandarim.* Rio [196?] p. 100-102.

"O interêsse pela condição humana, tomando a criatura à vida para movimentá-la em sua própria natureza, constitui uma das causas que levam AM à ficção. É possível que a solidariedade ao ser humano, sem desfigurá-lo no que há de simbólico em seu processo ficcional, explique a preferência pela novela. Ela permitirá, na limitação do espaço, a variação dos contactos com a base mesma do que inquire: a condição humana no extremo de tôda sua complexidade. Impelido por essa necessidade de surpreender a criatura no círculo que é psicológico — buscando sempre a singularidade no fundo das reações comuns —, em determinar o que possa significar uma presença no tempo episódico, o novelista chegaria fatalmente à valorização da perso-

nagem. É a figura humana no cerne de si mesma quem responde pela ausência de gratuidade no trabalho novelístico do autor de "Histórias reunidas". Há um caminho especulativo em seu conteúdo que, assimilado no âmago das narrativas, reflete uma posição face ao ser humano dentro do mundo. Trata-se, em conseqüência, de uma novelística interessada. (...)

No processo novelístico, como se verifica, a personagem tem importância fundamental para AM. Responsabilizando-se pelo espetáculo, que gravita em tôrno de si mesmo, supera as "personages de convention". O desenvolvimento episódico, ao eclodir como espetáculo, repercute de volta e nela se concentra em tamanha intensidade que difícil será não participar de sua própria participação. Temos que acompanhar o acontecimento como se fôra nosso, vendo-o e aceitando-o, com êle nos identificando em todos os momentos. É possível que êsse poder de transmissão baste para situar o autor de "Histórias reunidas" entre os criadores autênticos. E isso porque (como Charles Plisnier reivindicava), integrando a verdade no espetáculo, não deforma a realidade quando a transfigura para melhor caracterizar os sofrimentos e as ilusões da personagem. É na personagem, e mais uma vez, que permanece a chave do espetáculo. (...)" *Adonias Filho* — A personagem e o espetáculo. *Modernos ficcionistas brasileiros.* 2. sér. Rio de Janeiro, 1965, p. 47, 49.

1248

MACHADO, Aníbal Monteiro — A morte da porta-estandarte e outras histórias |Introd. de M. Cavalcanti Proença. Nota da editôra. Retrato por Luís Jardim. Capa de Eugênio Hirsch| Rio de Janeiro, Livr. José Olympio ed., 1965. xxxviii, 248 p. ilust. (Col. Sagarana, 19).

Contém 12 contos e 1 apêndice com mais um conto.

1249

MACHADO, Aníbal Monteiro — Vila feliz, novelas. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1944 286 p.

O autor confessa conter o livro três contos e duas novelas.
"(...) AM estréia nas nossas letras equipado dos instrumentos sem os quais o homem de sensibilidade não se transforma no escritor, no artista. A par das clássicas virtudes constantes de todos os manuais de estilística |e que de tão pespegadas aos nossos canastrões acadêmicos e para-acadêmicos soam mais como espinafrações| — a clareza, o senso de medida, a fluência, — quero destacar dois pontos que julgo indissociáveis dos contos de "Vila feliz": a naturalidade da fabulação e os efeitos supra-realistas que AM alcança servindo-se de expressões e vocábulos de significação cotidiana. *Osvaldino Marques* — Uma Vila feliz. *Leitura,* dez. 44/jan. 45, p. 35 .

1250

MACHADO, Antônio de Ancântara — Braz, Bexiga e Barra-Funda, noticias de São Paulo |São Paulo, Ed. Helios| 1927. 141 p.

Contém 12 contos.

Nome completo: Antônio Castilho de Alcântara Machado de Oliveira.

"(...) AAM foi um escritor paulistano, da cidade de São Paulo, assim como Manuel Antônio de Almeida o foi do Rio de Janeiro. A aproximação entre os dois feita por Agripino Grieco, está a pedir um desdobramento: não são ambos escritores apenas citadinos, mas perfeitamente integrados com a alma popular. Na composição artística de um e do outro, sobreleva a mesma inspiração plebéia. "As memórias de um sargento de milícias" escandalizaram os cortesãos da coorte bajuladora do Imperador letrado, com o diálogo apimentado do povo, a côr, o ruído e até o mau cheiro das ruas. Pois o caso de Brás, Bexiga e Barra Funda não é menos contundente. (...)

Um nôvo personagem surgiu então na literatura brasileira: o ítalo-brasileiro. AAM não foi surpreendê-lo na Av. Paulista, onde se erguiam palacetes de emigrantes italianos endinheirados (...) Não, o escritor desceria aos arrabaldes pobres, aos bairros operários. O que o interessava era o filho do imigrante em tôda a sua violenta integração social, sem nenhum polimento, muito menos estragado pelo dinheiro, o filho do carcamano no duro, o "intalianinho", como saborosamente deturpado passou a ser designado pelo povo o nôvo mameluco. Assim são os seus personagens: gente do proletariado e do pequeno comércio (...) Nos flagrantes que fixou da vida do operariado e da pequena burguesia paulistanos, AAM tornar-se-ia o grande intérprete do fenômeno ítalo-brasileiro em São Paulo, embora não tenha sido o único intérprete". *Francisco de Assis Barbosa* — Nacionalismo e literatura. *Achados do vento.* Rio de Janeiro, 1958, p. 42-44.

1251

MACHADO, Antônio de Alcântara — Brás, Bexiga e Barra Funda e Laranja da China. Introd. de Sérgio Milliet... |São Paulo| Martins |1944| 198 p.

1252

MACHADO, Antônio de Alcântara — Laranja da China... São Paulo, Empr. graf. ltda., 1928. 150 p.

Contém 12 contos.

1253

MACHADO, Antônio de Alcântara — Mana Maria. Rio de Janeiro, José Olympio, 1936. 208 p.

O romance incompleto "Mana Maria" e 5 contos inéditos.

"(...) Do escritor, porém, para se conseguir uma imagem viva e forte, basta reler as páginas daqueles dois livros de contos. "[Brás, Bexiga e Barra-Funda" e "Laranja da China"| e dêste nôvo |Mana Maria|. Êste nôvo é em conjunto, o menos expressivo, se bem "As cinco panelas de ouro" seja um dos contos mais marcantes do autor e "Mana Maria", o romance inacabado, prove mais uma vez que êle era antes de tudo um contista, pois o que encontramos naquele romance inacabado é um conto acabado e admirável.

A figura de "Mana Maria", figura das mais comuns e típicas, do Brasil, encontrou em AAM o seu retratista. Na galeria de tipos brasileiros faltava o retrato desta figura comum em tantas famílias: Mana Maria. (...)
Êsse conto (prefiro chamá-lo assim) "Mana Maria" é que distingue êsse volume póstumo dos dois anteriores de AA. Os demais contos são irmãos dos outros, iguais a êles como feitura, como modo do escritor encarar a vida e as coisas. Já êsse "Mana Maria" é bem diverso. O escritor não ri no meio do seu conto, não prega rabos nos personagens, êle não está se divertindo, está contando e está comovido. Nos outros contos AAM escondeu sempre a sua comoção atrás de um risinho irônico. Aquela triste galeria de grandes retratos que êle fêz em "Laranja da China", "Brás, Bexiga e Barra-Funda" e "Mana Maria" (nos contos que se seguem ao primeiro), comovia aos leitores, mas o autor queria deixar bem claro que êle não estava se comovendo não, êle estava rindo, achando aquilo algo ridículo. Diante de "Mana Maria" êle entregou os pontos, se comoveu também, e, se bem êsse não seja o seu maior assunto nem tão pouco o seu maior conto, é o mais expressivo como medida do que ainda se poderia esperar de um criador da fôrça do escritor paulista.

Parece que estou abusando da expressão "escritor paulista". Mas não acho adjetivo melhor para êsse contista. Sentido universal, sentido brasileiro, seus contos têm. Mas têm antes de tudo um sentido, uma marca paulista. Foi êle o que de melhor São Paulo deu para as nossas letras nesses últimos anos. Não sei mesmo quem o poderá substituir na criação dos tipos e dos ambientes paulistas. Oswald de Andrade, tão grande criador como Alcântara, não tem tão fundo aquela marca de São Paulo.

Tão pouco Mário de Andrade. E êles eram os três grandes de lá. Dos três, AA era o mais genuinamente paulista e é exatamente essa humanidade de São Paulo que êle foi o único a revelar ao Brasil (...)". *Jorge Amado* — Mana Maria. *B. Ariel,* agô. 1936, p. 292.

1254

MACHADO, Antônio de Alcântara — Novelas paulistanas: Brás, Bexiga e Barra Funda. Laranja-da China, Mana Maria |e| Contos avulsos |Pref. de Francisco de Assis Barbosa. Capa e ilust. de Poty| Rio de Janeiro, J. Olympio, 1961. 311 p. ilust.

Ao ensejo da reedição de "Novelas Paulistanas": "(...) Outra sugestão da releitura de "Novelas paulistanas" é a de autêntico nacionalismo, a que se filiam, nos têrmos da renovação modernista. Sem embargo da humanidade (quero dizer: generalidade humana) de seus personagens, a ambiência e seus corolários são, com efeito, brasileiríssimos. Brasileiríssimos inclusive, com o contingente do elemento estrangeiro, que a capacidade assimiladora de São Paulo incorporou em definitivo (...)". *J. Guimarães Menegale* — Antônio de Alcântara Machado, precursor redivivo. *Leitura,* maio 1961, p. 8-9.

1255

MACHADO, Antônio de Alcântara — Trechos escolhidos |Apresentação| por Francisco de Assis Barbosa. Rio de Janeiro, Agir, 1961. 99 p. ilust. (Nossos clássicos, 57).

O conto "Gaetaninho", o mais representativo de sua produção no gênero, um pequeno trecho do romance inacabado "Mana Maria", trechos escolhidos de suas "Notas de viagem", de sua produção jornalística e do seu erudito livro "Estudos anchietanos". *Leitura,* out. 1961, p. 61 (Vida cultural).

1256

MACHADO, De Paula — Almas sem rumo, contos e crônicas. Capa de Euclides L. Santos. Rio, Aurora |1953?| 180 p.

1257

MACHADO, De Paula — Restos que vivem, contos e crônicas. Rio, Magalhães Correard & cia., 1942. 174 p.

1258

MACHADO, De Paula — Topadas, contos. Empr. graph. editôra |1933?| 188 p.

1259

MACHADO, Dionélio — Um pobre homem |Ilust. de Francisco Bellanca. Advertência de De Souza Júnior. Pôrto Alegre, Livr. do Globo| 1927. 165 p.

"O que sobretudo me chamou a atenção no escritor que acabava de aparecer, foi um traço que mais tarde haveria de acentuar-se considerávelmente: a preocupação de salientar o homem não na sua caracterização regional, mas na sua expressão permanente. (...) agita-se nêles |contos| o pensamento de alguém que já sentiu na consciência o contato com a vida e se dispõe a prestar o seu depoimento. Não mais a exaltação dos heróis estereotipados, quase vazios de substância humana, com os quais tantas vêzes a literatura local, mal velando certa inspiração política, buscava reativar virtudes e sentimentos que julgava extintos ou moribundos. Agora, sob o ôlho de DM, os heróis perdem as dimensões da legenda, contraem-se, encolhem-se, para descer

às murchas proporções dessas pequenas vidas que despertam cada dia de seus pesadelos anônimos e vêm repetidas ou agravadas, debaixo do mesmo sol sem calor, as misérias e atribulações de sempre". *Moisés Velinho* — Dionélio Machado, do conto ao romance. *Letras da província.* 2. ed. rev. e acres. Pôrto Alegre, 1960, p. 65-77.

1260

MACHADO, Leão de Sales — Cecília. São Paulo, Livr. Elo ltda., 1935.

1261

MACHADO, Rubem Mauro — Contos do mundo proletário. PôrtoAlegre, Ed. Movimento, 1967. 100 p.

Contém 8 contos.

"De Pôrto Alegre, chega-nos o livro de contos de RMM — "Contos do mundo proletário", em que o autor nos oferece uma visão da vida sofrida dos trabalhadores através de histórias que se interligam pela temática e pelo velado tom reivindicatório". *Lago Burnett. J. Brasil,* 25 out. 1967 (Panorama das letras).

"(...) Seus contos são perturbadores e contam de nossa vida de todos os dias. O autor reúne a qualidade de contar estória com acontecimentos e, quando convém, mostra a verdade, o que, o como e o porque da própria estória". *Sérgio W. Toccetto* Conto nôvo. *F. Tarde,* Pôrto Alegre, 23 set. 1967 (Noticiário).

"(...) Com a leitura dos primeiros contos vamos nos contagiando com a vida intensa que sentimos em suas criaturas. Vamos além do cenário, dos ângulos, enfoques e outros enquadramentos, porque os problemas são enfrentados em função do que é fundamental, não se desviando para os elementos técnicos, ainda que nêles se baseie, senão naquilo que é especìficamente humano. Por isso seu realismo não requer que a rima seja uma solução.

Nada impõe, mas sabe propor com clareza o que pensa. Disso resulta que a linguagem faz um corpo-a-corpo com a tessitura da narração. Daí também a autoridade que faz com que as personagens se desgarrem sem que êle as perca de vista, assumindo a responsabilidade do próprio destino. (...)" *Contos do mundo proletário. F. Tarde,* Pôrto Alegre, 23 set. 1967.

1262

MACIEL, Amora — Tição, contos. Rio |Continente Editorial ltda.| 1966. 210 p.

"(...) é um retrato espiritual do Ceará, de suas lutas e seu heroismo". *Édison Moreira. Est. Minas,* 3 jan. 1967.

1263

MADEIRA, Carlos — Caiçaras (contos) |Pref. de Viriato Corrêa| Rio, Adersen, editores, 1933 188 p.

Contos regionalistas.

1264

MADUREIRA, Lima de — Prosa de Calibam, contos e chronicas |Rio| Of. Prof. do Colégio nacional, 1927. 119 p.

1265

MAES, Hercílio — Contos premiados *ver* Contos premiados.

MAFRA, Oscar — Reduto da soledade. Rio, Graf. Sauer |s.d.| 129 p.

1266

MAGALHÃES, Adelino — Casos e impressões. 1. ed. Rio de Janeiro, Typ. Rev. dos tribunaes |1916| 214 p. retr.

"Não se pode rigorosamente dizer que AM tenha escrito contos ou novelas. Êle esquiva-se intencionalmente aos gêneros. E escreve casos, impressões, perfís, crônicas, "manchas", instantâneos, monólogos, devaneios, visões, caprichos de temas, pequenos poemas em prosa, prosa à imitação musical — exercícios, sonatilhas, rapsódias, sinfonias verbais (...)" *Xavier Placer* — O impressionismo na ficção. *In: A literatura no Brasil.* Rio de Janeiro, 1959, v. 3, t. 1, p. 259.

"A expressiva denominação de "ilha" ("êle Joyce"), com a qual Thibaudet quis caracterizar a singularidade do autor do "Ulysses" aplica-se igualmente a um escritor brasileiro.

De fato, não estará configurada de maneira completa a geografia imaginária de nossa literatura, sem a menção de uma grande ilha, quase desconhecida: a "Ilha Adelino Magalhães" (...)

(...) Por efeito de intuição, e jamais por imitação, a obra de AM adapta-se às tendências estéticas européias da sua época, em alguns casos, antecipando-se às mais significativas obras estrangeiras portadoras de um nôvo espírito. O círculo dessas tendências é configurado por um conjunto de obras que foram publicadas na Europa entre 1913 e 1922. As efemérides da revolução estética ou moral que, por diferentes vias se processou com reflexo mais ou menos imediato sôbre a literatura de ficção podem ser assim representadas: 1913 — "Du coté de Chez Swann" (Proust.) e "Sons and lovers" (D. H. Lawrence); 1915 — "Pointed roofs" (Dorothy Richardson); 1922 — "Ulysses" (James Joyce) e "Jacob's room" (Virginia Woolf). A rigor, a reação pró ou contra o espírito e a forma dessas obras só se fêz sentir após 1919, o ano em que se quebrou o gêlo da indiferença que até então pesava sôbre o tomo inicial da obra cíclica de Proust e em que também foi divulgada uma parte do "Ulysses" através da "Little review" de New York.

Coincidiu (o têrmo é aqui empregado intencionalmente), coincidiu aparecerem justamente nesse período de fermentação intelectual os volumes basilares da obra criadora de AM. "Casos e impressões", a primeira, é de 1916; "A hora veloz" saiu em 1926. (...)

A intenção atribuída a Joyce de ter procurado representar no "Ulysses" o homem moral, intelectual e fisiológico em sua integridade é a mesma que se surpreende em tôda a obra principal de AM. Acrescente-se que ambos conseguiram dar êsse retrato total do homem comum simultâneamente com uma espécie de análise espectral de suas cidades (Dublin e Rio) através de cenas e aspectos urbanos que, não obstante fragmentários e esparsos, fornecem uma noção total do ambiente, mediante uma verdadeira devassa até o bas-fond de cada cidade. O impressionismo em função de análise introspectiva, ordinàriamente em têrmos de monólogo interior ou silente, tornou possível a AM comunicar à sua obra o mesmo poder atribuido por Varlery Larbaud à de Joyce (...)
A diferença fundamental entre Joyce e Adelino no captar a realidade é que geralmente aquêle procede de maneira neutra ao passo que êste age antes sob um impulso emocional ou moral, tornando-se êle próprio, às vêzes ostensivamente, protagonista de sua obra. Por vários modos, os escritores apresentam algo de comum entre si. Principalmente, naquilo que irrita ou indispõe com êles o leitor normal: as distorções impostas à linguagem convencional e a sátira ou a comicidade à Rabelais, despejada, envolvente, às vêzes, intolerável. As rebeldias de AM com a linguagem ou a fraseologia ordinária não atingiram jamais o delírio verbal de James Joyce. Mas qualquer que seja a diferença de grau de audácia e intensidade, pulsa em ambos o mesmo instinto de rebeldia contra as formas tradicionais da expressão estética, o que concorre para os aproximar de certo modo. Há, mesmo uma analogia de processos, neste particular, entre os dois escritores, que me parece bastante significativa. É a que advém de certa maneira de empregar o que poderíamos chamar estilo específico, com a linguagem impregnada do tema ou do assunto desenvolvido. Não há nisto é certo originalidade absoluta; em Shakespeare e em Dickens existem inumeráveis exemplos dêsse método. Entretanto, o trato desenvolto da língua, em Joyce e em Adelino, permitiu inovações de tôda a sorte, neste sentido, a delatarem o esfôrço de

ambos para imergir na matéria de maneira ativa ou dinâmica. Correm por conta dêsse processo arbitrário e temerário incontáveis achados com os quais o leitor dificilmente poderia condescender.

A incidência dêsse processo é mais sensível na obra "Visões, cenas e perfis", especialmente através de "Lembranças à Matilda", "A greve", "O suicídio da Engole-Homem" e "Na redação do "O justiceiro".

(...) Como quer que seja, pode admitir-se algum debate sôbre a prioridade da adoção do "monólogo interior", em outra parte, salvo no Brasil, onde é de inteira justiça que seja conferido a AM. *"Eugênio Gomes* — Adelino Magalhães e a moderna literatura experimental. *In: Magalhães, Adelino — Obras completas,* 1946, v. 1, p. vii-ix, xv-xvii, xix.

1267

MAGALHÃES, Adelino — Casos e impressões. 2.ed. Rio de Janeiro, Benedito de Souza, 1928. 220 p.retr.

1268

MAGALHÃES, Adelino — |Contos| *In*: *Magalhães, A. — Obras completas* |Introd. de Eugênio Gomes. Perfil: Adelino Magalhães, por Murilo Araújo| Rio de Janeiro, Livr. ed. Zelio Valverde, 1946, v. 1, p. 5-708, v. 2, p. 9-128.

Contém os livros de contos: "Casos e impressões", "Visões, cenas e perfis", "Tumulto da vida", "Inquietude" e "A hora veloz".

1269

MAGALHÃES, Adelino — |Contos| *In*: *Magalhães, A. — Obra completa*. Org. com a assistência do autor. Estudo crítico de Eugênio Gomes. Reportagem biográfica, cronologia e bibliografia de Xavier Placer. Posfácios críticos de Murilo Araújo e Andrade Muricy. Rio de Janeiro, Companhia Aguilar ed., 1963, p. 61-676 (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira, 13).

Contém os livros de contos: "Casos e impressões", "Visões, cenas e perfis", "Tumulto da vida", "Inquietude" e "A hora veloz".

1270

MAGALHÃES, Adelino — A hora veloz. Rio de Janeiro, Typ. Rev. dos tribunaes, 1926. 207 p.

1271

MAGALHÃES, Adelino — Inquietude |Capa de Correia Dias| Rio de Janeiro, Livr. Schettino, 1922. 206 p. retr.

1272

MAGALHÃES, Adelino — Inquietude. 2. ed. Rio de Janeiro, Typ. São Benedicto, 1932. 213 p.

1273

MAGALHÃES, Adelino — Tumulto da vida. Rio de Janeiro, Typ. Rev. dos tribunaes, 1920. 290 p.

1274

MAGALHÃES, Adelino — Tumulto da vida. 2. ed. Rio de Janeiro, Forja ed., 1932. 254 p.

1275

MAGALHÃES, Adelino — Visões, scenas e perfis Rio de Janeiro, Typ. Rev. dos tribunaes, 1918. 252 p.

1276

MAGALHÃES, Adelino — Visões, scenas e perfis. 2. ed. Rio de Janeiro, Forja ed., 1932. 292 p.

1277

MAGALHÃES, Diógenes — João 70, contos. Rio de Janeiro. Escol |1954?| 108 p.

1278

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de, visconde de Araguaia — Amancia, novella. *In: Magalhães, D.J.G. — Opusculos historicos e litterarios.* 2. ed. Rio de Janeiro, Livr. de B. L. Garnier, 1865, p. 347-391 (Obras de D.J.G. de Magalhaens, 8).

"(...) Foi com a novela "Amância", de Domingos Gonçalves de Magalhães, em 1841, e, no mesmo ano em "As duas órfãs", de Joaquim Norberto, que o gênero se ensaiou pela primeira vez em nossa terra. Não eram romance, nem a rigor conto. Mas eram mais êste que aquêle. E aliás, de uma absoluta mediocridade literária, como o foram os "Romances e novelas" que Joaquim Norberto de Sousa e Silva ia publicar em 1852. Se a essas acrescentarmos os contos e novelas, mais ou menos lendários, publicados por Bernardo Guimarães ("Lendas e romances", de 1871; "Histórias e tradições da Província de Minas Gerais", de 1872, e "A ilha maldita", de 1879) teremos o quadro sumário do que o romantismo nos deu no gênero. O sentimentalismo barato encontra aí terreno fértil por onde se estender. E essas páginas têm hoje valor puramente histórico (...)". *A. Amoroso Lima* — A evolução do conto no Brasil. *In: Academia brasileira de letras — Curso de conto.* Rio de Janeiro, 1958, p. 16, 17.,
"(...) Também a prosa de ficção atraiu o espírito inquieto e construtivo do poeta de "Urânia", Sílvio Romero classifica-o como um dos iniciadores do romance e do conto brasileiro. "Amância", que é a sua contribuição à novelística nacional, foi publicada em 1844 com o subtítulo de novela. Trata-se de página de interêsse, hoje, puramente documental, história melodramática, "de uma fraqueza incontestável", como anotou o crítico sergipano, em que o autor se perde em veredas, recuos, contradições, picadas inúmeras que desviam a narrativa da necessária concentração. (...)

"Amância", apesar de seus defeitos, de sua tôsca estrutura, de sua vulgaridade como concepção, proporciona, ao leitor atual, não só a visão do esfôrço que històricamente o gênero exigiu para chegar a se caracterizar, mas dá também o conhecimento dos conceitos que regiam a sociedade de então quanto aos problemas éticos que convencionalmente regulavam as relações amorosas. Seu propósito moral é mesmo abalar as regras que obstavam as liberdades do sentimento. (...)" *Mário da Silva Brito* — Domingos José Gonçalves de Magalhães. *In: Cavalheiro, Edgar — O conto romântico.* Rio de Janeiro, 1961, p. 10.

1279

MAGALHÃES, Valentim — Alma, paginas intimas. Rio de Janeiro, Laemmert & cia., 1899. 154 p.|1|f.

Contém 14 trabalhos.
Nome completo: Antônio Magalhães Valentim da Costa.

1280

MAGALHÃES, Valentim — Bric-àbrac. Rio de Janeiro, Laemmert & cia., 1896. vii, 288 p.

Contém contos e crônicas.

1281

MAGALHÃES, Valentim — Horas alegres (fantasias comicas-scenas e typos-contos academicos) Rio de Janeiro, Laemmert, 1888.

1282

MAGALHÃES Valentim — Quadros e contos. S. Paulo, Ed. Dolivaes Nunes, 1882. 225 p., 2 f.

Contém 20 trabalhos.

1283

MAGALHÃES, Valentim — Vinte contos. Rio de Janeiro, Ed. A Semana, 1886. 216 p. (Biblioteca d'A Semana).

1284

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo — A fuga e outros contos |Rio de Janeiro| A Noite, 1936. 176 p.

Contém 12 contos.
"(...) "Fuga" é um volume de contos em que não esmorece o ímpeto do observador que andou recolhendo tantos testemunhos de vida brasileira por êsse país afora, numa caçada de fatos a que nunca faltou profunda sensibilidade humana. Outros, produzindo tanto para o Moloch dos jornais e tendo passado por tantos ambientes bárbaros do país não conseguiram coordenar impressões em obra de arte explícita e duradoura.(...)" *B. Ariel,* jan. 1937, p. 110.

"(...) Poeta da prosa, muitas vêzes mais emotivo que os poetas do verso é um pintor exato das selvas. Nas páginas de "Fuga" — seu último livro publicado — há muito do aroma dos matos, há muito da epopéia que desconhecemos e desdenhamos: o som das cascatas e dos rios.

Entre cataratas, rios, velhas árvores, caminhos e picadas, buscou ver os homens em comunhão com o ambiente, e sabe mostrá-los como são. Arrasta-nos mentalmente da Avenida e conduz-nos sem colarinho, cabeça ao sol, para seu hinterland favorito, revelando-nos caracteres bizarros e primitivos, ingênuamente ridículos, uns inocentemente selvagens, outros, dotados todos de psiché anômala, perturbada, mas sincera e verdadeira. (...)

Há em "Fuga" um pouco senão muito de satanismo, sendo raros os contos que terminam sem mortes. (...) Outro novelista, diante do mundo bárbaro a que nos transporta, teria forçado considerações e conclusões doutrinárias sôbre a necessidade de civilizar o homem das selvas. (...) Raimundo não aconselha, está longe de ser doutrinador, antes diverte-se cèpticamente, troçando dos "tabus" mais graves, até mesmo daquele, de que é defeso falar...

"Rio movido", ao nosso ver, é a melhor das produções de Raimundo. Há um pouco de transição entre dois ambientes, e nota-se a influência de Zola na cena da "cobertura" da água, que encontramos idêntica em "Terra" (...) *Ubaldo Soares* — Fuga — Raimundo Magalhães Júnior. *B. Ariel,* mar. 1937, p. 171.

1285

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo — Impróprio para menores. Rio, Record ed. |1934| 151 p.

"(...)"Há, nas páginas dêsse livro de RMJ, um nervosismo, uma pressa que pula da pena e escorrega no papel. Lendo um dos seus contos, tem-se a sensação de estar correndo a 100 kilômetros a hora, tão arraigada ao contista está a alma dinâmica do repórter do século XX.

Essa correria desenfreada do autor de "Impróprio para menores" é uma das suas grandes causas de sucesso, porque a paisagem que se vai divisando pelo caminho de suas páginas é sempre variada e não cansa o leitor. Tanto no conto como na crônica êle demonstra uma grande agilidade mental, que é o seu traço característico, RMJ é um verdadeiro inimigo da monotonia.

(...) Nos contos de RMJ há situações verdadeiramente bem traçadas. Como disse muito bem Joaquim Ribeiro, o valor do conto está na maneira como êle é historiado. Cada indivíduo tem o seu modo particular de narrar. E RMJ sabe contar a seu jeito.

Em "Impróprio para menores" (refiro-me ao conto que deu título ao livro) h flagrantes expressivos colhidos pela máquina fotográfica do autor. A infância comum de Cizy e padre Elesbão está muito bem apanhada.

"O pecado de Dona Salambô", põe a nu situações realíssimas criadas pelas contingências da vida.. "A melagomania de Jacques Clarel de Courteville" é o conto mais bem realizado e no qual há cenas de uma ironia amarga contra a humanidade. Sobretudo o final, possui um gôsto de fruta travosa... (...)" *Aluísio Napoleão* — À margem de "Impróprio para menores". *B. Ariel,* jan. 1935, p. 98.

1286

MAIA, Alcides — Alma bárbara. Rio de Janeiro, Typ. Pimenta de Melo & cia., 1922. 182 p.

Nome completo: Alcides Castilhos Maia.

"(...) A nostalgia da vida primitiva e a simpatia pelos inadaptados e infelizes são talvez os dois motivos espontâneos da sua imaginação criadora.
Seduzem-no os aspectos agrestes da antiga vida sôlta dos gaúchos, a alma bárbara e sem peias, revelando-se nua e crua nos seus ímpetos. Aguçada a atenção de AM pelo caráter mais abarbarado dêsse ambiente, menos conformado à transformação inevitável de hábitos e costumes, era natural que transparecesse em quase tôdas as personagens um certo desajustamento, com o meio, no sentido de resistência à sua adaptação renovadora.

"Alma bárbara" é pois um título bastante sugestivo do estado de espírito com que abordou os seus temas de fabulação. Do ponto-de-vista da fantasia criadora, o que importava era surpreender os vestígios de um estilo de vida já em recuo para o passado, evanescente e apenas sobrevivendo em crise. Manifesta-se a cada passo a inspiração nostálgica dêsse estado emotivo, que êle próprio definia em "Romantismo e naturalismo": "É o desgôsto do presente que gera nas civilizações convulsionárias a paixão exclusiva da natureza, a fuga para as idades pretéritas, o amor ao exótico." (...) Ainda e sempre o que sentimos em vários contos de "Tapera" e "Alma bárbara" é o mesmo apêlo insistente (...) Mas, de outro lado, o que me parece digno de ressalte na sua obra é a visão desabusada e realista, a objetividade escrupulosa, a preocupação de apresentar as personagens com tôda a sua complexidade.

(...) Também na sua obra, apesar da aparente impassibilidade realista, palpita uma piedade aberta a tôdas as formas de sofrimento. É fácil apontar cenas e personagens em que se revela essa inclinação como um dos seus traços fundamentais. (...) É o mesmo fundo de piedade (...) que lhe ditou os contos "Chinoca", "Velho guasca" e "Guri" em "Taperã", "Chico Balaio", "Caturrita" e "Ceguinho de estrada" em "Alma bárbara" (...) "Ceguinho de estrada", conto que lhe sugeriu uma história popular da fronteira, é certamente a sua produção mais completa, sob êsse ponto-de-vista, verdadeira obra-prima, em que a expressão da piedade se apresenta nua, direta, simples na sua humilde fraqueza, como se o autor, despido de todos os preconceitos, deixasse falar pela sua voz a fôrça de um destino" *Augusto Meyer* — Alcides Maia. *Prosa dos pagos, 1941-1959,* Rio de Janeiro, 1960, p. 123, 124, 127, 132, 133.

1287

MAIA, Alcides — Tapera: cenarios gauchos. Rio de Janeiro, H. Garnier, livr. ed., 1911. 153 p.

Contém 15 contos.

1288

MAIA, Alcides — Tapera (cenários gauchos) Pref. de Augusto Meyer |Capa de Antonius, pseud. de Antônio da Fonseca Barreto| 2. ed. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1962. 155 p. retr.

1289

MAIA, Carlos Vasconcelos — O cavalo e a rosa. Ilust. de Carybé. Salvador, Livr. Progresso, 1955. 113 p.

1290

MAIA, Carlos Vasconcelos — Contos da Bahia |Salvador| Caderno da Bahia, 1950. 102 p.

"(...) as figuras e os casos dêstes contos são colhidos em flagrante, entre figuras e casos tìpicamente baianos, os contos de VM, extraordinàriamente vivos e pitorescos, têm seja o que fôr de contos populares regionais. Uma arte de contar extremamente moderna é posta aqui ao serviço de um material humano de modo algum provido dos requintes de vida interior e de cotidianidade que em determinados casos justificam essa visão por dentro das personagens que é timbre de alguns dos mais originais de entre os modernos contistas. É o pitoresco que prevalece na leitura dêstes saborosíssimos "Contos da Bahia". *João Gaspar Simões* — Do conto oral ao conto escrito. *Let. e Artes,* 23 mar. 1952, p. 1.

1291

MAIA, Carlos Vasconcelos — Fora da vida. Salvador, Ed. Elo, 1946.

1292

MAIA, Carlos Vasconcelos — Histórias da gente baiana. Pref. de Jorge Amado |Ilust. de capa: Carybe| São Paulo, Ed. Cultrix |1964. 191 p. (Col. Contistas do Brasil).

"Histórias da gente baiana" foi o título escolhido para o volume a reunir essa seleção de seus contos, título justo. A gente baiana, os homens e as mulheres da Bahia são os heróis de VM. Suas histórias não podiam suceder noutro cenário senão no da Bahia, as reações dos personagens são reações de baianos. Êsse contista é um escritor profundamente ligado a seu povo e à sua terra. Disso provém sua fôrça de verdade, sua maior grandeza. *Jorge Amado. J. Let.,* dez. 1963/jan. 1964, p. 9.

1293

MAIA, Carlos Vasconcelos — O leque de Oxum |Capa de José Maria. Rio de Janeiro| O Cruzeiro [1961] 134 p.

Contos e novelas.

1294

MAIA, Inês Sabino Pinho — Contos e lapidações. Rio, Laemmert & cia., 1891. 342 p.

1295

MAIA, Inês Sabino Pinho — Noites brazileiras. Rio de Janeiro, Garnier |1897| 183 .

1296

MAIA, João — Pampa, episódios regionalistas. Porto Alegre, Globo, 1925. 124 p.

1297

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Alma do oriente, lendas e contos orientaes, diretamente trad. do original arabe. Rio de Janeiro, José Olympio, 1936. 182 p.

"Ao sr. MT, cujo nome é, atualmente, um dos mais vulgarizados e discutidos das nossas letras, e cujos contos, espalhados por todo o Brasil e admirados em todo êle, são transcritos literalmente em tôda a imprensa de língua portuguêsa e traduzidos em outras da dêste continente e da Europa, — cabe a glória de haver sido, entre nós e, creio mesmo, na América do Sul, o primeiro escritor de gênio árabe. A sua obra, iniciada em 1925, com a publicação dos "Contos", conquistou, de pronto, a mais vasta popularidade. "Céu de Alá", "Amor de beduíno" e "Lendas do deserto", completaram a sua personalidade de prosador oriental, definindo-a e incorporando-a, com relêvo notável, ao que se podia chamar a "Legião estrangeira" dos narradores árabes espalhados hoje pelo mundo.

A formação oriental do espírito geogràficamente brasileiro do sr. MT podia ser objeto, evidentemente, de uma pesquisa de Freud. Trata-se, civilmente, de um homem que nasceu no Brasil, de um engenheiro com o seu título científico brilhantemente conquistado em nossa Escola Politécnica, membro de antiga e ilustre família brasileira. Entretanto, o sr. MT tem uma figura de árabe; surgiu para as letras tendo no pensamento os desertos, as tamareiras, as tendas estremecendo ao vento, sacudidas pelas tempestades de areia. (...)

A êsse árabe do Brasil estava destinada, todavia, a realização de um dos maiores empreendimentos das literaturas orientais porventura tentados fora do Oriente. É propósito seu dotar as nossas letras brasileiras e, ao mesmo tempo as letras árabes, com uma coletânea no gênero das "Mil histórias", e que terá a denominação de "Mil histórias sem fim". Serão contos de inspiração oriental, ligados entre si mas constituindo, como naquelas grandes coleções do Oriente, narrações isoladas pelo assunto. Serão, diria um árabe, como um soberbo colar de mil pérolas, mas usadas cada uma separadamente. Serão, finalmente, uma grande jóia formada por um milheiro de jóias miúdas (...) "*Humberto de Campos* — As mil histórias sem fim... 7. ed. Rio de Janeiro, 1952, p. 15-17.

1298

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Amor de beduino, contos orientais. Rio de Janeiro, Typ. d'A Encadernadora, 1928. 275 p.

1299

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Amor de beduino, contos orientaes, trad. directamente do original arabe, com illust. de Cavallero. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1930. 186 p. ilust.

1300

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Amor de beduino, contos orientaes. 2. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves |1931| 285 p.

1301

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Amor de beduino, contos orientaes. 3. ed. Rio de Janeiro, A.B.C. |1938?| 197 p.

1302

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Amor de beduino, contos orientaes. 4. ed. Rio de Janeiro, Getúlio Costa |194-?| 189 p.

1303

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Amor de beduino, 7. ed. Rio de Janeiro, Getúlio Costa |1949| 211 p.

1304

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Ceu de Allah, contos orientaes. Trad. diretamente do original arabe. Ilust. de Cavalleiro e Constantino. Rio de Janeiro, Typ. d'A Encadernadora, 1928. 275 p. ilust.

Menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, em 1929.

1305

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Ceu de Allah, contos orientaes, directamente trad. do original arabe. Illust. de Cavallero e Constantino 2. ed. Rio de Janeiro, Francisco Alves |1931| 285 p. ilust.

1306

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Ceu de Allah, contos orientaes. Ilust. de Cavaleiro e Constantino. 3. ed. Rio de Janeiro, A.B.C. |1938?| 197 p. ilust.

1307

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Ceu de Allah, contos orientais, diretamente trad do original arabe. Ilust de Cavaleiro e Constantino. 4. ed. Rio de Janeiro, Getulio Costa |1940| 189 p. ilust.

1308

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Ceu de Allah, contos orientais. Ilust de Cavaleiro e Constantino, 5.ed. Rio de Janeiro, Getulio Costa |1942| 191 p. ilust.

1309

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Ceu de Allah, contos orientais, diretamente trad do original arabe. Ilust. de Cavalheiro e Constantino. 6. ed. Rio de Janeiro, Getulio Costa |1946| 231 p. ilust.

1310

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Ceu de Allah, contos orientais, diretamente trad. do original arabe. 7.ed. Ilust. de Cavalheiro e Constantino. Rio de Janeiro, Getúlio Costa |1949| 211 p. ilust.

1311

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Ceu de Allah, contos orientais. 8.ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1951 207 p.

1312

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Ceu de Allah, contos orientais, trad. diretamente do original arabe 9. ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1954. 223 p. ilust.

1313

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Ceu de Allah, contos orientais, trad. diretamente do original arabe. 10.ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1956. 223 p. ilust.

1314

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Ceu de Allah, contos orientais, trad. diretamente do original árabe... ilust. de Solon Botelho, Renato Silva e outros. 11. ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1957. 221 p. ilust.

1315

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Ceu de Allah, contos orientais trad. diretamente do original árabe. 11. ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1959. 221 p. ilust.

1316

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Ceu de Allah, contos orientais, trad. diretamente do original árabe. Ilust. de Solon Botelho, Renato Silva e Constantino. 12. ed. |Rio de Janeiro| Conquista [1960] 221 p. ilust.

1317

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Contos de Malba Tahan. Illust. de M. Constantino e Belmont. Rio de Janeiro, Ed. Brasileira Lux |1925| 152 p. ilust.

1318

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Contos de Malba Tahan, trad. diretamente do original arabe, com illust. de Constantino, Cavalleiro e Sigaud. 2. ed. completamente ref. e augm. |Rio de Janeiro, Typ. A Encadernadora, 1929| 236 p. ilust.

1319

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Lendas do deserto. Rio de Janeiro, Livr. Azevedo |1929?| 191 p. ilust.

1320

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Lendas do deserto, contos orientais. 2. ed. |Rio de Janeiro| Calvino Filho, 1933. 204 p. ilust.

1321

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Lendas do deserto, contos orientais, trad. diretamente do original árabe, com um pref. de Olegario Marianno. 4. ed. Rio de Janeiro, Getulio Costa |1942| 191 p. ilust.

1322

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Lendas do deserto, contos orientais, trad. diretamente do original árabe, com um pref. de Olegário Mariano. 6. ed. Rio de Janeiro, Getulio Costa |1949| 222 p. ilust.

1323

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Lendas do deserto, contos orientais, trad. diretamente do original árabe, com um pref. de Olegário Mariano. 7. ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1951. 222 p. ilust.

1324

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Lendas do deserto, contos orientais, trad. do original árabe, com um pref. de Olegário Mariano. 8.ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1953, 222 p. ilus. ilust.

1325

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Lendas do deserto, contos orientais, trad. diretamente do original árabe, com um pref. de Olegário Mariano. 9.ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1956. 226 p. ilust.

1326

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Lendas do deserto, contos orientais, trad. diretamente do original árabe, com um pref. de Olegário Mariano. 10. ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1957. 222 p. ilust.

1327

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Lendas do deserto, contos orientais, trad. diretamente do original árabe. Pref. de Olegário Mariano. 11.ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1959. 222 p. ilust.

1328

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Lendas do oasis, contos orientais, diretamente trad. do original arabe. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1933. 211 p.

1329

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — O livro de Aladim (contos orientais) trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. Rio de Janeiro, Getulio Costa, 1943. 190 p.

1330

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Maktub! (Estava escrito!) Contos orientais, trad. de Breno Alencar Bianco. Pref. de Khara Ulugbeg. Rio de Janeiro, Getulio Costa |1940| 195 p. ilust.

1331

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Maktub! (Estava escrito!) Contos orientais, trad. diretamente do original árabe, com um pref. do general turco Khara Ulugbeg. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. 2. ed. Rio de Janeiro. Getulio Costa |1942| 193 p. ilust.

1332

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Maktub! (Estava escrito!) Contos orientais, trad. diretamente do original árabe, com um pref. do general turco Khara Ulugbeg. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. 3. ed. Rio de Janeiro, Getulio Costa |1944| 195 p.

1333

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Maktub! (Estava escrito!) Contos orientais, trad. diretamente do original árabe, com um pref. do general turco Khara Ulugbeg. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. 4. ed. Rio de Janeiro, Getulio Costa |1949| 193 p.

1334

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Maktub! (Estava escrito!) Contos orientais, trad diretamente do original arabe. 5. ed. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. Rio de Janeiro, Conquista, 1951. 222 p. ilust.

1335

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Maktub! (Estava escrito!) Contos orientais, trad. diretamente do original árabe. 6. ed. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. Rio de Janeiro, Conquista, 1954. 222 p. ilust.

1336

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Maktub! (Estava escrito!) Contos orientais, trad. diretamente do original arabe, com um pref. do general turco Khara Ulugbeg. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. 7. ed. Rio de Janeiro, Getulio Costa |1955| 193 p. ilust.

1337

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Maktub! (Estava escrito!) Contos orientais, trad. diretamente do original árabe. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. 8. ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1957. 222 p. ilust.

1338

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Maktub! (Estava escrito!) Contos orientais, trad. diretamente do original árabe. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. 9. ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1959. 222 p. ilust.

1339

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Maktub! (Estava escrito!) 10. ed. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco... |Rio de Janeiro| Conquista |1961| 222 p. ilust.

1340

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Maktub! (Estava escrito!) Contos orientais trad. diretamente do original árabe. 11 ed. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. Ilust. de Solon Botelho, Calmon Barreto, Constantino e Renato Silva |Rio de Janeiro| Conquista [1964] 222 p. ilust.

1341

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Mil historias sem fim... contos orientais, diretamente trad. do original arabe. Pref. de Humberto de Campos. Rio de Janeiro, Freitas Bastos |1931| 272 p. ilust.

1342

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Mil historias sem fim, contos orientais, diretamente trad. do original arabe. Pref. de Humberto de Campos. 2. ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos |1933| 294 p. ilust.

1343

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Mil historias sem fim... Pref. de Humberto de Campos. Trad. e notas do prof. Breno de Alencar Bianco. 3.ed. Rio de Janeiro, Getulio Costa |1940| v. ilust.

1344

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Mil historias sem fim... Pref. de Humberto de Campos. Trad. e notas do prof. Breno de Alencar Bianco. 4. ed. Rio de Janeiro, Getulio Costa |1942| v. ilust.

1345

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Mil historias sem fim... Pref. de Humberto de Campos. Trad. e notas do prof. Breno de Alencar Bianco. 5. ed. Rio de Janeiro, Getulio Costa |1943| 143 p.

1346

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Mil historias sem fim... Trad. e notas de Breno Alencar Bianco. Pref. de Humberto de Campos. 6. ed. Rio de Janeiro, Ed. Aurora, 1946. v. ilust.

1347

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Mil historias sem fim... contos orientais. 7. ed. Pref. de Humberto de Campos. Trad. e notas do prof. Breno de Alencar Bianco. Rio de Janeiro, Conquista, 1952. v. ilust.

1348

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Mil historias sem fim... 8. ed. Pref. de Humberto de Campos. Trad. e notas do prof. Breno de Alencar Bianco. Rio de Janeiro, Conquista, 1955- 2 v. ilust.

O 1.º volume é da 8.ª edição, e o 2.º volume é da 3.ª edição.

1349

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Mil histórias sem fim. 9. ed. Pref. de Breno Alencar Bianco. Rio de Janeiro, Conquista, 1957-1961. 2 v. ilust.

O 1.º volume é da 9.ª edição, de 1957; o 2.º volume é da 5.ª edição, de 1961.

1350

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Mil historias sem fim... contos orientais. 11. ed. Pref. de Humberto de Campos. Trad. e notas do prof. Breno de Alencar Bianco. Ilust. de Solon Botelho e Renato Silva |Rio de Janeiro| Conquista |1961| v. 1 ilust.

1351

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Mil historias sem fim. 12. ed. Pref. de Humberto de Campos... Trad. e notas do prof. Breno de Alencar Bianco. Ilust. de Solon Botelho e Renato Silva |Rio de Janeiro| Conquista |1963| 2 v. ilust.

O 1.º volume corresponde a 12. ed. e o 2.º volume à 6. ed.

1352

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Minha vida querida (os segredos da alma feminina nas lendas do oriente) 4. ed. Ilust. de Calmon Barreto. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. Rio de Janeiro, Getulio Costa |1941| 187 p. ilust.

1353

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Minha vida querida (os segredos da alma feminina nas lendas do oriente) 5. ed. Ilust. de Calmon Barreto. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. Rio de Janeiro, Getulio Costa |1942| 189 p. ilust.

1354

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Minha vida querida (os segredos da alma feminina nas lendas do oriente) 7.ed. Ilust. de Calmon Barreto. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. Rio de Janeiro, Getulio Costa |1948| 181 p. ilust.

1355

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Minha vida querida (os segredos da alma feminina nas lendas do oriente) 8. ed. Ilust. de Calmon Barreto e Solon Botelho. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. Rio de Janeiro, Conquista, 1951. 200 p. ilust.

1356

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Minha vida querida (os segredos da alma feminina nas lendas do Oriente) 9. ed. Ilust. de Calmon Barreto e Solon Botelho. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. Rio de Janeiro, Conquista, 1954. 200 p. ilust.

1357

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Minha vida querida (os segredos da alma feminina nas lendas do oriente) 10 ed. Ilust. de Calmon Barreto e Solon Botelho. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. Rio de Janeiro, Conquista, 1956. 205 p. ilust.

1358

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Minha vida querida (os segredos da alma feminina nas lendas do oriente) 12. ed. Ilust. de Calmon Barreto, Solon Botelho e Renato Silva. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. Rio de Janeiro, Conquista, 1959. 200 p. ilust.

1359

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Minha vida querida (os segredos da alma feminina nas lendas do oriente) 14.ed. ilust. de Calmon Barreto, Solon Botelho e Renato Silva. Trad. e notas do prof. Breno Alencar Bianco |Rio de Janeiro| Conquista |1963| 204 p., 1 f.

1360

MALBA TAHAN, *pseud* de Júlio César de Melo e Sousa — Novas lendas do deserto, contos orientais, trad. diretamente do original árabe, com um pref. de Olegario Marianno. 3. ed. Rio de Janeiro, A Noite |1939| 264 p. ilust.

1361

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Novas lendas orientais, lendas e contos orientais. Adapt. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. Ilust. de Ramon Llampayas... Rio de Janeiro, Conquista, 1959. 249 p. ilust.

1362

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Novas lendas orientais... Adapt. e notas do prof. Breno Alencar Bianco. Ilust. de Ramon Llampayas. 2. ed. |Rio de Janeiro| Conquista |1962| 220 p. ilust.

1363

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Seleções. Com um pref. de Paulo Mansur, comentários de Alziro Zarur, Cruz Murad, Antonio J. Chediak |e outros| Rio de Janeiro, Ed. Aurora |1947 293 p. ilust.

1364

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Seleções (os melhores contos) 3. ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1953. 206 p. ilust.
1365

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Seleções (os melhores contos) 4. ed. Rio de Janeiro, Conquista ,1957. ilust.
1366

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Seleções (os melhores contos) 5. ed. Rio de Janeiro, Conquista, 1959. 219 p. ilust.
1367

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — Seleções (os melhores contos) 7. ed. Ilust. de Solon Botelho, Renato Silva e Constantino |Rio de Janeiro| Conquista |1963| 219 p., 1 f. ilust.
1368

MALBA TAHAN, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa — O terceiro motivo (contos e lendas orientais)... Com uma apreciação sôbre o mundo árabe pelo escritor e diplomata Mansour Chalita |São Paulo, Ed. Saraiva, 1962| 146 p. (Col. Saraiva, 175).
1369

MANSUR, Gilberto — Exquadro.

Apud Fausto Cunha — Contistas. *C. Manhã,* 24 nov. 1962, p. 8 (Livros na mesa)
1370

MAR, João do — Montanha de neve, contos alegres. Niterói, Ed. Dias Vasconcelos & cia., 1927. 153 p.
1371

MARANHÃO, Zilde de E. — Caçuá de feira, contos. Recife, Impr. industrial |1949| 77 p.
1372

MARANHÃO, Zilde de E. — Matolão |195-?|

Apud Mauro Mota — Notícias do Recife. *Leitura,* fev. 1960, p. 45.
1373

MARCELINO, José Antônio — O amor encurta a vida? (contos) Capa: Mem de Sá-Mesbla |Pref. de A. J. Pizarro Loureiro| Rio de Janeiro, Minerva |1961| 152 p.
1374

MARCONDES, Domingos — Contos e cantos. Rio de Janeiro, Typ. Rev. dos tribunaes, 1914. 296 p.
1375

MARCONDES, Vitrúvio — Quadros agrestes, contos e phantasias. São Paulo, Rossi, 1904. 181 p.

1376

MARINHO, Leopoldo Veiga — Um homem dentro da noite, contos. São Paulo |Saraiva| 1958. 169 p.

1377

MÁRIO XII, *pseud. ver* Lima, Mário S. Rodrigues.

MARQUES, A. — Cysnes pretos. Rio de Janeiro, Livr. ed. Leite Ribeiro. 1924. 226 p.

Menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, em 1925.

1378

MARQUES, Astôlfo — Natal (quadros) Maranhão, Typ. Teixeira, 1908. 67 p.

Nome completo: Raul Astôlfo Marques.

1379

MARQUES, Astôlfo — A vida maranhense, contos (1902-1904) Maranhão, Typ. Frias, 1905. 225 p.

1380

MARQUES, Gabriel — Carne vil, contos atrozes. Pref. de Luís da Camara Cascudo. Curitiba, Ed. Guaira, 1944. 162 p.

1381

MARQUES, Gabriel — Os condemnados (contos actrozes) São Paulo, Monteiro Lobato, 1922. 97 p. (Col. Brasilia, 6).

1382

MARQUES, Gabriel — Os esquecidos de Deus. São Paulo, Ed. de O livro nacional, 1926. 137 p.

Menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, em 1927.

1383

MARQUES, Gabriel — A ultima noite. 1927.

1384

MARQUES, Maria de Marim — Sombras e luz. Petrópolis, Ed. Vozes ltda., 1943. 88 p.

1385

MARQUES, Osmar Rodrigues — Noite sem limite, contos. Rio de Janeiro |Org. Simões| 1954. 77 p.

Contém 15 contos.

"15 contos mivdos, antes crônicas que outra coisa. Contudo, manchas de vida, sendo de notar o gôsto pela anotação psicológica precisa, bem como a naturalidade da narrativa e o espírito de síntese". *Valdemar Cavalcanti. J. Let.*, maio 1955, p. 3 (Na estante).

1386

MARQUES, Osmar Rodrigues — Os quatro filhos do Papa, contos. Capa de Edson Guedes de Morais. Rio de Janeiro, J. Konfino, 1959. 93 p.

"Histórias de estilo direto ao lado de outras de teor surrealista" *Antônio Olinto* — Literatura, balanço de 59. *J. Let.*, jan./fev. 1960, p. 1.

"(...) Não se pode negar a RM poder de observação, a maturidade estilística, capacidade de ser sincero e autêntico (...) Não lhe falta, igualmente, humor e ironia (...) É bem verdade que podemos acusar RM, como ser humano, não como escritor, de grande pessimismo e até mesmo ceticismo, de que seus livros anteriores (bem como os contos "Don'Ana", "Marina", "O homem sem testamento" e sobretudo "Rumo sul") são exemplos. Mas não é aqui que encontramos os traços negativos de sua literatura. Êstes, residem, em primeiro, num gôsto pelo realismo que o ultrapassa, fazendo com que sua prosa descambe, várias vêzes, para uma descrição de cenas prosaicas muito ao gôsto do mais barato naturalismo" (...) *Sérgio Ferraz* — Dois livros de contos. *J. Let.*, nov. 1959, p. 11.

1387

MARQUES, Rosina Guarnieri — Árvore sem sombra |Capa de Maria Cecília. São Paulo| Livr. Martins |1959| 156 p.

1388

MARQUES, Xavier — A cidade encantada. Bahia, Livr. Catilina, 1920.

Nome completo: Francisco Xavier Ferreira Marques.

"É um marinista, sua sensibilidade plástica reproduzindo a ilha de Itaparica. Estilista, no sentido acadêmico, como no romance (...) e nos contos de "A cidade encantada" (1919), |sic| não sacrifica porém a naturalidade e nem por isso sua visão se perturba em face da paisagem. Cenarista de entretons, é, todavia, um excelente criador de tipos". *Adonias Filho* — O regionalismo na prosa de ficção. Grupo baiano. *In: A literatura no Brasil.* Rio de Janeiro, 1955, v. 2, p. 181.

"XM, o ilhéu de Itaparica e cantor de suas praias maravilhosas, pintor exímio dos litorais baianos". *Osvaldo Orico* — Como se escreve um conto. *In: Academia brasileira de letras Curso de conto.* Rio de Janeiro, 1958, p. 56.

1389

MARQUES, Xavier — Simples histórias. Bahia, Typ. do Jornal de noticias, 1886. 82 p.

1390

MARROCOS, Antônio — Páginas soltas. Recife, Impr. industrial, 1932. 144 p.

1391

MÁRSICO, Gladstone Osório — Minha morte e outras vidas |Pref. de Darcy Azambuja. Pôrto Alegre? 1960?|

1392

MARSIGLIA, Cléia — Espelhos embaciados. Maceió, Acaieme, 1953. 95 p.

Contém 10 contos.

Prêmio Oton Bezerra de Melo.

"Dez contos num volume com que a A. obteve o Prêmio Oton Bezerra de Melo, concedido pela Academia Alagoana de Letras. Em tôdas as suas narrativas a A., que estreou nas letras como poetisa, alcança um clima poético: há um alento de lirismo na compisição das histórias e na apresentação dos sêres humanos(...)" *Valdemar Cavalcanti. J. Let.*, jan. 1954, p. 7 (Últimos lançamentos)

1393

MARTELO, Nilson de — Mil sombras da nova lua |Capa de Luiz Dias| São Paulo, Edart |1963| 200 p. (Col. Ciencificção, 2).

"NM inicia sua produção literária com um livro de contos, no gênero ficção científica". É escritor que domina a técnica exigente para a elaboração de narrativas em que o fantástico se submete ao real, sem prejuízo do interêsse que o leitor possa dispensar ao enrêdo. *J. Let., dez.* 1963/jan. 1964, p. 2 (Vida dos livros).

1394

MARTINS, Alfredo Romário — Ruinas, contos. Curitiba, 1898.

1395

MARTINS, Carlyle — Alma rude, contos regionais. Fortaleza, Gráf. Ranulpho, 1960. 175 p.

1396

MARTINS, Ciro — Campo fora, contos. Porto Alegre, Globo, 1934. 92 p.

Contos gauchescos.

"Os contos nada acrescentam à tradição regionalista, embora evitem os gestos esparramados e certos desgarres cívicos tão próprios da literatura crioula em suas manifestações medíocres. Os temas, salvo variantes pouco perceptíveis, são os mesmos dos velhos recantos pastoris(... Todo o problema para o jovem escritor das primeiras tentativas consistia em achar novos tipos para argumentos já cansados. O expediente, porém, não lhe valeu de muito. O que nessas manifestações iniciais se pode observar como contribuição positiva, além da compenetração literária já apontada, é a tendência para assimilar os modismos regionais sem traumatizar o velho arcabouço da língua". *Moisés Velinho* — Itinerário de um romancista. *Letra da província.* 2. ed. Rio de Janeiro, 1960, p. 162.

1397

MARTINS, Ciro — Paz nos campos, contos e novelas. Porto Alegre, Ed. Globo 1957| 241 p. (Col. Província, 12).

"Há, também, uma espécie de literatura, que, tendida para o visual, se firma no documentário. A mais nova das artes, o cinema, tornou popular essa forma de expressão, embora um tipo de documentário — o de narrativa de viagens — sempre tivesse conseguido agradar um grande número de pessoas. A ficção atinge, em alguns momentos, êsse terreno de documento de filmagem. É sob êsse aspecto que se destaca, no Brasil, a obra do gaúcho CM, cujos contos e novelas, já anteriormente publicados, foram reunidos no volume chamado "Paz nos campos" Na maioria de suas narrativas, pouca coisa acontece. O que CM procura fazer é mostrar cenas, descrever costumes, como num verdadeiro documentário cinematográfico, sem dar grande importância a acontecimentos ou a personagens.

(...) É o Rio Grande do Sul que aparece, com paisagem e gente, ante os olhos do leitor, numa série de firmes captações, em que a terra se coloca junto com o homem. (...) "Paz nos campos" consegue, num terreno diferente do de Simões Lopes Neto, colocar o Sul, o Sul mesmo, com sua gente, sua fala, seus costumes, suas cidades, numa literatura que não se tem preocupado muito com os frutos daquela parte do País. Torna-se, por isso, num livro indispensável, a uma verdadeira visão de conjunto da literatura brasileira". *Antônio Olinto* — Paz nos campos. *Cadernos de crítica.* Rio de Janeiro, 1959, p. 77, 79.

1398

MARTINS, F. Magalhães — Açude e outros contos. Rio de Janeiro |Associação atlética Banco do Brasil| 1955. 49 p. (Cadernos A.A.B.B., 3).

1399

MARTINS, F. Magalhães — Mundo agreste (contos) |Rio de Janeiro| Ed. Leitura |1962| 140 p.

"Tudo em seus contos revela um olhar, um visualismo de pintor despreocupado com as profundezas da personalidade humana. É algo descritivo, paisagístico, cheio de colorido em que, apesar do dramático, do trágico das situações vividas por seus personagens, encontramos uma singular dose de poesia, da poesia dessa visão infantil das coisas em que ela nos integra". *Sebastião G. Assunção. Leitura,* jul. 1962, p. 42.

1400

MARTINS, Fran — O amigo de infância, contos. Rio de Janeiro |Departamenito de imprensa nacional| 1959. 157 p.

Prêmio da Prefeitura de Fortaleza, em 1953.

Nome completo: Francisco Martins.

1401

MARTINS, Fran — Manipueira. 1934.

MARTINS, Fran — Mar oceano, contos. Fortaleza, Ed. Rev. Clã, 1948. 166 p.

"(...) FM se me apresenta como um dos melhores contistas novos que conheço não só no Brasil, mas em Portugal também. E isto não o afirmo sem uma intenção especial. O autor de "Mar oceano", tal como Graciliano Ramos ou Lins do Rêgo, para não citar Monteiro Lobato ou Mário de Andrade, permite-me, com inteira confiança, considerá-lo escritor da nossa língua comum embora sem que eu deixe de reconhecer o caráter genuinamente brasileiro do seu estilo literário. Encontro-me em terreno conhecido quando leio a prosa de FM. Há nela aquêle mínimo de formas que me deixam distinguir os contornos do seu corpo verbal e perceber que os seus membros sintáticos são os membros de um ser que anda caminhando com a cabeça direita nos ombros, o tórax voltado para a frente, as pernas articulando, normalmente, os seus movimentos, de modo que os pés, poisando no chão, ora o direito, ora o esquerdo, desloquem todo o corpo num ritmo de locomoção que imprime dignidade e caráter à sua figura, permitindo que, só com olharmos para êle, possamos dizer sem receio de errar estarmos perante um ser vivo — um estilo, uma língua literária um instrumento verbal com dignidade estética.

Que não haja equívocos. Não sou um retapronúncia. Nunca valorizei, além do que considero razoável os princípios gramaticais (...) Mas uma coisa é de admirar a página fulgurante onde as leis são ditadas pela imaginação criadora, e onde há, portanto, estilo, pois estilo não significa propriedade de linguagem e bom comportamento sintático: outra aceitar como literatura o imbrólhio de palavras comuns usadas

em sentido corrente — sem transposição nem invenção — chatamente, fotogràficamente, aos rés da banalidade de que são a imagem (...)" *João Gaspar Simões* — Introdução ao estudo da literatura de ficção dos novos escritores brasileiros. *Let. e Artes,* 21 jan. 1951, p. 1.

1403

MARTINS, Fran — Noite feliz. Fortaleza, Ed. Clã, 1946. 117 p.

1404

MARTINS, Ivã Pedro de — Do campo e da cidade. Rio de Janeiro, Ed. Lux. 1955. 231 p.

1405

MARTINS, João — Vozes da carne (contos).

Apud Vasconcelos Maia — Panorama do conto baiano. Salvador, 1959, p. 130.

1406

MARTINS, José Pereira — Izaura, conto. Fortaleza. Typ. Minerva, 1901. 17 p.

1407

MARTINS, Lúcia — Janelas entreabertas [Fortaleza? 195-?]

Menção honrosa da Associação Brasileira de Escritores, Seção do Ceará.

Nome completo: Maria Lúcia Fernandes Martins.

"LM apareceu em 1946, por ocasião do concurso *Aequitas,* com um livro inédito. Não bem saída da adolescência, escreveu contos em que se percebia uma inclinação muito pronunciada para a ficção e, ao mesmo tempo, uma maturidade por assim dizer inesperada. Seu conto "Janelas entreabertas" é de tal simplicidade de composição que à primeira vista parece frívolo, assim como acontece a algumas páginas de Katherine Mansfield, não implicando esta comparação em paralelo ou identidade de processos. Porém esta facilidade que pressentimos ao primeiro contato com a prosa da escritora é logo substituída pela transfiguração poética, por uma dominadora verdade subjacente. A arte da contista há de ressentir-se de certa indecisão estilística, e alguma ingenuidade psicológica; é talvez submissa em exagêro aos miúdos aspectos do quotidiano, porém na essência o drama é sempre enérgico e persuasivo." *Braga Montenegro* — Evolução e natureza do conto cearense. *Clã,* fev. 1952, p. 26.

1408

MARTINS, Mário Rodrigues — Memórias de um papa-defuntos. Rio [Gráf. Olimpica] 1947. 58 p.

1409

MARTINS, Mário Rodrigues — Vida corrente. Illust. de Monsã. Bello Horizonte, Ed. Caramuru, 1931. 186 p. ilust.

1410

MASCARENHAS, Aníbal — Os roceiros, histórias e lendas do sertão. Rio de Janeiro, Livr. Quaresma, 1956. 273 p. (Biblioteca da Livr. Quaresma).

Publicado sob o pseudônimo de Viriato Padilha.

1411

MATOS, Ariovaldo — A dura lei dos homens. Capa de Lênio |Pref. de Jorge Amado. Rio de Janeiro| Livr. São José, 1960.

Prêmio Câmara Municipal da cidade do Salvador.

"(...) Em seu processo narrativo, que a linguagem enxuta valoriza, a percepção se faz em tôrno do mundo exterior — o cenário plástico da Bahia — e dêsse universo íntimo que o psicólogo interioriza na apreensão mesma dos dados humanos. Seria inevitável que um escritor assim, embora preocupado com a paisagem, se convertesse em espontâneo criador de figuras. Seus personagens, em conseqüência, são de tal modo caracterizados que os aceitamos como semelhantes do mundo e na vida. (...)" *Adonias Filho* — Contos. *D. Not.*, 17 jul. 1960, supl. lit., p. 3 (Estante).

1412

MATOS, Ariovaldo — Últimos sinos da infância. Salvador, Ed. São José, 1965.

1413

MATOS, Ciro de — Berro de fogo, contos |Orelha de Hélio Pólvora. Capa de Nacif Ganem. Rio de Janeiro |Ed. Leitura |1966| 109 p.

Contém 10 contos.

"(...) Em CM, baiano que agora estréia na ficção, sente-se sem esfôrço a vontade de escrever e a paixão de escrever. Por isso seus contos trazem a marca de coisas sofridas, pensadas, remoídas, cristalizadas. Pode-se discordar de um ou outro detalhe técnico de maior ou menor dimensão ficcional por êle dada às suas criações, mas impossível não sentir a emoção que as anima e lhes evita a gratuidade, a circunstância encontrada tantas vêzes em obras menos elaboradas.

Estamos aqui diante de uma vocação — de uma vocação que não confia no improviso, no talento puro e simples; lúcida e lúdica, ela se completa na pesquisa dos meios adequados de se expressar. CM começa bem porque empenhado num processo de derramagem artística que lhe é próprio. As duas correntes do moderno conto brasileiro — o esteticismo, o regionalismo — êle as funde na mesma forja e lhes dá um tempêro bem pessoal; escrevendo numa época de mansfieldianos, saronyanos, proustianos ou de realistas fotográficos, êle não lembra nenhum — e isso é o melhor elogio que se lhe poderia fazer(...) O contista não trai o seu meio, a sua gente — e embora onírico em um outro conto de sabor fortemente pessoal, reage quase ao apêlo ficcional que brota da terra (...)

Mais que uma promessa, "Berro de fogo" é um compromisso e uma certeza de contribuição ao conto nôvo brasileiro. "*Hélio Pólvora — Berro de fogo* (orelha).

"Berro de fogo" não é apenas uma feliz estréia literária. É também uma afirmação. Debutando nas letras com letras com dez contos, dez histórias tendo como cenário o mundo do cacau que é o sul da Bahia, usando — e às vêzes abusando — do linguajar regional, mesclado com intencional, perceptível queda para o neologismo, CM começa se firmando e se afirmando como realização de escritor. (...) Seu passaporte para o país dos criadores e contadores de história é válido e tem visto universal para todos os portos, com imunidades aduaneiras. Seus personagens, frutos sazonados do coronelato que deu sangrenta (hoje folclórica) notoriedade no sul baiano, me trouxeram à lembrança aquêles carcomidos bonecos de carne e osso parasitas de periferia dos Sartóris; como os broncos rebotalhos da sordidez humana de"As I lay dying", além de outros tipos do decadente sul de Faulkner e de Caldwell. Não sei porque os vi transplantados de Jefferson ou Yoknapatawpha para Itabuna ou as fazendas de cacau sob sua jurisdição onde se desenrolam as "shorts stories" de CM (...)" *Armando Pacheco. J. Com.*, 16 jul. 1967 (Livros novos).

(...) Trata-se de um ficcionista cujas qualidades nenhum leitor e nenhum crítico poderão deixar de ver de imediato, pois seus contos já possuem certa madureza de concepção e realização, bem pouco comum aos estreantes. Como se o contista tivesse esperado acumular experiência humana e experiência literária para se apresentar ante o público. Bem raramente sente-se as incertezas do novato, sempre a literatura

do nôvo autor é segura na prosa buscada e trabalhada, nas figuras cuja dimensão humana é feita da vida real. (...) *Jorge Amado* — Um baiano que promete. *J. Brasil, Supl. do Livro,* n. 15, 21 out. 1967, p. 18.

1414

MATOS, Jair Dirceu Pacheco de — Caminho das tropas; contos. Preâmbulo de Bernardo Pedroso. São Paulo, Gráf. Sangirard |1966|

"Autor de livros de poesias e de ensaios literários JDPM experimenta, o conto no volume "Caminho das tropas" com temática tomada à vida sertaneja no interior de São Paulo". *J. Let.,* maio 1966, p. 2 (Vida dos livros)

1415

MATOS, José Veríssimo Dias de *ver* Veríssimo, José.

MATOS Mário — Casa das três meninas, contos. Belo Horizonte. Movimento editorial panorama |1949| 254 p.

Nome completo: Mário Gonçalves de Matos.

1416

MATOS, Pedro — Vida (contos) Rio de Janeiro, Record ed. |1936?|

1417

MATOS, Santino Gomes de — Contos de grã cidade |Rio de Janeiro, Irmãos Di Giorgio| 1953. 168 p.

Contém 6 contos.

"Seis contos — e de estreante, a julgar pela expressão de timidez do prefácio e pelas deficiências do estilo. Aproveita o A. os seus rompantes de imaginação e as suas impressões da vida real, no propósito de dar-nos "algumas horas de relevante distração intelectual" (...)" *Valdemar Cavalcanti. J. Let.,* dez. 1953, p. 7 (Últimos lançamentos)

1418

MATOS, Santino Gomes de — Flagrantes ao sol do norte, contos |Ribeirão Preto, Sales| 1929. 188 p.

"Flagrantes ao sol do norte" são, conforme sugere o título, contos regionalistas, mas ao mesmo tempo universais pelo conteúdo, pela forma, pelo tom irônico e humano, com uma forte tendência machadiana (...) SGM é, sem dúvida, com êste livro de estréia (...) — descontadas as imperfeições de uma obra ainda não sazonada às experiências da idade —, um verdadeiro temperamento de contista, um escritor seguro, tanto na evocação do ambiente nordestino, sem qualquer concessão ao pitoresco quanto no comportamento dos incidentes e na modelagem vertical dos tipos. (...)" *Braga Montenegro* — Evolução e natureza do conto cearense. *Clã,* fev. 1952, p. 22.

1419

MATTEUCI, Henrique — Camundongo na consciência |Ilust. e capa de Clóvis Graciano| São Paulo, Emp. jornalística Ringue, 1960. 156 p. ilust.

1420

MATTEUCI, Henrique — Eu já beijei a lona. Ilust.: contra-capa: Eder Jofre; contos: P. de Lara. São Paulo, Ed. Fulgor |1957| 158 p.

A novela "Eu já beijei a lona", seguida de "Contos" e "Histórias de boxe".

1421

MAURÍCIO, João Vale — Grotão |Capa de K. Christoff| Belo Horizonte, Ed. Itatiaia |1962| 110 p.

16 trabalhos, dos quais 12 relacionam-se com o município de Montes Claros, onde o autor viveu, constituindo o volume uma espécie de "crônica de saudades".

1422

MAUTNER, Jorge — Vigarista Jorge |Pref. de Mario Shemberg. São Paulo| Von Schmidt |1966| 175 p.

1423

MAZZONI, Giuseppe — A historia da vida e outros contos |Salvador| Empr. graf. ltda., 1948. 273 p.

1424

MEDAUAR, Jorge — Água Preta, contos. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1958. 211 p. ilust.

Contém 16 contos tendo por tema a zona cacaueira baiana.

Nome completo: Jorge Emílio Medauar.

"Os 16 contos que compõem o livro que, mal acaba de sair, é recebido com um entusiasmo invulgar por críticos e escritores, revelam um ficcionista de elevado nível, um prosador de linguagem precisa, e, finalmente, um bom escritor. São contos de notável qualidade literária. (...)

Mas "Água Preta" é um livro particularmente grato à nossa sensibilidade. Nos são familiares aquêles tipos e, sobretudo, o "banheiro", que muitas vêzes frequentamos. Aquêle remanso do rio Água Preta do Mocambo era um grande atrativo para o jovem forasteiro. E na grata companhia de alguns tipos do lugar, tão bem marcados por JM, voltamos ali, "pois quando as águas serenavam, se via o fundo com pedras, tocos de pau, piabas ariscas".

Conhecemos Água Preta na época do apogeu do cacau, muito bem descrita no conto "O palacete". Era um desperdício de dinheiro. E tôda aquela zona cacaueira vibrava com a alegria contagiante dos novos ricos.
Muitas histórias ouvimos durante aquêles banhos onde a garrafa de parati passava de mão em mão, e as gargalhadas estridentes abafavam as últimas palavras dos "causos" e das inconfidências.

JM nasceu em Água Preta. Conhece bem a sua terra, e, ajudado por uma memória fora do comum, reconstitui cenas com o brilho e a segurança de linguagem que caracterizam os bons escritores (...)" *Barbosa Melo* — Água Preta do Mocambo. *Leitura,* out. 1958, p. 21.

1425

MEDAUAR, Jorge — O dinheiro de caju. O cigano. Sá da Bandeira, 1963. 32 p. (Col. Imbondeiro, 43).

Contos extraídos dos livros "Água Preta" e "A procissão e os porcos", respctivamente.

1426

MEDAUAR, Jorge — Dois contos de festas |Ilust. e lay-out de Rodrigo Frank| São Paulo, Ed. Multi-propaganda, 1962.

Edição conjunta dos contosh "Terno de Reis" de Ricardo Ramos de "O presepe" de Jorge Medauar.

1427

MEDAUAR, Jorge — Histórias de menino |Pref. de Ricardo Ramos| Ilust. de Marcelo Monteiro. Capa de Camerini. Rio de Janeiro, J. Ozon, 1962. 191 p.

"Um dos melhores volumes de contos das safras recentes, estas "Histórias de menino" de JM. Livro coeso, de extrema unidade interior, não fôsse êle uma parte do "ciclo de Água Preta". Medauar teve de resolver (e resolveu) dois problemas simultâneos: dar-nos uma visão da cidade, sua gente, seus fastos, pelos olhos de um menino — e dar-nos uma visão não deformada pelo adulto nem infantilizada. Os contos em que o menino exerce mais diretamente o seu poder de contato, "O Azulão" "Quermesse", "O apito", tem por fôrça de ser os melhores. Em outros, como no excelente "Um pé de pimentão", houve a necessidade de fabulizar. O contista não trabalha num passado imóvel: o leve travo de saudade que há nas suas evocações não trai a verdade medida em que a criação é re-criação. Antigamente se usava muito a palavra "autenticidade"; pois é exatamente isso o que sente nas "Histórias de menino", a começar pela linguagem, que fixa e faz reviver torneios e localismos, conservando o sabor e a naturalidade sem cair nesse coloquialismo de carregação que, desde Coelho Neto, vem inculcando uma falsa fala do povo." *Fausto Cunha* — Contistas. *C. Manhã,* 24 nov. 1962, p. 8 (Livros na mesa)

1428

MEDAUAR, Jorge — Histórias de menino. 2. ed. aum. Capa: Sérgio Fragoso Orelha: Gumercindo R. Dorea| Rio de Janeiro, Ed. GRD, 1967. 109 p. (Contos de agora e de sempre, 12).

Contém 12 contos.

1429

MEDAUAR, Jorge — O incêndio, contos |Capa de Eugênio Hirsch| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1963| xii, 207 p. (Col. Vera Cruz. Literatura brasileira, 55).

Prêmio Governador do Estado de São Paulo.

"(...) Desde "Água Preta", depois com "A procissão e os porcos" e agora com êste "O incêdio", Medauar vem construindo sua impressionante galeria de tipos, tirados da pequena vila e das fazendas da região, como se os buscasse nos cadernos de notas zelosamente guardados pelos "gringos" aventureiros das terras do sem-fim... Os contos de "O incêndio" como os das coletâneas anteriores colocam-se ao lado do que de melhor já se fêz em literatura sôbre a zona cacaueira (...)" *James Amado* — Um sírio vende histórias. *Leitura,* set./out. 1963, p. 18, 19 (Resenha de livros)

1430

MEDAUAR, Jorge — A procissão e os porcos. Capa de Italo Cencini |Rio de Janeiro, Livr. Francisco Alves, 1960| 162 p. (Col. Alvorada, 3).

Prêmio Anacleto Alves.

Contos tendo por tema a zona cacaueira baiana, "recriando a linguagem regional da área da ficção nordestina (...) Seu modo inventivo, quanto à língua, é de grande

sabedoria. Apanhando o modismo do povo, recria-o, dá-lhe possibilidade e natureza artísticas, com inovações que o filia ao grande grupo linguístico da nova literatura brasileira (...)" *Sílvio Castro* — Conto e novela. *Leitura*, jan./fev. 1961, .p 14, 15.

1431

MEDEIROS, Coriolano de — Do litoral ao sertão, contos. Paraíba, Popular ed., 1914. 85 p.

1432

MEDEIROS, José Cruz — Bicho-carpinteiro, contos |Capa de Borjalo| Rio de Janeiro, A estante publicações ltda. |1959| 151 p.

"Bicho-carpinteiro", de JCM, foi o estilo simples e reto do conto brasileiro no ano". *Antônio Olinto* — Literatura: balanço de 1959. *J. Let.*, jan./fev. 1960, p. 1.

"(...) Medeiros, inteiramente alheio ao conto subjetivista de nossos dias, apresenta-se como simples narrador de histórias. São narrativas que apenas divertem, mas nada encerram que reflita uma idéia ou ideal humano, ou uma solução ou explanação dos múltiplos problemas da humanidade.

Nem todos os contos são do mesmo nível (...)

"Bicho-carpinteiro", conto-título, dedicamos capítulo especial por ser, de longe, um dos melhores do livro. Ao lado da situação verdadeiramente interessante e curiosa, (...) a técnica de escrever de JM encontra aqui um campo propício ao seu estilo um tanto ultrapassado. Êste conto é bem um exemplo de que, orientando melhor seus pendores literários, poderá o autor ocupar posição de maior destaque no panorama das letras brasileiras". *Sérgio Ferraz* — Dois livros de contos. *J. Let.*, nov. 1959, p. 11.

1433

MEDEIROS, José Cruz — Pinheiros, contos do Paraná. Capa de Urano Dornelles Lima |Estampa de Israel Pedrosa| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1956| 197 p. ilust.

1434

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa *ver* Albuquerque, José Joaquim Medeiros e

MEIRA, Domingos Rubião Alves — Turbilhões, contos... |São Paulo| Siqueira, 1917. vi, 186 p.

1435

MEIRA, Mauritônio — Passagem para amanhã |Capa de Poty| São Paulo, Livr. Martins |1959| 191 p.

O livro é dividido em duas partes: 1.ª parte: A novela que dá título à obra. 2.ª parte: "Os abutres" e outros contos.

O conto "Os abutres" obteve o 1.º prêmio do Concurso de contos do IPASE, em 1955.

Prêmio de conto do Instituto Nacional do Livro, em 1959, juntamente com Dalton Trevisan.

"É através de sua experiência de repórter que MM mergulha no ambiente do Rio noturno, nas penumbras das boites, para nos apresentar êsse submundo de vidas que fazem a aventura da madrugada". *J. Let.*, out. 1959, p. 2.

"Ao reunir em volume agora publicado uma novela e sete contos de sua autoria, o sr. MM deixa evidenciadas duas fases distintas de sua atividade de escritor, tal a diferença que existe entre a produção maior e as histórias curtas que a acompanham. Possìvelmente, a distância no tempo em que aquela e estas foram escritas (a novela em 1959 e os contos em 1951-1952) é primordialmente responsável pela diferença assinalada, visível até na posição em que se coloca o autor face aos elementos a captar para seu exercício literário. Na produção mais recente — a novela — voltou-se o sr. MM mais diretamente para a vida, para os sêres comuns, para os tipos encontrados diàriamente em nosso caminho, o que não se dá nas histórias anteriores.

Ora, se o próprio material utilizado variou, isto é, se o autor preferiu, depois de certa fase, renunciar à busca do exótico, do desconcertante, para coletar, em pesquisa menos rebuscada, os motivos de suas histórias, natural é que se tenha procurado ajustar, como escritor, à nova posição assumida.

Assim, na novela "Passagem para amanhã", que dá nome ao volume, procurando fixar gente viva e não sêres existentes apenas no plano da imaginação, tornou-se necessário o uso de uma técnica e de um estilo diferentes daqueles antes utilizados nas histórias antigas, marcadas de fantasia, irrealidade e fuga intencional ao plausível, ao verossímil.

Antes, para alcançar os efeitos visados, recorreria o autor a formas de expressão intencionalmente estilizadas, carregadas de sugestões poéticas. A tal ponto chegava essa preocupação que se torna possível, sem esfôrço, mediante simples modificação gráfica, destacar trechos que poderiam aparecer como pemas autônomos, independentes do corpo da narrativa. (...)

Dêsse modo, seriam dois ficcionistas diferentes que teríamos de analisar se aqui, neste simples registro, fôsse possível concluir tais análises: a das produções de seis a sete anos passados e a da produção de hoje. Num caso, aquêle autor que buscava na ficção uma forma de exprimir emoções que o assaltavam, sem encontrar um elemento de comunicação claro e límpido; no outro, o escritor depois de sua experiência de repórter tentando utilizar com proveito motivos mais vivos e humanos sem os deformar no seu processo criador. (...)" *Dias da Costa. Leitura,* out. 1959, p. 37.

"MM vem, em seus contos, de uma escala de influências literárias, do tipo Kafka, até o contato com a temática de seu próprio meio, quando se encontra com o veio da ficção nordestina. O caminho dá também a medida de seu amadurecimento. Os primeiros contos hesitantes vêm chegar a bons momentos quando da tomada da temática nacional". *Sílvio Castro* — Conto e novela — 59. *Leitura,* jan. 1960, p. 23.

1436

MELO, Áureo — O hipopótamo e o violino de vidro. Ilust. de Juan Toulier. [1963?]

1437

MELO, Cecília Bandeira de — Gritos femininos. São Paulo, Monteiro Lobato, 1922. 206 p.

Contém contos e pequenas peças teatrais.

Publicado sob o pseudônimo de Chrysanthème.

1438

MELO, Cecília Bandeira de — Vicios modernos. 3. ed. rev. São Paulo, Livr. Zenith, 1926. 117 p. ilust.

Publicado sob o pseudônimo de Chrysanthème

1439

MELO, Cecília Bandeira de — Vicios modernos. 4. ed. rev. São Paulo, Livr. Zenith, 1926. 117 p. ilust.

Publicado sob o pseudônimo de Chrysanthème.

1440

MELO, Consuelo dos Reis e — Terra brava. 1961.

Contém 3 trabalhos.

Prêmio no 2.º Concurso Feminino de Contos de "A Gazeta".

"Destaca-se pela interessante particularidade de, no 1.º conto, abordar o tema de Antônio Conselheiro e Canudos. "Terra brava" passa a figurar na bibliografia do grande tema nacional, que continua ainda desafiando a imaginação dos ficcionistas nacionais". *Paulo Dantas. Leitura,* abr. 1961, p. 52.

1441

MELO, Emília Moncorvo Bandeira de — Almas complexas. Rio de Janeiro, Calvino Filho, ed., 1934. viii, 156 p.

Publicado sob o pseudônimo de Carmen Dolores.

Contista naturalista.

"(...) Outra figura feminina também de relêvo no setor do conto foi Carmen Dolores, autora de excelentes narrativas de intensa dramaticidade, como sejam "Um drama na roça", "Nos bastidores", "A mãe" e "O derivativo". *Herman Lima — Variações sôbre o conto.* Rio, 1952, p. 77.

1442

MELO, Emília Moncorvo Bandeira de — Um drama na roça... |Pref. de Coelho Netto. Rio de Janeiro, Laemmert & cia. ed., 1907. v, 206 p.

Contém 26 trabalhos.

Publicado sob o pseudônimo de Carmen Dolores.

"(...) E hoje é, sem contestação, um dos escritores de mais brilho, exímio analista d'almas, lavrante caprichosa de casos comuns da vida que ela, com a arte sutil de Ariadne, transforma em teia rútila, tão fina, tão delicada, tão graciosa que o espírito nela se prende e fica, como em um halo de luz, gozando, embevecido, o encanto. Artista, tem a preocupação da forma. Com o assunto procede como a verdade: faz da observação espelho e, reproduzindo episódios reais; não se preocupa com o que se possa dizer da sua audácia. Há cruezas na página,, que culpa tem o espelho da da imagem que reflete? não responsabilizem a escritora responsabilizem a vida". *Coelho Neto — Prefácio* (abril 1907) p. iv, v.

1443

MELO, Emília Moncorvo Bandeira de — Gradações.

Publicado sob o pseudônimo de Carmen Dolores.

Apud Roberto Simões — Faria Neves Sobrinho e o conto naturalista. *Leitura,* abr. 1961, p. 30.

1444

MELO, Maria Geralda do Amaral — As três quedas do pássaro |Apresentação: São Paulo quatrocentão, de João Antônio. Capa de Marius Lauritzen Bern. Rio de Janeiro| Civilização brasileira |1966| 128 p. (Col. Vera Cruz. Literatura brasileira, 108).

Contém 21 contos.

Prêmio Jabuti, "Revelação", da Câmara Brasileira do Livro, em 1967.

"O livro retrata a tragédia humana e social gerada pelo desenvolvimento de uma cidade complexa e de múltiplos problemas.

"As três quedas do pássaro" tem por cenário a turbilhonante São Paulo". *D. Not.*, 29 dez. 1966 (Registro bibliográfico)

"Uma das melhores surprêsas da temporada de 66, já no fim foi o livro de Maria Geralda do Amaral Melo — As três quedas do passado |sic| (Edição Civilização Brasileira). A autora, desconhecida. O livro, sei que estêve no rol dos finalistas do Prêmio José Lins do Rêgo, colocando-se òtimamente num concurso em que se alinharam alguns "cobras" da história curta. A autora reuniu 21 contos — contos paulistas, de um denso sabor regional, flagrantes nítidos de realidade urbana. O estilo, o que há de mais incisivo, sem qualquer rebôco, bom enquadramento literário dos fatos e dos tipos, sem que a sua precisão, aí, indique pobreza, antes com uma rara riqueza de sugestão. Nisso a autora parece colocar-se na condição de continuadora da obra singular de Antônio de Alcântara Machado, companheira, nesse caso, de João Antônio, que por sinal faz a sua apresentação, com os mais justos louvores. Em tudo, a marca da compreensão humana e de ternura, dada a maneira peculiar de MGAM ver as coisas, as pessoas e os fatos. *Em matéria de contos. C. Manhã,* 3 jun. 1967, 2. cad., p. 2. (Revista dos livros)

"A contista MGAM com seu livro premiado revelação merece êsse título. Seu estilo é diferente. Parece que a escritora não está a escrever e sim a conversar. Tudo nela é oral. Sem qualquer preocupação, outra, que não seja de relatar pequenas histórias vividas por pessoas simples. Seus contos poderiam ser gravados. Mas foram impressos o que torna o livro interessante do ponto de vista estilístico. Vive-se a época da comunicação. O audio e o video modificaram a maneira de escrever. Nada mais é feito com o sentido de ser lido, mas, sim, de ser ouvido e visto. O escritor atualmente escreve diferente influenciado pelo cinema, rádio e a televisão. Êle é um produto da sua época. Para isso é que vive — registrar essa época — essa é a sua função social. Mas, com MGAM o caso estilístico sofre outro processo. Ela não escreveu. Ela não sofreu influências do audio, nem do video. Ela falou. Apenas relatou. E foi impresso. Quanto à mensagem, ou digamos, ao conteúdo, é vivência pura. Relata a pequena classe média paulista urbana. Conta seus dramas, que não chegam bem a ser dramas, porque são vividos pela pequena classe média. Que é a multidão. Que é o anônimo. Sem direito de ser pária. Sem direito de ser alguém. É apenas uma classe. Que defende por obrigação moral o que se estipula como bem. E ataca aquilo que dizem que é o mal. Foi o que a escritora premiada escreveu e fêz um livro. Que é muito interessante pelo autêntico e pela inovação estilística". *Lourdes Bernardes* — Jabuti 67 — As três quedas do pássaro — Prêmio Revelação. *J. Let.*, nov./dez. 1967, p. 12 (Caderno paulista)

1445

MELO, Revocata Heloísa de — Folhas errantes. Rio de Janeiro, Typ. Hildebrandt, 1882. 108 p.

Divagações e contos.

1446

MELO, Revocata Heloísa de *e* Julieta de Melo Monteiro — Beryllos. Rio Grande do Sul, 1911. 364 p.

1447

MELO, Riene — Destino. Bello Horizonte, Os amigos do livro, 1938.

1448

MELO FRANCO, Afonso Arinos de *ver* Franco, Afonso Arinos de Melo.

MELO FRANCO DE ANDRADE, Rodrigo *ver* Andrade, Rodrigo Melo Franco de

MENDES, Jorge Jaime de Sousa *ver* Jaime, Jorge.

MENDES, Manuel — Paineis barbaros. São Paulo, Off. d'O Estado, 1919. 50 p.

1449

MENDONÇA, Aluísio Furtado de — Um girassol para a humanidade. Pref. de Pessoa de Morais. Rio de Janeiro, Ed. Leitura, 1967.

"Um girassol para a humanidade" (contos), de AFM, realçando traços patriarcais, inclusive de valentia, aliados a outros tantos sentimentos já urbanos". *José Condé. C. Manhã,* 5 jan. 68 (Escritores e livros)

1450

MENDONÇA, Aluísio Furtado de — O silêncio das horas, contos. Natal, Ed. Rev. de Letras, 1952.

1451

MENDONÇA, Aluísio Furtado de — O soldado de ronda, contos. Natal, Dep. de Imprensa, 1953. 90 p.

1452

MENDONÇA, Íris Carvalho de — Horário de verão |Pref. Peregrino Júnior| Belo Horizonte, Impr. oficial de Minas Gerais, 1966. retr.

Contém 21 contos.

"Suas histórias são flagrantes do cotidiano — e nos encantam e surpreendem pela verdade e pela irônica alegria com que põem o pé, diante de nós, com seus ridículos e seus sofrimentos, com suas alegrias e suas dúvidas, uma pequena humanidade que nos é familiar, porque é aquela que encontramos a cada passo na sociedade, na rua, na vida". *Peregrino Júnior* — Prefácio.

"(...) Tudo, ao que parece, coisa colhida na fonte do cotidiano — casos curiosos, breves narrativas, flagrantes humanos. Evidente o senso de humor, mesmo quando a autora toca em tema de certo acento dramático. Só um escritor com êsse gôsto pelo anedótico poderia dar condição literária a episódios como os de "O jantar do embaixador", "O diretor e a datilógrafa", "Casada, solteira ou viúva?", etc. Não é demais o que da autora diz, no prefácio mestre Peregrino Júnior: que, "dotada de todos os dons da intuição feminina, ela frequenta a alma humana com uma ágil graça, isenta e despreocupada". *Em matéria de contos. C. Manhã,* 3 jun. 1967, 2. cad., (Revista dos livros)

1453

MENDONÇA, Lúcio de — Esboços e perfís. Com um pref. de Salvador de Mendonça. Rio de Janeiro, Livr. Lombaerts e cia., 1889. xvi, 284 p.

"Também a LM, que assistiu de perto à lição de Machado de Assis, foi Maupassant que lhe proporcionou a fórmula do conto.

À lição das "Várias histórias" preferiu LM o figurino de "Boule de suif". E de seus contos, antes que fôssem reunidos em volume, disse Raimundo Correia, em artigo publicado em "A Semana", de 21 de maio de 1887, que "são verdadeiras páginas de

mestre, notáveis pela profundeza da observação e ainda mais pela excelência da forma, onde se acham caprichosa e primorosamente fundidos".
O futuro não parece haver ratificado a opinião generosa do poeta de "Versos e versões". As duas coletâneas em que LM coordenou as suas novelas curtas — os "Esboços e perfís" (1889) e as "Horas do bom tempo" (1902) [sic] — não confirmam, na isenção dos julgamentos serenos, os altos louvores de Raimundo Correia. Devemos convir, entretanto, que pelo menos um de seus contos — "O hóspede" — resiste a essa revisão de valores, como um pequeno relato modelar de certa modalidade de narrativa novelesca. Seu desfecho trágico, sua sobriedade verbal, seu desenvolvimento dramático dão-lhe preeminência entre as páginas de ficção de LM". *J. Montelo* — O conto brasileiro de Machado de Assis a Monteiro Lobato. *In: Academia brasileira de letras — Curso de conto.* Rio de Janeiro, 1958, p. 141.

1454

MENDONÇA, Lúcio de — Horas do bom tempo, memorias e phantasias. Rio de Janeiro, Laemmert, 1901. 319 p.

Além de contos, memórias de sua vida acadêmica em São Paulo.

1455

MENESES, Álvaro de Sá Castro — Jardim de Heloisa, contos modernos. Rio de Janeiro, Leite Ribeiro, 1919. 284 p.

1456

MENESES, João Fagundes de — O vale dos cataventos, contos [Rio de Janeiro] Antunes & cia. [1960] 122 p.

"(...) A atração da terra (...) é a marca poderosa nos contos de FM. Mesmo longe do Rio Grande do Norte, a sua literatura está intimamente ligada ao nosso meio, particularmente Macau e, extensivamente, todo o nordeste brasileiro (...) Em "O vale dos cataventos" os melhores contos são os vividos no meio nordestino, nos mares e no sal de Macau, no Rio Açu, nos veleiros de cabotagem. A maior autenticidade do autor encontramos nos seus personagens humildes, gente explorada, sofrida, desassistida, sempre em fuga da sêca, da fome, da miséria". *Moacir de Góis. Leitura,* set. 1961, p. 20.

1457

MENESES, Maria Wanderley — Os pecados de Maria Quiteria, contos [Capa de Arcindo Madeira] Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1955. 151 p.

Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, em 1951.

1458

MENESES, Raimundo Álvaro de — Madrugadas de sangue. São Paulo, Piratininga, 1934. 153 p.

Contos e crônicas policiais.

1459

MENESES, Rodrigo Otávio de Langgaard *ver* Otávio, Rodrigo

MERLIM, Ernesto — Mentira fatal, contos. Curitiba, 1946.

1460

MESQUITA, Alfredo — A esperança da familia, contos. 2. ed. São Paulo, Impr. paulista |1933| 211 p.

1461

MESQUITA, Alfredo — A única solução, contos. Rio, J. Olympio, 1939. 265 p.

1462

MESQUITA, José Barnabé de — A cavalhada, contos mattogrossenses. Cuiabá, Escolas profissionais salesianas, 1928. 188 p.

1463

MESQUITA, José Barnabé de — Espelho de almas. Rio de Janeiro, A. Coelho Branco filho, 1932.

Prêmio da Academia Brasileira de Letras, em 1930.

Modesto de Abreu ao comentar o livro de JM, filia o autor ao rol dos verdadeiros discípulos de Machado de Assis:"(...) revelando nêle a estirpe de um autêntico discípulo, não discípulo servil que repete as lições do mestre, por um muito brasileiro psitacismo em que as aparências fraseológicas encapam a falta de legítima correspondência interior, mas discípulo por assim dizer ingênito, por similitude de tendências naturalmente acentuadas com a assimliação e a admiração das obras primas do mestre.

Em JM há, sem imitação nem aparência preconcebida nesgas de humorismo característica e inconfundìvelmente machadiano. Filia-se ao ironista das "Histórias sem data" como êste se aproxima de Sterne. *Modesto de Abreu* — Um discípulo de Machado de Assis. *B. Ariel,* jul. 1936, p. 266.

1464

MESQUITA, José Barnabé de — No tempo da cadeirinha (contos) Curitiba, Ed. Guaira |1948| 139 p.

1465

MIGUEL, Salim — Alguma gente, histórias. |Capa de Koetz| Florianópolis, Ed. Sul, 1953. 93 p. (Ed. Sul, 3).

Contém 7 contos.

"7 contos, com alguma gente — com alguma humanidade, com alguma coisa de fato importante. Nas páginas dêsse A., um dos novos de Santa Catarina, sente-se o ímpeto de um renovador, que não se arreceia de certas audácias e que quer trazer para a nossa literatura de ficção uma contribuição pessoal. Nesses contos os sêres humanos e os fatos miúdos têm o seu relêvo natural, numa exposição viva e flagrante." *Valdemar Cavalcanti. J. Let.,* nov. 1953, p. 11 (Últimos lançamentos)

1466

MIGUEL, Salim — Velhice e outros contos |Capa de Edgar Koetz| Florianópolis, Ed. Sul, 1951. 104 p.

1467

MINAS, João de, *pseud. ver* Palombo, Ariosto.

MIRANDA, Ivone de — Onda rubra, contos. Rio de Janeiro [Zelio Valverde] 1946. 173 p.

1468

MIRANDA, Jésu de — A traição de meus eleitores, contos premiados. Belo Horizonte, Impr. oficial, 1955. 294 p.

1469

MIRANDA, João Pedro da Veiga — A eterna canção. Rio, Francisco Alves, 1922. 328 p.

1470

MIRANDA, João Pedro da Veiga — Maria Cecilia e outras historias. Rio, Francsico Alves, 1930. 259 p.

1471

MIRANDA, João Pedro da Veiga — Passaros que fogem... (contos) Porto, Lello e irmãos, 1908. 317 p.

1472

MIRANDA, José Fernando — Treze estórias |Capa de José Roberto Bonatto. Pôrto Alegre| Instituto estadual do livro [1965] 175 p.

1.º prêmio do Concurso de contos da Divisão de Cultura da Secretaria da Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, em 1964.

1473

MIRANDA, Macedo — O elefante noturno, contos |Capa de Ari Fagundes| Rio de Janeiro, Bloch ed. |1966| 150 p.

Contém 19 contos.

1474

MIRANDA, Macedo — Pequeno mundo outrora, contos |Capa de Aluísio Carvão. Ilust. de Hilde Weber, Frank Schaeffer, Oswaldo Goeldi, Iberê Camargo, Zezé, Carlos Val| Rio de Janeiro Ministério da Educação e cultura, Serviço de documentação [1957] 85 p. ilus.

Contém 6 contos.

1475

MIRANDA, Macedo — As três chaves, contos |Capa de Carlos Eduardo Ribeiro. Rio de Janeiro| Ed. Letras e artes, 1964. 111 p.

Contém 15 contos.

Dividido em 3 partes: "As realidades", "As aparências", "As indefinições", cada uma com 5 histórias.

1476

MIRANDA, Salm de — Histórias. Rio de Janeiro, Livr. São José |1959| 181 p.

"(...) É bem verdade que SM, em "Histórias" é escritor que de tal maneira identifica o autor e o personagem que acreditamos em tudo quanto diz. Está realizado, portanto, como contista. Fazendo com que o leitor se identifique com o personagem-autor, SM é hoje um dos poucos, no neomodernismo brasileiro, que reabilita o conto em sua estrutura clássica. Daí seu empenho em contar uma história com princípio, meio e fim. O estilista, no sentido de analista de laboratório, está ausente. Mas o "conteur", de inegável domínio na arte de narrar, está presente em tôdas as páginas de "Histórias". Desde o primeiro conto da coletânea: "Remorso", de enrêdo adulterino mas de colorido policial até "Monjolo", onde se revive o antigo triângulo amoroso, o leitor, linha a linha, acompanha com vivo interêsse o desenvolvimento da narração." (...) *Oliveiros Litrento* — O conto e a arte do conto. *J. Let.*, jan./fev. 1961, p. 12.

1477

MONJARDIM, Adelfo — A tôrre do silêncio (contos) |Rio de Janeiro| Ed.. A Noite [1956?] 153 p.

1478

MONTEIRO, Débora — Vocação de pianista (histórias) Recife |Impr. oficial| 1961. 117 p.

1479

MONTEIRO, Ézio Pinto — Chico |Pref. de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro| Ministério da educação e cultura, Serviço de documentação |1963| 121 p. (Col. Aspectos, 55).

"(...) obra-prima do gênero, "Chico", de EPM, conto que por si só — densidade, comunicabilidade, ausência de esgalhamento, nada que tirar, nada que acrescentar, nada que substituir, e quanta emoção! — consagraria, na história do gênero, em nossa literatura o autor.

EPM, não é, entretanto, um contista ao rigor da moda. Se é possível admitir, para o conto, numa como evolução processual — o que é contestável, mas aceitável — três estágios, o estágio de enrêdo, narrativo, clássico, o estágio de situação, descritivo, romântico, e o estágio de estado, dissertativo, em fluxo, romântico ainda, os contos de Ézio ficam entre os de enrêdo e os de situação. Mas apresentam uma estrutura como que visìvelmente construída em bases racionais, ao reverso dos modernos de estado, que, por seu caráter romântico de tensão hipertrofiada, por uma vocação de originalidade à fôrça, revelam como que ausência de estrutura, pelo fragmentário e cumulativo (...)

Êle "constrói" a emoção, com elementos essencialmente claros e quase óbvios. Consegue, não obstante, ser nôvo, com limitar-se a ser humano e solidário, em que a nota de ternura, pùdicamente velada, é a que mais toca e mais se comunica ao leitor (...)" *Antônio Houaiss* — Ézio Pinto Monteiro. *Crítica avulsa.* Salvador, 1960, p. 52, 53 (Crítica datada de 1956)

1480

MONTEIRO, José Ortiz — A felicidade e outras histórias |Pref. de José Geraldo Vieira| São Paulo, Edigraf |1960| 155 p.

1481

MONTEIRO, Julieta de Melo — Alma e coração, contos |19 ?|.

Apud Guilhermino César — História da literatura do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro |1956| p. 294.

1482

MONTEIRO, Julieta de Melo — Beryllos. Rio Grande do Sul, 1911. 364 p.

Publicado em colaboração com sua irmã Revocata Heloísa de Melo.

1483

MONTEIRO, Valdemiro de Lima — A vida. Rio, Pongetti, 1942. 144 p.

1484

MONTEIRO, Josué — O fio da meada, contos |Capa de Arcindo Madeira| Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro |1955| 171 p. (Col. Contemporânea, 9).

Contém 6 contos.

1485

MONTELO, Josué — Numa véspera de Natal. São Paulo. Livr. Martins, 1967. 27 p.

Tiragem de 250 exemplares fora do mercado.

"O conto está redigido com a habitual desenvoltura da frase característica do estilo do acadêmico a quem a ficção brasileira deve algumas estórias de inegável valor literário.

JM revela-se senhor da técnica de um gênero difícil. Êle dispõe da teoria e da arte de composição do conto no qual a realidade do tema adquire a translucidez figurativa da realidade.

Há na prosa dêsse escritor, resistente às teorias, algo de fluido e de sólido, que conferem à sua ficção o sabor que ainda se sente nas melhores páginas dos autores que a crítica e a história literária dignificam com o qualificativo de clássico". *J. Let.*, jan. 1968, p. 2 (Vida dos livros)

1486

MONTENEGRO, Joaquim Braga — Uma chama ao vento. Fortaleza, Ed. Aequitas, 1946. 191 p.

Prêmio Aequitas, em 1945.

Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, em 1947.

"Elaboradas segundo um critério realista, estas narrações representam séries de fatos que constituem ações complexas, em geral dramáticas e com relêvo psicológico quanto à natureza da intriga. Não que a realidade exterior deixe de interessar ao ficcionista, pois em certos trechos de sua obra os ambientes são até evocados com suficiente caracterização. Mas é, por certo, dos conflitos de sentimentos e paixões que surgem os incidentes mais significativos durante o curso da ação. Do reflexo dos acontecimentos externos e dos atos humanos na alma dos personagens, isto é, das reações psicológicas dos mesmos, logra obter o escritor fatores valorizantes positivos para sua obra, como composição literária.

Sua capacidade de penetrar o orbe subjetivo é apreciável, não lhe escapando pormenores episódicos no âmbito da vida interior e até mesmo pequenos fatos que se prendem aos domínios do inconsciente". *Florival Seraine.* — Uma chama ao vento. *Através da literatura cearense.* Fortaleza, 1948, p. 11-12.

1487

MORAIS, Afonso — Contos noturnos e Contos gauchos. *In*: *Morais, A. — Torres malditas (Lenda da igreja de Nossa Senhora das Dores)* 3. ed. Pôrto Alegre, Livr. do Globo |1931?|

1488

MORAIS, Antônio Santos — O caçador de borboletas (contos) Capa de Michel Burton. Onze ilust. de Anna Letycia. Rio de Janeiro, Pongetti |1961| 127 p. ilust.

Contém 11 contos.

Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, em 1963, juntamente com Ricardo Ramos, com o livro "Os desertos".

1489

MORAIS, Édison Guedes de — Um homem e os homens lá fora. Capa do autor |Rio de Janeiro| Ed. GRD, 1963. viii, 106 p.

"(...) É evidente que o autor, já plenamente desligado do conto tradicional, procura a sua melhor maneira, a sua melhor expressão, para a boa realização de seus trabalhos. Está numa fase de experimentação, com alguns trabalhos convincentes, principalmente quando se afasta mais da narrativa episódica e procura inventar um nôvo processo. Com casos do cotidiano, EGM por vêzes sente necessidade de romper com a realidade convencionada, e cria seus melhores trabalhos.

Êsse apêlo a uma espécie de realidade mágica, embora ainda tênue em seus contos, deve ser o caminho que mais promete para seus futuros trabalhos, pois lhe pode propiciar a relativa liberdade de que precisa para se libertar de algumas convenções. O aspecto mais positivo de "Um homem e os homens lá fora", nos parece, é o domínio da língua, o equilíbrio das expressões, sem exageros, espontâneos. E o escritor, por vêzes, abandonando mesmo a objetividade sintática, reinventa expressões para a criação própria do clima ficcional a alguns de seus trabalhos. (...)" *Assis Brasil* — O caminho do conto. *J. Brasil,* 24 jul. 1963 (Literatura)

"(...) Nos seus contos, o material humano não desfila simplesmente dentro do cenário criado: surge fazendo paralelo à importância do fato. EGM cria várias fórmulas de transmissão, resultando daí em peças de alto teor literário (...) *Rodrigues Marques* — 15 caminhos para o conto moderno. *Leitura,* nov./dez. 1963, p. 23 (Resenha de livros)

1490

MORAIS, Eneida — Boa-noite, professor |Desenho de capa: Eugênio Hirsch, Apresentação de M. Cavalcanti Proença| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1965| 76 p.

A novela "O guarda-chuva" e os contos "Os assassinos" e "Boa-noite, professor".

"A Eneida, cronista sempre, a de agora e do passado, contado de Copacabana — de hoje e do Carnaval antigo, surge, desta vez, com três narrativas, onde aquela crença na humanidade que faz parte de seu otimismo, está presente, presentíssimo. Uma crítica específica de E. exige a consideração de três elementos indissolúveis: o pensamento, a forma e a pessoa". *M. Cavalcanti Proença — Apresentação.*

1491

MORAIS, Ênio Ferreira de — Alcália e outros contos. Ilust. de Miriam Chiaverini. São Paulo, Faculdade de direito, Academia de letras, 1960. 108 p. ilust.

1492

MORAIS, Gervásio — Malungo, contos. Santos |Tip. Rev. dos tribunais| 1943. 98 p.

1493

MORAIS, Miro — A coroa no reino das possibilidades. [Pref. de Salim Miguel. Capa de George Alberto Peixoto. Rio de Janeiro] Ed. Leitura, [1967]. 204 p., 1 f.

Contém 20 contos.

(...) apresenta-nos 20 histórias interligadas por um profundo sentimento filosófico, que mantém o autor em constante inquietação na busca do seu verdadeiro caminho. (...)" *Lago Burnett. J. Brasil,* 15 dez. 1967 (Panorama das letras)

1494

MOREIRA, Albertino Gomes — Bôca-Pio. Rio, Org. Simões, 1955. 213 p.

"A terra, a rudeza e a poesia da terra e de sua gente, liga as histórias de AM. Paisagem e tipos nelas se misturam, dando lugar a um clima de humana densidade. Os recursos do autor exploram bem o episódio, o corte violento, a pincelada incisiva e num contraste a narrativa envolvente, desdobrada em calma exposição, ao som da linguagem oral. Todavia a ambiência é a mesma, de comovida simpatia pelas figuras levantadas no meio agreste". *Ricardo Ramos. Para Todos,* 10/23 maio 1956, p. 14.

"(...) Mas o que surpreende é ter sido possível ao estreante, em ficção regionalista como a nossa, realizar o conto regional e apresentá-lo sem que o obscureça qualquer concorrência. O conto "Bôca-Pio" exige leitura em voz alta. A mulher que narra não transmite apenas sua própria história, transmite sobretudo a língua, a língua do povo, o povo do Nordeste. Admiráveis são os recursos, as imagens, o grande ritmo que oferece um lastro musical. A fôrça do escritor, ao apreender a vida em pleno cotidiano, evita que se reproduzam soluções exploradas (em Monteiro Lobato, Valdomiro Silveira, Mário de Andrade) a indicação máxima do ficcionista, porém, não se reduz à escavação regionalista. Expande-se em intensidade dramática, na capacidade em visualizar o sofrimento, na faculdade com que penetra os sentimentos humanos (...)" *Adonias Filho* — Lugar para êsses — *Modernos ficcionistas brasileiros.* Rio, 1958, p. 194, 195.

"Há duas peças inspiradas no tema de Canudos, o que mostra a sua validade dentro da nossa ficção". *Paulo Dantas. Leitura,* abr. 1961, p. 52.

1495

MOREIRA, Albertino Gomes — Pedro Famalicão & cia., contos. São Paulo, Ed. Helios ltda., 1927. 140 p.

1496

MOREIRA, Álvaro — Um sorriso para tudo. Rio de Janeiro, Fon-Fon, 1915. 85 p.

Contos e divagações.

Nome completo: Álvaro Moreira da Silva.

"(...) AM repele o excessivo. Seu espírito é uma contradição natural da demasia. Por singular contraste, êsse puro ocidental, que aprendeu os venenos da vida na Paris, de Rivarol, e na Florença, de Boccaccio, sem esquecer alguma escapada furtiva pelo mundo gótico dos contos da Rainha de Navarra, êsse europeu de sangue temperado e tranqüilo possui os segredos sutis da arte do hai-kai. Nem um mestre do Oriente chinês ou nipônico o ultrapassa na mestria de dizer tudo, com aquêle ar distraído de quem parece ter muito mais a dizer.

O autor de "Um sorriso para tudo..." criou, por isso, em nossa literatura um gênero seu, que poderíamos denominar *lirismo do real.* Essa poesia das coisas humildes, que se não adaptam às molduras eloqüentes, — riso de criança, vôo de pássaro, som de água, rumor de fôlhas, curvas macias entre sombra e luz — tôda essa poesia de pequenos instantes que se inserem nos planos mais íntimos da consciência foi AM quem

descobriu e inventou, articulando-a maravilhosamente, pela sabedoria de uma técnica prodigiosa, neste nosso idioma rude, gerado na proa das naus, na bruteza dos casarões solarengos, no estrépido das praias salgadas (...)" *Ronald de Carvalho — Estudos brasileiros.* 2. série. Rio de Janeiro, 1931, p. 152-153.

1497

MOREIRA, Álvaro — Um sorriso para tudo. 2. ed. Rio, Pimenta de Melo & cia., 1917. 156 p.

1498

MOREIRA, Álvaro — Um sorriso para tudo. 3. ed. Rio de Janeiro, Monteiro Lobato, 1922. 178 p.

Contém 36 trabalhos.

Na edição de 1915 não há títulos para os trabalhos. Vários trabalhos da edição de 1915, que não apresentam títulos, são reproduzidos, com títulos, nesta edição de 1922.

1499

MOTA, Otoniel — Historietas. São Paulo, Livr. técnica, 1946. 153 p.

1500

MOTA SOBRINHO, Antônio Joaquim Alves — Bola preta, contos. São Paulo, E. G. São José, 1949. 116 p.

1501

MOTA SOBRINHO, Antônio Joaquim Alves — Província, contos. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1950. 117 p.

1502

MOTT, Léia — Treze mulheres azuis. Ilust. por João K. Suzuki. São Paulo, Massao Ohno ed., 1961 (Col. dos Novíssimos, 11).

Menção honrosa do prêmio "Renata Crespi Prado", da União Brasileira de Escritores, em 1961.

1503

MOURA, Enéias Alpoim de — O rancho das cruzes (contos) Rio de Janeiro |Impr. Coelho| 1944. 140 p.

1504

MOURA, Rita de — Contos esparsos. São Paulo, Magalhães, 1910. 175 p.

1505

N

NAPOLEÃO, Aluísio — Segredo, contos. Llust. de Santa Rosa. Rio, Typ. C. Mendes Junior, 1935. 169 p.

Nome completo: Aluísio Napoleão de Freitas Rêgo.

1506

NASCIMENTO, Domingos Virgílio do — Em caserna, contos militares. Florianópolis, Livr. Moderna, 1901.

1507

NASCIMENTO, Esdras do — 20 histórias curtas *ver* 20 histórias curtas.

NAVARRO, Newton — O solitário vento do verão. Natal, Div. Cultural da Secretaria de Educação |1961?|

Coletânea de 7 contos, sôbre motivações regionais e norte-riograndenses.

1508

NEIVA, Sebastião da Silva, *sac.* — Ao pé da fogueira. Salvador, Ed. Mensageiro da fé, 1955. 61 p. (Nossos contos sertanejos, 6).

1509

NEIVA, Sebastião da Silva, *sac.* — Barranco das almas. Salvador, Ed. Mensageiro da fé, 1955. 73 p. (Nossos contos sertanejos, 5).

1510

NEIVA, Sebastião da Silva, *sac.* — Desi e outros contos sertanejos. Salvador, Ed. Mensageiro da fé, 1957. 64 p. (Nossos contos sertanejos, 8).

1511

NEIVA, Sebastião da Silva, *sac.* — Lagoa proibida e outros contos sertanejos. Salvador, Ed. Mensageiro da fé, 1958. 58 p. (Nossos contos sertanejos, 9)

1512

NEIVA, Sebastião da Silva, *sac.* — A sombra dos buritizais. Salvador, Ed. Mensageiro da fé, 1955. 70 p. (Nossos contos sertanejos, 1).

1513

NEIVA, Sebastião da Silva, *sac.* — Touro selvagem e outros contos sertanejos. Salvador, Ed. Mensageiro da fé, 1965. 62 p. (Nossos contos sertanejos, 7)

1514

NEME, Mário — Donana sofredora (contos) Ilust. de Noêmia. Curitiba, Ed. Guaira, 1941. 91 p. ilust. (Caderno azul, 3).

Contém 10 contos.

"(...) Com "Donana sofredora", apesar de sua importância, estamos diante de um livro tìpicamente de estréia. O que não deixa de me agradar (...) Mas a sinceridade e a coragem com que êle se decidiu diante dos problemas de que estava mais consciente, assim como as qualidades patenteadas no livro, prometem ao artista um futuro capaz de grandeza muita.

O problema que MN abordou com mais violência dirigida, foi o da transposição transposição artística das falas nacionais. Neste ponto, as soluções apresentadas pelo artista foram quase sempre acertadas. A milhor de tôdas, por indiscutíveis, foi o

autor conceber os seus contos como relatados por alguém, e não descritos impessoalmente. Às vêzes mesmo, êle entra, como escritor, dentro do conto, com efeitos muito engraçados, como no final feliz do caso do Setembrino.

Ora esta solução de contar na primeira pessoa é uma ressalva excelente pra evitar o conflito entre a língua falada e a língua escrita, tão incisivo e angustioso em períodos de plena formação de linguagem cultivada, como é o que atravessa a inteligência nacional. (...)

(...) qual o conteúdo dos contos de MN? A meu ver há um defeito e uma qualidade essenciais no artista jovem: a utilização "verista" da crueza de expressão e especialmente do anedótico (de sucesso garantido nas pessoas fáceis) e a acuidade de observação psicológica. Mais, de observação naturalista, aliás que exatamente psicológica. (...)

(...) Si na linguagem, MN tende a fixar com bastante freqüência o caricato expressional, como que se colocando caçoìsticamente superior ao que escreve, com muito mais freqüência ainda, êle bastardiza os seus contos no anedótico. Às vêzes são anedotas puras, puras piadas finais (...)

(...) Todos os protagonistas dos dez contos dêste livro (com exceção, assim mesmo discutível, da Donana inicial) não passam de um único tipo, o covarde, colocado numa só contingência psicológica, o acovardamento. É certo que o Autor se propôs estudar o covarde. Mas em vez de o estudar, o cantou — o que não é a mesma coisa — só percebendo o seu tipo em estado "heróico" de se acovardar (...)" *Mário de Andrade* — Mário Neme. *O empalhador de passarinho.* 2. ed. São Paulo, 1955, p. 275, 279-282. (Crítica datada de março 1942)

1515

NEME, Mário — Mulher que sabe latim... contos. São Paulo, Ed. Flama |1944| 158 p.

1516

NERI, Adalgisa — Og (contos) Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro, Livr. José Olympio ed., 1943. 133 p.

Contém 10 contos.

1517

NEVES, Berilo — A costela de Adão (contos). Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do commercio, 1929. 214 p.

Menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, em 1930.

Nome completo: Berilo Neves da Fonseca.

1518

NEVES, Berilo — A costela de Adão (contos) 2.ed. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do commercio, 1929. vii, 209 p.

1519

NEVES, Berilo — A costela de Adão. 5. ed. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1932. 229 p.

1520

NEVES, Berilo — A costela de Adão. 8. ed. Rio de Janeiro, A Noite, 1946. 194 p.

1521

NEVES, Berilo — A mulher e o diabo. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do commercio, 1931. 139 p.

Menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, em 1932.

1522

NEVES, Berilo — A mulher e o diabo. 2. ed. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do commercio, 1932. 132 p.

1523

NEVES, Berilo — A mulher e o diabo. 4. ed. Rio de Janeiro, Ed. A Noite, 1947. 193 p.

1524

NEVES, Berilo — Seculo XX (contos) Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1934. 258 p.

1525

NEVES, José Caetano Alves — Coisas da vida e da nossa terra. Rio, Pongetti, 1940. 344 p.

1526

NEVES, Maria do Carmo Vidigal Pereira das — Retalhos d'alma, contos e phantasias. Rio de Janeiro, Livr. Francisco Alves, 1930. 239 p.

1527

NEVES SOBRINHO, Joaquim José Faria — O hydrophobo. Paris, Typ. Jablonski, Vogt & cia., 1896. ilust. (Col. Esmeralda ilustrada).

Contém 5 contos.

"(...) Alargando em excelentes proporções as cêrcas da prosa naturalista pátria, dois escritores se impõem ao gôsto do leitor, pelo que conseguiram consubstanciar em suas obras: Hop-Frog e Joaquim Faria Neves Sobrinho. O primeiro (pseud. (...) de Tomás Augusto de Melo Alves) não chegou a publicar livro (...)

FNS é, provàvelmente, um dos melhores valores da escola. Sua obra supera, de muito, às dêstes escritores de menor gabarito e ultrapassa muitas vêzes, as dos mestres ultra-enaltecidos. (...) O melhor quinhão de sua obra, contudo, vamos encontrar nos contos de "O hidrófobo". Bem tramados escritos com os ingredientes peculiares ao naturalismo, diagramados nas escalas estabelecidas por Zola e com urdidura densa que supera os elementos prosaicos utilizados por Aluísio, êstes contos obtêm os melhores efeitos a que se dispunha a escola. Os personagens são flexíveis, mas com a flexibilidade que se identifica com o bom trânsito do conto, onde o têrmo técnico é equilibrado e, de certa forma, conciso.(...)" *Roberto Simões* — Faria Neves Sobrinho e o conto naturalista. *Leitura,* abr. 1961, p. 30.

1528

NOBRE, Graciema — Helios. São Paulo, Siqueira, Nagel & cia., 1911. 268 p.

1529

NOGUEIRA, Melo — O ermitão que se fez diabo, contos. São Paulo, Ed. Helios, 1928. 178 p.

1530

NOGUEIRA, Melo — Pela mão das mulheres, contos. São Paulo, Ed. Helios, 1926. 143 p.

1531

NORBERTO, Joaquim *ver* Silva, Joaquim Norberto de Sousa e

NORTE, João do, *pseud. ver* Barroso, Gustavo.

NOVAIS, Paulo da Silva — Burgo, contos. Capa e ilust. de Onofre Penteado. Rio de Janeiro, Pongetti, 1954. 151 p.

1532

NOVAIS, Paulo da Silva — Noite em sete (contos) Capa de Athos Bulcão. Rio de Janeiro, Pongetti, 1952. 209 p.

Contém 7 contos.

"Uma aragem surrealista percorre as páginas dêste volume. Sente-se que • A. não liga a mínima importância à realidade, procurando ater-se à realidade poética, que parece ser o seu clima. Sete são os contos reunidos, e em todos êles a ação decorre num movimento de sonho, que as palavras em delírio procuram traduzir com um brilho estranho, mas não convincente, no mais das vêzes". *Valdemar Cavalcanti — J. Let.*, maio 1953, p. 5 (Últimos lançamentos)

1533

O

OLIVEIRA, Álvarus de — Hoje (contos da actualidade) Rio, Comp. Brasil ed., 1939. 160 p.

1534

OLIVEIRA, Andradina de —Cruz de perolas. Porto Alegre, Livr. Americana, 1908. 88 p.

Divagações e contos.

1535

OLIVEIRA, Andradina de — Preludiando, contos. 1897.

1536

OLIVEIRA, Antenor Santos de — Sob o céu do Brasil, contos. São Paulo |Emp. gráf. Carioca, 1953| 213 p. ilust.

1537

OLIVEIRA, Antônio de — Vida burguesa. São Paulo, Typ. Paulista, 1896.
1538

OLIVEIRA, Antônio de — Vida burguesa. 1906.

Apud Roberto Simões — Faria Neves Sobrinho e o conto naturalista. *Leitura,* abr. 1961, p. 30.
1539

OLIVEIRA, Diocleciano Martins de — Marujada. Rio de Janeiro Ed. Record |1936| 191 p.

Contos regionais seguidos de um apêndice com a peça "A marujada" para uma "chegança".

Êste livro juntamente com mais três, faz parte da série "Ciclo do rio São Francisco".

Menção honrosa do prêmio Ramos Paz, da Academia Brasileira de Letras, em 1934.
1540

OLIVEIRA, Diocleciano Martins de — No país das carnaúbas. Rio de Janeiro, 1931.

Êste livro, juntamente com mais três, faz parte da série "Ciclo do rio São Francisco".

Prêmio da Academia Brasileira de Letras em 1932.

"São inegáveis os méritos narrativos dêste jovem escritor do Norte, que se apresenta com uma série de descrições, ora literais, ora romanceadas, da gente e do viver das margens do rio S. Francisco (...) O comêço do livro, com o atraente episódio do padre e dos barqueiros, vai interessando o leitor, e, mau grado uma ou outra cena talvez excessivamente sentimental, uma ou outra paisagem de cromo ou idílio de vinheta, o volume faz-se com satisfação que não decresce (...)" *B. Ariel,* fev. 1932, p. 19.
1541

OLIVEIRA, Isaias de — Blocos, contos e phantasias em prosa. Rio de Janeiro, Domingos Magalhães, 1893. 160 p.
1542

OLIVEIRA, Joanir de — O horizonte e as setas *ver* O horizonte e as setas.

OLIVEIRA, Julieta d' — Gotas de orvalho (contos) Rio de Janeiro, Tip. Batista de Souza, 1943. 134 p.
1543

OLIVEIRA, Leôncio C. de — Vida roceira, contos regionaes |São Paulo, 1919| 288 p.
1544

OLIVEIRA, Lola de — Gente de agora. São Paulo, Typ. Paulista, 1926. 138 p.
1545

OLIVEIRA, Lola de — Hontem e hoje [São Paulo], Typ. Paulista, 1928. 147 p.
1546

OLIVEIRA, Lola de — Passadismo e modernismo. São Paulo, Irmãos Ferraz [192-?] 149 p.

1547

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de — A porta-estandarte, contos. Rio de Janeiro, Gráf. Record, 1966. 135 p. (Col. Mirante. Literatura brasileira, 4)

Contém 11 contos.

1548

OLIVEIRA, Marúcia de — Fragmentos da vida. Rio de Janeiro, Getulio Costa, 1940. 131 p.

1549

OLIVEIRA, Pedro Gomes de — Contos esparsos.

"PGO, regionalista de "Contos esparsos", e do qual *Vitor Coelho de Almeida,* em "Goiás" afirmou: "Suas magníficas narrativas têm sabor local, regionalista, e são traçadas em estilo goiano. Descuidoso de limar a pena, que corre naturalmente sôbre o papel, e não retoca o que está escrito, PGO dá-nos em "Na cidade e na roça", páginas de uma naturalidade deliciosa, descrevendo fatos, tipos populares, e referindo contos genuinamente goianos. O leitor percorre com interêsse tôdas as páginas dêsse livro, ri-se gostosamente inúmeras vêzes, e, chegando ao fim, lamenta não ser mais farto o volume. Outro belo livro de PG, recentemente editado, chama-se "Pito aceso". *Wilson Lousada* — O regionalismo na prosa de ficção. Grupo central. *In: A literatura no Brasil.* Rio de Janeiro, 1955, v. 2, p. 201.

1550

OLIVEIRA, Pedro Gomes de — Na cidade e na roça.

Vide nota referência anterior.

1551

OLIVEIRA E SILVA *ver* Silva, Oliveira e

ORICO, Osvaldo — Marabaxo |Pref. do prof. Gregório Marañon. Capa de José Camarra| Rio de Janeiro |Livr. Francisco Alves| 1960. 166 p.

Contém 17 contos.

"(...) Seus relatos estão cheios, ao mesmo tempo, de simplicidade humana e de ondulante irrealidade de fábula. Seus protagonistas foram amassados com material humano, diretamente recolhido da vida, porém tem um vago acento de fantasia que nos faz olhá-los como a heróis e não como a uns homens quaisquer. Às vêzes, tôda a ação e o cenário do conto se submergem em uma névoa de vaga poesia, que lembra as velhas lendas, às mais velhas, aos poemas orientais. Para o leitor, essa sensação aumenta quando, como ocorre com freqüência, do relato do nosso Autor surge o vapor cálido e profundo do trópico.(...) *G. Marañon — Prefácio,* p. 11.

1552

ORICO, Osvaldo — Vinha do Senhor (contos) |Capa de Wainbach| Rio de Janeiro, Civilização brasileira, ed. s.a. |1939| 229 p., 1 f.

Contém 15 contos.

1553

ORTÊNCIO, Valdomiro Bariani —... O que foi pelo sertão (contos goianos) Desenho da capa de Matilde C. Franceschini. São Paulo, Ed. de Autores novos, 1956. 207 p.

Edição conjunta com a obra de Luís Franceschini "Vovó do pito" (contos paulistanos)

"Os contos goianos, do sr. VBO, constituem uma série de histórias sertanejas, conservadas ao máximo, pelo autor, em sua pureza folclórica, com vocabulário dos caipiras da região profusamente empregado". *Paulo Mota Lima. ParaTodos,* 2. quinz. abr./1. quinz. maio 1957, p. 3 (Crônicas de livros novos)

1554

ORTÊNCIO, Valdomiro Bariani — Sertão — o rio e a terra (contos goianos) Capa de Hermano. Desenhos de Caetano Somma| Rio de Janeiro, Livr. São José, 1959. 209 p. ilust.

"Exemplo de autêntico conto ligado à temática nacional, com íntima ligação com nossa literatura regional (...) Em linguagem limpa, revela mais uma vez a riqueza da ficção goiana, com histórias de forte intensidade humana, ainda que prêsas a um regionalismo autêntico, ou por isso mesmo." *Sílvio Castro* — Conto e novela — 59. *Leitura,* jan. 1960, p. 22.

1555

ORTÊNCIO, Valdomiro Bariani — Sertão sem fim, contos |Capa: Herculano| Rio de Janeiro, Livr. São José, 1965. 293 p.

"Contos regionais — é uma coletânea de estórias arrumadas nas lendas e no folclore do sertão goiano-mineiro". *C. braz.,* 5/6 abr. 1966.

1556

OSÓRIO, Lací — O sol acende o pampa Ed. Itapetininga, 1963.

1557

OTÁVIO, Rodrigo — Contos de hontem e de hoje. Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1932. 230 p.

Contém 12 contos.
Nome completo: Rodrigo Otávio de Langgaard Meneses.

1558

OTERO, Leo Godói — O caminho das boiadas |Capa de Poty| Rio de Janeiro, Livr. José Olympio ed., 1958. 210 p. ilust.

Contos regionais.

Contém 1 novela, 3 contos e 1 glossário.

"Três são os contos mas "O caminho das boiadas" é uma novela. Dos contso, se "A ossada da gruvata" e "A festa do centenário" pouco representam, "As filhas do Malaquias" já denuncia o escrtior — o escritor realmente autêntico — que vamos encontrar em "O caminho das boiadas". Mantive o rigor na leitura crítica, da novela página a página relendo, para afirmar que LOG é um escritor que se tornou responsável por um dos livros mais importantes na fase atual da ficção brasileira. (...) Há uma explicação, porém, para essa novela, "O caminho das boiadas". O novelista — que

com "As filhas do Malaquias" escreveu um conto digno da melhor antologia sertanista — tem nos ouvidos a fala do povo. É com essa fala, sem traí-la ou deformá-la, que escreve ao tempo que a enriquece em inflexão estilística. Seu diálogo, no particular, é precioso (...)" *Adonias Filho. Leitura,* nov 1958, p. 14.

1559

OTERO, Leo Godói — Gente de rancho. Goiânia, Ed. da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, 1954.

Contos regionais.

1560

OTONI JÚNIOR, Pio, *sac.* — Herois (contos) São Paulo |Reis, Cardoso & Botelho| 1935. 213 p.

1561

P

P. Z. de A. — Contos sertanejos. Campinas, Castro Mendes e irmão, 1899. 299 p.

1562

PACHECO, Armando — Um homem só (contos) Rio de Janeiro, Ed. Copac |1958| 235 p.

1563

PACHECO, Armando — Maria Fulô. São Paulo, Letras ed., 1942.

1564

PACHECO, João de Almeida — Negra a caminho da cidade (contos) |São Paulo| Livr. Martins, 1942. 237 p.

1565

PADILHA, Viriato, *pseud. ver* Mascarenhas, Aníbal

PAIXÃO, Edmo Frossard — ... E os canhões não troam mais, novela. Capa: Victor Paulo e Maia. Rio de Janeiro, Pongetti, 1963. 179 p.

A novela que dá título, seguida dos contos "Lizette", "Deus escreve direito", "Uma noite em Acapulco".

1566

PALADINO, Antônio — A ponte. Florianópolis, E. Sul, 1952.

Prosa e verso.

1567

PALEÓLOGO, Constantino — Histórias verídicas |Capa de E. Bianco| Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1946. 222 p.

Nome completo: Constantino Paleólogo Elefteriadis.

1568

PALEÓLOGO, Constantino — A mulher de um marido, contos |Capa de Poty| Rio de Janeiro, Ed. O Cruzeiro, 1957. 211 p.

Contém 15 contos.

1569

PALOMBO, Ariosto — Jantando um defunto (a mais horripilante e verdadeira descripção dos crimes da revolução) Rio de Janeiro, Alpha, 1928. 177 p.

Publicado sob o pseudônimo de João de Minas.

1570

PAMPLONA, Zoroastro Augusto — Poesias e contos. Rio de Janeiro, Typ. de F. de Paula Brito, 1861. 239 p.

Contém: 1.ª parte: poesia. — 2.ª parte: diversos trabalhos em prosa, entre êles, contos.

1571

PAPI JÚNIOR, Antônio — Contos |Fortaleza, Ed. A. Batista Fontenele, 1954| 94 p. retr. (Academia cearense de letras. Publicação).

"Para o conto brasileiro as suas mãos de esteta fabricaram o mais delicado lavor. Na expressão de Braga Montenegro, qeu estudou a "Natureza e evolução do conto cearense", os seus contos são de "contagiante emoção artística, destacando-se entre êles o intitulado "Cruz das Malvas", premiado num concurso em S. Paulo, que sugere a riqueza ambiencial das melhores páginas de Bret Harte".

A fim de registrar de modo mais evidente a passagem do centenário de nascimento de PJ resolveu a Academia reeditar alguns dêsses contos, objeto da presente plaqueta. Infelizmente não foi possível encontrar aquêle maravilhoso "Cruz das Malvas", nem mesmo através de buscas feitas nas bibliotecas da capital paulista. Mas saem à luz da publicidade, novamente, outros em número de quatro, que o esquecimento desgraçadamente já empoeirara. São: "A partida", publicado no jornal "Libertador", em 1884; "Exorcismos", na revista "Jangada", em 1910; "As pastilhas do imperador", no "Ceará Ilustrado", em 1924, e "Rosa do Curu", no Diário do Ceará", em 1914, ao que parece, pois o recorte do jornal, que o contém, não identifica bem a origem" (...) *Prefácio*, p. |7, 8|

1572

PASSARELLI, Faustino — Oito contos em papel... |Rio de Janeiro| Livr. Jacinto |1936| 128 p.

1573

PASSIFLORA, C. F. *ver* Viana, Maria Moreira da Fonseca Gaspar.

PASSOS, Alexandre — Portas abertas (contos) Rio de Janeiro, Ed. Pongetti, 1964. 139 p., 2 f.

Contém 15 contos.

1574

PATI, Francisco — As bruxas da sexta-feira santa, histórias curtas |São Paulo| Rêde latina ed. |1961| 170 p.

1575

PATUSCO FILHO, Gastão Fernandes — Arabescos (contos) |Capa de Luiz Osvaldo| Rio de Janeiro, Gráf. Tupy, 1955. 159 p.

1576

PAULA MACHADO, De *ver* Machado, De Paula.

PAULILLO, Láines — Mulher na claridade. São Paulo, Ed. Autores reunidos, 1962. 177 p.

1577

PEDREIRA, José — Rosa da noite, contos.Com doze desenhos de Carybé |Salvador| Caderno da Bahia, 1953. 163 p.

1578

PEDROSA, Milton — Américo, êste mundo e o outro; aventuras e desventuras de um chofer de praça |Desenho de capa: Eugênio Hirsch| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1962| 111 p. (Col. Vera Cruz. Literatura brasileira, 39).

Nome completo: Milton de Albuquerque Pedrosa.

"(...) É um volume de contos de concepção extremamente original e interessante, já que o autor lhes deu uma espécie de unidade de segundo grau conservando em todos êles, fundamentalmente, o mesmo protagonista. O gênero, se não é o do terror, é, pelo menos, o do mistério sobrenatural: Américo é um personagem que pertence mais ao outro mundo do que a êste, enquanto o autor, narrando as histórias na primeira pessoa, pertence, pelo menos em sua maior parte, mais a êste mundo do que ao outro. As qualidades do livro, além da sua idéia de base, são a "escrita" (...) e a imaginação. É também pela imaginação que começaria a enumeração dos seus defeitos.

Por um lado, nem sempre a imaginação do ficcionista se mantém no mesmo plano: há alguns contos dêste livro em que o desejo de inventar novas histórias de Américo predominou sensivelmente sôbre a capacidade inventiva do Autor. Por outro lado, mesmo as histórias mais felizes e verossímeis, perdem um pouco por sua contigüidade. Os "fatos estranhos" da metapsíquica podem dar matéria a um conto; mas, se tirarmos dêles, do mesmo personagem em situações que serão, forçosamente, semelhantes ou aparentadas, todo um livro de histórias, transformamos o mistério em acontecimento de rotina e acabamos por nos familiarizar com êle. Assim, o primeiro encontro com Américo é profundamente impressionante; os outros começam a ser, cada vez mais engraçados; a partir de certo momento, tornam-se banais; mais um passo, e serão gratuitos, isto é, inconvincentes e, por isso mesmo "aliterários" (...) *Wilson Martins* — Caminhos da ficção, I. *Est. S. Paulo,* 19 jan. 1963, supl. lit., p. 2.

1579

PEDROSA, Milton — Bibi e os gonguêos (contos) Capa de Benjamim Silva |Rio de Janeiro| Ed. Leitura [1965] 145 p.

"O conto mesmo que dá título à coletânea é na base do fantástico: história de uma terra e de uma gente — os gonguêos — fantásticas. E há mesmo alguns casos de assombração. MP é bom nesse tipo de narrativa: sabe dar, no ponto exato, o toque

de suspense; sabe maneirar o impossível; sabe enquadrar as coisas extraordinárias de maneira precisa, sem exagerar o tom" *Valdemar Cavalcanti. Leitura,* nov./dez. 1965, p. 6.

"MP volta a evidenciar em seu nôvo livro — Bibi e os gonguêos — sua fantasia criadora e a capacidade de dar verossimilhança a episódios absurdos. O autor de "Américo, êste mundo e o outro" demonstra, ademais (não obstante a diversidade dos assuntos focalizados), que permanece prêso à literatura de "mensagem" — "mensagem" de compreensão e solidariedade aos homens. MP divide estes contos em seis grupos: "De crianças". "De mulheres e de amor", "De velhos", "De mortos", "Do fantástico", "Do imprevisível". Manda a verdade dizer que êle nos soa menos autêntico quando enfrenta temas derivados da observação dos fatos quotidianos, como em "Pogoli". Por outro lado é evidente a desenvoltura com que se movimenta no setor caricaturesco, como em "O ofício dos ossos". Mas sòmente num gênero êle, pròpriamente se realiza: no do fantástico. Embora também aqui não se furte à sondagem anímica dos personagens, percebe-se que se sente à vontade na focalização do absurdo e, mesmo, do sobrenatural. Veja-se o conto "Vero e mirabolante"(...) *Rolmes Barbosa. Est. S.. Paulo,* 8 jan. 1966, supl. lit. (A semana e os livros)

1580

PEDROSA, Milton — A face de Marta (contos) (Capa e ilust. de Helio Faria) Belo Horizonte |Livr. Cultura brasileira ltda.| 1946. 217 p. ilust.

1581

PEDROSA, Milton — O homem que não gostava de cães (contos) |Capa de Eugenio Hirsch| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1959| 165 p.

Ao fazer o balanço literário de 1959, Antônio Olinto declara: "O homem que não gostava de cães", de MP foi o livro em que o conto seguiu caminhos inesperados, tanto no seu desenrolar como no desfecho". *Antônio Olinto* — Literatura: balanço de 1959. *J. Let.,* jan./fev. 1960.

1582

PEDROSA, Milton — Noite e esperança. Pref. de Astrojildo Pereira |Capa de Carlos Scliar. Rio de Janeiro| Ed. Vitória, 1960. 143 p.

1583

PEDROTTI, Oscar — Os vencidos, contos. Porto Alegre, 1940.

1584

PEIXOTO, Afrânio — Amor sagrado e amor profano, contos e fantasias. São Paulo, Companhia editora nacional, 1942. 288 p.

Contém 36 trabalhos.

Nome completo: Júlio Afrânio Peixoto

1585

PEIXOTO, Afrânio — Amor sagrado e amor profano, contos e fantasias. Rev. pelo autor. Rio de Janeiro, W. M. Jackson, 1944. 312 p. (Obras completas, 8).

1586

PEIXOTO, Afrânio — Parabolas. Rio, Livr. Francisco Alves, 1920. 324 p.

1587

PEIXOTO, Afrânio — Parabolas. 2. ed. def. rev. pelo autor. São Paulo, Companhia editora nacional, 1943. 314 p.

1588

PEIXOTO, Afrânio — Parabolas. Rev. pelo autor. Rio de Janeiro, W. M. Jackson, 1944. 350 p. (Obras completas, 12).

1589

PEIXOTO, Francisco Inácio — Dona Flor. Ilust. de Santa Rosa. Rio de Janeiro, Pongetti, 1940. 165 p.

Prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras, em 1941.

"(...) Seus contos são essencialmente sóbrios. Parecem ter sofrido censuras, inconscientes talvez, do temperamento discreto do artista. Temperamento avesso às expansões poéticas e onde a frase vale como a realidade de uma ação ou de um estado de espírito. A sobriedade artística, portanto, leva-o com facilidade à criação de tipos de psicologia mais acentuada. E um exemplo disso é o conto que serve de título ao volume — "Dona Flor". Onde o ficcionista soube apanhar, com um realismo equilibrado, o lado sentimental e ridículo, às vêzes levemente dramático, de certos episódios cotidianos na vida de pequenos burgueses, empregados no comércio, estudantes pobres, funcionários de baixa categoria. "Dona Flor" é um tipo bem lançado em traços fortes e claros. Lùcidamente visto pelo artista que, diga-se de passagem, nunca intervem na vida banal dêsses sêres que se agitam melancòlicamente. Essa atitude, aliás, FIP consegue mantê-la em todos os contos de seu livro. Pelo menos nos melhores, como "A fuga", "Fragmentos de um caderno de memórias" e "Dona Flor". (...)" *Wilson A. Lousada — D. Casmurro,* 4 maio 1940, p. 6 (O livro nacional)

"(...) dos contos do sr. FIP, que de uma cidade do interior de Minas, envia um livro que deverá ser considerado, no seu gênero, como uma das publicações mais importantes dêste ano [1940] Aliás, o nome da cidade mineira — Cataguases — onde o sr. FIP escreveu os seus contos, está cheia de recordações literárias. Lá é que se formou e atuou, com repercussão em todo o país, um dos grupos mais interessantes e turbulentos do movimento modernista (...) Em "Dona Flor", a figura dominante não é a do rapaz do movimento modernista, mas a de um membro da família Mansfield. E a figura de "Dona Flor", no primeiro conto, que dá o nome ao volume, representa a realização mais forte do livro". *Alvaro Lins* — A família Mansfield. *Jornal de crítica.* 1. série, Rio de Janeiro, 1941, p. 120.

1590

PEIXOTO, Francisco Inácio — A janela (contos) [Capa de José Maria Dias da Cruz. Ilust. de Tarsila] Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1967. 77 p.

Contém 6 contos.

"(...) Reunindo trabalhos de vária época, quase todos divulgados anteriormente pela imprensa (...) Redigindo em lingugaem firme, construindo a espessura de suas estórias com os fatos de cada instante, suas personagens têm vida. São figuras conhecidas nossas, tôdas com um travo de amargura e com uma nota de desalento. (...)

(...) Vamos acompanhando-lhe os quadros. Um sentido de unidade envolve as seis pequenas estórias. (...)" *Campomizzi Filho. Est. Minas,* 7 fev. 1968 (Variedades)

1591

PENALVA, Gastão, *pseud.* de Sebastião de Sousa — Botões dourados (episódios de terra e mar). Rio de Janeiro, Pimenta de Mello, 1924. 158 p.

Menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, em 1925.

1592

PENALVA, Gastão, *pseud.* de Sebastião de Sousa — Luvas e punnaes (contos e chronicas) Rio de Janeiro, Benjamim Costallat, 1924. 299 p.

1593

PENIDO, José Márcio — Túneon. Capa de Márcio Sampaio. Belo Horizonte, Ed. Garoli, 1966.

Contém 12 contos.

"Seu primeiro livro é "Túneon", coletânea de 12 contos que vão do tradicional ao mais vanguardista, dentro de uma concepção evolucionista da literatura de curta ficção". *J. Brasil,* 4 jan. 1967 (Panorama das letras)

"(...) Estreando em livro com "Túneon", coletânea de contos, o jovem escritor JMP revela-se perfeitamente apto para boas realizações no gênero, por muitos considerado o mais difícil, quer quando se submete à influência do "plot", quer quando apresenta trabalhos inteiramente inovadores, como "Avenida" e "Existe".

"Maria tanta coisa", primeiro trabalho do volume, é um dos melhores e revela de imediato o excelente contista.

Impressiona pelo seu conteúdo profundamente humano o "Noite nanando mulher". Ainda abordando temas mais difíceis, como em "Ação", "O Puro", "Missa de sétimo dia", o escritor mostra-se sempre seguro, talentoso e capaz.

Sem dúvida, o melhor entre todos os contos de "Túneon" é o excelente "Viegas Neón", modêlo de perfeição no gênero. A originalidade do tema, aliam-se a beleza e precisão de linguagem, demonstrando o jovem autor tôda sua fôrça de ótimo ficcionista, conseguindo o completo domínio da melhor técnica narrativa. (...)" *José Afrânio Moreira Duarte. Est. Minas,* 30 jul. 1967.

1594

PENNAFORT, Raimundo Ulisses, *sac.* — Monochromo. Fortaleza, A. M. D. G. Typ. Moderna a vapor — Ateliers Louis, 1900.

"Pequeno conto parâuâra em prol dos mendigos da sêca do Ceará e dos que vão em demanda da Nova Canaã". *G. Studart — Dicionário bio-bibliográfico cearense.* Fortaleza, 1910-1915, p. 92.

1595

PENTEADO, Artur Goulart — Dez contos. São Paulo, Typ. Andrade & Melo, 1901. 60 p.

1596

PENTEADO, Artur Goulart — Narcóticos. São Paulo, Casa Vanordem, 1903.

1597

PENTEADO, Artur Goulart — Pequenas telas. São Paulo, Typ. Andrade & Melo, 1902. 156 p.

Contos, fantasias, etc.

1598

PENTEADO, Artur Goulart — Pétalas. São Paulo, Typ. O município, 1896. 216 p.

Contos e fantasias.

1599

PEQUENO, Valdemar — Ouro do cuité e outras histórias. Belo Horizonte, 1954.

1600

PEREGRINO, Umberto — Desencontros (contos) Capa de Santa Rosa. Rio, Livr. José Olympio, 1941. 223 p.

Nome completo: Umberto Peregrino Seabra Fagundes.

1601

PEREGRINO, Umberto — Três mulheres, contos |Capa de Aldary Toledo. Rio de Janeiro| Ed. Antunes |1959| xii, 175 p.

Contém 13 contos.

"A 1.ª parte do volume compõem-se de 4 pequenas histórias de infância e adolescência, escritas num tom suave e nostálgico. Menos que contos, dão-nos a impressão de cenas esparsas de um fragmentário romance memorialista. São histórias sem lances, algumas abordando o problema das primeiras experiências de amor. A 2.ª parte abrange mais diversidade de temas (...) São os trabalhos da 3.ª parte — "Três mulheres" — que dão título ao volume, e nêles volta o autor às suas histórias de amor (...)" *J. Let.*, jan./fev. 1960, p. 9. (Últimos lançamentos).

"A policiar-se constantemente de forte lirismo interior, o que não impede, todavia, de aparentar realismo em tantas páginas de sua ficção, é o UP de "3 mulheres". Mas seus contos, mesmo os aparentemente realistas, traem o neo-romântico.

Em "Histórias irônicas e sentimentais", 2.ª parte do volume, encontramos suas duas melhores realizações: "A Fuga" e "Pedro Cobra", estruturalmente bem realizadas. "A Fuga", revela o "conteur" militar aparelhado com pitoresca gíria de caserna, assenhoreando um mundo pouco conhecido da ficção brasileira: o do quartel; "Pedro Cobra", conto trágico de desfecho irônico, recompensa o leitor pelas peripécias de sua ação humana, descobrindo conhecimento e costumes de nossa gente cabocla". *Oliveiros Litrento.* Neo-romantismo e ficção. *O crítico e o mandarim.* Rio |Pref. 1961| p. 118.

1602

PEREGRINO JÚNIOR, João — Histórias da Amazônia, contos. Rio, J. Olympio, 1936. 289 p.

Reunião dos dois volumes de contos publicados anteriormente em separado: "Pussanga", em 1929 e "Matupá", em 1933.

Nome completo: João da Rocha Fagundes Peregrino Júnior.

1603

PEREGRINO JÚNIOR, João — A mata submersa e outras histórias da Amazônia |Desenho de capa de Luís Jardim| Rio de Janeiro, José Olympio, 1960. 12 f. p., 335 p. ilust.

Reunião dos livros "Pussanga" (1929), "Matupá" (1933) "Histórias da Amazônia" (1936) e, finalmente, 9 histórias inéditas de "A mata submersa". Contém também um glossário.

"Estreando como contista em 1929, com as histórias de "Pussanga", PJ, a exemplo de tantos outros escritores brasileiros, deixou-se seduzir pela grandeza e exuberância da natureza amazônica que procurou fixar, daí em diante, numa obra que veio sempre crescendo em importância e em fidelidade ao gênero e aos temas primitivos (...) A Amazônia, portanto, é o grande tema dêsse livro de PJ, desdobrando-se num vasto

painel constituído de flagrantes diversos onde a paisagem e o homem se confundem em muitos dramas que a imaginação do escritor soube levantar e desenvolver com a segurança dos seus muitos recursos de ficcionista. Literatura regional,, portanto, essa que nos apresenta nos contos de "A mata submersa", mas em que não há apenas a presença de um ficcionista de costumes ou de um cenarista — puro descritivo — de méritos. Nos contos de PJ percebe-se também a presença de uma realidade social que não podemos esconder ou negar, realidade que embora apresentada em têrmos de arte literária, não é menos significativa,, além da ficção pròpriamente dita. (...)

Os contos de "A mata submersa" revelam também uma excelente fixação da fala amazônica no meio popular em geral, que o autor soube pesquisar e incorporar, com propriedade e sem violência aos valores literários de forma, ao conteúdo humano de seus contos. Com "A mata submersa", pois estamos diante de um contista e escritor plenamente realizado, capaz de transmitir-nos a sua visão das coisas e do homem, em têrmos regionalistas, dentro de uma verdade artística que pode ser entendida em têrmos literários universais". *Péricles Eugênio da Silva Ramos — Leitura,* set. 1961, p. 47.

"A mata submersa e outras histórias da Amazônia" tem uma marca, um signo, um sabor peculiar. Faz-me recordar os grandes novelistas da moderna ficção norte-americana. Possui a mesma fôrça, a mesma singular e forte beleza, com suas narrações em cujas páginas campeia o autêntico ambiente da Amazônia, com sua estranha grandeza.

O léxico, a atmosfera social, o clima, a paisagem, suas criaturas, as peripécias dramáticas ou alegres que surgem, fazem desta bela obra um autêntico friso de costumes exóticos, maravilhosamente captados. (...)" *Júlio César Mosches* — A Amazônia da "Mata submersa". *Leitura,* nov./dez. 1961, p. 45.

"Na literatura de ficção inspirada pelo mundo misterioso da Amazônia, com suas florestas imensas, seus rios caudalosos, sua miséria, sua maleita, sua borracha sangrenta, sua humanidade subnutrida e enfermiça, desde Ferreira de Castro a Dalcídio Jurandir, os contos de Peregrino Júnior figuram entre os mais autênticos e representativos, no seu impressionante realismo.

Filho do Rio Grande do Norte, PJ passou alguns anos da sua juventude estudando em Belém, onde iniciou a sua vida jornalística, e tal foi a impressão deixada no seu espírito pela realidade amazônica que pôde depois transpor para a ficção de maneira admirável, histórias, os cenários, as lendas e as mazelas do insondável "inferno verde" que até continua desafiando a civilização e o progresso. (...)

Ainda não se fêz a devida avaliação crítica dos contos de Peregrino Júnior, o que êles representaram, na época do seu aparecimento, antes de 1930, como renovação do gênero e fixação de uma realidade brasileira, e o que êles representam ainda hoje como contribuição à literatura regional brasileira. (...)" *Santos Morais* — História da Amazônia. *J. Com.,* 23 jul. 1967 (Gazetilha literária).

1604

PEREGRINO JÚNIOR, João — A mata submersa e outras histórias da Amazônia. Biografia e introd. Ivan Cavalcanti Proença. Ilust. Luís Jardim |Rio de Janeiro, Ed. de Ouro, 1967| 363, 5 p. ilust. retr. (Livros de bôlso. Ed. de Ouro. Clássicos brasileiros. Coroa de ouro, 1440).

1605

PEREGRINO JÚNIOR, João — Matupá (tipos e costumes da Amazônia) Rio, Ed. L. C., 1933. 209 p.

1606

PEREGRINO JÚNIOR, João — Pussanga, episódios e paisagens da Amazônia. Rio de Janeiro, Typ. Hispano-Americana, 1929.

Prêmio da Academia Brasileira de Letras, em 1930.

1607

PEREGRINO JÚNIOR, João — Pussanga, episódios e paisagens da Amazônia. 2. ed. Rio de Janeiro, Typ. Hispano-Americana, 1930. 196 p.

1608

PEREGRINO JÚNIOR, João — Pussanga, episódios e paisagens da Amazônia. 3. ed. Rio de Janeiro, Ipiranga, 1931.

1609

PEREGRINO JÚNIOR, João — Pussanga, episódios e paisagens da Amazônia. São Paulo, Clube do livro, 1948. 183 p.

1610

PEREIRA, Lúcio Leocádio — Contos paranaenses. Curitiba, 1896.

1611

PEREIRA, Lúcio Leocádio — Folhetins, contos. Paranaguá, 1896.

1612

PEREIRA, Sílvio B. — Torturados. Rio de Janeiro, Est. graph. Canton & Beyer, 1922. 100 p.

1613

PEREZ, Renard Q. — Os sinos, contos |Sobrecapa de Luiz Canabrava. Ilust. de Darel. Rio de Janeiro| Jornal de letras, 1954. 100 p.

Contém 8 contos.

"Em dúvida permaneço se coloco RP no círculo de uma geração. Pertencendo a uma geração de poetas e críticos — sobretudo de poetas — é um ficcionista sòzinho para que possa examinar os seus livros em têrmos de grupo, idade ou certa linha de inteligência. Tendo que escolher, prefiro afirmar que, com o seu livro de contos, veio situar-se fora das tendências atuais, escrevendo menos como participante e testemunha de um mundo em desespêro e mais como um intimista interessado na aventura interior da criatura humana. É um escritor em recinto sem janelas. Longe dos tumultos, das violências que marcam o nosso tempo, desconhece a temática selvagem. Mas é precisamente porque em si mesmo se abriga, e confia na fôrça da percepção, e busca nas raízes as revelações dos sentimentos, e ausculta os nervos para sentir a vida, que penso não exagerar ao dizer estarmos em face de alguém que reanima a tragédia em sua expressão mais discreta.

(...) Em RP, porém, creio ter se concentrado a capacidade máxima — dentre os modernos — em representar a tragédia do cotidiano (...) Imposição técnica, no sentido de facilitar a auscultação, condiciona o episódio à situação psicológica da personagem. Ao ficcionista interessa individualizar, mostrar aquêle "seul être" que já se apontara na galeria balzaqueana, a ação literária existindo em proveito de certo humanismo. As ambições e os sofrimentos, as alegrias e os sonhos são tomados em um círculo pessoal, parcelas do "problème de l'être". Mantendo-se nesta linha de autêntico personalismo — que traduziremos como "uma personagem" e não "a persona-

gem" —, RP, ao contrário do ritmo normal da novelística moderna, individualiza a tragédia. Se a tragédia vinga, comunicando-se seu poder de comoção como uma onda nervosa, é porque a transmite uma vida, um destino, o "seul être".

Para alcançar êste resultado, como antes já o fizeram os ficcionistas da mesma linha, o autor de "Os sinos" foi obrigado a isolar a personagem, como individualidade, do temperamento social de qualquer grupo. O que subsiste, e vai como tal caracterizar a personagem, é a "unique individuality" que hoje tanto preocupa os psicólogos sociais. É pessoal, em conseqüência, a tragédia que se processa no cotidiano.

(...) Mas, para atingir o alvo — a escavação da tragédia no cotidiano, a personalização da personagem, a veiculação se fazendo através do conto — RP busca o principal efeito em uma das chaves da psicologia, precisamente no comportamento e na reação da criança. Como Dickens ainda uma vez, é na visão infantil, sempre um misto de ternura, espanto e fantasia, que localiza as mais poderosas raízes emocionais (...) (...) E, dentre os seus instrumentos de trabalho, é a linguagem o que mais concorre para esta afirmação. Neste particular, e ainda uma vez, tenho que admitir a distância entre os ficcionistas mais jovens e o modernismo. A restauração da linguagem literária, é o que se percebe, torna-se uma preocupação imediata.

Como em tantos outros, também é sensível em RP essa preocupação. (...) Sem anular as conquistas modernistas, mas completando-as nesse fundo estético, RP contribui para que a ficção brasileira possa concorrer com qualquer outra como manifestação legítima de arte" (...) *Adonias Filho. J. Let.*, agô. 1954, p. 6 (Vida dos livros).

1614

PEREZ, Renard Q. — O tombadilho [Pref. de Aníbal M. Machado. Ilust. de Vera Tormenta. São Paulo] Difusão européia do livro [1961] 125 p. ilust. (Col. Novela brasileira, 7).

Reúne o volume os contos "O tombadilho", "Coroinha", "O trapezista Vitor Hansen" e a novela em 8 capítulos "A revolução".

"É (RP) dos melhores e mais bem dotados da sua geração. Na novela "A revolução" e nos contos que a precedem, o contista vai além do que deixa evidenciado nas linhas firmes do seu estilo. Desenvolve naturalmente a narrativa, e, nos momentos mais obscuros e intensos de suas personagens, mergulha no mundo subjetivo, captando assim o sentido da profundidade sem desiquilíbrio a unidade formal da construção" *Aníbal Machado — Prefácio.*

"(...) Em "O tombadilho" temos um escritor mais sêco, mais "hemingwayano", menos dócil às sugestões da emoção fácil e da reminiscência embaladora, procurando construir uma obra com a férrea consciência do autor que veio para ficar.

Dos cinco trabalhos agora englobados em livro, um, "A revolução", menos por sua extensão do que pelo seu projetamento, é mais uma novela. É uma revolução vista pelo lado de dentro, pelo homem que dela participou e que, sem ter lutado, foi sua vítima (...)" *Fausto Cunha. J. Let.*, agô. 1961, p. 2.

1615

PERNETA, Emiliano Daví — Allegoria [Coritiba, Typ. da Livr. economica de Annibal Rocha & cia.] 1903. 60 p.

Simbolista, tem os seus livros "Alegoria" e "O inimigo", citados por Andrade Murici como "poemas em prosa". Ao referir-se ao primeiro livro diz: "... e no profetismo, do apólogo "Alegoria" (1903) ".

A inclusão talvez excessiva de autores simbolistas, como "contistas", decorre do fato de: poemas em prosa, manchas, quadros, divagações, fantasias e até contos pròpriamente ditos, estarem quase sempre mesclados na bagagem do escritor simbolista. A frase de Andrade Muricy referindo-se a "indistinção e, no mais das vêzes, da interpenetração dos gêneros em mãos dos ficcionistas-poetas do simbolismo", explica bem a nossa indecisão. "Os limites entre o conto-narração e o poema em prosa são pouco marcados. Freqüentemente êstes gêneros fundem-se numa vagueza de sonho, que já

não é mais pròpriamente poesia em prosa,, e ainda não chega à prosa impressionista (...) confessa Murici, asseverando que "o idealismo dos simbolistas não os predispunha para a criação ficcionista". *Andrade Murici* — Presença do simbolismo. *In: A literatura no Brasil.* Rio de Janeiro, 1959, v. 3, t. 1, p. 200.

1616

PERNETA, Emiliano Daví — Allegoria. *In*: *Perneta, E. D. — Obras completas* |*Prosa*|. Coleção, ordenação e notas de Erasmo Pilotto |Pref. de Raul Gomes. Curitiba, Gerpa ed., 1946| p. 5-40 (Obras completas de Emiliano Perneta, I).

1617

PERNETA, Emiliano Daví — O inimigo |Coritiba, Typ. da Livr. economica de Annibal Rocha & cia.| 1899. 32 p. (Contos de Emiliano Perneta, I. ser.).

Datado: "País de Bárbaros, 1894".

"Êste conto, (...) deveria ser o primeiro de uma série que o seu autor pretendia tirar em edições mensais, sob o título geral: "Contos de Emiliano Perneta". Não saiu à luz, porém, senão apenas o primeiro. O segundo deveria ser denominado "Ester", segundo uma indicação que nos ficou. Não foi publicado e nem sabemos se chegou a ser escrito. No gênero do conto, em que Emiliano aqui se mostra hábil, ao menos na linha rara do estilo, dêle só nos ficou esta única produção" *Erasmo Piloto* — O inimigo (anotação) *In: Perneta, Emiliano Daví — Obras completas* |*Prosa*. Curitiba. 1946| p. 66-77.

1618

PERNETA, Emiliano Daví — O inimigo. *In*: *Perneta, E. D. — Obras completas* |*Prosa*| Coleção, ordenação e notas de Erasmo Pilotto |Pref. de Raul Gomes. Curitiba, Gerpa ed., 1946| p. 66-77 (Obras completas de Emiliano Perneta, I).

Parte de "Poesia e Verdade".

1619

PERNETA, Júlio Daví — Amor bucolico, costumes paranaenses. Coritiba, Atelier Novo mundo, 1898. 154 p.

Massaud Moisés ao enumerar os simbolistas e suas obras, entre os quais se encontra JP, faz a ressalva: "Neste elenco, òbviamente lacunoso, não poucas obras abrigam poemas em prosa, crônicas, e mesmo contos; e, algumas vêzes, as composições oscilam entre êsses tipos de prosa poética." E, mais adiante: "Embora intitule suas narrativas de contos, a rigor seriam classificadas de crônicas, poemas em prosa, reflexões e páginas de memória". *Massaud Moisés — O simbolismo.* São Paulo, 1966, p. 222, 226.

1620

PERNETA, Júlio Daví — Bronzes. Coritiba, Adolpho Guimarães, 1897. ix, 100 p.

1621

PERNETA, Júlio Daví — Malditos. Coritiba, Typ. da Livr. economica, 1909. 87 p.

1622

PERRELLA, Nicola — Caneta, espingarda e caniço. São Paulo, Ed. Alarico, 1960. 191 p. ilust.

Contém, no próprio dizer do uator: "Algo do nosso folclore", isto naturalmente, de uma forma parcial, entrosado em contos, fatos, narrativas e costumes das nossas regiões".

1623

PESCE, Regina — Almas esquecidas, contos. Rio, Ed. Civilização brasileira, 1941. 155 p.

1624

PESTANA, José Felipe — Miniaturas em prosa (contos das horas vagas) Rio de Janeiro, Typ. Moreira, 1878. 133 p.

1625

PETRY, Zaíra — O homem perfeito, contos. Pôrto Alegre, Imp. oficial, 1957. 81 p.

1626

PICCHIA, Paulo Menotti del — O árbitro |(e outros contos)| |Capa de Italo Bianchi. São Paulo| Livr. Martins ed. [1958] 232 p. ilust. (Obras de Menotti del Picchia).

Contém 7 contos.

1627

PICCHIA, Paulo Menotti del — Contos. Toda nua, A mulher que pecou, O crime daquela noite, A outra perna do Saci e outros contos... São Paulo, A Noite ed. |1946| 312 p. (Obras completas de Menotti del Picchia, 1).

1628

PICCHIA, Paulo Menotti del — O crime d'aquela noite. São Paulo, Ed. Monteiro Lobato |1924| 142 p.

1629

PICCHIA, Paulo Menotti del — Dente de ouro e O crime daquela noite. Introd. de Mário Donato às obras completas de Menotti del Pichia. Capa de Darcy Penteado. São Paulo, Livr. Martins |1956| xlii, 206 p. (Obras de Menotti del Picchia, 1).

O romance "Dente de ouro" seguido de "O crime daquela noite".

1630

PICCHIA, Menotti del — Dente de ouro e O crime daquela noite |São Paulo| Livr. Martins [1958] 228 p. (Obras completas de Menotti del Picchia).

O romance "Dente de ouro" seguido de "O crime daquela noite".

1631

PICCHIA, Paulo Menotti del — O homem e a morte |Capa de Italo Bianchi. São Paulo| Livr. Martins [1958] 207 p. (Obras de Menotti del Picchia).

O romance poemático "O homem e a morte", seguido de "A outra perna do saci".

1632

PICCHIA, Paulo Menotti del — A mulher que pecou (novela) São Paulo, Monteiro Lobato, 1922. 196 p.

A novela que dá título,, seguida de 2 contos.

1633

PICCHIA, Paulo Menotti del — A mulher que pecou (novela) São Paulo, Companhia editora nacional, 1927. 200 p.

A novela que dá título, seguida de contos.

1634

PICCHIA, Paulo Menotti del — A outra perna do saci. 1926.

1635

PICCHIA, Paulo Menotti del — Toda nua, novellas e contos. São Paulo, Vieira, 1926. 165 p.

1636

PICCHIA, Paulo Menotti del — Toda nua, novellas e contos. 2. ed. Rio, Civilização brasileira |1932?| 227 p.

1637

PILTCHER, Isaac — 20 histórias curtas *ver* 20 histórias curtas.

PIMENTEL, Romualdo — Sonhos e visões. Recife, Impr. Industrial |s.d.| 64 p.

1638

PINHEIRO, Aurélio — Gleba tumultuária, scenas e scenarios do Amazonas. Manaus, J. J. da Camara, 1927. 269 p.

Nome completo: Aurélio Valdomiro Pinheiro.

1639

PINHEIRO, Galdino Fernandes — Narrativas brazileiras. Rio de Janeiro, Typ. de G. Leuzinger & filhos, 1884. 219 p., 2 f.

Publicado sob o pseudônimo de Galpi.

1640

PINHEIRO, Galdino Fernandes — Narrativas brazileiras. 2. ed. Rio de Janeiro, Typ. de Leuzinger, 1897. 246 p., 1 f.

1641

PINHEIRO, João — À tôa... (aspectos piauhyenses) Therezina, Impr. official, 1913. 206 p.

1642

PINHEIRO, João — Fogo de palha. Theresina, Pap. Piauhyense, 1925. 258 p.

1643

PIÑON, Nélida — Tempo das frutas, contos |Nota prévia de Maria Alice Barroso. Capa de Luís Jasmim| Rio de Janeiro, José Álvaro ed., 1966. 230 p., 1 f.

Contém 18 contos.

"NP está construindo o seu mundo, habitado por uma gente diferente de nós, é certo, mas que está sempre a lembrar aquilo que nós somos: trata-se de uma literatura de alusão, evidentemente. Diria ainda que os personagens de NP — porque há raça humana e os personagens de NP — talvez sejam os pobres santos que não crendo mais no céu, lutam por se resignar em viver na terra: porém ainda não o conseguiram e eu não creio que venham a conseguí-lo um dia. Porque essa paisagem áspera, de penhascos e mar, e êsses personagens de escassa comunicação entre êles trazem a inconfundível marca de sua criadora, principalmente, pela linguagem que os manipula, a qual vai se desataviando à medida que a escritora amadurece, porém sem se despojar do essencial — e o essencial é o estilo de NP". *Maria Alice Barroso — Nota prévia.*

1644

PINTO, Colimério Leite de Faria — Meus serões, contos. 1879.

Apud Guilhermino César — História da literatura do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, 1956, p. 311.

1645

PINTO, Edite Pimentel — Tangente e corda. Ilust. de Clovis Graciano. São Paulo, 1966.

"(...) Coletânea de páginas raras onde passeia um "sense of humour" quase já esquecido nesta sisuda metrópole paulista, ou pelo menos abandonado desde o tempo de Oswald e de Antônio de Alcântara Machado". *Domingos Carvalho da Silva. D. S. Paulo,* 14 agô. 1966.

1646

PINTO, José Alcides — Editor de insônia, contos |Capa de Eugênio Hirsch. Rio de Janeiro| Ed. Leitura. |1965| 97 p.

Contém 10 contos.

"(...) Êstes contos apresentam-se com um vigor que é mais de gravura que de escrita — aqui o estilo grave esculpe, fere, constrói imagens entre legendas de moldura. (...)

Além dêsse estilo que grava situação nestes contos — gravuras tão exatas como traço e linha através de palavras, uma visão quase de várias artes por meio da forma única da palavra, a estruturação dramática fundamente se beneficia ou relaciona dessa linguagem. De certa maneira, palavra, linguagem, estilo, tema, assunto, drama — tudo se conclui para um domínio pleno da "forma", entendida em tôdas as suas implicações. Nesse sentido, "Editor de insônia" é notável busca artística, total, para uma construção literária. (...)

JAP emerge do seu tempo, com as marcas de quem viveu, e por elas, cada vez mais vivo, projetado, criador sofrido. Seu depoimento, nestes contos, parte mais do íntimo, do "Tonus" vital, que da pura história transformando-se em estória. Aqui encontra-se o drama profundo, congênito da humanidade tôda, cujas faces vivas em figuras isoladas humanas, transitórias em condição e tempo, compõem um rude painel do homem permanente, logo após a Criação, conservado primitivo em sua forma anatômica, mais à beira do bicho, por isso a surprêsa (...)

Por sôbre tudo isso, em tanta rudeza e angústia, há sempre nos contos de "Editor de insônia", uma dissimulada e, entretanto, viva e veemente piedade, solidariedade humana efetiva e real, sofrimento comum, testemunha e participante, da mesma e geral angústia do homem em sua ascensão. (...)" *Virgínius da Gama e Melo. J. Com.*, Recife, 6 (?) jun. 1965.

"JAP, em grande fase criativa, também enriquecendo a literatura brasileira, com seu mais recente "Editor de insônia", insistindo em seu realismo peculiar, em seu mundo ficcional denso, estranho, o pesadelo em cada músculo. São páginas de um brilho selvagem, perigoso, as lâminas da verdade atingindo tudo. Há velocidade em sua prosa, os núcleos se formando rápidos e exibindo a deformidade dos personagens, ombros pesados de êrros, nenhuma visão transfigurada do que relata, o encontro cego com a dimensão cruel e humana não cristalizada em pedra ou cimento, ou mármore". *Elvira Foeppel. Leitura*, nov./dez. 1965, p. 26, 27.

1647

PINTO, Manuel de Sousa — Castelo de amor. Lisboa, Portugal-Brasil ltda. |1919| 251 p.

1648

PINTO, Manuel de Sousa — Feminário. Rio de Janeiro, Garnier, 1911. 241 p.

Livros de crônicas, com alguns contos.

1649

PINTO, Manuel de Sousa — O jardim das mestras. Rio, Francisco Alves, 1914. 247 p.

1650

PINTO, Olímpio — Paladares; trêchos, contos, crônicas. Rio de Janeiro, Livr. Antunes, 1944. 131 p.

1651

PINTO, Ptolomeu Pedro — Retalhos de vidas. Gráf. ed. Sion, 1963.

1652

PINTO JÚNIOR, José — Cão de luxo, contos. Rio de Janeiro, Pongetti, 1957. 115 p. (Biblioteca da Casa de Euclides da Cunha. Col. Antônio de Sousa, I)

1653

PIRES, Ana Benedita — Missangas, contos da minha terra |São Paulo, Off. graph. da Ave Maria| 1936. 125 p.

Publicado sob o pseudônimo de Cora Benita.

1654

PIRES, Ari Simões — Coxilha verde... |Pôrto Alegre, Tip. do Centro, 1956?| 48 p. ilust.

Contos regionalistas gaúchos.

Os contos sob o título geral de "Contos do tio velho Matias", se encontram na 2.ª parte do livro, p. 18-44. A 1.ª parte intitula-se "Chiripá e tradição".

1655

PIRES, Cornélio — Conversas ao pé do fogo (páginas regionaes). São Paulo, Typ. Piratininga, 1921.

"Não é um livro de ficção. São histórias autênticas ouvidas de caipiras puros e reproduzidas com a maior fidelidade de léxico e sintaxe. São curiosos provérbios, abusões, ações, recolhidas no sertão paulista, análogos aos coligidos no Nordeste pelos srs. Gustavo Barroso e Leonardo Mota. Mais interessante, porém, que êsses contos, brinquedos ou superstições são as páginas iniciais em que o sr. CP estuda o "caipira".

(...) Êste livro irregular, de histórias por vêzes saborosas, contadas com a naturalidade e a expressão regionalista, que lhes sabe dar o caipirismo literário do sr. CP, é mais um brado em favor do nosso patrício sertanejo. Nessa questão é tão perigoso o lirismo quanto o pessimismo. Ambos imobilizam a ação — um pela confiança, outro pelo desalento. E é de ação que hoje precisa o sertão desamparado ou apenas socorrido por certo esnobismo literário.

Não prescinde, porém, em qualquer caso, de simpatia e de carinho, e é o que encontramos em abundância nestas páginas sinceras". *A. Amoroso Lima* — Primeiros estudos II, cap. 37. poesia popular (6 nov. 1921) *Estudos literários*. Rio de Janeiro, 1966, v. 1, p. 508, 509.

1656

PIRES, Cornélio — Conversas ao pé do fogo. 4. ed. São Paulo, Companhia editora nacional, 1933. 217 p.

1657

PIRES, Cornélio — Mixordia, contos anecdotas. 3. ed. Rio de Janeiro, Civilização brasileira |1933| 256 p.

1658

PIRES, Cornélio — Quem conta um conto... São Paulo, Typ. Piratininga, 1919. 230 p.

1659

PIRES, Cornélio — Quem conta um conto... 5. ed. São Paulo, Monteiro Lobato, 1925. 245 p.

1660

PIRES, Cornélio — Tarrafadas, contos, anecdotas e variedades. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 1935. 185 p.

1661

PIRES, Vieira — Querencia (contos regionaes) Porto Alegre, Liv. do Globo, 1925, 205 p.

"(...) Nos contos do sr. VP, passam êles [os personagens] com menor relêvo do que a paisagem mas com uma riqueza de vocabulário localista, um pitoresco de expressões que revela no autor um excelente conhecedor de sua terra, e de quem é possível esperar alguma coisa, literàriamente. Por ora ainda está na ênfase, aliás tão característica de quase tôda a literatura regionalista do Rio Grande, que, sem ser abundante, já tem certo caráter seu, aproximado do caráter do homem riograndense, tão peculiar no meio da variedade localista brasileira. Tem quadros de real vigor literário, como aquêle da alucinação do matador de reses, cujo pesadelo é rubro, como verde fôra o de Fernão Dias Pais Leme. Abusa o autor da literatura, e do ornato, do belo gesto, meramente retórico. (...) Mas tem vigor de expressão e pitoresco verdadeiro, animado por um profundo amor da "querência", êsse lindo têrmo do sul que significa aproximadamente o mesmo que o "home", o que a vida nos pode enfim dar de melhor". *A. Amoroso Lima* — Estudos 1925, cap. 17. Regionalismo (27 dez. 1925) *Estudos literários*. Rio de Janeiro, 1966, v. 1. p. 1043, 1044.

1662

PIROLI, Vander — A mãe e o filho da mãe. Belo Horizonte, Imprensa publicações, 1966.

1663

PLACER, Xavier — Doze histórias curtas. Rio de Janeiro, Agir ed., 1946. 190 p.

Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, em 1947.

Segundo Álvaro Lins: "Crônicas, impressões e páginas sôltas são estas "Doze histórias curtas". E, ainda: "A característica dominante dêste autor é a sua sensibilidade. Lendo-o tem-se a impressão de alguém que está sempre com o sentimento poético em estado de vigília ante tôdas as coisas. Sendo uma autêntica natureza de artista a sua visão está sempre alerta para captar o que de material possa existir nos movimentos e episódios dos sêres humanos". *Álvaro Lins* — Romances, novelas, contos. *Jornal de crítica*. 6.ª série. Rio de Janeiro, 1951, p. 100.

1664

POGGI, Osvaldo *ver* Figueiredo, Osvaldo Poggi de

PÓLVORA, Hélio — Estranhos e assustados, contos [Capa de Eunice Duarte. Apresentação de Fausto Cunha. Rio de Janeiro] Lidador [1966] 147 p. ilust. (Col. Imago).

Contém 10 contos.

Nome completo: Hélio Pólvora de Almeida.

"Entre o primeiro livro de HP, "Os galos da aurora", e o segundo, "Estranhos e assustados", ambos de contos, mede-se um espaço de oito anos, intercalado com "A mulher na janela", crônicas. Êsse correr de tempo indica bastante segurança na experimentação do ofício que o escritor adquiriu. Pode-se apontar menor contensão na atmosfera sugerida, vinculada ao tema, de alguns contos de "Estranhos e assustados" (...) Mas não se pode ocultar a unidade de forma, contida nas dez histórias, o que lhe ausenta de qualquer gratuidade, pelo contrário, nota-se a espontaneidade em perfeita conexão com os recursos técnicos, na criação dos tipos, geralmente envolvidos numa trama psico-social, sendo a segunda facêta de maior acento. *Ciro de Matos. Leitura*, maio/jun. 1966, p. 16, 17.

1665

PÓLVORA, Hélio — Os galos da aurora, contos. Capa e ilust. de Barboza Leite. Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1958| 143 p. ilust.

Prêmio "Jornal do Comércio, em 1958.

"Seu livro de contos revela não pròpriamente um estreante, como é o seu caso, mas um escritor que se apresenta com apreciável sensibilidade dramática repassada de forte dimensão lírica. E o que é importante: apresentando, não criaturas artificiais, mas as de todos os dias.

(...) grandes possibilidades de renovação demonstradas em tôdas as páginas que integram o volume, conduzidas por fôrça obscura que apreende a vida nos quadros prosaicos do cotidiano. E isto, como não poderia deixar de ser, com visível preocupação humana, cujo calor se transmite aos bichos e às coisas". *Oliveiros Litrento. J. Let.*, jan. 1959, p. 11 (Livros recentes).

"Seus contos são lineares. Contentam-se em fixar histórias, pedaços de acontecimentos, trechos de gentes (...)

A primeira qualidade que reconheço em HP é a de que êle é bom narrador. Pega nas suas histórias com naturalidade de dono e não se perde nos desvios que os acontecimentos possam sugerir. (...)

(...) Aí temos um narrador que agrada. E que aparece com uma linguagem dotada de contensão. O que HP pode dizer em duas palavras, em duas palavras está no livro. O que pode ser narrado em quatro linhas não assume nos seus contos, a largueza material que desnecessárias digressões estariam a sugerir. Um escritor de instrumento medido, tenso muitas vêzes, é uma alegria para a literatura de qualquer país" (...) *Antônio Olinto* — Os galos da aurora. *Cadernos de crítica.* Rio de Janeiro, 1959, p. 116-118.

1666

POMBO, José Francisco da Rocha — Contos e pontos. Porto, Magalhães & Muniz, 1911. 339 p.

1.ª parte: 23 trabalhos; 2.ª parte: 19 trabalhos.

"Contos de tipo simbolista", sem repercussão alguma no ambiente literário da época". *A. Amoroso Lima* — A evolução do conto no Brasil. *In: Academia brasileira de letras — Curso de conto.* Rio de Janeiro, 1958, p. 23, 24.

1667

POMBO, José Francisco da Rocha — Visões, contos e versos. 1888.

Apud R. Acad. Let., n. 5, p. 254.

1668

POMPÉIA, Raul de Ávila — Canções sem metro. Rio de Janeiro, Typ. Aldina, 1900. 77 p.

Edição póstuma, preparada por João Andréa.

Dadas as opiniões contrárias quanto a personalidade literária de RP, será interessante nos estendermos um pouco sôbre êste vulto das nossas letras.

Afrânio Coutinho afirma: "No Brasil, a primeira grande repercussão do impressionismo é em RP. Discípulo dos Goncourt, adepto da "écriture artiste" e da prosa poética, depois de formar o espírito na doutrina do Naturalismo, recebeu a influência da estética simbolista e só encontrou plena e satisfatória expressão dentro dos cânones do Impressionismo" (*A literatura no Brasil.* Rio de Janeiro, 1959, v. 3, t. 1, p. 39).

Eugênio Gomes declara ter sido RP um dos pioneiros do naturalismo no Brasil. "Os temas que desenvolveu eram os mesmos que preocupavam os naturalistas em geral, portadores ou não de caso patológico, encontrando-se entre os mais repetidos, as mortes violentas, os casos de loucura ou de perversão sexual, os incêndios voluntários etc. (...) O idealismo artístico de Pompéia fê-lo procurar o círculo mágico do impressionismo, nevoeiro rico de pitoresco e de sugestões onde o flagrante realístico ia perder as suas arestas ou a precisão fotográfica, adquirindo contornos, imagens e colorido imprevistos" (*Visões e revisões.* Rio de Janeiro, 1958, p. 269-270).

Xavier Placer no seu "O impressionismo na ficção (*A literatura no Brasil.* Rio de Janeiro, 1959, v. 3, t. 1, p. 233) aponta RP, juntamente com Graça Aranha e Adelino Magalhães as figuras máximas da corrente impressionista entre nós, afirmando, no entretanto, ser RP "geralmente classificado entre os naturalistas pelos nossos historiadores literários. A sua colocação aí tem que ser sui generis. É que a restrita interpretação naturalística da obra dêste escritor não a explica inteiramente, ela extravasa a exclusividade de tal enquadramento (...) Naturalista, sim, nos temas; no estilo, impressionista".

Já *Carpeaux* considera RP uma "figura isolada", um "out-sider" na nossa literatura, não o filiando a grupos ou a escola alguma.

No caso específico das suas "Canções sem metro", foi estudado pormenoridadamente por *Eugênio Gomes*, que assim se expressa no seu artigo "Raul Pompéia" (v. 2, p. 109) *de "A literatura no Brasil":* "Também em jornal publicara as "Canções sem metro" (1900), constituindo-se de historietas, poemas em prosa, divagações, às quais dedicava excepcional carinho, polindo-as e repolindo-as infatigàvelmente". Mas foi no seu ensaio "Raul Pompéia, contista", publicado em *"Visões e revisões"* que *Eugênio Gomes* melhor estudou as "Canções sem metro".

"A duplicidade de sua natureza manifesta-se, aliás, no "conteur" de maneira bastante peculiar. De um lado, o naturalismo em suas fixações mais cruéis, e nesse rumo Pompéia deu frenética expansão a um sentimento trágico da vida que possuiu em grau superlativo. De outro lado, prevaleceu o artista, o "bibelotier du style", cuja criação mais característica são as "canções sem metro", à maneira de conto em miniatura ou microscópio. Não há como excluí-los de qualquer levantamento do conto no Brasil, até porque êsse trabalho de chinesice artística corresponde a uma voga literária, proveniente em grande parte de François Coppée, com o intimismo lírico ou fantasista reduzido às mínimas proporções formais, tanto em verso, como em prosa. Nesta última, com os "Contes rápides". O que já foi chamado de mística francesa do "petit" favoreceu extraordinàriamente êsse processo, cujo espécime poético mais popular tomou aqui o designativo de "cromo", com acentuada influência de Gonçalves Crespo. Só mesmo quem já percorreu as coleções de jornais da década de 1880 é que pode ter uma idéia da proliferação dessa fórmula em nosso país, principalmente depois que B. Lopes publicou um livro de versos com aquêle título.

As "Canções sem metro" eram uma réplica da prosa ao verso lírico, mas já Baudelaire tinha demonstrado que o mesmo tema podia ser transportado de um para outro indiferentemente.

Em 1881, quando estudava em São Paulo, iniciou Pompéia em "A Comédia" os "Microscópicos", contos instantâneos e brevíssimos, como o título indica, e a respeito de cujo êxito já em 1882 afirmava Capistrano: "Os contos que tem escrito deram ensejo a estudos proveitosos".

(...) Enfim, o cinzelador das "canções sem metro" não ficara isolado nessa inovação artística em nosso meio, com a particularidade de que os seus brevíssimos contos se fizeram quase sempre acompanhar de ilustrações do seu próprio punho.

(...) Em regra, o debate em tôrno do conto só tem versado sôbre o máximo de de suas dimensões, mas evidentemente a intensidade nesse gênero não pode ser obtida mediante excessiva redução, a ponto de acabar convertida em um instantâneo. E é isso o que particulariza algumas "canções sem metro", tornando-as um equivalente em prosa do cromos que B. Lopes compunha na mesma ocasião, sendo interessante por êsse aspecto a de título "Gôta de orvalho", cujo texto se divide em seis capitulos numerados à romana, embora não tenha mais de oitenta palavras ao todo, o que é positivamente muito pouco. O mesmo já não ocorre com o pequeno conto "O mal de D. Quixote", que Elói Pontes, incluiu numa coletânea de "canções sem metro", editada sem data. (...) Embora mais desenvolvida do que qualquer outro

daquela coletânea, o "Mal de D. Quixote" é obra de afogadilho, deixando a impressão antes de um esbôço. O tema é daquêles em que Machado de Assis estava mais ou menos absorvido na mesma época, mas sem alterar nunca a prodigiosa pachorra com que mostrava, em suas criações, o trabalho da insânia, por assim dizer, em câmara lenta." *Eugênio Gomes* — Raul Pompéia, contista. *Visões e revisões.* Rio de Janeiro, 1958, p. 266-269.

1669

POMPÉIA, Raul de Ávila — As canções sem metro. Rio, Ed. Casa Mandarino [1941] 109 p. (Col. Vida literaria).

Seleção de algumas, e não a totalidade.

1670

POMPÉIA, Raul de Ávila — Canções sem metro... *In*: *Ivo, Lêdo — O universo poético de Raul Pompéia.* Em apêndice "Canções sem metro" e "Textos esparsos". Rio de Janeiro, Livr. São José, 1963, p. 95-163.

1671

POMPÉIA, Raul de Ávila — Fóra de horas. *In*: *Pontes, Elói. A vida inquieta de Raul Pompéia.* Rio, Livr. José Olympio ed., 1935, p. 307-309.

Conto datado de 1888 e transcrito, na íntegra, na obra acima citada onde há transcrições fragmentadas de outros contos com observações críticas.

1672

POMPÉIA, Raul de Ávila — Textos esparsos. *In*: *Ivo, Lêdo — O universo poético de Raul Pompéia.* Em apêndice "Canções sem metro" e "Textos esparsos". Rio de Janeiro, Livr. São José, 1963, p. 165-255.

"Neste apêndice reunimos, além de "Canções sem metro", que nos parece de fundamental importância para a compreensão do universo poético de Pompéia, algumas peças que consideramos também essenciais. No conto "Tílburi de praça", Pompéia utiliza o processo do monólogo interior, tão difundido nas ficções dêste século, e decerto inabitual no seu tempo, o que lhe confere galas de precursor. (...)

Contém, os "Textos esparsos", além do conto "Tílburi de praça", vários "Poemas em prosa", algumas das primeiras versões da penúlitma peça da primeira parte das "Canções sem metro" e trechos de "Microscópicos".

1673

POMPÉIA, Raul de Ávila — Trechos escolhidos, por Temístocles Linhares. Rio de Janeiro, Livr. Agir, ed., 1957. 130, 1 p. (Nossos clássicos, 8).

Contém da obra "Microscópicos" o trecho "À tona d'água", p. 21-23 e o poema em prosa "Vítima do incolor" que é a primeira "ou uma das primeiras versões da penúltima peça da primeira parte das Canções sem metro", segundo Lêdo Ivo no seu "O universo poético de Raul Pompéia".

1674

POMPÉIA, Raul de Ávila — Trechos escolhidos, por Temístocles Linhares. 2. ed. Rio de Janeiro, Livr., Agir ed., 1960. 126 p. (Nossos clássicos, 8).

Contém da obra "Microscópicos" o trecho "À tona d'água", p. 21-23 e o poema em prosa "Vítima do incolor" que é "a primeira ou uma das primeiras versões da penúltima peça da primeira parte das "Canções sem metro", segundo Lêdo Ivo no seu "O universo poético de Raul Pompéia".

1675

PONGETTI, Henrique — Deserto verde. Rio, Flores e Mano ed., 1933. 179 p.

"(...) HP conhece o segrêdo dos bons escritores: conseguir efeitos artísticos sem recorrer a têrmos pomposos, a expressões preciosas, empregando, justamente, os vocábulos mais simples e usados do dicionário. Sabe construir a frase com elegância e nobreza, com novidade e finura. (...) Nada é excessivo, inútil ou importuno. Só há o necessário, e de tal sorte que não se pode admitir a supressão ou troca de um só vocábulo. "Deserto verde' é uma obra de cunho satírico.

Nem conto, nem novela, nem romance. Convencionou-se que as novelas e romances devem ter entrechos complicados, com tragédias de vários gêneros: homicídios, adultérios, suicídios, casamentos, roubos, etc. "Deserto verde" foge totalmente a êsse processo literário. Tem uma história, é verdade. Mas essa história é apenas um pretexto para que o estilo epigramático do autor se exercite em determinados sentidos. Essa história é o drama cerebral de um indivíduo que o talento rebelde, a cultura e a independência de opinião deslocaram do ambiente nacional (...)

(...) Completam o volume cinco contos deliciosos, escritos com a mesma originalidade de estilo e de idéia. HP fêz um belo livro (...)" *R. Magalhães Júnior* — A propósito de "Deserto verde". *B. Ariel,* set. 1933, p. 309.

1676

PONTES, Elói — Allegorias, contos. Rio de Janeiro |19-?|

Apud Elói Pontes — A vida inquieta de Raul Pompéia.

1677

POPE, Mário — Cara alegre (contos) |192-?|

Apud Mário Pope — A cidade do amor.

1678

POPE, Mário — A hora do pecado, contos. Rio de Janeiro, Selma, 1934. 131 p.

1679

POPE, Mário — A ironia dos milagres |192-?|

Apud Mário Pope — A cidade do amor.

1680

PORTÃO, Romão Gomes — Estórias da "bôca do lixo" |Pref. de Antônio Garini. São Paulo| Livr. Exposição do livro |1966| 143 p.

1681

PORTES, Hermógenes Edgar — Mulheres de todo o mundo. São Paulo, Ed. de O livro nacional, 1927. 130 p.

1682

PORTES, Hermógenes Edgar — Mulheres de todo o mundo. 2. ed. Pref. Décio Abramo. Carta-postfácio de Plinio Salgado. Letras ed. Continental |1944?| 110 p.

1683

PÔRTO, Terêncio — Pela vida (1906-1908) Lisboa, Aillaud, Alves, Bastos, 1911. 190 p.

1684

PÔRTO ALEGRE, Apolinário — Paizagens, contos. Pôrto Alegre, Biblioteca rio-grandense de J. J. da Silva, 1875. 263 p.

Publicado sob o pseudônimo de Iriema.

Nome completo: Apolinário José Gomes Pôrto Alegre.

"Nas "Paisagens" aparece pela primeira vez, sob forma viável, como fator estético, o nosso homem do campo, desdobrando-se numa série pitoresca de personagens saturdaas de romantismo, a exemplo, aliás, dos mais famosos livros da época." *João Pinto da Silva — História literária do Rio Grande do Sul.* 2. ed. Pôrto Alegre, 1930, p. 139.

"Em APA o cunho gaúcho e verídico se deveu sobretudo aos têrmos locais que colecionou. (...) A êle, o que interessava era a linguagem; e assim, esmaltava de palavras gaúchas histórias sem outro caráter autêntico. *Lúcia Miguel Pereisa — Prosa de ficção.* Rio de Janeiro, 1957, p. 35, 36.

No dizer de Augusto Meyer "(...) nas últimas páginas de "Paisagens", podemos rastrear as causas predisponentes dêsse longo movimento literário que foi o regionalismo rio-grandense, sem dúvida o mais pertinaz e de mais alta vitalidade que apareceu no Brasil. Nos contos de "Paisagens" já registrara "trezentos vocábulos e formas desconhecidas à linguagem clássica". Juntamente com diversos poemas de "Bromélias" (1874) e as "Flôres do pampa", de Múcio Teixeira (1875), marca êsse livro o início do regionalismo gaúcho. (...) Mas convém observar que, muito antes de APA, a tendência regionalista manifestava-se na incorporação de certos vocábulos do linguajar gaúcho à literatura de ficção". *Augusto Meyer — Prosa dos pagos, 1941-1959.* Rio de Janeiro, 1960, p. 149.

1685

PÔRTO ALEGRE, Aquiles — Contos e perfis, Porto Alegre, Globo, 1910. 180 p.

Nome completo: Aquiles José Gomes Pôrto Alegre.

1686

PORTUGAL, Alberto Furtado — Contos da mata mineira. Rio de Janeiro, A. B. C., 1939. 116 p.

Menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, em 1937.

1687

POSSOLO, Elora *ver* Chaoul, Elora Possolo.

POSTES, Estela — Paixão de mulata. |196-?|.

Prêmio "Júlia Lopes de Almeida", da Academia Brasileira de Letras, em 1961.
Apud Gazeta de São Paulo, 26 maio 1962, p. 16.

1688

POTIGUARA, José — Sapupema, contos amazônicos. Capa de Alves de Menezes |Rio de Janeiro, Ed. Henrique Velho, 1943| 215 p.

Contém 10 contos e um glossário.

Nome completo: José Potiguara da Frota e Silva.

"Enfeixando contos e quadros da longínqua região, êste volume é como o eco selvagem da *sapupema,* transmitindo os anseios, os apelos e as angústias de uma gente que trabalha com tenacidade, sofre com estoicismo e vive paradoxalmente pobre, em meio às imensas riquezas do setentrião brasileiro", segundo o próprio autor.

1689

POUSADA, Antônio — Contos da Bairrada. São Paulo, Livr. Teixeira, 1945. 183 p.

Nome completo: Antônio Augusto Pousada.

1690

POUSADA, Antônio — O desertor. São Paulo, Ed. Paulista, 1935. 170 p.

A novela "O desertor", seguida de contos.

1691

POUSADA, Antônio — Novelas trasmontanas. São Paulo |Graf. Cruzeiro do sul| 1942. 214 p.

1692

POUSADA, Antônio — O orphão, novella. São Paulo, Irmãos Ferraz, 1931. 113 p.

A novela "O órfão", seguida de contos.

Publicado sob o pseudônimo de Alves da Ribeirinha.

1693

POUSADA, Antônio — Presepio (contos que me contaram) São Paulo, Cultura moderna |1938| 162 p. (Série cultural. Escritores brasileiros).

Contos e novelas.

1694

POUSADA, Antônio —Rapsódia do Minho. São Paulo |Rev. dos tribunais| 1947. 180 p.

Divide-se em 5 partes: crônicas, evocações, romance, contos e novela.

1695

POUSADA, Antônio — Recordações... São Paulo, Cultura moderna |1936| 201 p. (Série cultural. Escritores brasileiros).

Contos e novelas.

1696

POUSADA, Antônio — Senhor comendador. São Paulo, Livr. Teixeira |1940| 168 p.

1697

POUSADA, Antônio — Sino quebrado (contos) São Paulo, Gráf.-ed. Unitas ltda. |1933| 149 p.

1698

PRADO, Cesário — Contos breves. Rio de Janeiro, Gráf. ed. Aurora, 1962. 152 p. ilust.

1699

PRADO, Níriam Morais Melo — Primeiros contos |Capa de Giselda Leiner. São Paulo| Martins |1964| 72 p.

1700

PRATA, Édison Gonçalves — Contos miúdos. Rio de Janeiro, Associação atlética Banco do Brasil, 1958. 72 p. (Cadernos AABB, 37).

1701

PRATA, Ranulfo — A longa estrada (contos) Rio, Ed. do Anuario do Brasil, 1925. 238 p.

"(...) "A longa estrada" é um livro de contos rudes, do sertão nortista, cujos tipos cruzam as páginas em traços sumários um pouco superficiais mas por vêzes vivos. (...) (...) O primeiro conto do livro, que dá o nome à obra, "A longa estrada", por exemplo, sem ter nada de profundo, é, no entanto, um excelente trecho de humanidade, de humanidade brasileira. (...) *A. Amoroso Lima* — Estudos 1925, cap. 17. Regionalismo (27 dez. 1925) *Estudos literários.* Rio de Janeiro, 1966, v. 1, p. 1039, 1041.

1702

PRIMO, J. Pinheiro — Bagatelas |194 ?|

Apud J. Pinheiro Primo — A tôrre de babel.

1703

PRIMO, J. Pinheiro — A torre de babel, contos. Rio, Ed. Minerva |1947| 126 p.

1704

PROENÇA, Manuel Cavalcanti — Uniforme de gala |Rio de Janeiro| Ed. Opama, 1953. 172 p.

Contém 8 contos.

"Oito contos de excelente fatura. Não é só o relato que se nos afigura vivo e palpitante; é o tom da narração, que é preciso; a exatidão do detalhe; a finura da trama psicológica; o leve tom irônico e sentimental; a autenticidade da linguagem popular. E ao lado disso, a sabedoria no dosar o pitoresco e o dramático, a capacidade para contar a história no ponto exato — um dos segredos maiores do conto." *Valdemar Cavalcanti. J. Let.*, maio 1954, p. 6 (Últimos lançamentos)

1705

Q

QUEIRÓS, Amadeu de — Os casos do Carimbamba, contos folclóricos. Rio de Janeiro, Ed. S. A. A Noite |1939| 174 p.

Contém 17 contos.

"Carimbamba" ou "Curimbamba" é o nome com que se designam, no Sul de Minas as pessoas que exercem a medicina sem proveito direto.

O carimbamba não se confunde com o curandeiro, charlatão que trata empìricamente os seus doentes com "garrafadas", ervas e purgas, e muito menos com o "curador" ou "raizeiro", que emprega apenas simpatias, mandingas e benzeduras. O carimbamba é mais ou menos instruído e exerce a profissão com sofrível conhecimento das ciências médicas; em geral dá-se o nome de carimbamba ao farmacêutico clínico. (...)

Os contos seguintes são da lavra de um carimbamba, o meu falecido amigo Modesto Maia, popular e letrado boticário que exerceu a medicina, por mais de vinte anos, em Algures. Depois de sua morte, a "Sociedade Amigos do Folclore", imcumbiu-me de publicar um volume de contos que deixara inéditos em poder da família, acrescentando-lhe vários outros dispersos pela imprensa.

Dando conta da incumbência, publico o livro, cujo título — "Os casos do Carimbamba" — adotei pelo fato de cada narrativa ser um verdadeiro "causo", como lá se diz, e ter por assunto um caso médico. Ao mesmo tempo, tive em mente registrar uma expressão corrente no Sul de Minas, onde foi vivida a vida que se retrata nesses contos" *Amadeu de Queirós — Nota,* p. 5, 6.

1706

QUEIRÓS, Amadeu de — Histórias quase simples (contos escolhidos) Seleção e pref. de Ruth Guimarães. São Paulo, Ed. Cultrix |1963| 187 p. (Contistas do Brasil, 5).

Contém a novela "Sabina" seguida de 21 contos, alguns ainda inéditos em livro e outros de "Os casos do carimbamba".

"(...) As histórias reunidas neste volume dão uma boa medida da arte literária de AQ. Arte feita de equilíbrio e de lavor formal, de um talvez excessivo respeito aos moldes tradicionais e vernaculares da linguagem e de técnica narrativa (...) *"Orelha*

"(...) Dizem que os livros e contos de AQ são amargos, mas discordo. Têm a sua realidade, por fôrça, plasmados que foram em vivência e experiência nem sempre agradáveis. Mas contém uma bela mensagem de esperança, de otimismo, de fé no homem em si e nas conquistas do espírito (...)" *Rute Guimarães — Amadeu de Queirós, o môço,* prefácio, p. 11.

1707

QUEIRÓS, Diná Silveira de — Eles herdarão a terra (e outros contos absurdos) |Capa de Canabrava| Rio de Janeiro, Ed. GRD, 1960. 191 p. (Clássicos modernos da ficção científica, 2).

Contém 5 contos.

A autora ao ser entrevistada sôbre o livro, entre outras coisas, declara: "A science fiction" é uma literatura que engana: à primeira vista não parece séria, mas apresenta mensagens extraordinárias e graves sôbre o destino humano. O livro se compõe de 5 "contos absurdos" dentre os quais os três primeiros estão enquadrados "no que poderá vir a ser o dia de amanhã (...) enquanto os outros dois exploram o campo do absurdo sobrenatural e cotidiano". *J. Let.,* dez. 1959, p. 16 (Livros novos).

1708

QUEIRÓS, Diná Silveira de — As noites do morro do encanto (contos e novelas) Rio, Ed. Civilização brasileira |1957| 229 p. (Col. Vera Cruz. Literatura brasileira, 2).

Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, em 1948.

1709

QUEIRÓS, Diná Silveira de — A sereia verde, contos. Capa de Santa Rosa Rio de Janeiro, José Olympio, 1941. 239 p.

Contém a novela "A sereia verde" seguida de 4 contos.

"(...) Os contos que formam o presente volume são as primeiras composições publicadas pela autora em revista e jornais (...) Todos os contos de "A sereia verde" pretendem situar figuras de mulheres, fixar temperamentos femininos. E nesta direção está realmente o principal talento da sra. DSQ (...) As mulheres, sobretudo as mulheres adolescentes, parecem concentrar tôda a ambição literária da sra. DSQ(...) A escritora poderá, assim, mais fàcilmente, ser fiel a si mesma, sem se colocar diretamente, pessoalmente, na sua obra. Essa capacidade — às vêzes feliz, às vêzes infeliz de se abstrair da própria obra constitui uma característica da sra. DSQ(...)" *Álvaro Lins* — Letras femininas. *Jornal de crítica.* 2. série. Rio de Janeiro, 1943, p. 186, 187.

1710

QUEIRÓS, Diná Silveira de — A sereia verde. Texto completo |Pref.: "A sereia verde" e eu — Fausto Cunha. Rio de Janeiro| Ed. de Ouro |1962| 64 p., 5 f. (Obras escolhidas. Sêlo de ouro, 1565).

"(...) É uma obra de juventude, não resta dúvida. Mas possui um calor vibrante comunica uma emoção que penetra como uma lâmina. É sobretudo um livro lúcido e inteligente bem acima dessa inteligência estilizada das Françoise Sagan de tôdas as literaturas européias. Houvesse sido escrito em francês ou inglês, não teria DSQ conseguido esconder seu livro "A sereia verde" como o fêz até hoje.

O leitor verá se estou exgaerando. Desafio-o até a interromper a leitura da novela: verá que isso é quase impossível. Há uma fôrça virgem e juvenil arrastando-nos insensìvelmente página após página, obrigando-nos a participar de um conflito silencioso, em que o elemento humano aparece vertiginosamente amadurecido. É inacreditável que um livro como "A sereia verde" tenha sido escrito por uma jovem estreante. Bastaria lembrar aqui seu irmão gêmeo na literatura universal, "A consciência de Zeno", de Italo Svevo, a mesma história de uma criatura feliz que ignora a sua própria felicidade. O contraste é que Svevo — um dos maiores romancistas europeus dêste século — chegou à sua obra-prima na maturidade, enquanto DSQ começava por uma solução paralela em plena adolescência! (Esclareça-se que só muitos anos depois Svevo seria conhecido em nosso país (...)

"A sereia verde" foi publicada pela primeira vez em dezembro de 1938 ,na "Revista do Brasil"(...) Antes dessa novela, havia DSQ publicado um conto, "Pecado", em 1937. Foi essa sua verdadeira estréia. Alguns anos depois, "Pecado" conquistava o Prêmio Latino-Americano de Contos!

Ambos estão neste livro, ao lado de "Jovita", "Nosso amor" e "O pôrto resplandecente".(...)" *Fausto Cunha — "A sereia verde" e eu,* p. 9-11.

1711

QUEIRÓS, Edmur de Sousa — Memórias de Peri. São Paulo, Editora ltda., 1928. 109 p.

1712

QUEIRÓS, Francisca da Silveira — Folhas dispersas.

Reúne, entre outros gêneros, contos, crônicas, etc.
Apud "Dicionário de autores paulistas" de Luís Correia de Melo. São Paulo, 1954, p. 504.

1713

QUEIRÓS, Galvão de — Caiva. Porto Alegre, Globo, 1933. 145 p.

Prêmio da Academia Brasileira de Letras, em 1934.

1714

QUESSAVA, Saul — Contos de Quessava. Rio de Janeiro [Canton & Reile] 1945. 227 p.

1715

QUINTANILHA, Dirceu — A ilha da angústia, com "Somos os mortos" e "Novos mundos em Vila Teresa"... [Capa de Eugênio Hirsch. Rio de Janeiro] Pongetti [1962] 235 p.

Contos e novelas.

1716

QUINTANILHA, Dirceu — Novos mundos em Vila Tereza. Capa de Percy Deane. Rio de Janeiro, 1948. 117 p. ilust.

Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, em 1949.

1717

R

RABELO, Alberto — Contos do norte, contos regionaes bahianos. Rio de Janeiro, J. Ribeiro dos Santos, 1927. 180 p.

Nome completo: Alberto Moreira Rabelo.

1718

RABELO, Alberto — Prófugos [19--?]

Apud Almáquio Diniz — A cultura literária da Bahia contemporânea. Bahia, 1911, p. 26.

1719

RABELO, Pedro — A alma alheia, contos. Rio, Casa Mont'Alverne, 1895. 202 p.

Nome completo: Pedro Carlos da Silva Rabelo.

"PR reflete, em "A alma alheia", duas influências, a de Machado de Assis e a de Coelho Neto, sobretudo a de Machado de Assis, temperada com o naturalismo de Zola. Embora, como assinalava José Veríssimo, o escritor se preocupasse mais com os "estados d'alma" do que com as cenas vividas, não lhe faltam anotações urbanas,

com a presença de algumas ruas da cidade, a do Hospício e a rua do Conde, entre outras". *Barbosa Lima Sobrinho* — O conto urbano no Brasil. *In: Academia brasileira de letras — Curso de conto.* Rio de Janeiro, 1958, p. 76.

"Em 1895, com os contos de "Alma alheia" de PR, surge em nossa literatura a primeira imitação flagrante do estilo de Machado de Assis.

(...) PR, sem condições de cultura e talento para repetir o mestre (...) impossibilitado de imitar-lhe as qualidades, reproduziu-lhe de preferência os defeitos. E daí, nos contos de "Alma alheia", o tom de hesitação, o esforço do humor, a incidência da frase curta, que Machado valorizou com seu gênio e a sua nota pessoal e que o discípulo, no esfôrço do pasticho,, apenas conseguiu arremedar.

Mas PR, com êsse seu livro, marca a confluência de duas correntes e de dois estilos no conto brasileiro. Porquanto, se em alguns contos êle se revela o imitador de Machado de Assis, em outros tenta reproduzir, laborando em equívoco ainda mais impressionante, a forma literária de feitio barroco com que despontava Coelho Neto, com suas narrativas simbolistas e seus contos regionais. *Josué Montelo* — O conto brasileiro de Machado de Assis a Monteiro Lobato. *In: Academia brasileira de letras — Curso de conto.* Rio de Janeiro, 1958, p. 142.

1720

RAINHO, Cleonice — O chalé verde, contos. Capa e ilust. de J. Guimarães Vieira (Guima) Introd. de Edmundo Lys. Rio de Janeiro, Pongetti, 1964. 161 p. ilust.

1721

RAITANI NETO, Felício — Conversa de passarinho, contos. Curitiba, Ed. Litero-tecnica, [1944].51 p. ilust.

1722

RAMALHETE, Clóvis — O anjo torto, contos |Capa de Percy Deane. São Paulo| Martins [1966] 169 p., 1 f.

Contém 12 contos.

"Com dois traços, CR levanta um cenário, um ambiente, ou põe uma pessoa tôda inteira a viver nestas páginas. E então, não se tem como largar a história que estiver contando. Em geral, elas movem pobres-diabos pelas ruas do Rio de Janeiro. Trata-se de um dos raros ficcionistas de costumes e tipos, da vida carioca.(...)

"O anjo torto" é título, e contém a atmosfera de todo o livro. Refere-se àquêle mesmo Anjo Torto que Carlos Drumond de Andrade, num poema, assegura ter estado sôbre seu berç,o e que lhe marcou o destino. Sob o signo pérfido e lírico dêste "Anjo Torto", CR reune um punhado de histórias que agarram o leitor. Elas são enriquecidas da imaginação que a vida tem.(...) *Orelha.*

"(...) A técnica verbal, sem deixar de ser muito pessoal, resulta em linguagem com raízes na antiga sintaxe pura, a limpdiez de expressão possibilitam a inclusão do nome de CR entre os dos melhores ficcionistas brasileiros contemporâneos.

A prosa de CR é a de um intelectual lúcido em sua análise psicológica das figuras que vivem nos contos, nos quais o enrêdo funciona como um tecido das vivências dos personagens, trazidos da redação de jornais, do ambiente caseiro de pequenos burgueses, de delegacias policiais, de prostíbulos e da rua.

Afastando-se do esquema tradicional do conto, CR dá às suas narrativas o cunho de realidade literária aposta à realidade quotidiana das criaturas que passam pela existência sem a notoriedade ou a impertinência dos que insistem em serem alguém. Sem dúvida, a temática não é nova mas está tratada por CR com invulgar senso das exigências da forma e da linguagem adequadas à ficção moderna." *Raul Xavier. J. Let.*, agô. 1967, p. 2 (Vida dos livros).

"(...) Uma dúzia de contos; doze histórias de ternura sofrida, de pequenas tragédias — meu Deus, chegarão a ser tragédias? a palavra é enfática demais para autor de tanto equilíbrio; digamos, para amaciar, *pequenas* tragédias, *suaves* tragédias, tragédias *de pobre*. Nascidas à sombra de um pessimismo que não se arvora em deliberado ou filosófico, antes conseqüência direta da vida, porque a vida é isso mesmo. Casos que começam em tempo de vida e acabam em tempo de morte, — e é essa marca de todo ser criado — começar na vida, acabar na morte. E entre a vida e a morte, a esperança, o atrevimento, as lágrimas, as desesperanças, o desengano final. (...)

É instrumento de grande categoria na mão de executante de alta qualidade, capaz de nos dar obras do valor dêsse "Anjo Torto", — padrinho de enjeitados, contador de pequenos casos tristes, professor de desencantos, a ensinar à gente que a vida funciona mesmo por acaso — mas um acaso meio perverso, que infàlivelmente prefere doer a alegrar." *Raquel de Queirós. Jornal,* 10 set. 1967. *D. S. Paulo,* 12 set. 1967.

1723

RAMOS, Carlos — Por causa de uma mulher, contos. Rio, Ed. Alba |1934?| 170 p.

1724

RAMOS, Cornélio — Amor em quarto crescente. Capa de Alice Dulliens Santos. Catalão (Goiás) Rubro Negra ed., 1967. 148 p.

"As histórias trazem paisagens e costumes do sertão" *Maura de Sena Pereira. Gaz. Not.,* 5 nov. 1967 (Nós e o mundo)

1725

RAMOS, Graciliano — Antologia. Seleção e pref. de João Alves das Seves. Coimbra, Atlântida, 1963. 210 p., 3 f. (Antologia do conto moderno).

1726

RAMOS Graciliano — Dois dedos. Ilust. em madeira de Axel de Leskoschek. Rio de Janeiro, R. A. ed., 1945. 127 p.

1727

RAMOS, Graciliano — Histórias agrestes (contos escolhidos)... Seleção e pref. de Ricardo Ramos. São Paulo, Ed. Cultrix |1960| 201 p. (Contistas do Brasil, 1).

Contém os livros "Insônia", "Vidas sêcas", "Histórias de Alexandre", "Infância", "Memórias do cárcere".

"Nem tudo o que se acha neste livro são contos, se olharmos o gênero com o rigor de algumas conceituações. Mas serão histórias, cenas, flagrantes, a nos darem tipos, dramas, a visão de um autor aparentemente pessimista, pois sempre tomou o homem diante de fatôres de ordem diversa, que o limitam, coibem, ameaçam negá-lo". *Ricardo Ramos — Prefácio.*

1728

RAMOS, Graciliano — Histórias agrestes. Seleção e pref. de Ricardo Ramos. Ilust. de Quirino Campofiorito |Rio de Janeiro, Ed. de Ouro, 1966| 207 p. ilust. (Livros de bôlso. Ed. de Ouro. Clássicos brasileiros, 1455).

Ver nota referência anterior.

1729

RAMOS, Graciliano — Histórias incompletas. Porto Alegre, Globo |1946| 145 p. (Col. Tucano, 18).

Segundo Antônio Cândido no prefácio de "Caetés", os contos de "Histórias incompletas" "mais tarde, reorganizados, com supressões dos fragmentos de livro e acréscimos, constituiram o volume "Insônia".

"Enquanto a maior parte dos escritores do grupo nordestino de 32 resumiu-se a reproduzir, em caráter documentário, os conflitos econômicos e sociais da região, GR preferiu apreciar êstes últimos através dos desequilíbrios produzidos no espírito dos seus heróis.

Porque se trata de um escritor de tendência psicológica, atraído pelos mistérios da alma humana, mas, que não admite tais mistérios senão condicionados pelos fatôres materiais que determinam a existência do próprio homem. Daí a diferença entre GR e os escritores da outra corrente introspectiva, hoje em voga entre nós, enquanto êstes visionam a alma humana, como uma entidade absoluta, desligada de compromissos com a realidade social, o autor de "Angústia" considera-a diretamente submetida a essa realidade.

Sua obra de hoje "Histórias incompletas", reúne amostras do que há de melhor e mais característico nesse escritor. Os que ainda não o conhecem suficientemente,, lendo tal livro ficarão tendo uma idéia geral dos processos e da maneira do espírito do autor (...)" *Brito Broca. Let. e Artes,* 6 out. 1946, p. 14 (Livos em revista).

1730

RAMOS, Graciliano — Insônia, contos. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro, José Olympio, 1947. 188 p. (Obras de Graciliano Ramos, 5).

Contém 13 contos.

(...) Rigorosamente não são contos as peças do volume "Insônia" e "O relógio do hospital" são dois monólogos magníficos, mas como classificá-los na categoria de contos? Do mesmo gênero é o capítulo "Paulo" (...) Êstes três capítulos, aliás, são variações sôbre um mesmo tema (...) Ao meu ver, os capítulos de mais significação e valor literário são "Dois dedos" e "Minsk", sendo também aquêles que mais se aproximam do que há de particular e específico no conto" *Álvaro Lins* — Visão geral de um ficcionista. *Jornal de crítica.* 6. série. Rio de Janeiro, José Olympio ed., 1951, p. 68.

1731

RAMOS, Graciliano — Insônia, contos. Capa de Santa Rosa. 2. ed. rev. Rio, J. Olympio, 1952. 186 p.

1732

RAMOS, Graciliano — Insônia, contos. |Capa de Santa Rosa| 3. ed. Rio de Janeiro, Livr. José Olympio ed. |1953| 167 p.

1733

RAMOS, Graciliano — Insônia, contos. |Capa de Santa Rosa| 4. ed. Rio de Janeiro, Livr. José Olympio ed. 1955. 167 p.

1734

RAMOS, Graciliano — Insônia. |Capa de Clóvis Graciano. 5. ed. São Paulo| Martins ed. [1961] 179 p., 1 f.

1735

RAMOS, Graciliano — Insônia. Lisboa, 1963.

1736

RAMOS, Graciliano — Insônia |Capa de Clóvis Graciano. 6. ed. São Paulo| Livr. Martins ed. [1965] 179 p.

1737

RAMOS, Graciliano — 7 histórias verdadeiras |Rio de Janeiro| Ed. Vitória [1951] 73 p. ilust.

1738

RAMOS, Hugo de Carvalho — Trechos escolhidos, por Afonso Félix de Sousa. Rio de Janeiro, Livr. Agir ed., 1959. 101 p., 1 f. (Nossos clássicos, 33).

Contém: Contos: "Mágoa de vaqueiro", "Nostalgias" (trecho de carta), "À beira do pouso", "Ninho de periquitos". Trechos avulsos: "Gente da gleba" (fragmento I-V), Carta dum romântico" (fragmento), "Dias de chuva", "O interior goiano".

1739

RAMOS, Hugo de Carvalho — Tropas e boiadas. Rio de Janeiro, Rev. dos tribunaes, 1917. 194 p.

1. edição.

Contém 9 contos.

"HCR é autor de um só livro "Tropas e boiadas" (...) Mesmo assim, com o seu único livro, chegou a ser um dos maiores escritores regionais do Brasil (...) Seu estilo é denso e colorido, vigoroso e rico, sem derramamentos excessivos (...) É curioso, por exemplo, vê-lo às voltas com expressões hoje arcaicas e jamais assimiladas pelo brasileiro, em descrições puramente regionais. Não conseguiu de todo se libertar da quela carga livresca, a fim de adquirir um instrumento de expressão mais dócil e pessoal. De qualquer maneira, todavia, sua sinceridade e seu vigor obscurecem êsses defeitos, que já foram virtudes em outros. (...)

O grande paisagista de "Tropas e boiadas", embora sofresse alguns prejuízos no seu estilo, foi salvo pelo talento e pela honestidade literária. Suas pinceladas sôbre o ambiente rural de Goiás são admiráveis pelo poder de sugestão, o colorido, a autenticidade das cenas, condicionadas, é óbvio, ao seu lirismo panteista. Também os tipos que fixou são bem vivos, inesquecíveis. A sua observação é ágil e servida por uma imensa ternura pelas coisas humildes e grandiosas de sua terra, não escapava nenhum pormenor dos costumes daquela gente simples com quem Hugo conviveu profundamente (...)

No conto mais longo de "Tropas e boiadas", quase uma novela — "Gente da gleba" — o autor consegue uma densidade magistral, e a parte em que descreve a queimada é verdadeiramente empolgante". *José Décio Filho* — Um escritor regionalista. *Leitura*, maio 1948, p. 37, 38.

"(...) "Pelo caipó velho" é uma narrativa que em nada fica a dever às restantes do volume, denunciando, como quase tôdas, uma origem folclórica. Das histórias que ouvia pelo sertão, retirava, certamente CR o enrêdo da maioria dos seus contos, nos quais distinguimos sempre traços de lendas e tradições da terra. (...)

(...) A influência de Coelho Neto em CR sempre me pareceu evidente. Com uma diferença: Coelho Neto não possuia a experiência do sertão; idealizava-o como um visionário, não lhe imprimindo nenhum caráter regionalista, embora a crítica tenha insistido em atribuir-lhe êsse propósito; CR, conhecendo a fundo o sertão, apesar do lirismo com que lhe sentia as paisagens e os sêres, conservava-lhe a côr local, a nota regional e típica. Como em Coelho Neto, há no escritor goiano, um romântico, mas

um romântico que descreve o que viu e viveu e não o que imagina. (...)" *Brito Broca* — H. Carvalho Ramos e o mal romântico, a propósito das "Obras completas" do escritor goiano. *Let. e Artes,* 7 dez. 1952, p. 3.

"(...) De feitio retraido, fugindo ao convívio da camaradagem medíocre, o clássico de "Alma das aves" era aos dezesseis anos prêsa fácil para a literatura fantástica, na qual se exarcebava a imaginação e febricitava o criador. Dessa época de cinismo livresco são as leituras de Azevedo, Nobre, Hoffmann (de quem traduzira um conto, "O velho Torbern") e, não declarada, mas evidente, a de Poe e quanto "cavaleiros do Ideal" luziam nas letras metropolitanas. Ressalte-se, entretanto, que a deformada visão da realidade, decorrente de tais leituras, era um fenômeno antes intelectual que de sensibilidade: de olhos abertos para a natureza agreste em que sempre vivera, trocando amiúde as fantasmagorias literárias por incursões sertanejas, recolhia CR os germes das futuras histórias de vaqueiros e tropeiros. Já os primeiros esboços revelavam curiosa transplantação do hoffmanniano para o regional; em meio à exaltação da fantasia, ao rebuscado do vocabulário, surgiam as apreensões reais, as tintas descritivas, as referências a tipos humanos, etc.

É digno de atenção o fato de que, por essa época, se dividisse o môço estudante entre a moda literária, caracterizada pelas exagerações decadentistas, e o chamamento da realidade: oscilando entre o fantástico e o natural, entre o intelectualismo de um léxico inovado ou arcaizante e o sensualismo das denotações paisagísticas, deixava pressentir a repercussão de que em sua alma sertaneja causara a recente leitura de "Os sertões".

Essa qualidade literária melhor se exemplifica em "O vaqueiro" e "Nênia de noivado", publicados n'A Semana em novembro de 1911. Escrito o segundo, conforme data (...) no mesmo dia em que se divulgara o primeiro (...), discrepam ambos, estilisticamente como se de diferentes autores. (...)

Noutras peças retomaria o autor o assunto regional — "A cruz de pedra", "Mula-sem--cabeça", — mas como pura transferência, para o meio rural, de motivos viciados da literatura decadentista. Era, no fundo, a utilização, sob outro aspecto, dos casos de assombramento — utilização que, de resto, a alma supersticiosa da gente sertaneja favorecia. O próprio vocabulário traía a origem da inspiração (...)

Em carta de 1-1-1912 à irmã (...) "... porque eu pretendo escrever alguma coisa dessa vida do interior, tenho em incubação um vasto e soberbo plano, para a ampliação do qual vou acumulando as mais insignificantes anotações, as variantes mínimas de fatos e aspectos comuns".

A confissão propõe, a quem lhe conhece a feição decadentista, um problema de psicologia literária que duraria por vários anos: a dualidade criadora de CR. Ao mesmo tempo que escrevia tais palavras, lutava êle contra os demônios hoffmannianos, compondo historietas macabras cuja culminância seria "Costumes burgueses", publicada poucos dias depois daquela carta.

Essa dualidade explicava-se pelo conflito entre sua organização mórbida, a que deleitava o clima do fantástico, e as raízes sertanejas que o prendiam ao chão de matas e campinas em que sempre respirara. O macabro era a fuga, a embriaguez noturna em que se refazia a alma enfermiça; o interêsse pelas coisas em tôrno, entretanto, era um ato de consciência, uma identificação com o meio que desde o berço fôra o seu: a vastidão da terra, a violência do trato, a virgindade dos costumes.

É portanto sob a consideração dêsses dois fatôres — a morbidez e a consciência da realidade — que devemos olhar a obra de CR. (...)

(...) Considerando-se que qualquer edição definitiva de "Tropas e boiadas" deve compreender quinze trabalhos, é mínima a ocorrência de apenas três passagens macabras, e ainda assim tratadas com vista ao visível e não ao aterrorizante. (...) *Darci Damasceno* — Hugo de Carvalho Ramos: a iniciação literária — a gênese de "Tropas e boiadas". *J. Let.,* jun./jul. 1964, p. 5.

"(...) Livro célebre por muito merecimento e justiça. Porque, nas suas páginas, a paisagem é bela, os personagens vivem, e o autor nos aprisiona e nos conduz a aprender com êle a existência e o sentimento dos homens do sertão.

Aqui estaria terminado o julgamento do livro se não fôsse o gôsto da convivência, aprendendo pormenores, atando pontas sôltas, redescobrindo árvores, animais e tipos humanos, até mesmo a melancolia das taperas enfeitadas de melão-de-são-caetano, o paladar amargo dos palmitos de guariroba, a visão das queimadas "alastrando-se pelos "gerais" dos tabuleiros e chapadões". Que tudo é verdade, que tudo é certo, que tudo é fiel e artístico na prosa eloqüente de HCR.

Mas, se pode documentar estudos de linguagem e de tipos da região Centro-Oeste, o realismo do livro se toca daquela mestria que identifica o artista, capaz de recriar uma realidade verossímil, reconhecível, perfeita, mas estilizada, recomposta por um critério seletivo de beleza que a torna retrato e não fotografia.

O domínio do vocabulário regional permite ao escritor utilizá-lo como elemento de ritmo e de sonoridade, conseguindo efeitos imprevistos (...)

(...) é fácil de ver que o estudo da expressão regional é a trilha que nos levará à compreensão da obra literária dêsse escritor goiano. E o que se deve assinalar primeiro, porque mais importante é a estilização de giros sintáticos e do vocabulário regional, dando a palavra estilizar o conceito de aproveitamento estético do material colhido na linguagem sertaneja. Segundo êsse conceito, HCR se nos apresenta como realista, quando reproduz pormenores da vivência humana e como regionalista quando transpõe essa busca de fidelidade literária para o ambiente rural, com sua especificidade de fácies natural e de procedimentos sociais.

Como regionalista HCR pertence ao grupo a que poderíamos chamar documentarista, de vez que sua obra artística transborda de pura função estética, para o aproveitamento pragmático do material sociológico e até geográfico, presente nas descrições de paisagens e ambientes.

A topografia condiciona a freqüência com que homens e bichos surgem imprevistamente, ou num instante desaparecem, no horizonte restrito pelas ondulações do terreno ou pela cobertura vegetal. As planícies em que o arvoredo se adensa ou rarefaz, consoante se aproxima ou se afasta da umidade, rios ou depressões alagadiças, conferem um traço de visualidade às descrições dêste Autor (...)

Na paisagem que se repete, o aparecer e desaparecer da gente ou de bichos é pôsto em evidência por todo o livro. (...)

Se a paisagem é pintada com fidelidade, a botânica de HCR é específica, tanto quanto a minudeia o sertanejo, pelo critério da utilidade. De um lado, os vegetais de que se pode aproveitar o caboclo, em assunto de fôlhas, madeira, casca e fruto; do outro, a grei inumerável dos "pau-à-toa", cuja utilidade até agora não se deu a conhecer. (...)

A amplitude do ritmo, traduzida na extensão dos segmentos fraseológicos, pode ser reconhecida a cada parágrafo, não, sendo nosso propósito realizar trabalho estatístico, mas apenas assinalar êsse traço do estilo. Mais interessante será o registro de certas anomalias aparentes, traduzindo um fluxo intenso de inspiração, obrigando a mão a atrasar-se no registro da idéia, com saltos que são da oratória e, também, dos primitivos. Do mesmo modo que da poesia. (...)" *M. Cavalcanti Proença* — Introdução. *In: Ramos, Hugo de Carvalho — Tropas e boiadas.* 5. ed. Rio de Janeiro, 1965, p. xxvii-xxix, xxxii, xxxiii, xxxv.

1740

RAMOS, Hugo de Carvalho — Tropas e boiadas [Pref.: Gomes Leite. Dados biographicos: Victor de Carvalho Ramos] 2. ed. São Paulo, Monteiro Lobato & c. ed., 1922. 276 p., 2 f. retr.

Contém 12 contos.

1741

RAMOS, Hugo de Carvalho — Tropas e boiadas |Recordação de Hugo de Carvalho Ramos: Silvio Julio| 3. ed. São Paulo, L. E. R. |Livr. Record, Barros, Toledo & c., ltda.| 1938. 256 p. retr.

Contém 13 contos.

1742

RAMOS, Hugo de Carvalho — Tropas e boiadas |Introd. de Tasso da Silveira. A propósito da 4. ed. Pref. da 2. ed., de Gomes Leite. Pref. da 3. ed., de Silvio Júlio. Dados biográficos: Victor de Carvalho Ramos| 4. ed. São Paulo, Companhia editôra Panorama, 1950. xxvii, 130 p., 1 f. ilust. (Obras completas de Hugo de Carvalho Ramos. 1).

Contém 14 contos.

Ao fim do volume, transcrições de juízos críticos de diversos autores.

1743

RAMOS, Hugo de Carvalho — Tropas e boiadas |Nota biográfica por Victor de Carvalho Ramos. Introd. de M. Cavalcanti Proença. Capa de Luís Jardim. 5. ed.| Rio de Janeiro, Livr. José Olympio ed., 1965. lxx, 154 p. ilust., retr. (Col. Sagarana, 16).

Contém 15 contos.

1744

RAMOS, Ricardo — Os desertos, contos. Ilust. e capa de Percy Deane |São Paulo| Ed. Melhoramentos [1961] 168 p. (Col. Panorama da literatura brasileira).

Prêmio "O jabuti", da Câmara Brasileira do Livro", em 1961.

Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, em 1963, juntamente com Santos Morais, com "O caçador de borboletas".

Contém 15 histórias: 5 contos novos, além de outros do autor selecionados dos seus livros anteriores: "Tempo de espera" (5 contos), "Terno de Reis" (5 contos).
"Confessa o autor que fêz a seleção "um pouco por inclinação pessoal, de indicações da crítica, de referências apanhadas ao acaso" e reconhece que poderia haver critério melhor (...)

Os dois primeiros livros de RR, de 1954 e 1957, respectivamente, revelaram e confirmaram as qualidades de um contista rico de substância e expressão na tônica do sofrimento humano e, nessa expressão, um escritor que utiliza a língua portuguêsa dentro de um equilíbrio não só admirável como com um profundo sentido de economia verbal. Aliás essa propriedade de linguagem, de prosa descarnada, para usar a apropriada e feliz expressão de Temístocles Linhares, continua e se mantém sòbriamente em "Os Desertos". *Leonardo Arroio. Leitura,* mar. 1962, p. 17.

1745

RAMOS, Ricardo — Dois contos de festas |Ilust. e lay-out de Rodrigo Frank| São Paulo, Ed. multi-propaganda, 1962.

Edição conjunta dos contos "Terno de Reis" de RR e "O Presepe" de Jorge Medauar.

1746

RAMOS, Ricardo — Rua desfeita, contos |Capa de Percy Deane. Rio de Janeiro| José Álvaro ed., 1963 127 p. (Col. O velho Lessa, I).

Contém 13 contos.

Prêmio da Academia Brasileira de Letras, em 1962.

Menção honrosa do Prêmio de contos "Governador do Estado", de São Paulo.

"Rua desfeita" se compõe de contos de vários tipos, desde o só diálogo, a narrativa pura até o conto psicológico, a análise vertical do ser humano." *Fernando Py. Leitura*, fev./mar. 1964, p. 21, 22.

"São instantes da vida colhidos de passagem, retratos de coisas e pessoas tomados num momento decisivo e importante de sua existência. Antes de ser um narrador, RR talvez seja um observador; um estudioso profundo e apaixonado de problemas humanos e sociais; como escritor, o que mais parece interessá-lo é a participação imediata da natureza nos acontecimentos humanos, a relação entre ela e o homem. Emprega um estilo quebrado em frases isoladas que dá maior relêvo ao pensamento mas que o limita num certo sentido, restringindo a relação com os outros pensamentos. É uma maneira de escrever freqüentemente precipitada, nervosa, como de quem, querendo encontrar (e dizer) muitas coisas vai à procura de uma só. Estas palavras de Cesare Pavese, que na verdade resumem esta condição, estão escritas no início da série de treze contos de Ramos, como um programa.

Evidentemente, o autor procura nas lembranças pessoais nas experiências vividas fora e dentro de si próprio, o que todos os escritores procuram; uma comunicação com a humanidade, o estabelecimento de uma relação de simpatia. Daí o costume de deter-se nas coisas pequenas, que parecem destinadas a passar despercebidas e que, ao contrário, deixam uma marca permanente, criam um laço entre a criatura inteligente, o seu mundo interior, e o que está fora dela. (...)" *Bruna Becherucci. Est. S. Paulo*, 24 jan. 1964.

1747

RAMOS, Ricardo — Tempo de espera, contos. Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1954. 191 p.

"Estreando com um livro de contos, RR escolheu talvez o mais difícil dentre os gêneros em ficção e, neste, preferiu a temática do cotidiano. O risco que corria, entre o gênero e a temática, era enorme. Não jogaria o material que, pela sugestão excêntrica ou a aventura incomum, pudesse engendrar com facilidade aquêle interêsse tão indispensável à leitura. Reproduziria, como ficcionista, o plano da vida em seu aspecto diário, simplório, humilde. Não se aproveitaria, em conseqüência, da trama. Escrevendo contos sem história — a não ser quando a história coincide com a vida de todos os dias —, compensava-a com a observação psicológica, a caracterização dos tipos, a rigor na linguagem. Dir-se-á que o estreante, como escritor, se submetia a uma prova. E, se foi capaz de realizar o conto em tôda a complexidade literária sôbre terreno tão árido, dúvida não subsiste que, com o seu livro, RR se afirma um escritor autêntico.(...)

(...) O eixo básico é invariàvelmente psicológico. A repercussão social resulta dêsse núcleo humano, íntimo, que leva ao extremo das conseqüências. Essencialmente, o drama social — que subsiste em "Tempo de espera" — é tão sòmente um prolongamento do drama humano. Em confronto com o sociologismo que dominou o anterior período literário brasileiro, o avanço que RR empreende é extraordinário. Reconhece a princípio um caráter e, neste, o sentimento individual. Ambos, pai e filho, são duas personalidades cultural e psicològicamente distintas. O sociologismo evolui para a psicologia social. E quando neste círculo se movimenta em relação à personagem mostra superioridade sôbre o sociologismo porque, sem eliminá-lo, completa-o ao permitir que se levantem condições humanas insuperáveis como a própria existência e a destinação. (...)" *Adonias Filho* — Um livro de contos. *J. Let.*, fev. 1955, p. 6 (Vida dos livros).

1748

RAMOS, Ricardo — Terno de reis, contos [Capa e ilust. de Darel] Rio de Janeiro, José Olympio, 1957. 273 p. ilust.

Contém 12 contos e a novela "Agreste".

"Terno de Reis" (...) confirma a impressão que tivemos ao primeiro contato com obra dêsse autor, quando da leitura de "Tempo de espera", seu volume de estréia, lançado há três anos: estamos em face de um escritor que "conta" as "almas" de suas personagens — êsse elemento humano de interêsse permanente em tôda história válida —, mais pròpriamente do que "casos" que se imponham por si, como intriga original. (...) Ainda mesmo que as histórias se alonguem e que as tramas se compliquem, o essencial do que nos dá o ficcionista de "Terno de Reis" é a sentida humanidade de suas criaturas, nenhuma delas excepcional ou deveras complexa, mas até por isso mesmo mais próximas de nós, mais accessíveis e merecedoras de nossa camaradagem.

(...) Suas preferências estão claras: o mundo de seus contos e o das vidas reais dos homens simples; todos os dramas projetados nesse mundo sem vidrilhos são dramas quotidianos que não agem sôbre nós por nenhum cunho teatral, grandioso ou exorbitante, mas pelo que têm de mediano, e, portanto, de comum. Para narrar-nos, da vida de seus heróis os momentos porque haveremos de saber daqueles seus pequenos dramas, de tão grande relevância para êles, dispõe RR de um estilo sem superfetações, valorizado volta e meia pela espontânea intercorrência de expressões regionais coloridas e fortes, que lhe provêm do berço. Além disto, enriquece seus temas tôda uma gama de reminiscências do distante Nordeste, tão rico de costumes e de sinais de povo, que o autor, de menino, guardou na lembrança (...) "*Miécio Táti* — Terno de reis. *Estudos e notas críticas.* Rio de Janeiro, 1958, p. 239-241.

1749

RANGEL, Alberto — Inferno verde (scenas e scenarios do Amazonas). Com um pref. de Euclydes da Cunha e desenhos por Arthur Lucas. Genova,S.A.I. clichés celluloide Bacigalupi, 1908. 343 p. ilust.

Contém 11 contos.

Nome completo: Alberto do Rêgo Rangel.

"(...) O "Inferno verde", a começar pelo título, devia ser o que é: surpreendente, original, extravagante: feito para despertar a estranheza, o desquerer, e o antagonismo instintivo da crítica corrente, da crítica sem rebarbas, sem arestas rijas, lisa e acepilhada de ousadias, a traduzir, no conceito vulgar da arte, os efeitos superiores da cultura humana.

Porque é um livro bárbaro. Bárbaro, conforme o velho sentido clássico: estranho. Por isto mesmo, todo construído de verdades, figura-se um acervo de fantasias. Vibra-lhe em cada fôlha um doloroso realismo, e parece engenhado por uma idealização afogueadíssima. AR tem a aparência perfeita de um poeta, exuberante de mais para a disciplina do metro, ou da rima, e é um engenheiro adito aos processos técnicos mais frios e calculados. A realidade surpreendedora entrou-lhe pelos olhos através da objetiva de um teodolito. Armaram-se-lhe os cenários fantásticos nas rêdes das trianguladas. O sonhador norteou a sua marcha, balizando-a, pelos rumos de uma bússola. Conchavam-se-lhe os mais empolgantes lances e os azimutes corregidos. E os seus poemas bravios escreveram-se nas derradeiras páginas das cadernetas dos levantamentos.

Inverteu, sem o querer, os cânones vulgaríssimos da arte. É um temperamento visto através de uma riqueza nova. Não a alterou. Copiou-a, decalcando-a. Daí as surprêsas que despertará. O crítico das cidades, que não compreender êste livro, será o seu melhor crítico. Porque o que aí é fantástico e incompreensível, não é o autor, é a Amazônia... (...)

Ora, entre as magias daqueles cenários vivos, há um ator agonizante, o homem. O livro é, todo êle, êste contraste.

Assim, o assunto se engravesce. A atitude do escritor delineia-se, forçadamente em singularíssimo destaque. O seu aspecto anômalo, de fantasista, acentua-se, no ajustar-se linha por linha, às aparências terríveis da verdade.

Mas exculpemô-lo, aplaudindo-o. AR, agarrou, um belo lance nervoso, o período crítico e fugitivo de uma situação, que nunca mais se reproduzirá na história. Esta felicidade, compensa-lhe o rebarbativo dos assuntos. (...)

Para os novos quadros e os novos dramas, que se nos antolham, um novo estilo, embora o não reputemos impecável nas suas inevitáveis ousadias.

É o que denuncia êste livro.

Além disto, enobrece-o uma esplêndida sinceridade.

É uma grande voz, pairando, comovida e vingadora, sôbre o inferno florido dos seringais, que as matas opulentas engrinaldam e traiçoeiramente matizam das côres ilusórias da esperança..." *Euclides da Cunha — Preâmbulo,* p. vi, vii, xi, xii, xxii.

"(...) o livro é impuro, como gênero literário e o autor a espaços interrompe a efabulação para desenvolver a lição contida no entrecho. Quase sempre, em tais casos, procura extrair um símbolo de qualquer acidente ou episódio da narrativa: o tremedal do Tapará, "digno de um capítulo de Michelet", merece um hino e uma análise, pois simboliza o renôvo constante da vida, recomposta em novas formas apesar do constante aniquilamento; a "terra caída", observa o autor, "bem pode ser a definição do Amazonas... nesse jôgo de erosões e aterros": o conceito do pobre Catolé servirá de epígrafe ao futuro historiador; a índia velha, "A decana dos Muras", representa o drama das raças condenadas; o apuizeiro é a imagem do potentado implacável na sua ambição de domínio; em vez de se contentar com a eloqüência crua do suplício de Maibi amarrada numa seringueira, com tijelas embutidas na carne, acrescenta: "Tinha êsse espetáculo de flagício inédito a grandeza emocional e harmoniosa de imenso símbolo pagão, com a aparência de holocausto cruento oferecido a uma divindade babilônica... É que, imolada na árvore, essa mulher representava a terra..." (...)

Tudo isto — símbolo sôbre símbolo — à primeira vista faz pensar que êle está honrando também as suas origens simbolistas, pois colaborara no "Cenáculo", como já observou Lúcia Miguel Pereira; mas na verdade, atesta o que há fortemente estruturado e intencional na obra de AR, uma das poucas demonstrações de vontade tensa e disciplina rígida em nossa literatura de frutos verdes, arrancados com galho e fôlha, para matar a fome. Naquêles momentos, o que prevalece não é o símbolo pelo gôsto do símbolo, de acôrdo com o genuíno simbolismo, porém o símbolo que serve de refôrço e dá mais ênfase à realidade nua e crua, um modo de sublinhar a sua crítica social.

(...) Em AR há também momentos das mais alta poesia, ao caminharmos ao encontro do "estilo difícil" com certo espírito lúcido de aceitação e compreensão: aceitação de um ritmo para a compreensão de uma variedade nova de temperamento e estilo. *Augusto Meyer* — A família dos "farfalhantes". *Prêto & branco.* São Paulo, 1956, p. 198-201.

"(...) A obra se compõe de onze narrativas que se apóiam em um fator comum: são anotações do diário de viagem de um engenheiro à região amazônica que, trabalhadas pela imaginação, se transformaram em contos. O título e subtítulo da obra — "Cenas e cenários do Amazonas" — nos colocam no âmago do seu motivo central: fixar cenas e cenários que justifiquem o epíteto aplicado à região, o que envolve, desde logo, a preocupação de qualificar sensações, atitude característica do turista ocupado em sentir as coisas ràpidamente e rotulá-las a partir da primeira impressão. O tratamento da natureza como "inferno" envolve um julgamento pessimista e exaltado que constitui preparação para o clima de tragédia que percorre tôdas as narrativas. Os contos são a comprovação estática e pacífica dêsse julgamento do meio, o que lhes confere certa unidade linear que nos permite considerá-lo como encenação de um mesmo drama: o desafio da região amazônica ao engenheiro humano, formando o célebre binômio dramático homem-natureza.

Ao analisarmos as narrativas que compõem "Inferno verde", vemos que a recriação da natureza obedece a uma escala ascendente que vai desde a simples visão dos detalhes exóticos da paisagem até a captação do seu sentido mais íntimo. (...)" *Lucrécia D'Alessio. Est. S. Paulo,* 10 dez. 1966, p. 4, supl. lit. (Literatura brasileira).

1750

RANGEL, Alberto — Inferno verde (scenas e scenarios do Amazonas). Com um pref. de Euclydes da Cunha. 2. ed. rev. ... Famalicão, Typ. Minerva, 1914. xxii, 289 p.

1751

RANGEL, Alberto — Inferno verde (scenas e scenarios do Amazonas). Com um pref. de Euclydes da Cunha. 3. ed. rev. pelo autor. Tours, Typ. Arrault, 1920. 283 p.

1752

RANGEL, Alberto — Inferno verde (scenas e scenarios do Amazonas). Com um pref. de Euclydes da Cunha. 4. ed. Tours, Typ. Arrault, 1927. 283 p.

1753

RANGEL, Alberto — Lume e cinza: Fantasmagorias. Contos e recontos, Fructos da terra. Rio de Janeiro, Livr. Scientifica brasileira, 1924. 288 p.

1754

RANGEL, Alberto — Sombras n'agua (vida e paizagens no Brasil equatorial) Leipzig, Imp. de F. A. Brockhaus, 1913. 360 p., 1 f.

Contém 13 contos.

1755

RANGEL, Godofredo — Andorinhas, contos. São Paulo, Monteiro Lobato, 1922.

Nome completo: José Godofredo de Moura Rangel.
Figura do regionalismo mineiro.

1756

RANGEL, Godofredo — Os humildes. Pref. de Monteiro Lobato. São Paulo, Ed. Universitária [1944] 251 p.

1757

RANGEL, José — Alviçaras (contos e phantasias) [19--?].

Apud José Afonso — Seleta de prosadores mineiros. Belo Horizonte, 1914, p. 25.

1758

RAPOSO, Carlos Sarandi — Breviário do sonho, contos. Curitiba, 1902.

1759

RAPOSO, Inácio — Mestre cuia (contos do tempo da escravidão) Rio, Cia. Brasil ed., 1937. 251 p.

1760

RAWET, Samuel — Contos do imigrante. Capa de Luís Canabrava. Rio de Janeiro, Livr. José Olympio ed., 1965. 127 p.

Contém 10 contos.

"Em seu livro de estréia — "Contos do imigrante" — abordada SR os problemas de adaptação que, ao imigrante judeu, oferece a terra de adoção — problemas de raça, de língua e de religião, hábitos arraigados em choque com uma outra forma de vida. Fixa, também, os da incompreensão no próprio meio, os choques dentro da própria família — e é aí, mesmo, que êle vai buscar seus assuntos mais delicados. Trata-se de um tema sério e corajoso, abordado por um escritor que conhece o problema e o estuda com segurança e desembaraço. *Renard Perez. ParaTodos,* 10/23 maio 1956, p. 3.

"(...) na realidade o que saiu da pena do jovem escritor foram *composições poemáticas* e de modo nenhum contos.(...)

(...) Ora, focalizando os "Contos do Imigrante", de SR, são precisamente essas as características que ressaltam a uma leitura mesmo superficial do livro, o que autoriza, *a fortiori,* a identificação de suas criações com genuínos poemas. De fato, não se preocupando o jovem autor senão com o processo mental de suas personagens, sente-se em tôdas as páginas o afã de equacionar a sua linguagem com as experiências tratadas.

Como experiência aqui se contrapõe à ordem empírica, confundindo-se com a elasticidade e o dinamismo da mente, a sua *escrita,,* por um imperativo mimético, se irracionaliza, adquire a evanescência e plasticidade da expressão lírica. Sob êsse aspecto são representativos o belo "Noturno", o conto mais *poético* da coletânea, o "Canto Fúnebre", e "Consciência do Mundo", também de flagrante tessitura poemática. A realidade perceptual apresenta-se extremamente rarefeita, quase que uma teia diáfana dentro da qual se evolam os pensamentos dos protagonistas. É impossível recompor em sua plenitude a trama que a gente pressente haver norteado o contista ao realizar tais composições.(...)

Ocioso se torna estender-me na aproximação dos contos de SR a poemas modernos. O leitor ao percorrer as suas páginas constatará por si a presença dos demais atributos líricos.(...)

Uma constante atravessa todo o "Contos do Imigrante", convertendo-se quase num expediente do ficcionista: o insulamento das personagens em situações especiais, de jeito a lhe permitirem mais fàcilmente o desnudamento da consciência destas.(...)

Para concluir: o melhor elogio que se pode fazer a "Contos do Imigrante" é que só é vulnerável a restrições num plano superior. Como estréia, nada apresenta das hesitações da prosa bisonha. Se não revela o artista plenamente amadurecido, nos convence da presença de uma invulgar sensibilidade centrada no cerne do humano. É um livro que, desde a frase inicial, fere uma nota grave, patética, que fica ressoando dentro de nós até a última página. Sua qualidade básica, porém, é ser substancialmente *vivido.* Adivinha-se que o chão onde SR cultiva os seus poderes inventivos é fertilizado com o húmus de uma experiência profunda. Êle é dêsses poucos que se impõem logo ao nosso respeito. E dos que nos encorajam a atirar-lhes desafios que reservamos para os que têm fôlego" *Osvaldino Marques* — "Contos do imigrante", encruzilhada de problemas. *A seta e o alvo; análise estrutural de textos e crítica literária.* Rio de Janeiro, 1957, p. 148-152, 155, 156, 158.

1761

RAWET, Samuel — Diálogo, contos. Pref. de Renard Perez. Capa e ilust. de Darel. Rio de Janeiro, Ed. GRD,1963. 115 p. ilust. (Contos de agora e de sempre, 4).

Contém 10 contos.

(...) Agora, sete anos depois, volta SR com nôvo livro de contos: êste "Diálogo" que, como o anterior, tivemos a honra grande de ver nascer e crescer, e que agora temos o prazer, não menor, de apresentar. Como os "Contos do imigrante", é um livro duro, um livro amargo. E, igualmente, um livro difícil. Na verdade, o escritor não mudou muito nesse intervalo, pelo menos não transigiu um milímetro em sua literatura. O que aconteceu foi, sòmente, a sua depuração. Se já não existe aqui, como constante, a temática do imigrante, os dramas da incompreensão, básicos em

sua literatura, subsistem — agora, até, numa dimensão maior e mais trágica. Porque desta vez é o drama da incompreensão do Homem, desligado daqueles elementos circunstanciais. Falamos em depuração. Na verdade, neste livro como que o autor ainda mais se despoja, não apenas na parte formal, mas também, e sobretudo, no conteúdo. Se naquela — mantidos ainda, em princípio, os mesmos elementos básicos de técnica e estilo — procura e atinge o núcleo, numa economia de meios que dá a essas páginas uma idéia de descarnamento que é principalmente pureza, a história se liberta de todos os acessórios para fixar-se na sua essência mesma, pura, nua, terrível essência. Como no caso do pintor que figurativo, despojando-se cada vez mais do supérfluo, acabasse insensìvelmente no abstrato, temos o drama no seu fulcro, a tragédia em si, na sua fôrça cósmica. Daí, o clima de paroxismo a que chega a revolta dos personagens dêsses contos, na sua ruminação castigada. O drama do cansaço gerado pelo grito sem ressonância. E a revolta que borbulha, surdamente, e que, se às vêzes jamais sobe à tona, pode súbito impelir aos gestos extremos.

Se no volume anterior, havia ainda vagas frestas de luz, esta nova obra não nos dá a menor contemplação. É um livro amargo da primeira à última página, porque a compreensão nunca se realiza. Para o autor, o "diálogo" não existe". *Renard Perez. Leitura,* jul. 1963, p. 41.

"(...) SR deixou-se tentar pelo conto monologar, em que o autor se identifica com os personagens, nêles se funde, através do mergulho, fundo e tenso, em seus subterrâneos. (...) São dez histórias as dêsse "Diálogo" onde ninguém conversa e o paradoxo do título, ao invés de definir o que existe, vem definir o que não existe.

É o que estava nas intenções do escritor. O diálogo seria para êle o veículo do entendimento entre as criaturas, o interruptor da solidão, da solidão em que cada um se fecha, se estiola e se completa. O diálogo não existe, senão materialmente, e às vêzes êle acontece no desenvolver de uma das histórias, abrindo parêntesis que logo se fecharão de nôvo. E quando assim acontece é para se provar impossível, se verificar na sua própria incapacidade, talvez na sua própra inutilidade.

(...) Dentro da aparente conjunção dos sêres, sua irremediável seoaração, esta a verdade humana encontrada por SR, que exibe a solidão de todos, conquanto juntos, com um talento pictórico e descritivo, que apenas se excede na concentração e no requinte formal." *Hildon Rocha.* A solidão de Samuel Rawet. *Leitura,* nov./dez. 1963, p. 21 (Resenha de livros).

1762

RAWET, Samuel — Os sete sonhos. Rio de Janeiro, Orfeu, 1967. 140 p., 1 f.

Contém 17 contos e uma narrativa.

"SR nos dá, com "Os sete sonhos", seu terceiro livro de contos. De permeio, houve uma novela "Abama". Entre seu primeiro livro, "Contos do imigrante", e êste, percorreu um longo mas não um tortuoso caminho, mantendo admirável coesão interior (...)

Seus contos, sobretudo a partir de "Diálogo", refletem um pouco o engenheiro (como sempre deixaram uma fresta para o teatrólogo, que dorme nêle): certos vocábulos, anotações do real, o rigor e a visão direta dos fatos externos. Mas refletem sobretudo uma densa e intensa preocupação do humano, que êle busca atravessar com seu "laser" existencial. Em "Os sete sonhos", o leitor mais de uma vez se chocará contra um violento sentimento de angústia. Não são histórias transparentes, elas às vêzes lindam o fantástico. Êsse fantástico que é quase sempre a nossa absurda vida, o homem absurdo". *Capa posterior.*

(...) SR é já conhecido pela sua maneira personalíssima de contar. Para êle não há absurdos. Tudo entra na linha da vida comum. É um escritor de primeira ordem, dominado pela angústia. Mas quando se acaba de ler um conto de Rawet, sempre tão condensado, sem diálogos, o debater de seus personagens, não é possível deixar de exclamar: como escreve bem. Não creio que SR escreva para o povo nem para multidões, nem se preocupe com o leitor, mas para o acostumado à boa leitura, seus livros são sempre de grande beleza, como nestes "Os sete sonhos" recém-aparecido, editado

pela "Orfeu". Um livro importantíssimo. Chamo a atenção dos leitores para o conto "O encontro" de uma fôrça, de uma eloqüência impressionantes. (...) " *Eneida* — *D. Not.*, 25 nov. 1967 (Encontro matinal).

"(...) São 17 contos e uma narrativa mediante os quais, além de indiscutível domínio de técnica e expressão, podemos verificar o aprofundamento de um dos recursos do moderno conto brasileiro.

Observação e análise marcou o comportamento de SR em face de sua humanidade ficcional. Cada um dêsses sêres é tomado em sua condição miúda, cotidiana, sem grandeza quase sempre (note-se a minudência, a pormenorização de cenas e objetos da vida doméstica); são personagens acuados pelo mêdo, gente obsessiva, frustrada, em luta consigo mesma, sôbre quem se debruça o autor, observando, penetrando, esmiuçando, descrevendo... Da contemplação dessas figuras do absurdo mundo diário vai o autor à sondagem do mundo mental de cada uma delas: saltam então êsses sêres em sua confusão de espírito, alimentados de fragmentos autobiográficos, de restos vivenciais,, apresentando-se em desdobrados planos de raciocínio — espelhos, afinal do fantástico e do ilógico. (...) *Darcí Damasceno* — O conto: laboratório? *J. Brasil,* 20 abr. 1968, Supl. do Livro, n. 21, p. 6.

1763

REBÊLO, Marques, *pseud.* de Edi Dias da Cruz — Oscarina. Rio, Schmidt, 1931, 193 p.

A novela "Oscarina" seguida de contos.

"(...) O ponto de partida são os contos de "Oscarina". O ficcionista estréia em nível que não oscilará, tôdas as suas qualidades de escritor — a vocação, o estilo, a técnica — surgindo de uma só vez. Essas qualidades se manifestarão através da temática: a temática urbana, mais rigorosamente de uma cidade, a cidade do Rio de Janeiro. Ficcionista da cidade, MR vai reanimá-la em páginas que sempre serão lidas, algumas vêzes comovendo e outras vêzes torturando. Não se preocupa, entretanto, com a significação social da cidade à maneira, por exemplo, de John dos Passos. Intérprete não será e não será tampouco um dêsses analistas que, sacrificando a ficção, investigam a cidade como um fenômeno psicológico. A fôrça dos seus livros decorre de sua liberdade de novelista, refletindo a cidade porque a conhece, é um seu filho que a percorre com intimidade. A aparição, como se vê, não é forçada. Desinteressada embora, não atinge a gratuidade (...)". *Adonias Filho* — Um ficcionista da cidade. *J. Let.*, dez. 1955, p. 11 (Vida dos livros).

"(...) Outro grande contista brasileiro, já da velha guarda, MR, usou do "estilo indireto aparente". Mas o usou, admiràvelmente, para todo um outro fim: como "recurso" de estilo em que as personagens fugissem a um tratamento arbitrário do autor, mas em que êle "encampa" a psicologia da personagem — quase sempre sua conhecida, porque em geral se trata de contos auto-biográficos, fundamente vividos e reais. Êsse belo uso do "estilo indireto aparente" é que o humaniza, a ponto de, lendo-o, a gente sentir-lhe o viço atual e, ao mesmo tempo, a herança da melhor tradição literária". *Antônio Houaiss* — O conto. *Crítica avulsa.* Salvador, 1960, p. 14, 15.

"Herdeiro da melhor tradição romanesca carioca — em que são marcos miliários anteriores as grandes figuras de Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis e Afonso Henriques de Lima Barreto — MR, já hoje clássico mestre da prosa moderna brasileira, avulta no nosso cenário literário por ter feito da substância física e moral da cidade do Rio de Janeiro, na sua ampla complexidade humana, o grande herói de seus livros, transformando-a em matéria de interêsse universal.

(...) MR, entretanto, não se identifica com nenhum dêles quanto à feição estilística, precisamente porque a substância de sua mentação não é "literária" ou de segunda mão, mas vivida e sentida originalmente, numa amorosa identificação com o objeto de sua criação. (...)" *Antônio Houaiss* — De Marques Rebêlo — *Crítica avulsa.* Salvador, 1960, p. 96, 97.

1764

REBÊLO, Marques, *pseud.* de Edi Dias da Cruz — Oscarina. 2. ed. def. Rio, J. Olympio, 1937. 218 p.

A novela "Oscarina" seguida de contos.

1765

REBÊLO, Marques, *pseud.* de Edi Dias da Cruz — Oscarina |Capa de E. Bianco. 3. ed.| Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1948. 145 p.

A novela "Oscarina" seguida de contos.
Esta edição contém também o livro "Três caminhos", em 2.ª edição.

1766

REBÊLO, Marques, *pseud.* de Edi Dias da Cruz — Oscarina |4. ed.| Capa de José Maria. São Paulo, Livr. Martins |1960| 250 p. retr.

A novela "Oscarina" seguida de contos.
Esta edição contém também o livro "Três caminhos", em 3.ª edição.

1767

REBÊLO, Marques, *pseud.* de Edi Dias da Cruz — Oscarina... Biografia, introd. e notas M. Cavalcanti Proença. Ilust. E. P. Sigaud |Rio de Janeiro| Ed. de ouro |1966| 277 p. (Ed. de ouro. Copa de ouro. Clássicos brasileiros, 1467).

A novela "Oscarina" seguida de contos.
Esta edição contém também o livro "Três caminhos".

1768

REBÊLO, Marques, *pseud.* de Edi Dias da Cruz — O simples coronel Madureira |Desenho de capa: Marius Lauritzen Bern. Rio de Janeiro| BUP, Biblioteca universal popular |1967| 174 p., 1 f. (Bup, 63. Ficção brasileira).

Contém: "Conto à la mode", p. 135-174.

"No intervalo de publicação do seu romance cíclico, "O espelho partido"(...) MR publicou (...) a novela "O simples coronel Madureira", acompanhada do "Conto à la mode", dois trabalhos de primeira categoria, em que se afirmam, em grande estilo, as qualidades de ficcionista que tornaram famoso o autor de "Oscarina" e "A estrêla sobe".(...) *Santos Morais. J. Com.*, 21 maio 1967 (Gazetilha literária).

1769

REBÊLO, Marques, *pseud.* de Edi Dias da Cruz — Stela me abriu a porta. Porto Alegre, Globo, 1942. 173 p.

Contém 13 contos.

"Sente-se que êle dominou já tôdas as dificuldades de conto, que o conto se tornou nas suas mãos uma matéria plástica e dócil. E ainda agora resiste contra a sedução de qualquer enrêdo espetacular. Mantém a sua narração em discreta surdina, numa luz de penumbra. Todos os enredos são naturais, e quase tão diluídos que se tornam como despercebidos. Precisa o sr. MR da colaboração do leitor, tem necessidade de ser completado com a inteligência e a sensibilidade do leitor. É um escritor mais

sugestivo do que afirmativo, e não será nunca, por isso, um autor de grande público. Êle sabe a arte complexa de não dizer tudo, mas de tudo sugerir. Percebe-se o seu ceticismo através do destino dos seus personagens. *Álvaro Lins* — Província e nação. *Jornal de crítica*, 3. série. Rio de Janeiro, 1944, p. 201.

1770

REBÊLO, Marques, *pseud.* de Edi Dias da Cruz — Tres caminhos. Rio, Ariel ed. |1933| 152 p.

A novela "Vejo a lua no céu" e mais os contos "Circo de coelhinhos" e "Namorada".

Única edição isolada do livro.

"(...) Não será menos autêntico o ficcionista. Em qulaquer dos contos (os de "Oscarina" e os de "Três caminhos"), como em qualquer dos romances, MR permanece sempre o mesmo ao retratar a personagem e apresentar o episódio. Mas, acima, do próprio estilo que corre em liberdade, é a percepção lírica que transmite aos livros o irremovível fundo comum. Trabalhe a cena mais áspera ou da vida reproduza o trecho mais físico, não perde o impulso lírico. Os poetas não sentirão, como êle, sua cidade. Há uma constante evocação que, vinda da paisagem se completa no que na cidade é mais popular. O ficcionista não esquece qualquer flagrante mais forte — sobretudo a música do povo — e se pode mesmo afirmar ser esta a única alegria que encontramos em suas tristes histórias. *Adonias Filho* — Um ficcionista da cidade. *Modernos ficcionistas brasileiros.* Rio, 1958, p. 178.

"(...) Quem mais rico do que êle em recordações curiosas, em pequenos casos de rua? Quem melhor dotado do que êle para fixar êsses aspectos da vida, simples, diários, que viemos encontrando sempre pela existência e que deixamos passar na impossibilidade de fixá-los, logo saudosos da beleza que continham, do pitoresco que nos seduziu tanto no momento? Quem melhor "conteur" do que êle para saber escolher no emaranhado das recordações?

Bem mais do que com "Oscarina" e com "Três caminhos" que o sr. MR toma posse para si dêsse mundo de pequenos fatos e sentimentos comuns, — mundo em que os acontecimentos, por menores que sejam, enchem-no logo de tal modo que não fica lugar para mais nada. Sem dúvida já penetrara nêle amplamente com os contos do seu primeiro livro. Mas nesses contos — pelo menos nos de maior relêvo — ainda havia muita preocupação com certos problemas de gravidade — como êsse do "destino" que domina vários dos seus contos.

Nenhum problema agora. Recordações, recordações por tôda a parte... e só recordações. A vida, simplesmente a vida tal qual ela se desenrola, contada depois de alguns anos de vivida... ... não sei se vivida pelo próprio autor, mas certamente pelos seus heróis que se assemelham a êle "como irmãos"...) A vida que passa diante de nossos olhos calma, tranqüila — pois, até os pequenos dramas que se dão, nós os sentimos diluidos no tempo, perdidos numa uniformidade de coisas passadas que descansa e que por outro lado, provoca a mais viva admiração pela unidade, do livro. (...)

O que o sr. MR nos oferece com "Três caminhos" é apenas um aspecto da existência. Sem dúvida. Mas é tão agradável ouvir bem narrado, esplêndidamente bem narrado, essa superfície de sentimento, essas pequenas coisas que enchem o todo-o-dia da vida — e que nêle representam precisamente os únicos momentos de beleza e de poesia — que é forçoso fechar o nôvo livro do sr. MR sem pensar em exigir dêle mais nada do que aquilo que já nos dá, e com a mesma admiração com que há dois anos atrás fechamos "Oscarina". *Otávio de Faria* — *B. Ariel,* agô. 1933, p. 285.

1771

REBÊLO, Marques, *pseud.* de Edi Dias da Cruz — |Três caminhos. Capa de E. Bianco. 2. ed. Rio de Janeiro, O Cruzeiro| 1948, p. |147| -212.

A novela "Vejo a lua no céu" e mais os contos "Circo de coelhinhos" e "Namorada". Esta edição contém também o livro "Oscarina", em 3.ª edição.

1772

REBÊLO, Marques, *Pseud.* de Edi Dias da Cruz — |Três caminhos. Capa de José Maria. 3. ed. São Paulo, Livr. Martins, 1960|.

A novela "Vejo a lua no céu" e mais os contos "Circo de coelhinhos" e "Namorada". Esta edição contém também o livro "Oscarina", em 4.ª edição.

1773

REBÊLO, Marques, *pseud.* de Edi Dias da Cruz — |Três caminhos|. Biografia, introd. e notas M. Cavalcanti Proença. Ilust. E. P. Sigaud [Rio de Janeiro] Ed. de Ouro [1966] 277 p. (Ed. de Ouro. Copa de ouro. Clássicos brasileiros, 1467).

A novela "Vejo a lua no céu" e mais os contos "Circo de coelhinhos" e "Namorada". Esta edição contém também o livro "Oscarina".

1774

REDONDO, Garcia — Arminhos, contos ligeiros. Santos, Typ. do Diario de Santos, 1882. 207 p.

Nome completo: Manuel Ferreira Garcia Redondo.

Barbosa Lima Sobrinho ao estudar GR: "Não é pròpriamente romântico ou tem, pelo menos, pretensões ao realismo. (...)

"Colocado, assim — continuava êle — |o próprio GR| entre as duas escolas, buscou imitar o que havia de bom em uma e evitar o que havia de mau na outra". Essa a sua intenção, pelo menos a que procurou acompanhar em outro livro de contos, "A choupana das rosas", em 1897.

Podemos arrolar GR entre os contistas urbanos não obstante o gôsto e a cultura botânica, que poderiam explicar uma direção diferente na sua arte. Seu urbanismo é urbanismo de gente rica, com viagens à Europa, ambientes franceses, quartos de mundanas das rodas bancárias. A rua do Ouvidor não poderia faltar nos seus contos (...)" *Barbosa Lima Sobrinho* — O conto urbano no Brasil. *In: Academia brasileira de letras — Curso de conto.* Rio de Janeiro, 1958, p. 75, 76.

1775

REDONDO, Garcia — Cara alegre (paginas humoristicas) Porto, Chardron, 1912. 276 p.

1776

REDONDO, Garcia — A choupana das rosas. São Paulo, Typ. Carlos Gerke & cia., 1897. 4 f. p., 199 p.

1777

REDONDO, Garcia — Salada de fructas. Porto, Livr. Chardron, 1907. 272 p.

Contos: p. 9-100. Crônicas: p. 103-272.

1778

REGINA, Teresa — Polichinelo, contos. Rio de Janeiro, Pongetti |1961?|

1779

REHFELD, Paulo — De guante e espada (contos do Rio de Janeiro antigo) Belo Horizonte, Livr. Cultura brasileira, 1946. 242 p. ilust.

1780

REHFELD, Paulo — Os rebelados. Belo Horizonte, Empr. ed. Belo Horizonte, 1926.

1781

REI, Marcos — O entêrro da cafetina |Orelha: Mário da Silva Brito. Desenho de capa: Marius Lauritzen Bern. Rio de Janeiro| Civilização brasileira |1967| 174 p.

Contém 7 contos.

"(...) "O entêrro da cafetina" reúne conjunto de estórias em que os personagens são quase sempre os mesmos (quem é figura principal num conto em outro passa a simples comparsa) tendo em comum, além da difusa camaradagem que os une, o mesmo fascínio pela noite — a longa, imensa e tediosa noite dos boêmios.

"(...) Em todos os contos nota-se a presença de nota lírica ou então de um toque de humor — lirismo e humorismo a que não está ausente, também, uma pitada de filosofia. "O entêrro da cafetina", enfim, dá bem a visão de São Paulo noturno, de sua engrenagem devoradora de sonhos que tritura e mói, em dramas e conflitos, os últimos boêmios — êsses denodados opositores ao planejamento da vida, as artimanhas da sociedade tecnocrática (...)" *Mário da Silva Brito — Orelha.*

"Êste livro de contos de MR de título desafiante: "O entêrro da cafetina", é uma das obras mais comoventes da nossa atual ficção. (...)

(...) porque os seus personagens não são mais ou menos adaptados à estrutura social. São, pelo contrário, marginais típicos, desajustados irrecuperáveis. Êsse desajuste, porém, não decorre de anomalias psíquicas ou distúrbios mentais. É antes uma rejeição ao mundo diurno, a êsse triste mundo solar em que as engrenagens sociais trituram, de sol a sol, milhões de criaturas alienadas.

O que emociona nestas estórias de MR é a condição humana dêsses personagens que se defendem do mundo dos rinocerontes. Êles teimam em ser humanos, em poder sonhar e viver, em não deixar esmagar pelas engrenagens, embora estas cada vez mais os apertem e os esmaguem. Não sabem o que fazer, nem como reagir, mas entregam-se a si mesmos e realizam a seu modo um tipo sombrio de resistência passiva. Aliás, o contista se mostra perfeitamente cônscio da natureza dessa gente, advertindo em nota preliminar que não trata de tarados ou bichos semelhantes, mas de gente que quer viver." *Herculano Pires* — A grandeza mirim. *D. S. Paulo,* 4 nov. 1967 (Mundo dos livros).

"É uma injustiça o silêncio em tôrno dêstes contos de MR. Só a página que dá nome ao livro basta para aureolar qualquer reputação de ficcionista: "d. Beth" pertence a uma galeria de personagens que começa em nossa literatura com os de Antoninho de Alcântara Machado. A clave do livro é a ficção sofisticadamente chamada "urbana". Seus personagens existem nesse quadrilátero do pecado paulistano formado pela avenida São João, o largo do Arouche e a Vila Buarque. Nesta cidade que muda vertiginosamente, e onde os tipos humanos perdem interêsse no ritmo da inflação, apenas um pequeno grupo apega-se à sua individualidade: são os boêmios, os donos da noite, espécie aparentemente em vias de extinção. O tom geral do livro é um certo humor agri-doce, mas MR isola as abordagens em moda, que tratam as grandes cidades ou no plano da fofocagem grã-fina ou no da miséria absoluta. (...) Se São Paulo pode fornecer matéria para um livro como êste, nosso espaço urbano de hoje (o livro

passa-se de 1964 para cá) está salvo em têrmos de literatura, como a cidade de 1920 está inteirinha em Alcântara Machado e em Juó Bananere, êsse esquecido." *Nogueira Moutinho* — Conto e ou humorismo. *F. S. Paulo*, 9 dez. 1967 (Livros).

1782

REID, Lawrie — Madona felicidade, contos e novelas. São Paulo, Ed. brasiliense, 1949. 305 p. ilust.

1783

REIMÃO, João Batista — Tessitura de violeta. São Paulo, 1962.

1784

REIS, Isa Américo dos — Pois não excelência! (contos) Rio de Janeiro, Ed. Pongetti |1944| 160 p.

1785

REIS, Manuel — A gaivota (contos) Rio, Typ. do Jornal do commercio, 1932. 161 p.

1786

RENART, Alberto — 13 histórias tragicômicas. São Paulo, Ed. Alarico, 1959. 205 p.

1787

RESENDE, Garcia de — Fogo de palha. Vitória, Typ. do Diario da Manhã, 1921.

1788

RESENDE, Oto Lara — Bôca do inferno, contos. Capa de Poty. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1957. 139 p.

Contém 7 contos

"Eis aqui um livro de contos e sem literatura. As sete narrativas reunidas em "Bôca do inferno" de OLR são descarnadas, agressivas e deprimentes como argumentos cinematográficos do neo-realismo italiano. Os enredos esquemáticos pouco importam; o ângulo quase de documentário em que se coloca o narrador dessas sete histórias sôbre meninos define o livro. *Paulo Mendes Campos. ParaTodos,* 2. quinz. abr./1. quinz. maio 1957, p. 6.

"OLR representa no Brasil um tipo nôvo de conto. Já revelara sua sóbria habilidade em "O lado humano", livro de 1952. Mostra-a com mais evidência, neste "Bôca do inferno". A simples constatação da novidade não constitui, no caso, por enquanto, elogio ou restrição. É pura afirmativa de que aí está algo de diferente.
Vejamos em que consiste essa diferença e em que pode ela constituir um sinal de planos mais altos. A técnica de narrativa de OLR é a de um observador frio, que não quisesse interferir no desenrolar de acontecimentos. Quando o faz — isto é, no momento em que um pouco de emoção parece capaz de perturbar o ritmo do conto — o autor realiza uma pequena fuga ao acontecimento, para fixar alguma circunstância que possa estar cercando as personagens em ação. O recurso se torna mais evidente, porque essas interrupções se restringem a ligeiros desvios do relato —, realizados em frases curtas e, às vêzes, aparentemente desligadas da linha que vinha mantendo o narrador (...)

É um mundo sombrio, o de "Bôca do inferno". Crianças matando, suicidando-se, escondendo-se, fugindo. OLR nos dá, da infância, um quadro que não é pessimista, porque vai além: é cruel. Cidades do interior, igrejas, catecismo, casas pobres, cemitérios, lajes, animais povoando os lugares, tudo isto forma, ao redor das crianças, uma vida que parece não ter sentido. E os traços com que o autor pinta os adultos, que também transitam por êsse mundo, são de longínqua e esfumaçada caricatura. Estão ali, todos êles, com lugares-comuns, com uma série de praxes, para retirar, às coisas, o pouco de beleza que pudessem ter.

(...) "Bôca do inferno" é livro cuja novidade reside num esfôrço de se manter fora da emoção. Muito bem escrito, apresenta, contudo, um desvio de tratamento, uma particularização do aspecto sombrio da infância — elogiável como focalização de pormenores, menos aceitável como fôrça de narrativa" *Antônio Olinto — Cadernos de crítica.* Rio de Janeiro, 1959, p. 69, 71-73.

1789

RESENDE, Oto Lara — O lado humano. Rio de Janeiro, Ed. A Noite, 1952.

"OLR, cuja atividade jornalística vem sendo intensa, ùltimamente, acaba de publicar o seu primeiro livro — um livro de contos, sob o título "O lado humano" (Ed. A Noite) O que caracteriza mesmo a obra de jornalista de OLR é uma ponta de humor, visível em cada artigo ou comentário; pois é êsse humor numa forma mais depurada que encontramos nos contos de "O lado humano". É o cotidiano, geralmente, que lhes fornece os melhores elementos, aquilo que Maupassant chamou "a humilde verdade". Dos quadros da vida prosaica sabe o autor retirar surpreendentes elementos de romanesco, realizando o pensamento de Kafka, quando disse que o mistério está precisamente no que vemos e não por detrás do que vemos. OLR pode ser colocado na linha de João Alphonsus, Ribeiro Couto e de Carlos Drummond de Andrade de "Contos de aprendiz". Suas aptidões para o gênero são indiscutíveis". *J. Let.*, jan. 1953, p. 5 (30 dias).

1790

RESENDE, Oto Lara — O retrato na gaveta, contos [Capa: José Henrique Bello. Rio de Janeiro] Ed. do Autor [1962] 219 p.

A novela "O carneirinho azul" e contos.

1791

RESENDE, Oto Lara — O retrato na gaveta. 2. ed. [Rio de Janeiro] Ed. do Autor [1963] 217 p.

A novela "O carneirinho azul" e contos.

1792

REUNIÃO, contos [Pref.: "Tradição e originalidade", por Eduardo Portella. Salvador] Publicações da Universidade da Bahia [1961] 140 p., 1 f.

Contém trabalhos de 4 contistas baianos: Sônia Coutinho, Daví Sales, João Ubaldo Ribeiro e Noênio Spínola, com 3 contos cada um.

"(...)) Os contistas, que aparecem agora neste livro coletivo, Sônia Coutinho, Davi Sales, João Ubaldo Ribeiro Noênio Spínola, como que fizeram dêsse princípio a sua legenda ou a sua plataforma: lutar contra a tradição para enriquecer a tradição"

(...) Sônia Coutinho seria certamente a única a sofrer uma interferência alheia bastante razoável. Mas é uma interferência que, em escritor da sua idade e se apresentando do modo como se apresenta, vem a ser sadia, construtiva, estimulante. Nela

não raro se identifica a presença de Clarice Lispector na concepção estrutural do conto, na valorização do "instante decisivo", no aproveitamento da reincidência vocabular como recurso estilístico. Mas o "instante decisivo", ou o "momento", é pessoal, intransferível. Elas se aproximam na utilização e logo se afastam porque cada momento tem sua substância própria, pessoal, identificadora. E em SC, que possui surpreendente fôrça criadora, o elemento pessoal se mostra nìtidamente pronunciado. (...)

Menos voltado para a introspecção, mas de modo algum indiferente a ela, Daví Sales se inclina por uma forma particular e nova de regionalismo. A única forma possível e razoável de ficção regionalista trinta anos depois do advento do chamado "romance do Nordeste". Êle como que se incorporou a lição faulkneriana no sentido de aproveitar-se de uma geografia, um espaço, sem nunca, em nenhum momento, se deixar escravizar a êsse espaço ou à essa geografia. (...)

Todos êstes contistas trazem consigo uma profunda nota de inconformismo em relação à forma subjugada, que não deixa dúvidas quanto aos seus destinos. É bem declarada em João Ubaldo Ribeiro essa forma de inconformismo, de insatisfação, de inquietação criadora. Isto confere ao seu elenco de peças uma rara movimentação. Tanto que êsse sadio inconformismo, essa busca permanente, afasta os seus contos um do outro, como se pertencessem a famílias diferentes. É o dinamismo criador imprescindível a escritor que pertença a sua geração e que se inscreva no estágio cultural que nos foi dado viver. Hoje mais que nunca o estacionamento significa para o escritor a destruição.

Esta mesma convicção parece orientar a contística de Noênio Spínola, em que a preocupação de ordem estética como que se apresenta de maneira mais resoluta. A ponto de comprometer àquela postura tradicional do conto, que faz com que traga sempre consigo uma ética declarada, uma moral (...) Os contos de NS traduzem perfeita e ostensivamente todos os esforços coletivos no sentido de desligar o conto dos seus compromissos anteriores, visando a levantar uma entidade renovada, porque rebelde aos padrões e aos esquemas pretéritos. (...)

A assimulação dêsses elementos positivos da contística moderna caracteriza nìtidamente, nos escritores de "Reunião", a ambição de transcender. De construir uma obra que seja um testemunho nôvo, expressa num idioma literário igualmente nôvo. (...)"
Eduardo Portela — Tradição e originalidade, prefácio,, p. 9-15.

1793

RIBEIRINHA, Alves da, *pseud ver* Pousada, Antônio.

RIBEIRO, Alcídio — Mínimo, contos. Ponta Grossa, 1913.

1794

RIBEIRO, Domiciano Leite, visconde de Araxá *ver* Araxá, Domiciano Leite Ribeiro, visconde de

RIBEIRO, Eurico Branco — À sombra dos pinheiraes, contos. Curityba, Emp. graph. paranaense, 1925. 195 p.

1795

RIBEIRO, João — Floresta de exemplos. Rio de Janeiro, J. R. de Oliveira & cia., 1931 232 p.

Lendas e contos antigos interpretados pelo autor.

"Êle tem, no espírito, antes de tudo, êsse dom maravilhoso: a graça. E é a graça que nêle se manifesta e traduz de tanta forma: aqui, vêmo-lo sibilino, com algum intuito secreto, compondo uma página de humor; ali, vêmo-lo levemente irônico, destruindo,

com uma reflexão ou mesmo um qualificativo, a atitude gravemente composta de um filisteu; mais longe, vêmo-lo comovido; depois ainda o vemos sarcástico (...)

"Floresta de exemplos", consiste numa sucessão de apólogo, de narrativas, que contêem um ensinamento,, uma conclusão, uma conseqüência.

JR escreveu essas suas pequeninas "estórias" quase dia a dia, para publicá-las na coluna do "Jornal do Brasil" e do "Estado de São Paulo".

Êle tem, evidentemente, entre os clássicos portuguêses, uma viva predileção pelo Padre Manuel Bernandes. Delicia-se na malícia angélica do oratoriano. Foi relendo, talvez, alguma página da "Nova Floresta", que lhe veio a primeira idéia de escrever o seu livro. "Também eu, que gosto de refluir à modéstia das fontes, mais do que à soberba dos rios que estão a desaparecer no mar, consegui ajuntar com aturada paciência uma selva áspera de exemplos que os tempos novos sepultaram em imerecido olvido. E propus-me ressuscitá-los, sem embargo da párvoa ridiculez com que se acolhem das ervinhas humildes do meu inculto jardim"(...)

E o ambiente da "Floresta de exemplos" é longo, multiplicando-se em muitos horizontes — ora é o mundo grego e romano, com a reedição, em língua portuguêsa, da deliciosa história da "Matrona de Éfeso". Ora, é o Império da Bactriana, "que fervia de gentes ociosas e desconcertadas". Ora é a cidade de Norimberga, ora a de Spandávia, ora a de Ferrara. O oriente com os seus poetas e os seus profetas; o Ocidente com os seus sábios e os seus filósofos; as cidades e os desertos; o mar; os montes povoados de florestas e mistérios; tudo isso são os quadros em que se desenvolve esta "silva" de fecundas lições morais.

Sua fonte principal, nestes contos, é a erudição. Mas, de vez em quando, êle recorre aos fatos diversos, às anedotas que a vida cria". *Múcio Leão* — João Ribeiro, autor de ficção. *João Ribeiro.* Rio, 1962, p. 122, 130, 131.

1796

RIBEIRO, João — Floresta de exemplos. 2. ed. Rev. crítica e notas finais, por Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira. Rio de Janeiro, Livr. São José, 1959. 244 p.

Lendas e contos antigos interpretados pelo autor.

1797

RIBEIRO, João — Trechos escolhidos, por Múcio Leão. Rio de Janeiro, Livr. Agir ed., 1960. 94 p. retr. (Nossos clássicos, 49).

Contém, além de outras obras, o conto "São Boemundo", do livro "Floresta de exemplos".

1798

RIBEIRO, João Filipe de Sabóia — Contos da cidade |Capa de Zaluar| Rio de Janeiro, Ed. Pongetti, 1966. 93 p., 1 f.

Contém 10 contos.

"Histórias simples, narrativas em que o ângulo humano tem o maior destaque. Ao todo, dez contos, alguns ainda escritos há muitos anos e conservados inéditos". *Valdemar Cavalcanti. Jornal,* 14 jul. 1966 (Jornal literário).

1799

RIBEIRO, João Filipe de Sabóia — Contos do cacau (tipos e cenários do Vale do Rio de Contas) |Capa de Eliel| Rio de Janeiro, Ed. Pongetti, 1966. 218 p., 3 f.

Contém 12 contos divididos em "Os "donos" e as "terras" e "Rincões dos frutos de ouro".

"Doze histórias, ao todo, nas quais são focalizados, com profusão e segurança de detalhes, aspectos da vida, usos e costumes da área cacaueira. Na realidade — fatos ocorridos entre 1910 e 1920 — e que o autor buscou elementos para, com alguma fantasia, formar os quadros e painéis cuja característica marcante é o toque dramático. *Valdemar Cavalcanti. Jornal,* 27 out. 1966 (Jornal literário).

1800

RIBEIRO, João Filipe de Sabóia — Dois casais que se desquitam, contos. Rio de Janeiro, Ed. Pongetti, 1967.

1801

RIBEIRO, João Filipe de Sabóia — Rincões dos frutos de ouro (tipos e cenarios do sul baiano)... Paschoal Simone, 1933. 209 p.

Prêmio Ramos Paz, da Academia Brasileira de Letras, em 1933.

1802

RIBEIRO, João Ubaldo — Reunião *ver* Reunião.

RIBEIRO, Maria José Bastos — Sombras que eu vi... contos. Rio de Janeiro, Ed. Zelio Valverde, 1944. 196 p.

1803

RIBEIRO, Válter Fontenele — O caçador de glória. 1946. 145 p.

Apud Luís Correia de Melo — Dicionário de autores paulistas. São Paulo, 1954, p. 527.

1804

RIBEIRO COUTO, Rui *ver* Couto, Rui Ribeiro.

RIGO, Raul Reinaldo — Volubilidade e outros contos. Rio, A. Coelho Branco filho, 1933 150 p.

1805

RIO, Ernesto Augusto de Sousa e Silva — A tocandyra, conto brasileiro. Rio de Janeiro, Laemmert [1882] 46 p.

Publicado sob o pseudônimo de Flumen Junius.

1806

RIO, Iara do — O cipó traiçoeiro, contos. Petrópolis, Typ. Ipiranga, 1930. 174 p.

Menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, em 1931.

1807

RIO, Iara do — A presença invisivel, contos. Rio de Janeiro, Typ. ed. Alba [1935?] 212 p.

1808

RIO, João do, *pseud. ver* Barreto, Paulo.

RIZEK, Aziz Ansarah — Historias agudas e cronicas de um medico |Capa de Maria Helena Rizek. São Paulo| Martins |1967| 201 p.

Contém 38 contos.

"(...) Seus contos são originais, o estilo é claro, correto e adequado aos personagens, na maioria simples e humildes clientes. (...)" *Maria Cristina Aranha — Orelha.*

"O autor, médico pediatra com longos anos de vivência em cidades do interior, reune neste volume três dezenas de narrativas sôbre suas experiências clínicas. No prefácio, êle assevera que quase tôdas estas páginas são baseadas em fatos reais.

"Alguns dêstes relatados simplesmente outros sob o ponto de vista humorístico; algumas vêzes o caso é apresentado como uma caricatura, exagerando-se êste ou aquêle traço, ou avivando uma côr na pincelada, sôbre o fundo neutro da verdade". *Est. S. Paulo,* 22 jul. 1967, supl. lit., p. 2.

1809

RIZZINI, Jorge — Bêco dos aflitos, contos |Ilust. de Celso Pinheiro. Capa de de Walter Lewy| Rio de Janeiro, Civilização brasileira |1959| 196 p. ilust. (Col. Vera Cruz. Literatura brasileira, 19).

Prêmio Fábio Prado, 1957.

1810

ROCHA, Beatriz — O parque de diversões |Rio de Janeiro| Ministério da educação e cultura, Serviço de documentação |1955| 60 p. (Os Novos)

Contém 8 contos.

"Oito contos, todos êles curtos. A A. que se revela atenta aos dramas humanos mais recônditos, tenta fixar em traços nítidos certos desajustamentos de sêres, meio e tempo, numa linguagem que adquire, às vêzes, viva tonalidade poética. Logo se observa a sua finura psicológica, sobretudo no desenho das figuras femininas que transitam mansamente pelas suas páginas". *Valdemar Cavalcanti J. Let.,* abr. 1956, p. 16 (Na estante).

1811

ROCHA, Jones — A décima praga |Rio de Janeiro| Ministério da educação e cultura, Serviço de documentação |1955| 147 p. (Os Novos).

Nome completo: João Jones Gonçalves Rocha.

"Morto aos 25 anos, com uma obra que por assim dizer não se iniciara, JR consegue revelar neste livro as qualidades que o fariam bom entre os nossos ficcionistas. Um crítico de sua geração, Fausto Cunha, observara que êle era um wassermanniano. Se atentarmos na percepção, que não deixa escapar um só dos inexplicáveis momentos relacionados com o trágico destino humano, que impõe a especulação, que tenta aflitamente a solução para os problemas, que se orienta em um certo plano metafísico sem desprezar as condições sociais, a sombra de Wassermann está realmente presente. Mas, se a marca wassermanniana assiste, não o impede que se encontre com os contistas da sua geração" *Adonias Filho* — Lugar para êsses. *Modernos ficcionistas brasileiros.* Rio, 1958, p. 196, 197.

1812

ROCHA, Jones — A graça e a culpa, contos. Rio de Janeiro, Ed. GRD, 1966. 122 p. (Contos de agora e sempre, 10).

Contém 14 contos.

"A graça e a culpa" 14 contos estão reunidos no presente volume, autoria de JR, uma das mais sérias vocações literárias já surgidas no panorama de nossa literatura e que a morte interrompeu sùbitamente. Reunindo-os e publicando-os sob a orientação de Fausto Cunha, as edições GRD cumprem, mais uma vez, o seu dever, ao lançar um autor que, pode-se dizer, se acha pràticamente inédito, pois que apenas alguns possuem a plaquete publicada pelo ministério da Educação e Cultura, há já alguns anos, e onde se encontram algumas das estórias hoje reunidas neste volume X da Col. dos "Contos de agora e de sempre". *Orelha.*

1813

ROCHA, Mário Augusto da — Canção do outono, contos. Bahia, Elo, 1946. 166 p.

1814

ROCHA FILHO — Falai-me de amor. |Pref. Carlos Moliterno| Maceió, Departamento estadual de cultura, 1967.

"O escritor e médico RF, já conhecido entre nós inclusive através de uma seção de livros portuguêses que manteve longo tempo no suplemento dêste jornal, acaba de publicar um livro de contos com o título de "Falai-me de amor"(...) Reúne o volume cêrca de 20 contos, e dêles nos fala *Carlos Moliterno* no prefácio, quando diz: "Em vários dêstes contos está a realidade alagoana transposta pela pena do escritor. Aqui foram êles mentalizados, partindo o ficcionista das experiências e da observação de fatos ligados a nossa vida. A transposição, porém, dêsses fatos e dessa experiência é o que constitui as virtualidades do escritor alagoano, que soube transpor essa realidade praa a seqüência das suas narrativas, com aquêle poder de criação que é, realmente, uma das virtudes de sua prosa". *Santos Morais. J. Com.*, 21 maio 1967 (Gazetilha literária).

"(...) A pequena burguesia urbana fornece ao contista os temas das narrativas, algumas das quais também lidam com gente provinciana.

Os contos de RF demonstram que o ficcionista dispõe de recursos para a fabulação realista com alguns tons de ironia. As situações estão delineadas com a percepção dos motivos que as determinam.(...) *J. Let.*, out. 1967, p. 2 (Vida dos livros)

1815

ROCHA POMBO, José Francisco da *ver* Pombo, José Francisco da Rocha.

RODRIGUES, Amélia — Do meu archivo, contos e phantasias. Petropolis, Centro da boa imprensa, 1919. 222 p.

1816

RODRIGUES, Américo — De bocca em bocca. Nictheroy, 1923.

1817

RODRIGUES, Américo — Horas vazias, contos e chronicas. Nictheroy, Typ. Jeronymo Silva, 1925. 190 p.

1818

RODRIGUES, Gastão de Deus Vítor — Paginas goianas. 1917.

1.ª parte: Biografia dos principais vultos das letras goianas.

2.ª parte: Contos: Traços multicolôres.

Apud Veiga Neto — Antologia goiana. Goiânia, 1944, p. 93.

1819

RODRIGUES, Maria — Dias de luz. Fortaleza, Typ. Minerva, 1907.

Contos e recordações.

Publicado sob o pseudônimo de Alba Valdez.

1820

RODRIGUES, Maria — Em sonho. Fortaleza, 1901. 120 p.

Contos e recordações.

Publicado sob o pseudônimo de Alba Valdez.

1821

RODRIGUES, Nelson — A vida como ela é... Rio de Janeiro |Anúncios| 1953. 64 p.

Nome completo: Nelson Falcão Rodrigues.

1822

RODRIGUES, Nelson — A vida como ela é; 100 contos escolhidos. Rio de Janeiro, J. Ozon ed., 1961. 2 v. (Obras completas, 10-11).

"Coletânea de pequenas histórias e algumas estórias do cotidiano, romantizada por NR para os leitores de nossa imprensa diária, com leveza estilística e fecundidade criadora e imaginativa de fato surpreendentes (...) São ao todo 100 contos escolhidos publicados durante vários anos no verpertino carioca "Última Hora" e atualmente no "Diário da Noite" do Rio de Janeiro". *Leitura*, nov./dez. 1961, p. 61 (Vida cultural)

1823

RODRIGUES, Paulo — Cidade nua |Pref. de Álvaro Moreyra| Ilust. de Roberto Rodrigues: Capa de Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro, J. Ozon, 1961. 159 p.

"São quadros ora cômicos, ora trágicos, fixados pelo repórter de ôlho sempre aberto para o detalhe sugestivo e revelador. Sua temática predileta: "o denso e meticuloso mural da vida carioca". *J. Let.*, set./out. 1961, p. 2.

"Embora não sejam pròpriamente contos, mas narrativas do tipo documentário inspiradas no quotidiano real, podem as histórias de "Cidade nua" de PR, figurar aqui". *Antônio Olinto* — Retrospecto do ano de 1961 na literatura. *J. Let.*, jan./fev. 1962, p. 10:

1824

RODRIGUES, Paulo — Rio íntimo |Pref. de Antônio Olinto. Ilust.: Augusto Rodrigues. Capa: Marcelo Monteiro. Rio de Janeiro |Ed. do Val, 1965. 103 p. (Col. Conto e novela, 1).

"Fatos que a imprensa diária regista sem maior interêsse constituem o material dos contos de PR, elaborados com um senso realista sem prejuízo do teor poético da linguagem" *J. Let.*, abr. 1965, p. 2 (Vida dos livros)

"(...) É uma série de estórias cariocas, no estilo da literatura turística e de autocrítica que faz sucesso, entre nacionais e estrangeiros, em Nova York. (...)" *Guálter Loiola. Trib. Impr.*, 13 maio 1965 (Livros & livros)

1825

RODRIGUES, Paulo — Se a cidade contasse... Capa de Marcelo Monteiro |Orelha de Edmundo Lys| Rio, Livr. São José, 1964. 115 p.

"Também como de contos pode ser considerado o livro de PR, "Se a cidade contasse...", dos bons da temporada" *"Antônio Olinto. J. Let.*, jan. 1965, p. 7.

1826

RODRIGUES, Sílvio — Fúria e outras histórias. São Paulo, Livr. Martins ed., 1944. 249 p.

1827

ROQUE, Carlos — Logo depois da chuva. Belém, Gráf. Falangola, 1963.

Contém 3 contos e a novela "As águas vão subindo sempre".

1828

ROQUETTE-Pinto, Edgar — Samambaia. Rio, Ariel, 1934. 225 p. ilust.

1829

ROSA, João Guimarães — Primeiras estórias |Capa e desenhos de Luís Jardim| Rio de Janeiro, Livr. José Olympio ed., 1962. 176 p. ilust.

Contém 21 contos.

"(...) São contos êstes, sem dúvida, de uma fascinação, de uma intensidade narrativa fora do comum. Muitos dêles diferem da temática geralmente tratada pelo autor, chegando alguns até a ser contos de cidade, se assim é possível dizer. Alargando, portanto, os seus horizontes, o autor alcança outras notas em seu instrumento linguístico, feito de tantas invenções semânticas e outros experimentos em matéria de desintegração de nosso léxico tradicional. Os especialistas nesses problemas encontrarão certamente neste livro mananciais inesgotáveis para as suas argumentações de ordem formal. Aliás, GR tem sido, ao contrário dos outros, um autor em que a argumentação de sentido, de conteúdo, tem sido relegada para segundo plano.

E escapar à tentação formalística que tanto o persegue seria a maior vitória de GR e de sua arte, que é também uma arte de sentido, de conteúdo, de interêsse pelos pequenos destinos, por exemplo. No seu caso, o alargamento de perspectivas estaria em voltar à análise unidimensional, já que se tem abusado da chamada análise tridimensional, na parte sobretudo relativa ao som e aos ritmos, com descaso pelo terceiro elemento, o conteúdo, se bem que se diga ser objeto da análise estilística projetar-se em vários planos, mostrar-se até multidimensional. E no entanto quem mais do que GR tenha possuido entre nós maior disposição natural para narrar, para colocar fatos e figuras na dimensão do tempo, como se vê nestes vinte e um contos, em que ao lado de muitas almas rudes, cheias de uma dureza primitiva, também surgem figuras mais complexas que vêem a vida de mais de um ângulo? Gostaria de repetir a história de muitos dêles, de reconstruir o enrêdo de "Fatalidade", "O espelho", "Nana e a nossa condição", "O cavalo que bebia cerveja", "Darandina", "Substância", mas isso é impossível nos limites permitidos. Quanto êles encerram, todavia, em matéria de simpatia humana, de inteligência e experiência dos homens!" *Temístocles Linhares* — Significação do conto. *Est. S. Paulo*, 26 jan. 1963, supl. lit., p. 1.

"(...) o sr. GR, se define, antes de mais nada, pelo estilo, quero dizer, por seu estilo. Mais do que um estilo literário, trata-se de um estilo pessoal: o sr. GR renova a matéria regional exclusivamente pela palavra, o que é, no fundo, a definição de tôda grande literatura. Acontece, apenas, que êsse estilo não é uma forma de expressão: é um artifício de linguagem. Uma página do sr. GR é inconfundível, mas é fàcilmente imitável (conforme já se tem visto), fundando-se, como se funda, não em "maneiras de pensar" ou de ver o mundo, mas em processos puramente mecânicos. Ora, já se disse, e com razão, que o grande escritor não é o que não imita ninguém, mas aquêle que ninguém pode imitar. Neste caso, o "drama" da ficção não se passa ao nível das psicologias individuais: passa-se ao nível do vocabulário. Estas "Primeiras estórias" são preciosas não apenas por ser precioso (nos dois sentidos da palavra) tudo o que sai da pena do sr. GR, mas, ainda porque nô-lo expõem num momento em que a sistematização da sua técnica ainda não havia alcançado o paroxismo de que "Grande sertão: Veredas" é, até agora o exemplo supremo. Podemos, dessa forma, surpreender ao vivo os segredos, afinal de contas muito simples, do seu estilo.(...)

(...) A idade literária relativamente primitiva dêstes contos admite, ainda, não sòmente as glosas do Autor, (...) mas, também, a inegável simplicidade das invenções: "Ela beladormeceu?" Mais um passo, e alcançamos, para além da jogralidade puramente vocabular, que será uma das constantes mais salientes dêsse estilo, a jogralidade narrativa (...)

(...) Essa figura, a Brejeirinha de "Partida do audaz navegante", outras muitas na obra do sr. GR, chamam-nos a atenção para um aspecto que tem sido, ao que parece, descurado pelos especialistas — o do seu humor. Mesmo na criação de palavras ou na deformação de vocábulos existentes, são sensíveis as suas intenções irônicas, muitas delas extremamente felizes ou expressivas. O mesmo acontece com a utilização inesperada das categorias gramaticais. Assim, por exemplo, para descrever quatro irmãos bandoleiros: "absolutamente facínoras". Ou, então, de um defunto: "Acenderam-se em quadro as grandes velas, êle num duro terno de sarja côr de ameixa e em pretas botas achadas, colocado longo na mesa, na maior sala da Casa, já requiescante". um almôço de bodas, sob a ameaça de um ataque armado: "Almoçou-se, com-fome-mente, apesardes". Um tipo que, perseguido, se atira a uma palmeira e grimpa com espantosa rapidez: "ascensionalíssimo". Todos êsses casos, escolhidos entre numerosos outros, provam não apenas o processo irônico a que me referi, mas, ainda, por contraste, o extraordinário poder expressivo do sr. GR, o qual se perde, em conjunto, uma parte da sua fôrça de choque, é apenas pela repetição, isto é, pela banalização. Mas "Famigerado", "Os irmãos Dagobé", "Pirlimpsiquice", "Fatalidade" e "Seqüência", por exemplo, podem-se contar entre os melhores contos brasileiros modernos. UM GR ideal seria, não o de "Grande sertão:Veredas", nem, mesmo, o de "Sagarana", ou Corpo de baile" (delícia suspeita e viciosa de filólogos e nacionalistas da literatura), mas, por exemplo, o de "Seqüência"(...) Aqui, como nos seus melhores trechos, a "matéria regional" eleva-se àquela atmosfera em que a literatura não é pitoresca, nem simples floreios de frase: é uma literatura com a sua "linguagem" própria, isto é, com a sua maneira insubstituível de exprimir-se. Todo êsse conto é admirável (será, talvez, o mais perfeito do volume) e mostra no sr. GR o escritor realmente capaz de galvanizar êsse corpo morto, o regionalismo brasileiro. É que, ao contrário dos que tomam o tema regional pelo "lado de fora", como assunto simplesmente exótico, êle sabe vê-lo pelo que realmente é, quero dizer, como psicologia. Digamos que, até agora, êle tem procurado chegar à psicologia pela expressão, o que é a atitude de espírito linguístico e não literária, em luugar de atirar-se ao caminho que o levaria, no sentido contrário, aos domíninos mais profundos da literatura. O estilo do sr. GR é uma ficção linguística; mas êle é, dentre todos os escritores modernos do Brasil, o que melhor poderá criar, nos seus domínios pessoais, a língua da ficção". *Wilson Martins* — Caminhos da ficção — II. *Est. S. Paulo,* 26 jan. 1963, supl. lit., p. 2 (Últimos livros)

"E porque terei escolhido o motivo infantil para tecer considerações em tôrno da obra de GR? Há temas mais assoberbantes e mais absorventes nesta "selva selvaggia": a essência metafísica, a mística repartida entre Deus e o demônio, a consciência do bem e do mal, a dicotomia mêdo-coragem, o amor em multiformes aspectos, o deslumbramento da natureza — fauna e flora —, a integração do regional no universal, isto sem falar nas inovações da linguagem, no emprêgo das metáforas, no domínio estilístico.

Parece-me, todavia, que na realização dessa obra monumental e complexa, a infância assume, quer na qualidade de tema quer como presença ou vivência, importância liminar e até fundamental.

Á base da criação artística existe sempre um acervo de emoções cujo índice é o próprio temperamento do indivíduo. Como se sabe, essas emoções se revelam por meio de imagens, elementos verbais, exterioridades rítmicas, incidências que resultam de uma determinada visão do mundo.

Assim, esta visão do mundo que, na alma do artista é de ordem subjetiva, torna-se objetiva a partir de sua obra, como se fôsse um espelho. Pois bem: a visão do mundo de GR, traída a cada passo pelo impetuoso dinamismo que preside à forma poética, revela a presença constante e pertinaz da infância. O menino de "Campo geral" reponta com surpreendente vitalidade em tudo quanto escreve o nosso autor. Há uma aura de tresloucada candura ao longo de suas páginas as mais realistas. A alegria inexplicável das cousas amanhecentes, a descoberta da natureza, o despontar do pensamento através de palavras anteriores à lógica, a trepidação dos dilálogos, o fluxo e refluxo dos monólogos, o jôgo das metáforas, a própria filosofia matreira dos primitivos, personagens de sua dileção, os quais devem o que pensam ao que veem, tocam e degustam, as fontes ocultas no magma em potencial, o bárbaro e o primevo, tudo isso remonta à infância do autor, tudo isso demonstrara a sua faculdade de prolongar a infância.

Sua intuição amorosa, seu gôsto pela vida e pela renovação da vida através da arte tomada como atividade lúcida, fazem com que êle se assemelhe às crianças e aos primitivos, sêres que se agitam e se movimentam sem motivação exata e sem interêsse consciente.

O escritor parece divertir-se e, todavia, comover-se com seus mitos, tanto quanto o menino com seus brinquedos e o primitivo com suas superstições, ao considerá-los objetos reais dentro ao reino em que vivem, o sobrenatural. Tal como êles, com alegria e unção, o poeta ultrapassa os limites da realidade em seus raptos criadores.

O "eu profundo" de Rosa, o eu confuso, inexplicável e original de que fala Bergson, e não apenas o eu superficial, claro, impessoal, formado pela experiência, é de natureza infantil, instintiva, emotiva, manifestando-se, por isso mesmo, o seu gênio, com radiante espontaneidade. (...)" *Henriqueta Lisboa* — O motivo infantil na obra de Guimarães Rosa. *In: Guimarães Rosa* [Conferências...] Belo Horizonte, 1966, p. 19-20.

1830

ROSA, João Guimarães — Primeiras estórias. 2. ed. [Capa e desenhos de Luís Jardim] Rio de Janeiro, Livr. José Olympio ed., 1964. 176 p. ilust.

1831

ROSA, João Guimarães — Primeiras estórias. 3. ed. Introd. de Paulo Rónai [Capa e desenhos de Luís Jardim] Rio de Janeiro, Livr. José Olympio ed., 1967. xxxii, 176 p., 1 f.

"(...) Nisto já antecipamos a característica dominante da coletânea: sem embargo de sua extrema diferenciação as vinte e uma estórias acabam dando uma impressão de homogeneidade perfeita — tal como as novelas de "Sagarana" se fundem em unidade, ou como as sete narrativas de "Corpo de Baile" emergiram intimamente associadas da imaginação do artista.

Diversos, antes de mais nada, os assuntos: tente-se recontá-los em breves palavras para ver quantos. Diversas as situações, os problemas envolvidos e suas soluções. Note-se ainda que cada espécime pertence, por assim dizer, a outra variante ou subgênero — o conto fantástico, o psicológico, o autobiográfico, o episódico cômico ou trágico, o retrato, a reminiscência, a anedota, a sátira, o poema em prosa... Distinga-se a multiplicidade dos tons: jocoso, patético, sarcástico, lírico, arcaizante, erudito, popular, pedante — multiplicidade decorrente não só do tema, senão também da personalidade

do narrador, manifesto ou oculto. Observe-se a variedade da construção e do ritmo. Contudo as histórias se apresentam com inconfundível ar de família, nimbadas do mesmo halo, trescalando o mesmo perfume. O seu parentesco não se reduz a traços estilísticos: provém de uma concepção pessoal tanto da vida como da arte.

Cada estória tem como núcleo um acontecimento. Mas o sentido atribuível a êsse têrmo não é o que lhe dão comumente os dicionários, isto é, não é sinônimo de ocorrência. "Parecia não acontecer coisa nenhuma", adverte-nos o contista certa vez; e em outra ocasião pondera, ainda mais explícito: "Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo."

Os protagonistas de "Primeiras estórias" farejam êsses acontecimentos, adivinham êsses milagres. São todos, em grau menor ou maior, videntes: entregues a uma idéia fixa, obnubilados por uma paixão, intocados pela civilização, guiados pelo instinto, inadaptados ou ainda não integrados na sociedade ou rejeitados por ela, pouco se lhes dá do real e da ordem. Nêles a intuição e o devaneio substituem o raciocínio, as palavras ecoam mais fundo, os gestos e os atos mais simples se transubstanciam em símbolos. O que existe dilui-se, desintegra-se; o que não há toma forma e passa a agir. Essa vitória do irracional sôbre o racional constitui se em fonte permanente de poesia.

Os que desencadeiam essa corrente e nela se banham, sentem-na com tôda a intensidade, mas encontram dificuldade em comunicá-la. Ainda que tenham o verbo fácil, falta-lhes o domínio da linguagem abstrata e exteriorizam suas fortes experiências íntimas com tôda a sua riqueza de matizes numa língua concreta, saborosa e enérgica; a maioria, porém, compõe-se de taciturnos, desajeitados e ensimesmados, que nem tentam exprimir-se e passariam despercebidos pela vida se não encontrassem quem lhes emprestasse a voz. Reconstituir a fala daqueles, traduzir o silêncio dêstes — eis a tarefa do contista.

Até os contos que não se enquadram neste esquema representam, de uma ou de outra maneira, sondagens no inconsciente; assim a evocação e reconstrução, pelo adulto, de vivências infantis ou juvenis só parcialmente entendidas na época, ou o monólogo do introspectivo à procura do próprio eu sob as camadas superpostas pelas contingências do viver. O espetáculo tragicômico do demente encarapitado no alto de uma palmeira enseja um estudo de patologia individual, e outro, de patologia coletiva. As próprias narrativas anedóticas se prolongam, pelas alternativas sugeridas, num plano outro que não o real. (...)" *Paulo Rónai — Os vastos espaços, 4. Diversidade, e unidade,* prefácio, p. x, xi.

1832

ROSA, João Guimarães — Sagarana. Capa de Geraldo de Castro. Rio de Janeiro, Ed. Universal, 1946. 340 p.

Contém 9 contos.

Prêmio Felipe d'Oliveira, em 1946.

"Não quis o sr. GR classificar "Sagarana" como um grupo de novelas ou de contos. Antes, um conjunto de histórias — formalmente novelas — com uma tal unidade, com tal ligação subterrânea e substancial entre elas, que logo compreendemos por que preferiu apresentá-las como um livro apenas dividido em 9 capítulos. Cada um dêles constitui sem dúvida uma novela independente, com um enrêdo particular, mas se articulam em bloco como se simbolizassem o panorama de uma região. E "Sagarana" vem a ser precisamente isto: o retrato físico, psicológico e sociológico de uma região do interior de Minas Gerais, através de histórias, personagens, costumes e paisagens, vistos ou recriados sob a forma da arte de ficção. Aliás, não será fundamental saber-se com rigor o que nestas páginas é realidade objetiva e o que é realidade imaginada. A parte documental encontra-se nas descrições, no registro de costumes, na fidelidade à linguagem popular fixada através dos diálogos: a imaginação, na capacidade poética de animar artisticamente o real, no poder de criar personagens e crises dramáticas no desenvolvimento do enrêdo, dando uma configuração estética ao que era antes tôsco e bárbaro. As 9 histórias de "Sagarana" são como faces distintas, ajuntadas rigorosamente para a composição de uma fisionomia coletiva, que é a de uma

região de Minas Gerais, mas também representativa, em grande parte de todo o Brasil do interior. (...)" *Alvaro Lins* — Uma grande estréia. *Jornal de crítica*. 5. série. Rio, 1947, p. 177-178.

"(...) Em "Sagarana", JGR (...) Apresenta-se como o autor regionalista de uma obra cujo conteúdo universal e humano prende o leitor desde o primeiro momento, mais ainda que a novidade do tom ou o sabor do estilo. O leitor vindo de fora, por mais integrado que se sinta no ambiente brasileiro, não pode estar suficientemente familiarizado com o rico cabedal lingüístico e etnográfico do país para analisar o aspecto regionalista dessa obra; deve aproximar-se dela de um outro lado para penetrar-lhe a importância literária.

(...) As nove peças que formam o volume "Sagarana" continuam a grande tradição da arte de narrar. O gênero peculiar do autor é, aliás, a novela, e não o conto. A maioria das narrativas reunidas no livro são novelas, menos por sua extensão relativamente grande do que pela existência, em cada uma delas, de vários episódios — ou "subistórias", na expressão do escritor — aliás sempre bem concatenados e que se sucedem em ascensão gradativa. O gênero, em suas mãos, alcança flexibilidade notável, modifica-se conforme o assunto, adapta-se às exigências do enrêdo. Pois esta maleabilidade é justamente uma das características da novela moderna.

"(...) Apesar de uma ironia fina que oscila num ritmo tão pessoal entre o humor e o cinismo, o autor mantém-se imparcial para com as suas criaturas. Tem-se a impressão, às vêzes, de que adota a respeito delas os sentimentos do ambiente e as admira ou despreza de acôrdo com êsses sentimentos, partilhando das simpatias e antipatias dos comparsas. Na realidade, trata-se apenas de mais um meio para criar atmosfera. O escritor conserva-se algo distante das personagens, e quando se apressa em adotar algum julgamento cômodo sôbre elas, não sabemos com certeza se não o faz para se divertir à custa do leitor. (...)

Chegando ao fim destas breves considerações, percebemos o que elas têm de ilusório. O exame unilateral de um livro tão rico de conteúdos e significações como êste há de deixar uma impressão falsa. É sobretudo quase impossível falar desta obra abstraindo-se o aspecto da expressão verbal, que nela é de excepcional importância. O autor não apenas conhece tôdas as riquezas do vocabulário, não apenas coleciona palavras, mas se delicia com elas numa alegria quase sensual, fundindo num conjunto de saber inédito arcaísmos, expressões regionais, têrmos de gíria e linguagem literária. O que nos vale é que "Sgaarana" já deu ensejo a análises agudas, extensivas a todos os seus aspectos; por outro lado, é dêsses livros em que cada leitor faz necessàriamente novas descobertas." *Paulo Rónai* — A arte de contar em "Sagarana". *Encontros com o Brasil.* Rio de Janeiro, 1958, p. 129-131, 133, 137 (Artigo publicado em 1946).

"(...) Começaremos pelo fenômeno que, em virtude de ocorrer próximo à periferia, mobiliza de imediato a atenção do leitor: a dicção de JGR. (...) O que constitui autêtica proeza do artista de "Sagarana" é a maneira como tira partido da sua incoercível tendência à monumentalidade, para versar, conservando-se intrìnsecamente moderno, a temática de sua predileção: a realidade não menos monumental da vida pastoril brasileira. Escritor regionalista, que se há revelado até agora, conquanto esta seja apenas uma facêta de sua individualidade, nunca será demasiado ressaltar, num país onde regionalismo é sinônimo de repentismo, a sua incomparável *artistry* e perfeita sintonia com as conquistas de vanguarda no tocante aos problemas da expressão. (...)

Quando as palavras de curso diário perdem os seus contornos, não desfrutam mais a faculdade de pôr em relêvo a face das coisas e, pela ação erosiva do hábito, esbatem o perfil ricamente modulado do mundo, reimergindo-o num *back-ground* indiferenciado.

A redenominação é um imperativo da Poesia. Sua missão é constantemente restaurar o ser em sua originalidade.

(...) O escritor não é nenhum truão num palco de feira a se desengonçar em trejeitos e cambalhotas. Êle é o que enfoca os raios do tempo nos espelhos do espírito. Sua ação é recriar imagens — imaginação.

Assim, a anterioridade, em JGR, do *inventor* sôbre o *criador* — tomado o primeiro como o que engendra novos símbolos para replicar à realidade, e o último como o que, para o mesmo fim, se serve dos veículos de ideação já existentes — deve ser levada à conta, não de um sestro retórico, ou de especiosa gratuidade verbal, mas de inalienável necessidade de reavaliação do mundo.

(...) Não resta dúvida de que livros como "Sagarana" e "Com o vaqueiro Mariano" podem ser "compreendidos" por uma pessoa que não logre transportar-se da periferia para camadas significativas mais profundas, mas quanto esbanjamento involuntário não ocasiona a impermeabilidade à riqueza integral dessas criações!

O presente estudo destina-se precisamente àqueles que carecem de uma sonda de profundidade para efetuar o levantamento cartográfico dos acidentes submarinos pressentíveis na obra de JGR. E nesse mar-oceano a invenção de nomes é um dos sítios pelágicos.

Haverá de causar espécie que, muitas vêzes, o autor recorra a neologismos quando já conta a língua com palavras de uso corrente que expressem o mesmo conteúdo. Só se intrigará com isso quem supuser que a cunhagem do têrmo nôvo visa apenas ao desempenho de um papel substitutivo. Sua função primordial, ao invés, é descondicionar os nossos hábitos verbais e levar-nos a reexperimentar as idéias ou sensações veiculadas. A comoção que nos agita arranca-nos, por assim dizer, à nossa letargia mental e nos obriga a repensar os objetos. A linguagem opera, dêsse modo, a contínua reativação das nossas vivências e nos abastece de conotações insuspeitadas. Certa vez, JGR nos confiou de viva voz que o seu objetivo é desviar sua criação do trânsito ideativo rotineiro e compeli-la a freqüentar novas pistas de invenção. Não é outro o propósito de tôda a literatura de vanguarda, com suas expressões insólitas, sua aparente inconseqüência e intuições desnorteantes. Daí a impressão, que não raro nos acomete, de que fomos reconduzidos ao plexo solar das coisas e nos sentimos em condições — tal é a potencialidade do nome inédito — de destecer os enigmas que velam a sua legítima face. (...)" *Osvaldino Marques* — Canto e plumagem das palavras. *A seta e o alvo.* Rio de Janeiro, 1957, p. 24, 25, 78, 79, 82, 83.

"(...) Os temas de seus contos são regionais, tanto no material humano típico, como na linguagem e na acentuação da paisagem. Mas o seu regionalismo é de um tipo muito diferente dos regionalistas anteriores. E a sua diferença está precisamente na acentuação do caráter universal das suas tendências profundas. O regionalismo é, por natureza, particularista. Está para a ficção de ambiente largo, de tipo nacional ou para-nacional, como a crônica está para a história. Em GR, entretanto êsse localismo é apenas aparente. E o que surge, por baixo dos traços particulares e descritivos, é uma preocupação filosófica e portanto universal.

Se isso ocorre com a forma interior dos seus contos, o mesmo se dá com a expressão estilística. O monólogo e diálogo — aquêle de caráter introspectivo e êste de caráter transitivo se interpenetram de modo que o seu estilo, tão inconfundível e que, aparentemente, se colocaria entre os formalistas puros, se forra a qualquer evasão lírica interiorizada para se manter dentro das fronteiras da prosa e da comunicabilidade, naturalmente misteriosas ou ambíguas. Seus contos representam, por isso mesmo, o acontecimento até agora mais representativo do gênero, desde o advento do neomodernismo. E mostram como a prosa sintética do conto é realmente o gênero aparentemente preferido pela mais moderna geração, dentro da sua variedade e riqueza de tendências. (...)" *A. Amoroso Lima* — A evolução do conto no Brasil. *In: Academia brasileira de letras — Curso de conto.* Rio de Janeiro, 1958, p. 33-34.

"(...) Não pode ser voluntàriamente esquecida a importância dessa teimosa sobra do tempo em que a ficção existia entre a voz e o ouvido, num autor que segue a vocação de recriar por escrito as façanhas da oralidade, de reinstalar na prosa as surprêsas que surgem no acaso da fala desatenta.

Como se traduzisse poesia, procura, com paciente paixão (paradoxo dentro de um outro), passar para a linguagem do papel os melhores traços do que se dá pela voz, com tôda a sua ênfase, o seu calor, a sua entrega direta e assistemática do assunto. (...)

Com "Sagarana" prossegue uma linha de busca da ficção brasileira: a de encontrar as raízes do nosso homem num sertão. Quer dizer: no seu deserto, bem junto de sua parceira, a terra. Como êle, prêsa e fome. (...)

Ao escolher, para assunto a realidade mineral, vegetal e animal do sertão, suplica GR esta vitória: descobrir e transpor para o papel a ordem dos enlaces e das ressonâncias entre os reinos diversos, fazer da possibilidade de cada coisa um poder, dar em matrimônio a terra ao homem. E para captar a violência que dá vida, a profusão de dança e movimento que é o mundo, purificou os sentidos num movimento contrário à ascese.

Isso leva-me naturalmente à possibilidade de negar o barroquismo no autor de "Grande sertão — Veredas". O barroco pressupõe a existência ideal de uma estrutura — cuja pureza poderia ser reconquistada — na qual se superpõem floras de outras criações. Pode-se descobrir a saudade do equilíbrio clássico por detrás de sua aparente anarquia. Bem diverso é um relêvo indiano ou o prosoema (a palavra é de Osvaldino Marques) de GR — ambos representações tropicais do mundo. Embora haja também possível contraste na aproximação entre a presença, na arte indiana, de um mundo negado (sonho visível,, palpável, móvel e temporal de uma sonhada divindade) e a integração de tudo num só corpo de baile, que é o confessado enrêdo roseano. existe, na violência exuberante dos dois sistemas de obras, a mesma paixão por uma verdade mística. (...)

As páginas que formam a trágica espera de dois homens e em que o mosquito é um desapiedado destino são, o prenúncio como muitas outras de "Sagarana", dessa ficção tropical sem cenário, em que a paisagem não fica mais ao fundo, à esquerda ou à direita da estória, como a informar que foi ali que ela se passou, mas roça o rosto dos figurantes, caleja os seus pés; é centro e parte da vida, espectadora e pessoa dramáticas. (...)

Dá-nos, pois, a soma da paisagem na enumeração de suas parcelas, e o céu largo é tão importante quanto um verme na terra. Diante do leitor surge a ordem secreta que formam o boqueirão de um rio, um angelim, um coelho, um catrumano, em palavras que traduzem o escalavrado barro, a madeira, a carne. Mas, paradoxalmente, êste autor abundante é discreto: define um pássaro por uma pena da asa. (...)

Ao escrever a prosa com a consciência do poeta, se tudo lhe passa a ser permitido, como unir para criar a bela palavra, o radical germânico "saga" ao sufixo tupi "rana" (imitado, que não é verdadeiro; cf. canarana: falsa cana), mantém-se fiel à ortodoxia de uma linguagem matuta. (...)" *Alberto da Costa e Silva* — Introdução a João Guimarães Rosa. *J. Let.*, set./out. 1961, p. 3.

"(...) Se até aqui temos o que o autor chama, no simbolismo de sua tese, a plumagem das palavras, cabe, em seguida, anotar que não deixa sem exemplo, o que dentro da mesma concepção, chama o seu canto. Sensível ao poder fônico dos vocábulos, GR se deixa entregar a combinações léxicas, cujo fim é sem dúvida explorar o seu manancial sonoro. Aqui mesmo, na sua história "São Marcos", observa-se a prática dêsse recurso, que, se algumas vêzes pretende ilustrar conteúdo semântico, à maneira onomatopaica, em outros casos dá à nota sonora valor próprio e exclusivo, já que não se relaciona com o contexto. (...)

A tal propósito, não é possível deixar sem referência outro conto de "Sagarana", "O burrinho pedrês", em que o escritor terá levado ao máximo o aproveitamento estilístico da gama sonora das palavras. É o caso da boiada que se dispõe para o tangimento dos vaqueiros, sob as ordens de seo Major e os cuidados do Badu, do Francolim e de quantos mais. A fieira das rêses é representada por um período constituído de simples sucessão de vocábulos, que dão idéia nítida dos elementos que compõem o rebanho, logo seguido de outro período, desarmável em quatro versos pentassilábicos, imagem da marcha que começa a trotar os passos cadentes: "Galhudos, gaiolos, estrelos, espacios, combucos, cubetos, lobunos, lompardos, caldeiros, cambraias, chamurros, churriados, corombos, cornetos, bocalvos, borralhos, chumbados, chitados, vareiros, silveiros... E os tocos da testa do môcho macheado, e as armas antigas do boi cornalão." (...)

JGR é escritor, cujas qualidades de estilo não podem resumir-se em síntese diagramática. Dêsse modo, parece-me temerário querer definir a estrutura individualíssima de seu sistema de expressão, onde se misturam o pitoresco, o vulgar e o precioso, em uma única linha interpretativa. Todavia, não me parece falso incluí-lo, a despeito de outras características que igualmente o possam explicar, no número daqueles escritores, para os quais a linguagem compõe a realidade da obra literária. (...)" *Wilton Cardoso* — A estrutura da composição em Guimarães Rosa. *In: Guimarães Rosa* [Conferências...] Belo Horizonte, 1966, p. 39-41.

"Desde 1946, quando apareceu "Sagarana", fazendo estremecer, com o seu poder onírico e sua fôrça épica, a consciência literária brasileira, que todos falamos na *revolução Guimarães Rosa*. Mas até hoje essa revolução guimaroseana não foi definida, senão pelos seus aspectos mais ostensivos — a dimensão formal.

A prosa de JGR irrompia das páginas de "Sagarana" com tão terso e tenso e intenso poder de visualização, tão vigoroso frêmito plástico e uma tão numerosa multiplicidade de timbres, ritmos e acordes, na sua musicalidade polifônica, que a crítica, num

primeiro lance de abordagem, não poderia deixar de ficar impressionada com a complexa estrutura formal sôbre a qual repousa, dinâmicamente, a ficção de GR. Surgiram, então, com Osvaldino Marques, Cavalcanti Proença, Eduardo Portela — para citar apenas alguns — os primeiros ensaios de análise formal, uns baseados nos métodos da estilística, outros utilizando os processos do *new-criticism*. Eu mesmo, servindo-me dos instrumentais da *Schallanalyse*, abordei vários aspectos sônicos da prosa roseana. Nessa ocasião coube a Paulo Rónai, num magistral ensaio publicado na imprensa carioca em julho de 1946, cuidar pioneiramente de uma das dimensões singularíssimas da arte de GR: a sua técnica de narrar.

Estilo *in opere*, incoagulável, reinventando-se em incessante dinâmica, êsse estilo fizera explodir a linguagem consuetudinária, desarticulando a sintaxe tradicional, subvertendo a semântica dicionarizada, fazendo ir pelos ares tudo quanto havia de estratificado na nossa dicção literária. Ensinam os Formalistas Russos que quando um crítico se está aproximando do valor de uma obra literária, é a palavra, como tal, que importa. Nessa fase do trabalho crítico, é a *orquestração* — para empregar outro conceito dos Formalistas Russos —, o quer dizer a qualidade fônica do texto literário, que se mostra mais susceptível de investigação. Pelas suas feições sonoras, geradas pelo uso das aliterações, coliterações, assonâncias, relações homofônicas, em síntaxe, pela sua *symphonic estructure*, "Sagarana" oferecia ao crítico amplíssimo campo a ser devassado. E essa pesquisa continua sendo feita até hoje, por críticos da alta competência de um Augusto de Campos e um Haroldo de Campos. (...)

Creio que cabe agora a pergunta fundamental: em que consistiu a revolução roseana? Foi uma revolução linguística, de tipo joyceano, ou a sua revolução estilística é apenas uma revolução dentro de outra revolução ainda maior? (...)

A grande revolução guimaroseana consistiu em romper dialèticamente (conservá-la, ultrapassando, no conceito hegeliano), essa forte tradição da inteligência brasileira. JGR pensou e escreveu a sua obra *sub specie perfectionis*. (...)" *Franklin de Oliveira* — Revolução roseana. *C. Manhã*, 26 nov. 1947, 4. cad., p. 1.

1833

ROSA, João Guimarães — Sagarana. Capa de Geraldo de Castro. 2. ed. Rio de Janeiro, Ed. Universal, 1946. 333 p., 1 f.

1834

ROSA, João Guimarães — Sagarana |Capa de Santa Rosa| 3. ed. rev. Rio de Janeiro, Livr. José Olympio ed., 1951. 344 p., 1 f.

1835

ROSA, João Guimarães — Sagarana. 4.ed. versão def. Capa de Poty. Rio de Janeiro, Livr. José Olympio, 1956. 376 p.

1836

ROSA, João Guimarães — Sagarana |Ilust. e capa de Poty. 5. ed. retocada. Forma def.| Rio de Janeiro, Livr. José Olympio ed., 1958. 387 p. ilust.

1837

ROSA, João Guimarães — Sagarana. Pref. de Alberto da Costa e Silva. Lisboa, Livros do Brasil ltda. |1961| 349 p., 1 f. (Col. Livros do Brasil, 51).

1838

ROSA, João Guimarães — Sagarana |Capa e ilust. de Poty| 6. ed. Rio de Janeiro Livr. José Olympio ed., 1964. 365 p. ilust. (Col. Sagarana, 1).

1839

ROSA, João Guimarães — Sagarana |Capa e ilust. de Poty| 7. ed. Rio de Janeiro, Livr. José Olympio ed., 1965. 365 p. ilust. (Col. Sagarana, 1)

1840

ROSA, João Guimarães — Sagarana |Pref. de Óscar Lopes. Capa e ilust. de Poty| 8. ed. Rio de Janeiro, Livr. José Olympio ed., 1967. xviii, 365 p. ilust. (Col. Sagarana, 1).

"(...) É escusado encarecer a exuberância do simples pitoresco paisagístico, vegetal, animal ou etnográfico: o leitor encontra-o particularmente condensado em dois contos: num dêles, "S. Marcos", de "Sagarana" o *epos* visual da paisagem contrasta com um túnel de cegueira transitória; o outro, "Cara-de-Bronze", de "Corpo de Baile", é um misto de guião para filme e de borrão romanesco. O simples álbum de pecuária brasílica, com o seu pandemônio de bovinos e eqüinos de todos os continentes e castas, com os seus integrais e diferenciais de comportamento, côr, ritmo de galhos em marcha ou corrida, valeria já um museu animalista. Que dizer então de grandes conjuntos épicos como a anábase de um bando de jagunços atravessando um deserto teòricamente intransitável para colhêr de surprêsa outro bando; a matança bruta, à metralha, de cavalos que "não entendiam a dor também" (cenas ambas do "Grande Sertão"); ou como o contraponto, em "Buriti" ("Corpo de Baile"), entre uma potente tensão sensual dentro de portas de uma fazenda e, lá fora, a sinfonia de ruídos e vozes do Sertão noturno?

O que importa mais é o seguinte: a percepção sensorial exata de formas, côres, odôres, reações instintivas, acontecimentos naturais e humanos tem sempre um sentido inesgotável. Sentimo-nos num grupo de cavaleiros em silêncio, na escuridão, e isso acorda-nos não sabemos que memórias vivas. Há descrições geométricas ou fisiològicamente perfeitas, e cujo rigor todavia nos faz sorrir, com a ironia de um inefável *plus ultra*. Tudo é percorido de um humor que desconhecíamos. E um humor assim tão conseguido e surpreendente lembra como que um ângulo ou tonalidade de luz revelando novos mundos no mundo. Sentimos o nosso próprio tempêro pessoal nas suas limitações de experiência: sentimos que muito nos falta compreender. Nalguns contos de "Sagarana" vê-se bem a importância de ter vivido nos Gerais e de, cumulativamente, ter percorrido vários outros povos, culturas, línguas, civilizações com olhos de ver. (...)

A esta riqueza inseparàvelmente externa e interna, receptiva e ativa de vida literàriamente organizada corresponde uma técnica narrativa característica: a ação aparentemente principal do romance, das novelas e até dos contos de GR está tão ligada a várias outras, que o leitor se vê compelido a um ato de jerarquização permanente. Daí a impressão viva de muito a dizer, de um tempo maciçamente concreto e de relações inextrincáveis entre todos os destinos.(...)

Transitemos, que já é tempo, a estruturas e intenções fundamentais. Com efeito, em tôdas as narrativas de GR se sente uma profunda e original meditação, tanto mais impressionante quanto maior a simplicidade de dados a que recorre. Daí a importância do uso do dialeto dos Gerais. O narrador é quase sempre, virtualmente, um sertanejo dentro de cuja experiência e linguagem metaforizada o autor faz caber uma ponderação de alcance universal sôbre realidades e destinos concretos. (...)

GR é talvez o autor vivo de língua portuguêsa que melhor nos persuade de como a linguagem é, em última análise, criação contínua, veredas singrando num horizonte imprevisto; de como a linguagem é tradutível, portanto convencional, nas suas estruturas ossificadas, mas produtora do real humano na sua mais viva linha de avanço. (...)

O mundo parece mitificar-se, mas o que de fato aconteceu é que as nossas relações com as coisas se reanimaram: certas intenções humanas descobrem novas coisas, ou (o que é mais evidente pelas imagens dos Gerais sertanejos) certas coisas ou suas feições desconhecidas despertam em nós intenções ignoradas, sôbre as quais nos ficamos interrogando. E redescobrimos até que a vocação humana mais profunda é a

de realizar milagres, é a de aspirar ao que nem mesmo nos atrevemos a dizer-nos. Isso faziam dantes os mitos. E quando um escritor volta hoje a fazê-lo, é porque atingiu a altitude da epopéia." *Óscar Lopes — Novos mundos,* prefácio, p. x, xii, xiii, xvii, xviii.

1841

ROSA, João Guimarães — Sagarana. 9. ed. (póstuma) |Capa e ilust. de Poty. Pref. de Óscar Lopes. Poema de Carlos Drummond de Andrade| Rio de Janeiro, Livr. José Olympio ed. |1967| xxvi, 365 p. ilust., retr., fac-sim.

1842

ROSA, João Guimarães — Tutaméia, terceiras estórias |Capa de Luís Jardim| Rio de Janeiro, Livr. José Olympio ed., 1967. 192 p., 1 f.

Contém 40 contos precedidos de 4 prefácios do próprio autor.

"As quarenta estórias de "Tutaméia", de GR, distribuidas em quatro grupos, cada um dos quais antecedido de prefácio, estão poèticamente ordenadas. São estórias de uma só estória; são casos exemplares, a modo de diversa figuração de grande fábula ou mito. Isso, se dermos à fabula o sentido de ensinamento indireto, que se extrai, por via de ação de pessoas, animais ou coisas, e se por muito entendermos, respeitando a etimologia, história que personaliza verdades ou princípios essenciais.

(...) Prefácios e estórias formam assim um todo poèticamente ordenado. Nas estórias, a linguagem caminha num plano de criação e de recriação; os Prefácios contraponteiam êsse plano, como se, à semelhança de metalinguagem, contivessem êles algumas das regras do jôgo da linguagem que em tôda a obra se desencadeia. Mas os dois planos se unem na mesma ironia do pensamento, na mesma sabedoria reflexiva, que de um a outro circula, e da qual sai a fábula que se conta, para maravilha de exemplo, no complexo das estórias: "Devagar e manso se desata qualquer enliço, esperar vale mais que entender, janeiro afofa o que dezembro endurece, as pessoas se encaixam nos seus veros lugares" (Vida Ensinada)

A estória das estórias de "Tutaméia" é a leitura geral da vida que se faz por meio de todos os seus textos reunidos. "A vida também é para ser lida", fala-se em "Aleluia e Hermenêutica". Repete-se aí a didática de Riobaldo, para quem a vida se totaliza sob a forma de relato no tempo, e que ao tempo consome. "Viver, não é — é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender a viver é que é o viver mesmo." Viver é aprender a viver, tôda vida é ensinada. O relato que o Geralista de si mesmo fêz, encaixou-se noutro maior texto, o da escrita das coisas. Tudo então, desde que a linguagem se traslade, possui sentido, mesmo sendo incompreensível. Afirma-se, com isso, a fé na linguagem, que é maneira de afirmar, acima dos contrastes, das situações particulares e das vidas pequenas e insignificantes, a fé no que há. "O mundo é Deus estando em tôda parte". "Tutaméias" não existem por si. São episódios de divina e altíssima comédia, muito em que nos compreendemos sem nada compreender." *Benedito Nunes* — Interpretação de "Tutaméia". *Est. S. Paulo,* 2 set. 1967, supl. lit., p. 1.

"Anteontem, Dia da Bandeira. Será também o dia da morte de JGR, não só, talvez, o maior prosador em língua portuguêsa de todos os tempos, mas, também, um dos escritores mais autênticamente brasileiros, apesar da perplexidade que — até hoje — a sua linguagem possa despertar. Rosa da prosa; a nossa Rosa. Porque falar apenas de James Joyce (ou, principalmente, "Ulysses" e "Finnegans Wake") ou de todos os escritores que o antecederam no uso das palavras-valise *(porte-manteau),* do jôgo de sílabas ou trocadilho *(pun),* ou de tôdas as escolas barrôcas, não será suficiente para explicar e definir o fenômeno Rosa. Essa linguagem que também reflete a mescla de refluxos arcaicos com os dialetos regionais, vazada no exprimir de uma profunda acepção mística, brotou e filtrou-se na experiência vital do próprio escritor, que soube encorpá-la nos recursos de uma cultura refinada. Aliás, um exemplo da cultura de Rosa emerge, logo, no intróito do seu mais recente livro, "Tutaméia" (Terceiras Es-

tórias, quando aborda com observações de requintada sutileza a questão do anedotário. Não fôsse a sua extraordinária vertente de fabulista, seria, inclusive, bastante difícil classificá-lo especìficamente como romancista, novelista, contista — em suma, prosador. (...)

Embora já esteja traduzido para diversas línguas, Rosa era intraduzível — em sua essência, aquela da gesticulação verbal no que há de tão brasileiro na raiz de sua escrita. Talvez só êle próprio estivesse capaz de uma cabal autotradução, conhecendo tão bem como êle conhecia diversos idiomas estrangeiros. Disse-nos uma vez que não conhecia tôdas as línguas, mas que procurava saber a gramática de tôdas elas. Coerência com a sua preocupação de agir mediante as formulações gerais da linguagem, com a caça daquelas identidades e analogias que lhes permitiriam organizar um cosmos lingüístico. (...)" *José Lino Grünewald* — Rosa da prosa. *C. Manhã,* 21 nov. 1967, 2. cad., p. 1.

"Tutaméia" de JGR, foi o livro do ano. Em invenções verbais como ninguém ainda ousara fazer entre nós, atingiu aí Rosa um ponto nôvo em nossa litreatura. Suas sintaxes, novidadeiras com as gentes do Urucáia, se fixam numa língua que não se precisa aprender, que ela está no estar-aí, no estar-no-mundo, no Brasil resumido, no Brasil nôvo, no Brasil grande". *Antônio Olinto* — 1967 — Literatura em transe. Tutaméia. *J. Let.,* jan. 1968, p. 7.

1843

ROSA, Laura — Promessas, contos. São Luís |191-?|

Apud Academia maranhense de letras, São Luís — Antologia. São Luís, 1958, p. 184.

1844

ROSA, Vilma Guimarães — Acontecências |Desenho de capa de Gian Calvi| Rio de Janeiro, Livr. José Olympio ed., 1967. 137 p. retr.

Contém contos e versos.

"Com a publicação de "Acontecências", contos e poemas de VGR, recente lançamento da Livraria José Olympio Editôra, ganha a moderna ficção brasileira uma escritora verdadeiramente representativa no gênero da história curta. O título de "Acontecências", explica a autora aos que poderiam discordar ou estranhar, nasceu de um estalo. E continua: "Mineiro, quando descobre a imensidão de água, que engole céu e matas usando suas cores, primeiro se assusta, não acredita. Depois escreve, pinta, faz canção. E termina se apaixonando pela beleza desconhecida, onde pedras e praias escondem segredos que pescadores revelam". E assim aconteceu com essa nova contista, cujo "leit-motiv" é o mar com o seu mistério, seus pescadores e navegantes, seus braços e praias, suas lendas e seus fundos segredos. Dêle partindo para os que ficamos em terra firme, VGR trouxe-nos na sua prosa clara e objetiva um punhado de contos e poemas, onde se entrelaçam tonalidades dramáticas e líricas, toques de humor e de tragédia, onde no entanto está sempre presente a sensibilidade, a identificação entre o narrador e o seu tema. (...)" *Acácio* — Quatro lançamentos de hoje. *C. Povo,* Pôrto Alegre, 12 dez. 1967 (Livros).

"VGR batizou seu livro buscando, como fazia seu pai, a palavra que mais do que as conhecidas comportasse significação. "Acontecências" dilata o bôjo de "acontecimentos" e lhe dá um sentido nôvo de surprêsa na aventura. História do mar, com esta dedicatória: "E a Peter Quiney Reeves, "skipper", que num barco me fêz conhecer e amar o mar". Ninguém descobre os segredos do mar como uma mineira condenada geogràficamente à terra ou à água doce. Ela o confessa: "Cada vez que ouço a onda desenrolada bater no casco do barco, eu sei. Ela está me contando mais uma acontecência..." (...)" *Henrique Pongetti* — Leituras. *F. Tarde,* Pôrto Alegre, 5 jan. 1968.

"Filha de João Guimarães Rosa, Vilma revela-se ficcionista consciente da difícil técnica do conto nas estórias reunidas em volume sob o título "Acontecências". As narrativas oferecem uma tessitura lingüística solta, diáfana e polivalente.

Mais do que promessa de estreante, a elaboração do texto de "Acontecências" revelam segurança de fabulação, imaginativa colorida de emoção e senso literário sem indecisões quanto à escolha de motivos. Essas características muito pessoais do espírito da escritora valorizam a sua maneira de realização literária e indicam emancipação em relação à técnica do seu pai. Há em VGR autenticidade na prosa e na imaginação" *J. Let.*, jan. 1968, p. 2 (Vida dos livros)

1845

ROSA JÚNIOR, Manuel de Miranda — Prismas, contos. Curytiba, 1906.

1846

ROSA JÚNIOR, Manuel de Miranda — Prismas, contos. Curytiba, 1909.

1847

ROURE, Agenor de — Concurso litterario (contos) Rio de Janeiro, Typ. da Empr. Democrática ed., 1894. 239 p., 1 f.

Contém 14 contos.

1848

RUBENS, Carlos — O que as mulheres não contam... Rio, A. Coelho Branco Filho, 1932. 168 p.

Menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, em 1932.

1849

RUBENS, Carlos — Ressureição, contos e chronicas. Rio de Janeiro, Typ. Rev. dos tribunaes, 1916. 133 p.

1850

RUBENS, Carlos — Tarantula. São Paulo, Monteiro Lobato, 1923, 150 p.

1851

RUBIÃO, Álvares — O leão do mar. Belo Horizonte, Impr. oficial, 1946. 241 p.

1852

RUBIÃO, Murilo — Os dragões e outros contos. Capa de Mário Silésio. Belo Horizonte, Ed. Movimento-Perspectiva, 1965.

Contém 20 contos: 12 de "O ex-mágico" e 8 contos novos.

"(...) Os críticos mais ou menos apressados e amantes de comparações ou descobertas de influências alheias nas obras literárias, colocaram MR na órbita de Kafka, o que, se fôsse verdadeiro, não constituiria em nenhum desdouro para o novelista mineiro. Acontece que o autor de "O ex-mágico" só veio a tomar contato com o genial escritor checo muito depois da publicação do seu primeiro livro. O que coincide em ambos é que suas histórias se desenvolvem em tôrno da absurdez da existência humana, do sonho e da fantasia. MR abre o livro com os versículos de Jeremias, V. 30: "Coisas espantosas e estranhas se têm feito na terra". Êstes versículos definem de maneira geral os contos de "Os dragões e outros contos", que mantem uniformidade em seu todo, mesmo quando as estórias surgem do absurdo da fantasia. São fábulas ou parábolas, que escondem verdades através do irreal. (...)" *Otávio Dias Leite — D. Minas*, 20 jun. 1965 (Livros & fatos)

"(...) Neste livro nôvo: "Os dragões e outros contos", MR reaparece mais amadurecido, reaprendidas as lições da juventude, fortalecido com as experiências, queimando ao sal e ao sol do tempo. Sua magia, embora mais contida, continua tão surpreendente quanto antes:

a consciência artística mais apurada, já perdida a inocência, não possui mais a gratuidade dos transbordamentos emocionais, torna-se mais frio, já sabe bem o que quer dizer, ou fazer.

Doze contos do "Ex-mágico" e mais oito novos fazem o mundo mágico de "Os dragões". É o mesmo mundo antigo, revelado nôvo agora, lìmpidamente nôvo. (...)" *Márcio Sampaio* — Murilo e seus dragões. *D. Minas,* 10 jul. 1965.

"Murilo se comunica por meio de uma expressão mágica, original, fascinante. O mito do "Ex-mágico" ainda hoje contém uma dramática fôrça persuasiva". *Fábio Lucas. J. Let.,* jun. 1966, p. 6.

1853

RUBIÃO, Murilo — A estrela vermelha. Rio de Janeiro, Hipocampo, 1953.

1854

RUBIÃO, Murilo — O ex-magico, contos. Rio de Janeiro, Ed. Universal, 1947. 190 p.

Prêmio Othon Lynch Bezerra de Melo, da Academia Mineira de Letra, em 1946.

"(...) Êle não procurou uma fácil forma de expressão, nem ficou a lidar com elementos já vistos e explorados. Buscou um caminho nôvo e soluções próprias. Se não está dotado de uma originalidade absoluta no sentido universal, o livro do sr. MR representa, no Brasil pelo menos, uma novidade, com um tratamento da matéria ficcionista que não me fôra dado ainda encontrar em qualquer dos nossos autores. Não vamos cometer o exagêro de proclamar que o sr. MR é o nosso Kafka, mas indicar que êsse tipo de ficção, dentro do qual êle se colocou, está representado no plano universal, e da maneira mais perfeita, pela obra de Kafka (...)

Não estamos definindo uma influência, mas sugerindo apenas uma aproximação no no que diz respeito a uma determinada concepção do mundo, geradora por sua vez de uma concepção artística, que lhe é correspondente. É verdade que sob muitos aspectos os contos do sr. MR nada têm a ver com os de Kafka, mas será razoável aproximar o autor brasileiro do autor universal no seguinte ponto de partida: o tratamento como que objetivo e exato do imaginário; a criação de um mundo que, embora com as mesmas coisas e pessoas do nosso mundo, difere dêste quanto às situações de movimento, tempo e casualidade; a apresentação dêste outro mundo de forma a colocar o leitor em estado de vertigem ao ponto de levá-lo a sentir que aquela criação supra-real é que tem verossimilhança e mesmo verdade, enquanto o nosso ambiente visível e sensível fica sendo aos seus olhos, transfigurados pela ficção, uma realidade inverossímil e mesmo falsa. Em síntese: é o "absurdo" que o autor constrói e impõe como o "lógico". *Alvaro Lins* — Os novos. *Jornal de crítica.* 6. série. Rio de Janeiro, 1951, p. 140, 141.

1855

RUFINO, Francisco — Diamantes e perolas. Victoria, Sociedade de artes graphicas, 1914. 84 p.

Figura na fôlha de rosto, antes do nome do autor, o pseudônimo de Jules Granval.

1856

RUFINO, Francisco — Luares e sóes. Victoria, Typ. da Pap. Commercial, 1893-1896. 3 f. p., 127 p.

1857

RUFINO, Francisco — Pyrilampos e astros.

Apud Francisco Rufino-Luares e sóis.

1858

RUIZ, Martim — Pavana para uma infanta defunta, contos. Limeira, Ed. Letras da província |1957| 102 p.

1859

S

SÁ, Jota — Se a vida contasse. São Paulo, Ed. Linotipo, 1966.

"Coleção de contos picarescos ou irônicos" *Judas Isgorogota. Gazeta,* São Paulo, 26 nov. 1966 (Literária)

1860

SÁ, Sinval — A fuga. Fortaleza, Impr. universitária, 1962.

Prêmio no concurso de contos da Universidade do Ceará, em 1959.

1861

SABINO, Fernando — A companheira de viagem |Capa de Walter Pereira. Rio de Janeiro| Ed. do Autor |1965| 178 p.

Nome completo: Fernando Tavares Sabino.

"Os trabalhos que compõe êste livro foram escritos para publicação regular em revistas, sob a genérica designação de crônicas, embora muitos tenham o tratamento de ficção característico das histórias curtas. O penúltimo, "Passeio" é um conto. E o último, a partir do título, é uma crônica que eu pretendia realmente a última, no gênero — não fôsse êle um meio de vida de que ainda me valho, graças à generosa acolhida dos leitores". *Fernando Sabino* — [*Nota preliminar*].

"A virtuosidade de FS como prosador evidencia-se, novamente, em "A companheira de viagem". Aliás, êsse nôvo livro constitui mais um mostruário da versatilidade do autor no aludido campo. Acrescente-se que embora, a primeira vista, dê idéia de coletânea de crônicas, inclui páginas que são autênticos contos. Observe-se que, na apresentação, o próprio escritor esclarece que "ao menos um dos trabalhos aqui enfeixados ("Passeio") é um conto". Uma análise mais exigente levará à conclusão de que boa parte do volume é integrado por narativas realizadas, dentro da respectiva técnica, com uma economia de recursos que as transformam em modelos para os que pretenderem se iniciar no que Érico Veríssimo classifica como "arte do raconto". (...)" *Rolmes Barbosa. Est. S. Paulo,* 30 abr. 1966, supl. lit., p. 4 (A semana e os livros)

"(...) O recurso, como o percebeu o sr. FS, é escrever pequenos contos em que a variedade das histórias introduz variedade no estilo e em que, por outro lado, os rápidos esboços de psicologia compensam o tipo de ginástica verbal gratuita em que a crônica tende necessàriamente a se transformar. Pràticamente tôdas estas crônicas são contos, o que, aliás, é desde logo admitido pelo autor na nota preliminar (...)" *Wilson Martins* — Cronistas. *Est. S. Paulo,* 17 set. 1966, supl. lit., p. 2 (Últimos livros)

1862

SABINO, Fernando — Os grilos não cantam mais. Rio, Irmãos Pongetti, 1941. 137 p.

Contém 13 contos.

"O que se pode chamar uma autêntica vocação de contista é a do sr. FTS, logo se revelando com "Os grilos não cantam mais"(...)

Os temas prediletos do sr. TS são aquêles que se concentram em cenas domésticas, em ambientes familiares, em pequenos conflitos sentimentais(...)" *Alvaro Lins* — Contos. *Jornal de crítica*. 2. série. Rio de Janeiro, 1943, p. 162.

1863

SABINO, Fernando — O homem nu |Capa de Bea Feitler. Rio de Janeiro| Ed. do Autor [1960| 231 p.

"Compõe-se êste livro de 40 trabalhos, selecionados entre os que tenho escrito para publicação regular na imprensa, especialmente, na revista "Manchete" e no "Jornal do Brasil". Com a ajuda de José Carlos Oliveira, escolhi os que, pelo tratamento de ficção que lhes foi dado, me pareceram constituir matéria de contos e poderiam ser chamados de histórias curtas. Outras histórias, ainda mais curtas, e as que se prestam a designação genérica de crônicas, como são chamadas, poderão vir a constituir outros livros(...) *Fernando Sabino — Nota.*

1864

SABINO, Fernando — O homem nu |Capa de Bea Feitler| 2.ed. |Rio de Janeiro| Ed. do Autor [1960| 231 p.

1865

SABINO, Fernando — O homem nu |Capa de Bea Feitler| 3.ed. |Rio de Janeiro| Ed. do Autor |1961| 231 p.

1866

SABINO, Fernando — O homem nu |Capa de Bea Feitler| 4.ed. |Rio de Janeiro| Ed. do Autor |1962|

1867

SABINO, Fernando — O homem nu |Capa de Bea Feitler| 5.ed. |Rio de Janeiro| Ed. do Autor |1963|

1868

SABINO, Fernando — O homem nu |Capa de Bea Feitler| 6.ed. |Rio de Janeiro| Ed. do Autor |1965| 190 p.

1869

SABINO, Fernando — A inglêsa deslumbrada |Capa de Ziraldo. Rio de Janeiro, Editora| Sabiá, 1967. 220 p.

Contém 50 contos e crônicas.

"Algumas crônicas e histórias que compõem êste livro foram escritas em Londres, de 1964 a 1966 para "Manchete" e "Cláudia" e "Jornal do Brasil". Outras foram escritas no Rio em diferentes ocasiões."(...)" *Fernando Sabino — |Nota preliminar|*

1870

SABÓIA, Eduardo — Contos do Ceará. Fortaleza, Padaria espiritual, 1894. 60 p.

Nome completo: Eduardo Tomé de Sabóia.

(...) A influência romântica de Heine reponta, raquítica, através das páginas recortadas em miúdos capítulos; influência tão sòmente à moldura da realidade irredutível. O assunto dessas histórias ligeiras, conquanto circunscrito à vida e aos costumes da província, tem, ao mesmo passo, uma estreita ligação com o espírito do mundo, melhor não se impondo por carência de maturidade criadora, sendo a obra, como é o resultado de um talento jovem. (...)" *Braga Montenegro* — Evolução e natureza do conto cearense. *Clã*, fev. 1952, p. 12.

1871

SALDANHA, Ana — Traços meus, pensamentos e contos .Porto Alegre, Globo, 1927. 100 p.

1872

SALDANHA COELHO, José *ver* Coelho, José Saldanha.

SALES, Daví — Reunião *ver* Reunião.

SALES, Daví — A traiçoeira invenção da noite |Salvador, Ed.Macunaíma, 1962| 76 p.

Contém a novela "Misael, o insurreto" e contos escritos entre 1958 e 1961.

1873

SALES, Herberto — Histórias ordinárias |Rio de Janeiro| Ed. O Cruzeiro [1966] 200 p.

Contém 17 contos.

Prêmio do Pen Clube.

1874

SALGADO, Plínio — Contos e fantasias. *In*: *Salgado, P. — Obras completas.* São Paulo, Ed. das Américas |1956| v. 20, p. 75-248 (Obras completas, 20).

O volume 20 contém: "Discurso às estrêlas"; "Contos e fantasias" e "Sentimentais".

"(...) Editado depois de "O Estrangeiro", êste livrinho foi escrito antes daquêle romance, num período de experiências do estilo moderno, em que o autor se preparava para a composição da sua obra, que foi a primeira a surgir sob a inspiração revolucionária da arte, nos domínios da ficção.

(...) Neste mesmo volume, depois de "Discurso às estrêlas", insere-se o conto "Aventuras do Alferes Chicão", que já é posterior ao "O Estrangeiro". Nota-se aí, a par da continuidade de um estilo que se firmara com segurança, um pensamento político que o tom satírico do entrecho deixa claramente perceber, pois a pequena Malumbeira, na verdade, é uma miniatura da vida brasileira (...)" *Plínio Salgado — Nota preliminar*, p. |9, 10|

1875

SAMPAIO, Newton — Contos do sertão paranaense. Pref. de Manuel de Oliveira Franco Sobrinho São Paulo, Empr. graph. Revista dos tribunais, 1939.

Contém 10 contos.

"(...) Evidentemente nos dois livros que nos deixou sua técnica de conto(...) NS não separou muitas vêzes, a crônica e o conto. Confundiu ambos os gêneros. Tirou de um a maneira precisa e leve, a pintura viva e pronta no esbôço de situações ou de personagens. Do outro, as sugestões pròpriamente literárias ou técnicas. Entre "Irmandade" e "Contos do sertão paranaense" vai um abismo. Enquanto o primeiro revela certas páginas dramáticas e subjetivas mais ricas em vida e em profundidade, onde a substância domina a forma inquieta e variada, o segundo, aproveitando temas regionais, explora situações objetivas e menos densas de sentido humano ou literário. "Irmandade" conto que deu título ao volume, "Seu Fidélis vai viajar" e "Tragédia das mãos", são as páginas mais expressivas do livro e da maneira do autor. Há um fundo dramático nessas histórias, um sentido maior de vida que rompe a simplicidade das palavras e dos diálogos. (...)" *Wilson A. Lousada* — Dois contistas. *D. Casmurro,* 5 ago. 1939, p. 6 (O livro nacional)

1876

SAMPAIO, Newton — Irmandade. Rio de Janeiro, Ed. dos Cadernos da Hora presente, 1938. 114 p.

Prêmio da Academia Brasileira de Letras, em 1937.

1877

SAMPAIO, Sebastião — A tortura do real, contos. Rio, Typ. Leuzinger, 1907. 80 p.

1878

SANCHES, Benjamim — O outro e outros contos. Pref. de Assis Brasil. Manáus, Ed. Sérgio Cardoso, 1963. 190 p.

"No prefácio do livro, *Assis Brasil,* faz num parágrafo, tôda uma conceituação da obra do contista: "BS trabalha já o flagrante, ou um determinado acontecimento, em função de personagens. Do outro, as sugestões pròpriamente literárias ou técnicas. Entre "Irnum espaço formalmente condicionado a essa expressão". Eu diria mais: na captação de um núcleo ficcional, em que tudo gira em tôrno de uma unidade de expressão, com sua linguagem trabalhada e econômica, uma técnica de visualização do episódio, isto é, exibe a realidade que tem diante de si, de maneira plana e correta". *Leitura,* fev./mar. 1964, p. 20, 21.

1879

SANTA RITA JÚNIOR, Antônio Francisco de — Episodios, contos. Curitiba, 1914.

1880

SANTOS, Dioscórides Maximiliano dos — Contos de nagô. Capa e ilust. de Carybe. Rio de Janeiro, Ed. GRD, 1963. 113 p. ilust.

"(...) Aspecto que me parece digno de ser assinalado, no livro, é o de que suas estórias possuem duas características naturais à filosofia do africano e ao pensamento-emoção da criança (o "thought-feeling" de que fala Krishnamurti): a crueldade e a moralidade. Pelo menos, aquilo que, para um viciado nas apressadas conclusões da lógica ocidental, poderia parecer crueldade ou amoralidade. Com ser cruel, percebe o africano o império fatalista de certas coisas que não podem ser evitadas pelo homem; e afirma sua confiança nas fôrças elementais e nos lados positivos da vida. (...)

(...) contos do melhor conteúdo, através dos quais a memória e a habilidade vocabular de DMS exercem papel diferente na ficção brasileira de hoje, porque aí é

um sincretismo cultural que se faz valer, para insuflar algumas novidades no movimento literário de uma época. Sempre que a literatura oral se transforma em literatura pròpriamente dita, isto é, em coisa escrita, em matéria verbal, em arranjos vocabulares elaborados numa determinada direção e dentro de certa escolha de técnica, é que há sangue nôvo no movimento cultural de uma comunidade. (...)" *Antônio Olinto. Globo,* 16 nov. 1963 (Porta de livraria)

"(...) Os contos de Didi conservam todo um barbarismo, uma selvageria, e uma instintiva que lhe dão um caráter próprio e particular. Evidentemente êste barbarismo não quer significar antropofagia, mas uma aproximação com a natureza, com as formas mais simples de existência e uma identificação com os elementos essenciais da condição humana. Pela bôca de Dioscórides fala o homem simples, o homem que ainda não dança yé-yé, que se preocupa com outros homens, para quem irmão é na verdade irmão, e que se respeita outro homem é porque êle é sábio, santeiro, bom na capoeira, e talvez, se fôr homem de muito poder, possa fazer chover durante a sêca. São personagens e homens originais porque ainda não conheceram a padronização, o enlatado, o tecido sintético. Homens como é o próprio Didi, no dizer de Jorge Amado"... é Didi, negro alto e delgado, de fino perfil, doce sorriso e olhos brilhantes de inteligência, flor da civilização popular baiana. E vale a pena sentar-se a seu lado..."

(...) Há nos contos de Didi um tom de conto-de-fada, negro, muitos dos quais, nós ouvimos de nossas antigas babas, ou à beira de algum fogão, vindo de uma negra velha, conhecedora de ervas e dos segredos de uma boa feijoada. Não há em Didi requintes no narrar fazendo-o êle de uma forma direta, como um homem que conta sua estória a beira da fogueira (...)" *Jacó B. Klintowitz* — Didi conta e vive histórias da Bahia. *C. Povo,* Pôrto Alegre, 25 abr. 1965.

1881

SANTOS, Dioscórides Maximiliano dos — Contos negros da Bahia |Pref. de Jorge Amado. Ilust. e capa de Caribé| Rio de Janeiro, Ed. CRD |1961| 115 p.

"O autor é o popular "Didi" dos candomblés baianos e sua obra vale como contribuição folclórica". *J. Let.,* jul. 1961, p. 4.

"DMS, com seus "Contos negros da Bahia", insuflou um pouco de espírito popular no gênero" |contos| *"Retrospecto do ano de 1961 na literatura. J. Let.* jan./fev. 1962, p. 10.

1882

SANTOS, Ernesto Paula — Mel e primavera. Recife, Atelier Miranda, 1896. 96 p.

1883

SANTOS, Geraldo — Arcanjos em patrulha (contos) Capa de Alberto Teixeira |São Paulo, Livr. Francisco Alves, 1961| 168 p. (Col. Alvorada, 6).

Contos da vida de quartel e da experiência de brasileiros na última guerra mundial.

1884

SANTOS, Joaquim Felício dos — Fragmentos de um manuscrito |e| Os invisíveis... |Rio de Janeiro, I.N.L., 1961| p. 169-201, ilust.

Separata da "Revista do Livro", ns. 23/24, jul./dez. 1961.

"Dentro do panorama do Romantismo brasileiro avultam, em meio aos primeiros contos da escola escritos em Minas Gerais, as narrativas de JFS que aqui reproduzimos: "Fragmento de um manuscrio" e "Os invisíveis" (...)

Muito fantasista, Felício é no fundo um cético que se defende da vida com a visão humorística dos fatos e das coisas; o racionalista que existe nêle não impede ao escritor de se distrair com abusões, crendices e fantasmagorias, que considera com divertida ironia (...)

Os "Invisíveis" e "Fragmento de um manuscrito" são variantes da mesma modalidade dum conto de "mistério" resolvido e explicado pelo desenlace. Essas falsas histórias de assombração, mais consentâneas com o temperamento facêto do autor, situam-se, a seu modo, naquela vertente realista do gênero que Brito Broca tratou em artigo recolhido no seu livro (ainda inédito) "Pontos de Referência" (...)

São narrativas que podem constar com vantagem em qualquer antologia de contos do Romantismo brasileiro". *Nota introdutória,* p. 169-171.

1885

SANTOS, José Carlos dos — Contos regionais. São Carlos, Typ. Minerva, 1924.

1886

SANTOS, José Wilson Seixas — Samba, futebol, mulher & cachaça, contos [Capa de Fúlvia Gonçalves. Ribeirão Prêto] Ed. AD, 1961. 70 p.

1887

SANTOS, Maria Clara da Cunha — Painéis. Rio, Typ. do Jornal do commercio, 1902. 229 p.

1888

SANTOS, Nestor Vítor dos *ver* Vítor, Nestor.

SANTOS, Plínio — Paginas do sertão. Ribeirão Preto, Livro Verde, 1923. 194 p.

1889

SANTOS, Virgílio Paula — Dois olhos no cais. São Paulo, 1951.

1890

SASSI, Guido Vilmar — Amigo velho, contos [Capa de Galileu Amorim] Florianópolis, Ed. Sul, 1957. 77 p. (Ed. Sul, 8).

Contém 7 contos.

Prêmio Artur Azevedo, do Instituto Nacional do Livro, em 1957.

1891

SASSI, Guido Vilmar — Piá, contos [Capa de Nereu Góss] Florianópolis, Ed. Sul, 1953. 97 p.

Contém 16 contos.

1892

SASSI, Guido Vilmar — Testemunha do tempo [Capa: Sérgio Fragoso — Comunicação visual] Rio de Janeiro, Ed. GRD, 1963. 138 p. (Ficção científica GRD, 16).

Contém 12 contos.

1893

SASSI, Guido Vilmar — 20 histórias curtas *ver* 20 histórias curtas.

SAVASTANO, João Gilberto — Moleque Tião. Maceió, 1954.

1894

SAVASTANO, João Gilberto — Negra Sebastiana. Maceió, 1952.

1895

SCARANO, Julita — O espelho e a janela. |Ilust. de Tide Hellmeister. São Paulo, Massao Ohno, 1963| 79 p.

1896

SCAVONE, Rubens Teixeira — O diálogo dos mundos. Introd. de José Geraldo Vieira |Capa: Fotomontagem de Rubens Teixeira Scavone| Rio de Janeiro, E. GRD |1961| 147 p. (Ficção científica GRD, 10).

Contém 6 contos.

1897

SCAVONE, Rubens Teixeira — O dialogo dos mundos. Pref. de Maria de Lourdes Teixeira. Capa de Vicente Di Grado. 2.ed. São Paulo, Ed. Clube do Livro, 1965.

1898

SCHMIDT, Afonso — Os boêmios. São Paulo, Clube do livro, 1952, 183 p.

A novela que dá título ao livro, seguida de 8 contos.

1899

SCHMIDT, Afonso — Brutalidade, contos. Santos, Inst. D.Escholastica Rosa, 1922. 159 p.

"AS em "Brutalidade", "Impuros" |sic|, "Pirapora", "Curiango" deu-nos contos originais, marcados por um doce sentimento de humanidade, moderno na linguagem, mas sem refletir nenhuma das influências que então dominava o mundo das letras, com uma tal tirania, que muitos poucos arriscaram sair a público, temendo a pecha de passadistas" *Austregésilo de Ataide* — O moderno conto brasileiro. *In: Academia brasileira de letras — Curso do conto.* Rio de Janeiro, 1958, p. 183.

1900

SCHMIDT, Afonso — Brutalidade, contos. 2. ed. São Paulo, Irmãos Ferraz, 1927. 157 p.

1901

SCHMIDT, Afonso — Curiango. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1935. 194 p.

"Os contos do sr. AS, enfeixados em "Curiango", na sua maioria não são inéditos, constituindo, antes, uma coletânea de volumes esgotados como "Os impunes" e"Pirapora"(...) Escrevendo no mais puro vernáculo e traindo, até, certa preferência para com os arcaismos e para com os têrmos pouco vulgares, dêsses que levam, constantemente ao dicionário, os leitores menos cultos(...) Os contos do sr. AS não valem apenas pela forma, mas pela substância, pelo conteúdo ideológico(...)

Aliás, o sr. AS, que é um espírito liberto de preconceitos nacionalistas é, por isso mesmo, o menos brasileiro dos cultores dêsse gênero literário no Brasil. Psicólogo, de tipos cosmopolitas, tendo sido, mesmo entre nós, um precursor da literatura de ação social, não fôra o entrave da língua em que escreve,(...) e poderia figurar, como *conteur*, ao lado dos nomes mundialmente conhecidos de um Gorki ou de um Ehrenburg". *Alves Ribeiro* — O romance e o conto em 1935. *B. Ariel*, jun. 1936, p. 243.

1902

SCHMIDT, Afonso — Dedo nos lábios. São Paulo, Clube do livro, 1953. 183 p.

A novela que dá título ao livro, seguida de 3 contos.

1903

SCHMIDT, Afonso — O dragão e as virgens... As sacrificadas. Os impunes. O ágape. Dedo nos lábios. São Paulo, Ed. Cupolo ltda. |1950?| 256 p.

"O dragão e as virgens" é classificado ora como sendo livro de contos, ora de novelas.

1904

SCHMIDT, Afonso — O dragão e as virgens... As sacrificadas. Os impunes. O ágape. Dedo nos lábios. São Paulo, Ed. Cupolo ltda. |1954| 256 p.

"O dragão e as virgens" é classificado ora como sendo livro de contos, ora de novelas.

1905

SCHMIDT, Afonso — Histórias antigas (contos escolhidos) Seleção e pref. do autor |Ilust. da capa: José Rivelli Neto| São Paulo, Ed. Cultrix |1962| 178 p. (Contistas do Brasil, 3)

Reúne nesse volume, contos de vários livros, quase todos de ambiência histórica.

1906

SCHMIDT, Afonso — Os impunes. São Paulo, Livr. Santos, 1923. 172 p.

Contém: "Os impunes" e "Dedo nos lábios".
1.º prêmio no concurso de "La Novella Semanal", de Buenos Aires.

1907

SCHMIDT, Afonso — Os impunes e outros contos |São Paulo| Ed. Brasiliense |1954| 325 p. (Obras de Afonso Schmidt, 7).

Contém: Os impunes. — O dragão e as virgens. — Retrato de Valentina. — Dedo nos lábios. — A carantonha.

Embora o título dê como contos, as histórias contidas neste volume são incluidas em outros como novelas. "A Carantonha", também aqui incluido, possui uma edição à parte publicada pela Ed. Melhoramentos e classificada como literatura juvenil.

1908

SCHMIDT, Afonso — Os melhores contos de Affonso Schmidt |Seleção e notas de Armando Marques Ferreira| Lisboa, Ed. Helis, 1946. 238 p.

1909

SCHMIDT, Afonso — Os melhores contos de Afonso Schmidt. Ilust. de Percy Lau |Capa de Cyro Del Nero. São Paulo| Boa leitura ed. |1962| 264 p. ilust. (Col. Grandes autores).

1910

SCHMIDT, Afonso — Pirapora. São Paulo, Graf. ed. Unitas ltda. |1924?| 155 p.

1911

SCHMIDT, Afonso — Pirapora. O desconhecido |São Paulo| Ed. Brasiliense 1954?| 316 p. (Obras de Afonso Schmidt. 9).

1912

SCHMIDT, Afonso — O retrato de Valentina. São Paulo, Instituto progresso ed. |1947| 243 p. (Col. Iguassú, 4).

Contém contos e novelas.

1913

SCHMIDT, Afonso — O retrato de Valentina. Nota explicativa de Antônio D'Elia. Capa de Vicente Di Grado. São Paulo. Clube do livro, 1961. 151 p.

Contém contos e novelas.

1914

SCHMIDT, Afonso — O tesouro de Cananéia. São Paulo, Ed. Anchieta ltda., 1941. 248 p.

Prêmio Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras, em 1942.

1915

SCHMIDT, Afonso — O tesouro de Cananéia. Brutalidade |São Paulo| Ed. Brasiliense |1954| 112 p. (Obras de Afonso Schmidt, 8).

1916

SCHNAIDERMAN, Boris — Guerra em surdina |Orelha: Mário da Silva Brito| Rio de Janeiro, Civilização brasileira |1954| 214 p. (Col. Vera Cruz. Literatura brasileira, 74).

Contém 19 narrativas.

"(...) Seu livro, "Guerra em surdina", tem características peculiares: não sendo um romance, é, no entanto, tìpicamente uma obra de ficção que reconstitui a realidade vivida pelos nossos soldados na Campanha da Itália; conjunto de narrativas, algumas das quais podem ser enquadradas no gênero conto, o livro funciona como um todo orgânico, havendo íntima relação entre as diversas partes: embora não possa, de modo algum, ser considerado autobiografia, reflete a experiência pessoal do autor nas fileiras da F.E.B.; sendo tudo menos uma reportagem, contém assim mesmo a narração de inúmeros fatos que têm sido pouco divulgados, e de outros pràticamente esquecidos" *Mário da Silva Brito* — |*Orelha*|

1917

SCLIAR, Moacir Jaime *e* Carlos Stein — Tempo de espera. Pôrto Alegre, 1963.

"Dois novos de Pôrto Alegre — CS e MS — lançarão conjuntamente, na próxima Feira do Livro", "Tempo de espera" (coletânea de contos) Na palavra de um dos autores, a obra terá como temática "o homem perante a incerteza e o frenesi do nosso tempo. O livro não dará direções. Pergunta: para onde vamos?" *D. Not.*, Pôrto Alegre, 6 out., 1963 (Bôlsa do livro. Últimos lançamentos)

1918

SELOS, Lineu — Pandorga, contos. Rio de Janeiro, Livr. São José, 1958. 78 p.

1919

SENA, Nelson Coelho de — Contos sertanejos (lendas e fragmentos) Bello Horizonte |Porto, Typ. Universal e a vapor de Antonio Figueirinhas| 1902. 243 p.

Publicado sob o pseudônimo de Pelaio Serrano.

1920

SENA, Nelson Coelho de — Contos sertanejos (lendas e fragmentos) Bello Ho-Horizonte |Porto, Typ. Universal e a vapor dt Antonio Figueirinhas| 1903. 253 p.

Publicado sob o pseudônimo de Pelaio Serrano.

1921

SENA, Nelson Coelho de — Paginas timidas (contos e escriptos) Ouro Preto, Typ. Silva Cabral, 1896. 170 p.

Publicado sob o pseudônimo de Pelaio Serrano.

1922

SEQUEIRA, Bueno de, *sac.* — A última mulher (contos) |Capa de Fernando Pierucetti| Belo Horizonte, Ed. Itatiaia |1955| 118 p.

1923

SEREJO, Hélio — Prosa rude. São Paulo |Ed. Cupolo| 1952. 205 p.

1924

SERRA, Fócion — Cérebro feminino. 1925.

Apud Fócion Serpa — O soldadinho da favela.

1925

SERRA, Arnaldo — Almas penadas. São Paulo, 1930.

Contos e fantasias.

1926

O livro de narrativas curtas que lança agora, "Dez histórias imorais", apresenta-o como dono de um ritmo de linguagem que pode levá-lo ainda mais longe. Claro está que êle corre um perigo: o da felicidade. Muito dotado, pode vir a desperdiçar seus dons de narrador na fácil adoção da técnica repetida, não repetida ao modo de Gertrude Stein, conscientemente, mas no sentido de apelar sempre, ou quase sempre, para recursos de narrativa que a experiência lhe haja ensinado serem naturais a sua feitura. No livro que agora, muito bom, não está êle ainda sob a égide total de técnicas que já tenha usado, mas o perigo está ali, numa que outra frase intercalada em trechos de boa direiteza narrativa.

O mundo de AS se oferece de nôvo ao leitor nestas histórias: sua capacidade de erguer gente e de pegar ambientes se confirma e se expande. Recomendo a leitura de "Dez histórias imorais", com exemplos de uma tendência da ficção brasileira do momento. (...)" *Antônio Olinto* — O mundo de Aguinaldo. *Globo,* 8 agô. 1967, p. 4 (Porta de livraria)

"Apesar de algumas dessas histórias se passarem na Guanabara, são quase todos os contos de AS, uma espécie de retratação lírica dessa cidade Mauricia. Alguns, como sendo também, as reminiscências do autor quando menino católico, coroinha de Igreja e depois do adolescente inquieto, revoltado com o mundo, amando-o e combatendo-o. Parecem duas instâncias: na primeira o homem vive, na segunda contenta-se em escrever, que é a última das instâncias, a mais perigosa, a mais árdua.

O livro de contos do romancista AS, traz tôda uma experiência no ângulo mais romanesco da vida, mais vivencial, focalizando certas áreas como o cais do Recife, onde êle situa um complexo densamente psicológico das "mulheres" noturnas, tão confusas, tão nostálgicas como os próprios becos escurecidos do bairro de São José.

São os amôres e desamores. As noites de festa, as noites vazias; o casamento de Rita na noite de São João, como um auto engano, um desejo irrealizado; a inversão de valores representada pelo personagem Violeta e um mundo de coisas que se convencionou chamar de imortais; que se padronizou de pecado pela formação jesuítica do nosso povo, cheio de preconceitos, como também, pela crença da moral rígida e estável dos senhores de engenho, hoje violada, como sinal de protesto, pelas gerações mais novas que não se livram totalmente das raízes sub-conscientes fundamentais no passado rígido da Casa Grande.

As dez Histórias de AS, vem trazendo, assim, as coisas do dia-a-dia, reveladas pela condição humana das "mulheres" que levam no ombro esquerdo, mais do que o pêso de uma sociedade; pela retratação dos desejos eróticos, muitas vêzes, sem nenhuma causa de ser. (...)" *José Mário Rodrigues* — Ligeiras considerações em tôrno das histórias de Agnaldo Silva. *J. Com.,* Recife, 12 nov. 1967, supl. lit., cad. 4, p. 4.

1935

SILVA, Benedito Salomon da Costa e — Seis contos. Belo Horizonte, Ed. do autor, 1955. 69 p. ilust.

1936

SILVA, Célio Sampaio — Histórias e contos. Limeira, Ed. Paulista, 1951. 231 p.

1937

SILVA, Domingos Carvalho da — A véspera dos mortos. Capa de José Maria Monfort Guix. São Paulo, Ed. Coliseu, 1966.

Contém 16 contos. É a estréia do poeta em prosa de ficção.

(...) Não é por acaso que o livro começa por uma epígrafe de Fernando Pessoa: o poeta está presente no ficcionista da primeira à última linha. Foi sòmente outra a maneira escolhida para comunicar. O contador de histórias não abandonou a poesia: renovou-a para se renovar. Porém, nesta experiência, o conto não perdeu o sentido nem a fôrça. É válido pela espontaneidade, tradicional pelo espírito, contemporâneo pela temática. A primeira e a última histórias o provam, pois DCS surpreendeu as

personagens em flagrantes, limitando-se a acentuar um ou outro pormenor, para que os homens e os fatos se tornassem mais vivos na sua atualidade.(...)" *João Alves das Neves. Est. S. Paulo*, 28 maio 1966, supl. lit., p. 4.

"Sente-se, nesses contos, a presença do poeta que constrói o poema verso a verso, preocupado com o ritmo, com a depuração formal, com a sonoridade e colorido do período, com a beleza das imagens. Disso resultou um livro da melhor qualidade, escrito em linguagem enxuta e harmoniosa, em estilo poucas vêzes direto, elíptico por vêzes, rico de alusões e símbolos que expressam uma realidade vigente da melhor maneira possível". *Almeida Fischer. J. Let.*, jun. 1966, p. 4.

"(...) "A véspera dos mortos", que reúne dezesseis contos de temática bastante variada, indo da simples aventura amorosa, da história meio policial, meio humorística ao drama e à tragédia, aos grandes conflitos em que se debate o homem de hoje, à science fiction, à caricatura e à sátira, é realmente um livro extraordinário, tanto em relação à forma quanto ao conteúdo. Era natural que os contos que o integram fôssem apenas histórias comuns escritas por desfastio por um grande poeta talvez em busca de descanso na diversidade. Muitos, como nós, terão iniciado sua leitura com essa prevenção, a mesma com que há cêrca de vinte anos, foram recebidos os excelentes "Contos de aprendiz", do mestre Carlos Drummond de Andrade. Trata-se, porém, como naquela ocasião também se tratava, de um dos melhores livros de histórias curtas publicados em língua portuguêsa. Escrito numa linguagem de esmerado apuro e num estilo de enorme limpidez, em que nada excede nem falta, com um sentido de universalidade que insere os problemas e conflitos do homem comum no plano do entendimento e da compreensão de todos, dando à sua mensagem uma comunicabilidade das mais amplas, o livro de DCS representa uma grande e agrável surprêsa literária.

"Água de Nagasáqui", ""Cemitério de mulheres", "Os olhos da morta" e "Entrevista com o Iéti" são contos antológicos em qualquer literatura. Nesses e em outros, também da melhor qualidade, encontramos páginas de ironia e de ternura, de horror e de morte, de poesia, inquietantes páginas que dão ao livro dimensões humanas raramente atingidas." *Almeida Fischer* — Um livro de contos. *J. Let.*, agô. 1967, p. 10 (Literatura na planalto)

1938

SILVA, Eduardo Correia da — Contos de agora e de outrora. Rio, Pongetti, 1950. 153 p. ilust.

1939

SILVA, Euclides da Mota Bandeira e — O monstro, contos. Curitiba, Ed. da Novella paranaense, 1927.

1940

SILVA, Francisco Oliveira e — A mão sem anéis e alguns contos. Rio de Janeiro, Ed. Eco, 1964. 198 p., 1 f.

Contém A mão sem anéis" seguida de 20 contos.

1941

SILVA, Hugo Correia da — Contos e cartas de amor. Belo Horizonte, Ed. Planeta |1958| 153 p.

1942

SILVA, Ilda César Marcondes da — As três irmãs de Judas. São Paulo, Companhia editôra nacional, 1962.

1943

SILVA, João Manuel Pereira da — Variedades litterarias. Rio de Janeiro, Livr. de B L. Garnier, 1862. 330 p. (Obras litterarias e politicas de J. M. Pereira da Silva, 1)

Entre outros gêneros, contém os contos: "Uma paixão de artista, desvaneio de 1838" (p. 167-177) e "Um banho russo, 1839" (p. 235-239).

1944

SILVA, João Moreira da — Alinhavos, humorismos inocentes (contos) Pôrto Alegre, Off. typ. do Jornal do commercio, 1896.

Publicado sob o pseudônimo de Areimor.

1945

SILVA, João Moreira da — Cousas a rir, caprichos homoristicos (contos) Pôrto Alegre, Typ. particular, 1897.

Publicado sob o pseudônimo de Areimor.

1946

SILVA, João Moreira da — Humorismos innocentes, contos e chronicas. Rio de Janeiro, Ed. de Pimenta de Mello & cia., 1925. 229 p.

Publicado sob o pseudônimo de Areimor.

1947

SILVA, João Moreira da — Prosa alegre (resurreição litteraria). São Paulo, Typ. de W. Rotermund, 1908. 326 p.

Contos e crônicas.

Publicado sob o pseudônimo de Areimor.

1948

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e — As duas orphãs. Rio de Janeiro, 1841. 35 p.

Com "As duas órfãs" JN foi considerado por *Edgar Cavalheiro* (*Evolução do conto brasileiro*. Rio, 1954, p. 22) "o pai do conto brasileiro", embora o achando "muito fraquinho". Apesar do próprio autor classificar o seu trabalho de "romance", no dizer de Edgar Cavalheiro tanto "As duas órfãs", como "Romances e novelas", publicado em 1852, "são, a rigor, contos, isto é, histórias curtas, e podem, perfeitamente, servir como ponto de partida a quem traçar a evolução do conto brasileiro".

Há divergências quanto a esta afirmativa, alegando uns que o próprio JN no seu livro "Romances e novelas" (1852, p. viii) declara que "os contos e legendas serão publicados ao depois", prova esta que o próprio autor não considerava contos os seus trabalhos.

Sílvio Romero na sua "História da literatura brasileira" considera-o com "pouquíssima aptidão" para o gênero e da "leitura maçante". "No conto e novela pouco mais publicou além do volume intitulado "Romances e novelas", aparecido em 1852 em Niterói, e do ,Martírio de Tiradentes ou Frei José do Destêrro", impresso trinta anos mais tarde, em 1882, no Rio de Janeiro" (*História da literatura brasileira*. 4. ed. Rio, 1949, v. 3, p. 155) Páginas adiante salientando a predileção que JN tinha pela His-

tória, principalmente pelo século 18 em Minas, evidencia que nos gêneros que cultivou sempre voltava ao assunto, salientando: "no conto, "O martírio de Tiradentes" é referente ao assunto (*op. cit.*, v. 3, p. 169)

É curioso notar que os estudiosos da história do conto entre nós, não citam esta obra. Mesmo Sacramento Blake no seu famoso Dicionário confessa não conhecer tal trabalho. No entretanto, a Biblioteca Nacional possui um exemplar.

Herman Lima (*Variações sôbre o conto*. Rio, 1952, p. 72) assim se refere a JN: "Cronològicamente, de acôrdo com Sílvio Romero nosso primeiro contista seria JNSS, autor de " Romances e novelas", "hoje ilegíveis, por escritos em detestável estilo, incorreto, incolor".

Alceu de Amoroso Lima, na sua conferência na Academia Brasileira de Letras — "A evolução do conto no Brasil", declara: "Foi com a novela "Amância", de Domingos Gonçalves de Magalhães, em 1841, e, no mesmo ano, em "As duas órfãs", de JN, que o gênero se ensaiou pela primeira vez em nossa terra. Não eram romance, nem a rigor conto. Mas eram mais êste que aquêle. E, aliás, de uma absoluta mediocridade literária, como o foram os "Romances e novelas", que JNSS ia publicar em 1852 (Academia brasileira de letras — Curso de conto. Rio, 1958, p. 16)

Barbosa Lima Sobrinho no seu artigo "O conto urbano no Brasil" (Academia brasileira de letras — Curso de conto. Rio, 1958, p. 62) discorda da paternidade de JN. Diz o crítico: "No Brasil, o conto urbano se generaliza ou se torna freqüente no período romântico. Não digo que venha da obra de JN — "As duas órfãs", como afirmam os historiadores de nossa literatura. O próprio JN não entendeu que a sua narrativa fôsse realmente um conto. Denominou-a antes "novela", republicando-a numa coleção de quatro composições, sob o título geral de "Romances e novelas". Duas dessas composições mereceriam a classificação de romance, como "O testamento falso" e "Januário Garcia"; as duas outras caberiam na denominação de "novelas". "As duas órfãs" relatam episódio da guerra holandesa no Nordeste. A segunda novela poderia ser levada à conta de novela urbana, pois que a ação se desenrola na Gávea, embora uma Gávea diferente, cheia ainda de florestas e carvoeiras. Anunciava JN, nesse volume, que os contos viriam depois, em outro volume, que não chegou a publicar, o que nos leva a conclusão que êle próprio não achou que fôssem "contos" as histórias menos longas dêsse primeiro volume.

Confesso que tenho dúvidas em atribuir a JN a criação do conto brasileiro".

Já *Renard Perez* no seu artigo "Panorama do conto brasileiro" do Jornal de Letras de maio de 1959, p. 8 atesta que "afora o valor histórico, quase nada representa êsse autor, num julgamento qualitativo, mesmo levando em consideração a literatura da época, já avançada em outros gêneros".

Mário da Silva Brito inclui JN na sua antologia "O conto romântico" (Rio, 1961, p. 209) anotando que: "Na verdade, a novelística de JN é de significação meramente cronológica, histórica. Representa apenas uma etapa na evolução do gênero entre nós".

De uma maneira ou de outra, a história de amor e ciúme de "As duas órfãs", tendo como cenário Pernambuco da ocupação holandesa, em que o autor com pruridos de nacionalidade faz aparecer Camarão, Henrique Dias, Nassau e outros heróis da época, é tida como marco na história do conto brasileiro, embora queiram os críticos, com valor meramente cronológico e histórico, e não qualitativo ou literário.

1949

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e — O martyrio do Tiradentes; ou, Frei José do Desterro, lenda brasileira. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, livr.-ed., 1882. vii, 118, 1 p.

Segundo *Sílvio Romero* (História da literatura brasileira. 4. ed. Rio de Janeiro, 1949, v. 3, p. 155) JN "no conto e novela pouco mais publicou além do volume intitulado "Romances e novelas", aparecido em 1852 em Niterói, e do "Martírio de Tiradentes, ou, Frei José do Destêrro", impresso 30 anos mais tarde, em 1882, no Rio de Janeiro".

Páginas adiante (op. cit., v. 3, p. 169), salientando a predileção que JN tinha pela História, principalmente, pelo século 18 em Minas, evidencia que nos gêneros que

cultivou sempre voltava ao assunto, salientando: "no conto, "O martírio de Tiradentes" é referente ao assunto".

É interessante notar que os estudiosos da história do conto entre nós, não citam êste trabalho. Mesmo Sacramento Blake confessa não conhecer tal obra. No entretanto, a Biblioteca Nacional possui um exemplar.

1950

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa e — Romances e novellas. Nictheroy, Typ. fluminense de Candido Mantins |sic| Lopes, 1852. ix, 224 p. (Prosas e poesias).

Contém: Maria; ou, Vinte anos depois, novela, p. 1-33; Januário Garcia; ou, As sete orelhas, romance, p. 35-83; As duas órfãs, romance, p. 85-115; O testamento falso, novela, p. 117-224.

Ver nota na referência bibliográfica "As duas órfãs" (n. 1949).

1951

SILVA, José Bernardo da — 3 contos populares. Preâmbulo de Amphytrite Nunes. Niterói |Ed. Himalaya| 1954. |16| p.

1952

SILVA, Josino Ribeiro da — Adverso destino, conto. Rio |Baptista de Souza| 1958. 38 p.

1953

SILVA, Júlio César da — O diabo existe, contos. São Paulo, Monteiro Lobato, 1925. 214 p.

1954

SILVA, Justo Ferreira da — Contos que a vida escreveu. Rio de Janeiro, Baptista de Souza, 1957. 128 p.

1955

SILVA, Leo Vítor de Oliveira e — Círculo de giz |Pref. de Lúcio Cardoso. Capa e ilust. de Darel| Rio de Janeiro, Ed. Aurora |1956| 229 p. ilust.

Publicado sob o nome de Leo Vítor.

"Há no livro de LV pontos muito altos, momentos em que o escritor se afirma com decisão, inteiramente consciente de seus temas e recursos. E que fazem de "Círculo de giz" um livro humano, sentido, de crueza e realismo constrangedores. Da primeira à última página é o motivo da moléstia, argumento de todos os contos, de todos os dias dos três Cadernos que formam o diário "Deus e a Morte". *Lauro Uller. ParaTodos,* 1. quinz. jun. 1956, p. 6.

1956

SILVA, Lília Aparecida Pereira da — Monstros e gênios. Ilust. da autora. São Paulo, Livr. Exposição do Livro, 1965.

Contém 38 contos.

"Realmente estou escrevendo como contista cronista, nesse livro. Apresenta, acima de tudo, um mundo humano, tão pobre e lírico como é realmente feito; com pessoas reais e ideais, como na verdade convivemos. Um circo e um templo. Fala de mostros que abrigamos, dos fenômenos múltiplos da personalidade, não só do lado patológico, pois chegam a alcançar o lirismo ou a idiotia, o sinistro. Nêle eu ressalto a comédia no drama, o ridículo na angústia. Mostro certa adivinhação nos usos e costumes do futuro, problemas psicológicos de pessoas ignorantes e de cultas, dos pais, da moral, da religião. Tudo oscilando entre o bem e o mal que regem a humanidade no seu cotidiano. Falo pois, desde a neurose ao crime. Daqueles que não se podem tolerar como humanos sem se realizarem como assassinos, para poder libertar-se do monstro que lhes habita a pele. É um livro de temas fortes, quer falando de amor ou de desencanto" *Lília A. Pereira da Silva* — |Entrevista| *In: Silva, Quirino da* — Contos. *D. Noite,* São Paulo, 1. ed., 16 nov. 1965.

"(...) ilustrado por ela mesma, com desenhos que têm algo de fantasmagórico, marcados a vivo por uma expressão de sonho, delírio e pesadelo, a um tempo. Aliás, as suas histórias, quase tôdas, se caracterizam por êsse traço peculiar: nelas quase nada de comum ou trivial ocorre, só o que é insólito e espantoso. Não se trata pròpriamente de ficção-ciência, mas dessa área ela se aproxima, quando acentua certos contornos de suas estranhas narrativas e lhes dá colorido fantástico. A morte mais que a vida está presente na maioria dêsses contos, parecendo que a autora sàdicamente se compraz em assustar um tanto o leitor, com seus monstros, os seus defuntos, as suas sombras de gente. (...)" *Valdemar Cavalcanti* — Lília A. Pereira da Silva: ficção, poesia e tudo o mais. *C. Manhã,* 24 jul. 1966 (Revista dos livros) (Publicado com as iniciais A.A.)

1957

SILVA, Lopes da — Samburá (contos) Rio de Janeiro |Typ. Baptisa de Souza| 1934. 95 p.

1958

SILVA, Luís José Pereira da — Os desterrados, pequeno conto imaginado e composto por... Rio de Janeiro, Empr. typ. Dous de Dezembro, 1854. 8, 32 p.

1959

SILVA, Oití — O homem noturno, contos. Belo Horizonte, Veloso, 1946. 206 p.

1960

SILVA, Oliveira e — A máquina da felicidade (contos) São Paulo |Rev. dos tribunais| 1935. 201 p.

1961

SILVA, Oscar José de Plácido e — Histórias do Macambira. Ilust. de Guido Viário, João Turim. Capa de Moura. São Paulo, G. Carvalho |1938| 207 p. ilust.

1962

SILVA, Oscar José de Plácido e — Histórias do Cacambira. 2.ed. São Paulo, Ed. Rumo |1940| 213 p.

1963

SILVA, Oscar José Plácido e — Histórias do Macambira. 3. ed. Curitiba, Ed. Guaira, 1941. 213 p. ilust.

1964

SILVA, Zedar Perfeito da — Nem tudo está perdido. Rio, Ed. Seculo XX, 1942. 149 p.

1965

SILVA, Zedar Perfeito da — Nem tudo está perdido, contos. 2. ed. rev. pelo autor. Florianópolis, Graf. Diário da manhã, 1952.

1966

SILVA, Zedar Perfeito da — Quando elas querem... |194-?|

Apud Joaquim Ribeiro. *D. Casmurro,* 18 jul. 1942.

1967

SILVA FILHO, Eduardo Lopes da — Floresta e asfalto, contos |Capa de Edgar Koetz. São Paulo| Martins |1966| 193 p.

Publicado sob o pseudônimo de Amazonas de Aragão.

Contém 18 contos.

"Passados quase vinte anos, o autor retoma contato com o público, lançando uma nova coletânea de contos, intitulada "Floresta e asfalto", na qual relata, com vigor e expressividade, cenas do cotidiano do interior e da capital bandeirante" *Junot Silveira. Tarde,* Salvador, 12 dez. 1966.

1968

SILVA FILHO, Eduardo Lopes da — A mulher de preto. Rio, Luciano, Cunha & cia., 1929.

Publicado sob o pseudônimo de Amazonas de Aragão.

1969

SILVA FILHO, Eduardo Lopes da — Sangue. São Paulo, Atena ed. |1955| 156 p.

Publicado sob o pseudônimo de Amazonas de Aragão.

1970

SILVA RIO, Ernesto Augusto de Sousa e *ver* Rio, Ernesto Augusto de Sousa e Silva.

SILVEIRA, Agenor — Quatro contos (moeda antiga) |Santos, W. Alfaya & cia., 1912| 60 p.

1971

SILVEIRA, Helena — A humilde espera, contos. Porto Alegre, Globo |1944| 153 p. (Autores brasileiros, 7).

1972

SILVEIRA, Helena — Mulhereş frequentemente... SãoPaulo, Livr. Martins |1953| 205 p.

Contém: Contos mais velhos. — Contos mais novos. — A humilde espera (contos de 1940 a 1945)

Prêmio Antônio de Alcântara Machado, da Academia Paulista de Letras, em 1952.

Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, em 1954.

"HS publica um livro de contos "Mulheres, freqüentemente". São vários perfis de mulheres, pobres criaturas dominadas pela paixão, arrastadas por um motivo implacável, sofrendo e amando nos transes inelutáveis da condição humana. HS que se tornou igualmente conhecida por suas crônicas e reportagens literárias em jornais de São Paulo, possui a técnica do conto, sabendo criar uma situação psicológica e delinear os contornos das almas que nela se debatem. Seu livro não deixará o leitor impassível, tal o traço acentuado de verdade e humanidade dêsses contos". *J. Let.*, set. 1953, p. 16 (30 dias)

"Contos de contextura simples, a narrativa direta os sêres humanos desenhados com capricho. Logo nos impressionam a limpidez do estilo, a beleza sóbria da composição — e ao lado da limpidez e da sobriedade, o equilíbrio. A.A. se comporta como se já lhe sobrasse experiência no exercício da ficção (ganhou um prêmio da Academia Brasileira com êsse livro). Os "Fragmentos da carta de uma viúva triste" e "A sombra dança" são páginas da melhor qualidade que caracterizam a sua "maneira".(...)" *Valdemar Cavalcanti. J. Let.*, agô. 1954, p. 6 (Últimos lançamentos)

1973

SILVEIRA, Joel — Alguns fantasmas |Capa de Renato Viana. Foto de Rubem Braga. Rio de Janeiro| Ed. do Autor |1962| 208 p.

Contém: "Epitáfio", "Três histórias de general e uma de capitão", "Alguns fantasmas" e a novela "Desaparecimento da Aurora".

Nome completo: Joel Magno Ribeiro da Silveira.

"(...) Que é que se encontra em seus contos? Reminiscências em primeiro lugar. Facilidade também, mas alguns dons naturais certos, que excitam a inteligência às vêzes, que encantam muitas vêzes, chegando a comover. Há ainda nêles uma impressão de frescura, de vivacidade, de verdadeira juventude. Uma coisa que agrada nêles, principalmente no último, o mais extenso, sem dúvida o melhor do livro, é a confusão consciente e voluntária entre o bem e o mal, ao mesmo tempo que certa complacência no estado de quase inocência em que se debate o pobre e doente menino Jorge, realmente quase um fantasma, como, aliás, o autor trata a todos os seus personagens, mas um fantasma simpático que inspira compaixão e ternura. Claro que nem todos os contos se sustentam na mesma altura. Alguns se aproximam mais da crônica, com os quatro primeiros, de assuntos militares. (...)" *Temístocles Linhares* — Significação do conto. *Est. S. Paulo,* 26 jan. 1963, supl. lit., p. 1.

1974

SILVEIRA, Joel — A lua (contos) São Paulo, Livr. Martins |1945| 170 p.

"(...) E nesse livro o contista não se trai. Continua o mesmo, intensivamente caracterizado na sua técnica, nessa maneira tôda sua de encarar o conto. Há aqui contos ótimos e fortes como "Ismael" e "História branca", alguns originais como "O homem na tôrre" e "História cinzenta", e outros, puras páginas de recordação, fortes, vivas, nítidas — como "Amigo morto"(...) *Armindo Pereira* — Histórias de pracinha. *Leitura,* set. 1945, p. 69.

1975

SILVEIRA, Joel — Onda raivosa (contos) São Paulo, Ed. Rumo |1939| 175 p.

Contém 14 contos.

"O sr. JS acaba de publicar um livro delicioso de contos. Êle tem o senso poético das coisas e sabe ressaltar bem dos casos e da alma dos personagens, o elemento de poesia, com muita delicadeza e um tom de humorismo carinhoso, sem sombra de perversidade". *Mário de Andrade* — Onda raivosa, de Joel Silveira. *D. Casmurro,* 2 mar. 1940, p. 6 (Roteiro de crítica)

"Pois bem, o que eu creio sobressair nos seus painéis é o senso acabado da poesia, das coisas, da poesia dêsse cotidiano que escapa ao comum dos mortais, e que ao artista cumpre realçar. Nesse particular, há trechos de inefável poesia fixados por mão vigorosa e sutil de quem está habituado a viver na intimidade das coisas e sabe acolher dos acontecimentos a oferta de sentimento e alegria poética de que êles são riquíssimos. *Afrânio Coutinho* — Onda raivosa, de Joel Silveira. *D. Casmurro,* 2 mar. 1940, p. 6 (Roteiro de crítica)

O segrêdo do equilíbrio em que os contos do sr. JS podem permanecer apesar da dose de lirismo que prepondera em tôdas as suas páginas, está assegurado pela absoluta simplicidade da narração. Nada, nela, revela o sacrifício, o artificialismo, o corte, a amputação violenta, a mudança brusca de planos. Ela decorre no mesmo tom. Cheia de sugestões, de imprevistos, de sombras e de clareiras — mas permanentemente simples. De uma simplicidade que lembra coisa contada de ouvido a ouvido. E de uma clareza que marca bem os pontos de contato com a realidade, aquelas amarrações precisas a certos fatos vividos e a determinadas cenas acontecidas através das coordenadas do espaço, uma serra, uma rua, uma praça, um nome de cidade, uma evocação que descrimina a terra natal, o solo antigo de que se afastou o autor e que agora é recordado.

"Onda raivosa" é um dos bons, dos maiores livros do ano. *Nelson Werneck Sodré* — Onda raivosa, de Joel Silveira. *D. Casmurro,* 2. mar. 1940, p. 6 (Roteiro de crítica)

1976

SILVEIRA, Joel — Roteiro de Margarida, contos. Curitiba, Ed. Guaira |1940| 168 p.

"O segundo livro de JS, assim como o primeiro, pode ser considerado uma variação em tôrno da personagem Margarida. Em "Onda raivosa", Margarida surgiu leve e fresca num conto de Natal, num poema só para o autor e numa história em que se falava de olhos que não eram azuis como o céu. Mas a verdade é que ela estava presente no livro todo. Com outros nomes, em outras aventuras. Porque essa Margarida era e continua a ser a lírica namorada da adolescência. A que despertou sensações novas, a causadora talvez dos primeiros e tímidos sonetos.

Agora, em "Roteiro de Margarida" continua vivendo a mesma criatura leve e fresca dos seus contos de estréia. Vivendo mansamente através dessas páginas intensas de lirismo e de pequenas observações. Como a eterna namorada que ficou numa curva ainda bem perto do caminho já percorrido. Porque JS nesse "Roteiro", ainda é o mesmo contista. Pelo menos na técnica de armar a história, na estrutura dos diálogos e na poesia do cotidiano. Tudo isso ficou de pé nesse segundo livro. Tudo e mais a insistência nos temas de namôro, que é a sua grande fôrça literária (...) *Wilson de A. Lousada* — Roteiro de Margarida. *D. Casmurro,* 4 maio 1940, p. 6 (O livro nacional)

1977

SILVEIRA, Miroel — Bonecos de engonço. Rio, Vecchi 1940. 187 p. ilust.

2.º prêmio da Academia Brasileira de Letras, em 1938.

"Outro estreante da família Mansfield é o sr. MS (Bonecos de engonço), em cujo livro todos notarão, sem dificuldade, a presença de um verdadeiro talento literário. Quando o sr. MS consegue unir ceptismo e lirismo (v. "O penteado de Mme. Ronet"), a sua prosa atinge a segurança e o equilíbrio dos seus melhores momentos. Por outro lado, é bastante agudo o seu senso de "humour", como demonstram vários dêstes contos (...) O parentesco do sr. MS com a família Mansfield torna-se evidente nos

dois contos que mais me agradaram, "Fuga" e "Encontro". Em ambos o enrêdo se concentra na possibilidade de alguma coisa que, afinal, não se realiza. Em outros contos, porém, são as facilidades e as deficiências da família Mansfield que dominam". *Alvaro Lins* — A família Mansfield. *Jornal de crítica*. 1. série. Rio de Janeiro, 1941, p. 122.

1978

SILVEIRA, Miroel — Caiu na vida |Desenho de capa: Marius Lauritzen Bern. Apresentação: A. Veiga Fialho. Rio de Janeiro| Civilização brasileira |1966| 148 p. (Col. Vera Cruz. Literatura brasileira, 106).

"Com uma rara contensão de estilo, sabe fixar um momento de vida, um flagrante de rua, um instante de quotidiano, sem desperdiçar uma palavra à-toa — e dentro dessa economia de linguagem, o máximo de flexibilidade e riqueza de expressão" *Valdemar Cavalcanti. Jornal*, 27 out. 1966 (Jornal literário)

1979

SILVEIRA, Miroel — O clube dos nudistas e outros contos. Porto Alegre, Globo, 1941. 181 p.

Prêmio Antônio Alcântara Machado, da Academia Paulista de Letras, em 1942.

1980

SILVEIRA, Valdomiro — Os caboclos |Pref. de Agenor Silveira| S. Paulo, Ed. da Revista do Brasil, Monteiro Lobato & c., 1920. 4 f. p., 234 p.

Contém 24 contos e 1 vocabulário.

"VS disputa a Afonso Arinos o título de criador do regionalismo. De fato, a sua colaboração na imprensa precedeu a do mineiro, pois data de 1891 o primeiro conto que publicou; desde então, durante muitos anos, não cessou de produzir, sempre fiel aos temas caboclos, narrando com facilidade casos roceiros que, segundo consta, dão para encher dez volumes, dos quais só quatro estão editados. Como, porém, não cuidasse de reunir em livros os seus trabalhos, não lograram êstes, embora fôsse muito apreciados, a repercussão alcançada por "Pelo sertão". Só muito mais tarde, quando o meio intelectual já não tinha a mesma receptividade para o regionalismo tal como o praticou, nas proximidades da revolução modernista, é que sairam "Os caboclos" e "Nas serras e nas furnas". "Mixuangos" tem a data de 1937, "Leréias" a de 1945.

Fiel na reprodução dos hábitos e do dialeto caipira, narrador alerta, VS, porque muito prêso à anedota, como que restringiu o alcance de sua obra. Esta, que lida com tanta gente, não logrou fixar um tipo, criar as ressonâncias emotivas que perpetuam as personagens dotadas de verdadeira vida. Nêle, o caso vale mais do que as figuras, o que nem sempre se deu em Arinos. A julgar pelas coletâneas que conhecemos, o que em seus contos predomina é um certo bucolismo, por vêzes autêntico, mais freqüentemente porém o seu tanto artificial. Há muito sentimentalismo, muita cena de cromo, uma constante e por demais visível busca do pitoresco, ao lado de graça espontânea, de vivacidade em surpreender flagrantes, e, mais raramente, de real sentimento. De propósito ou não, o autor parece se ter mantido sempre na superfície da vida, só de longe em longe penetrando na alma de sua gente. Quando o faz, o tom muda, torna-se mais forte e ecoante. Está neste caso o "Camunhengue", seu melhor conto, na verdade excelente, em que se sente o desamparo completo do leproso; "Ana Cabriuvana", "Os curiangos", "O Saudade", "Tocaia" e "Aquela tarde turva" parecem, depois daquela, as histórias mais humanas e bem feitas. Lidando com criaturas em que teimava em só apanhar os aspectos "sui-generis", VS quase sempre se esquece de que, no caboclo, o que mais interessa é, afinal, o homem, o homem essencial, semelhante a todos os outros. Por isso, só em alguns momentos atinge à legítima substância literária, que se resume, na ficção, na capacidade de transpor para o plano artístico as experiências, nem sempre pitorescas, de sêres feitos mais para as lágrimas do que para o riso.

Num ponto, contudo, supera a Arinos: na adequação da linguagem da narrativa, não só aos sucessos evocados, como ao dialeto dos diálogos. Impregnado dos modismos da região que estudou, VS escreve de modo a, respeitando a correção gramatical, evitar as tão desagradáveis e comuns soluções de continuidade entre o estilo do autor e o das suas criaturas. (...)

Reside aliás na linguagem o maior interêsse do escritor paulista, que parece ter tido a preocupação de "reproduzir o mais fielmente possível os vícios e modismos que afetaram a língua-mãe numa zona cuja extensão abrangerá passante de duzentos mil kilômetros quadrados (metade de São Paulo, sul de Minas, trechos do Paraná e parte do Rio de Janeiro)" |Agenor Silveira — Carta-prefácio a "Os caboclos"| É possível que, nesse afã, houvesse exagerado as peculiaridades, cedendo à tentação de colocar na bôca de uma mesma pessoa palavras ouvidas em diferentes ocasiões e lugares. Mas não há dúvida de que a sua gente fala com naturalidade e desembaraço. Amadeu Amaral, que estudou conscienciosamente o dialeto dos caipiras paulistas, serve-se muitas vêzes de exemplos tirados de VS (...)" *Lúcia Miguel Pereira — Prosa de ficção (de 1870 a 1920)* 2. ed. rev. Rio de Janeiro, 1957, p. 196-198.

1981

SILVEIRA, Valdomiro — Os caboclos |Pref. da 1. ed.: Agenor Silveira| 2. ed. São Paulo, Companhia editôra nacional, 1928. 4 f. p., 222 p.

1982

SILVEIRA, Valdomiro — Os caboclos (contos) Introd. crítica de Dirce Côrtes Riedel |Pref. de 1. ed.: Agenor Silveira. Desenho de capa: Eugênio Hirsch| 3. ed. Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1922| xxiv, 165 p. (Col. Vera Cruz. Literatura brasileira, 36).

1983

SILVEIRA, Valdomiro — Lereias, histórias contadas por elles mesmos. São Paulo, Martins ed. |1945| 206 p.

1984

SILVEIRA, Valdomiro — Mixuangos. Rio, J. Olympio ed., 1937. 258 p.

"(...) Mas o escritor que realizou o primeiro ensaio, que traçou o primeiro esquema de prosa localista no Brasil, chama-se VS. Um tanto rude, sem diluir o tema em doçuras de um bucolismo convencional, foi realmente o revelador dos nossos caboclos, o impressionante águafortista de recantos bárbaros de que os palradores da rua do Ouvidor não falavam sem arrepios de mêdo (...) Mixuangos. Mas queiram saber o que o título significa, percorram estas narrações em que uma vida sanguínea referve, e digam-nos se alguém conseguiria diferençar com tal psicologia e arte as figuras dos nossos matutos, tão rudimentares à primeira vista, tão inexpressivas para os que em literatura só se entusiasmam ante os heróis e heroinas fatais dos grandes centros. *B. Ariel,* out. 1937, p. 28.

1985

SILVEIRA, Valdomiro — Nas serras e nas furnas. São Paulo, Companhia editôra nacional |1931| 270 p.

"(...) Com admiráveis dotes de observação e um perfeito conhecimento do meio que descreve, VS, numa prosa bem brasileira, cheia de naturalidade e frescor, rica de modismos e expressões peculiares do linguajar caipira, traz para as suas páginas impressivos painéis agrestes, sugestivos aspectos da vida rural paulistana, em que o nosso caboclo surge e se retrata como jamais fôra, representado.

Os contos ora reunidos em volume sob o título "Nas serras e nas furnas" continuam e por assim completam a série iniciada com "Os caboclos", que tanto êxito alcançou quando da sua publicação. O livro de agora, entretanto, tem uma particularidade que não nos ocorre estar também presente na outra coletânea, e vem a ser a total ausência de entrecho amoroso ou mesmo de representação feminina em qualquer dos muitos temas desenvolvidos pelo autor. Isso, porém, não passará de um capricho curioso e que em nada arrefece o sabor dessas encantadoras historietas, tôdas de igual interêsse". *Gastão Cruls* — Valdomiro Silveira — Nas serras e nas furnas. *B. Ariel,* fev. 1932, p. 2.

1986

SILVEIRA DE QUEIRÓS, Diná *ver* Queirós, Diná Silveira de

SILVEIRA TÁVORA, João Franklin da *ver* Távora, João Franklin da Silveira.

SIMÕES, Roberto — O anjo amarelo, contos. São Paulo, E. B., 1957.

Contém 10 contos.

"Elemento destacado entre os escritores da nova geração, o sr. RS estréia com dez contos, na sua grande maioria de temas intimistas e evocativos. Contos de bastante densidade atmosférica, vazados de vivência intelectual, elaborados num estilo que se coaduna perfeitamente com a sensibilidade poética e a riqueza imaginativa do autor, as criações do sr. RS mantem estado de suspense o espírito dos seus leitores. *Alfredo Guilherme Galiano. ParaTodos,* 1./2. quinz. fev. 1958, p. 10.

Livro que suscitou polêmica conforme reportagem de Egídio Squeff publicada em ParaTodos, 1./2. quinz. mar. 1958, p. 1, 6, ilust.

1987

SIMÕES LOPES NETO, João *ver* Lopes Neto, João Simões.

SIQUEIRA, Bueno de, *sac. ver* Sequeira, Bueno de, *sac.*

SIQUEIRA, Etelvina Amália de — Pequenos vôos, contos. Aracaju, Typ. da Gazeta de Aracaju, 1890. 39 p.

1988

SIQUEIRA, Samuel Nóbrega de — Sanhaços, contos. São Paulo, Livr. Martins |1955| 149 p.

1989

SIZENANDO, José — A vida é assim (contos) Rio de Janeiro, Leite Ribeiro & Maurilo, 1920.

"(...) Discretos, simples, fatalistas, refletindo às vêzes um imenso desengano da vida e dos homens, outros comoventes, sarcásticos ou humorísticos, não marcam, mas interessam como estréia que deve ser (...)

Em todos os contos, porém, qualquer que seja o caráter peculiar de cada um, domina o mesmo fatalismo desalentado, o mesmo pessimismo, a mesma obsessão da dor e da miséria moral. Se nêles é transparente a mesma sinceridade de intenções, e a mesma capacidade natural, sem aparente vaidade ou pretensões descabidas, não é possível

negar que raros mereciam ficar e nenhum talvez evitando retoques (...)" *A. Amoroso Lima* — Primeiros estudos — 2. parte, cap. 57. Contos rebuscados e vulgares (1920) *Estudos literários.* Rio de Janeiro, 1966, v. 1, p. 283, 284.

1990

SOARES, Teixeira — Noite de Caliban |19-?|

Apud B. Ariel, fev. 1936, p. 135.

1991

SOBRAL, Amândio José — Contos exoticos. Rio de Janeiro, Ed. Moderna, 1934. 254 p.

1992

SOBREIRA, Doraci — Minhas histórias. 1965.

Apud J. Let., fev./mar. 1966, p. 6.

1993

SODRÉ, Diógenes — Contos humanos. Rio de Janeiro |Ed. Pongetti| 1938. 152 p.

"(...) que escreve, realmente, com certa graça e domina sempre, com muita segurança, os assuntos de que trata. Se a invenção fôsse tudo, num conto, certamente que êsse contista poderia ser incluído entre os nossos melhores cultores do gênero. Parece-me que é em Artur de Azevedo que dvemos procurar êsse desembaraço e essa capacidade de dramatizar que possui o sr. DS, de quem, aliás, nunca ouvi falar, antes de lê-lo agora, e em cujos contos a gente descobre um excelente teatrólogo em potencial. Seu diálogo é bem bom e a sua prosa bastante agradável de se ler. (...)

Apesar de tudo, se êsse livro não equivale a uma revelação, é pelo menos, um livro legível. O que me parece muitíssimo" *Rosário Fusco* — Contistas. *Vida literária.* S. Paulo, 1940, p. 141.

1994

SOUSA, Aleixo Alves de — Contos e narrativas. Rio de Janeiro, 1947. 67 p.

1995

SOUSA, Almir Jaime de — Contos e phantasias. Aracajú, Typ. d'O labôr, 1923. 54 p.

1996

SOUSA, Antônio José de Melo e *ver* Feitosa, Policarpo, *pseud.* de Antônio José de Melo e Sousa.

SOUSA, Augusto de Oliveira e — A descoberta do paraiso. São Paulo, Empr. graf. Monteiro Lobato & cia., 1923.

1997

SOUSA, Augusto de Oliveira e — Piraquaras, contos. São Paulo, Casa ed. O livro, 1921. 128 p.

Contos sertanistas.

1998

SOUSA, Augusto Fausto de — Um casamento de tirar o chapéo. O diabo não é tão feio como se pinta. Charadas da campanha. Uma viagem ao sul do Brasil. Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1873. 146 p.

Contém, entre outros gêneros, contos.
Publicado sob o pseudônimo de Fausto.

1999

SOUSA, Cláudio Justiniano de — Nossa gente é assim, contos.

Apud R. Acad-s Let., v. 5, 1939, p. 133.

2000

SOUSA, Cláudio Justiniano de — Sol e sombra. Rio, Ed. P. E. N. Clube do Brasil, 1943. 167 p.

2001

SOUSA, Cláudio Justiniano de — Sol e sombra. Rio, Zelio Valverde, 1945. 166 p.

2002

SOUSA, Herculano Marcos Inglês de — Contos amazônicos. Rio de Janeiro, Laemmert, 1893. 264 p.

"Mas foi IS, em 1893, (...) que nos "Contos amazônicos" e dentro dos cânones do realismo iria acentuar a importância da corrente regionalista". *A. Amoroso Lima* — A evolução do conto no Brasil. *In: Academia brasileira de letras — Curso de conto.* Rio de Janeiro, 1958, p. 21.

"(...) Rapidez e vivacidade não faltariam aos "Contos amazônicos", que parecem escritos com muito mais liberdade do que "O Missionário". A narrativa, no esplêndido "Acauã" e no "Baile do judeu" é feita com arte segura, aproveitando lendas locais para dar um prolongamento misterioso a fatos reais — ou verossímeis. No "Rebelde", curta novela de grande intensidade, e na "Quadrilha de Jacó Patacho" vence o autor a prova difícil da ficção histórica; a personagem central do primeiro, um mulato, antigo revolucionário de 1817, possui impressionante destaque. No equilíbrio dêsses contos, só há a quebra da artificialidade da linguagem literária usada por figuras populares na "Feiticeira" e no "Gado do Valha-me Deus".

É interessante notar como neste livro, o último que publicou, IS volta por vêzes ao tom panfletário de "História de um pescador". "O Rebelde" de "O Voluntário" — êste mais fraco — pertencem à literatura de combate, o autor tomando sempre o partido dos fracos, dos oprimidos. Aliás, menos de vinte anos separam-lhe a estréia da despedida" *Lúcia Miguel Pereira* — Inglês de Sousa. *Prosa de ficção (de 1870 a 1920)* 2. ed. rev. Rio de Janeiro, 1957, p. 168.

"O Rebelde" possui uma publicação à parte feita no Rio de Janeiro pela Sociedade dos "Cem bibliófilos do Brasil", em 1952, com 121 p. estampas de Iberê Camargo.

2003

SOUSA, Herculano Marcos Inglês de — Contos amazônicos. *In*: *Sousa, H. M. I. Textos escolhidos,* por Bella Jozef. Rio de Janeiro, Livr. Agir ed., 1963, p. 104-113 (Nossos clássicos, 72).

Contém "O gado do Valha-me Deus".

2004

SOUSA, Herculano Marcos Inglês de — Contos do Amazonas. São Paulo, Typ. da Provincia, 1876. 16 p.

Publicado sob o pseudônimo de Luís Dolzani.

2005

SOUSA, João da Cruz e — Evocações. I. ed. |Ilust. de Mauricio Jubim| Rio de Janeiro, Typ. Aldina, 1898. 391 p., 1 f. ilust.

Contém 36 trabalhos.

A figura máxima do nosso simbolismo, com suas poesias famosas em "Broquéis", "Faróis", "Últimos sonetos" não o foi menos nas páginas de prosa de "Missal" e "Evocações". Prosa esta muito estudada, muito dissecada e rotulada como "prosa poética", "Poemas em prosa" e "contos", razão pela qual CS figura no nosso trabalho.

Amoroso Lima (A evolução do conto no Brasil. *In:* Academia brasileira de letras — Curso de conto. Rio de Janeiro, 1958, p. 23, 24) ao estudar o conto simbolista e determinando as suas características próprias, refere-se à CS, situando "Missal" e "Evocações", como tendo dado "ao conto um sentimento lato, uma forma inédita, que o iria distinguir radicalmente do realismo dominante. Essa forma mista, de poesia e prosa, iria diluir os contornos próprios do conto e diferenciá-lo ainda da tradição romântica. Não era apenas o primado da imaginação e do sentimento, ou mesmo da imaginação lúgubre ou satânica, da tradição hoffmaniana. Era, realmente, uma diluição dos limites, uma abolição dos contornos da realidade e do estilo, e até o início do "monólogo" interior. (...), — que o conto simbolista vinha trazer como contribuição nova à tradição romântico-realista do nosso conto".

Ja *Andrade Murici*, o grande estudioso do "Dante negro", na sua "Atualidade de Cruz e Souza" (Obras completas de Cruz e Sousa. Rio, Aguilar, 1961, p. 47) assevera "No jôgo de seus elementos, as páginas em "prosa" de CS são-no de "prosa poética", com forte dosagem de discursivo; ou tornam-se verdadeiros "poemas em prosa", pela sua maior essencialidade expressional e pelas suas mais equilibradas proporções".

Massaud Moisés define "Tropos e fantasias" (1885), o livro que CS publicou com Virgílio Várzea, como "breves narrativas, cromos, poemas em prosa", sendo que "nesta obra, como em outras composições posteriores àquela data, os temas sociais e circunstanciais cedem terreno a uma poesia que anseia exprimir o vago, o transcendente, o incerto, o neblinoso, o luarento" (O simbolismo. São Paulo, 1966, p. 108)

Por sua vez, *Josué Montelo* assegura: "Na linha mais ortodoxa do simbolismo, traçou CS cenas e quadros de prosa complexa, nas páginas musicais de "Missal" e "Evocações" (O conto brasileiro de Machado de Assis a Monteiro Lobato. *In:* Academia brasileira de Letras — Curso de conto. Rio de Janeiro, 1958, p. 152).

Herman Lima e Edgar Cavalheiro nos seus estudos básicos sôbre o conto brasileiro, não fazem referência a CS.

2006

SOUSA, João da Cruz e — Missal. Brazil-Sul. Rio de Janeiro, Magalhães & cia. ed. |Typ. de G. Leuzinger & filhos| 1893. 230 p.

Contém 45 trabalhos.

2007

SOUSA. João da Cruz e — Missal. Evocações. *In*: *Sousa, J. C. — Prosa.* Com annotações de Nestor Victor. Rio de Janeiro, Ed. do Annuario do Brasil |1924| 455 p. (Obras completas de Cruz e Sousa, 2).

Missal, p. 9-142; Evocações, p. 143-452.

2008

SOUSA, João da Cruz e — Missal. Evocações. *In*: *Sousa, J. C. — Prosa.* São Paulo, Ed. Cultura, 1943. 405 p. (Série clássica brasileiro-portuguesa. Os mestres da língua, 14. Obras de Cruz e Sousa, 2).

Missal, p. 5-126; Evocações, p. 127-401.

2009

SOUSA, João da Cruz e — Missal. Evocações. *In*: *Sousa, J. C. — Obra completa* |Org. geral, introd., notas, cronologia e bibliografia por Andrade Muricy. Ed. comemorativa do centenário| Rio de Janeiro, Ed. José Aguillar |1961| p. 391-664, ilust. (Biblioteca luso-brasileira. Série brasileira).

Missal, p. 391-465; Evocações, p. 466-664.

2010

SOUSA, João da Cruz *e* Virgílio Várzea — Tropos e phantasias. Desterro, Typ. da Regeneração, 1885. 71 p.

"(...) Os "Tropos e fantasias", quando outra qualidade não tivessem, seriam objeto de curiosidade pela audácia que revelam. Seus autores, filiando-se à escola naturalista, atiram-se às formas literárias cultivadas por E. Zola e Eça de Queirós com um entusiasmo frenético, só comparável à ansiedade e aos deslumbramentos de "pionnier" que pela primeira vez penetra em uma jazida aurífera.

Daí uma conseqüência. O estilo ressente-se das irregularidades e incongruências que se encontram na primeira fase de todo o desenvolvimento orgânico. Atrofias e hipertrofias que só virão a desaparecer com a integração final.

Completamente despreocupados dos radicais do pensamento, os srs. Várzea e Cruz e Susa fazem com a frase, com o período, o mesmo que os miniaturistas com os seu artefatos. Pouco se importam que a lâmina da espada brilhe ou corte, contanto que os copos ofereçam aos olhos de quem o empunha uma obra de buril cheia de mágicos rendilhados.

As páginas, os pequenos contos do livrinho que tenho em cima da pasta, não passam, portanto, de fragmentos de talentos que, ainda não tiveram tempo de comportar-se. A palavra, o período está completo, perfeitamente afinado pelo diapasão da escola; mas sente-se que, no meio de todo aquêle jôgo de expressões, de imagens, de idéias esfuziadas, falta alguma coisa essencial.

Essa coisa é o complemento da vida na frase: — é a certeza ou o isocronismo da função, resultante do perfeito acôrdo entre o pensamento e a palavra, de modo que esta não seja mais intensa do que aquêle, e vice-versa.(...)

Há uma verdadeira e real classificação para o estilo dêsses moços: — um ensaio de coloridos, de tintas acres, em uma palheta empunhada por mão nervosa"(...)"
Araripe Júnior — Os nossos livros. Tropos e fantasias. *A Semana*, 22 agô. 1885, p. 3, 4. Reeditado em: *Araripe Júnior — Obra crítica*, v. 1, 1868-1887. Rio de Janeiro, 1958. p. 421, 422.

2011

SOUSA, Júlio César de Melo e *ver* Malba Tahan, *pseud.* de Júlio César de Melo e Sousa.

SOUSA, Juvenal Melquíades de — Pinguinhos, contos. Florianópolis |Gráf. Diário da manhã| 1952. 125 p.

2012

SOUSA, Lincoln de — Vida literária. Rio de Janeiro, Livr. São José |1961?|.

"Reunião dos trabalhos do autor, entre êles "Um cacête" o único conto que o autor escreveu". *Leitura*, jul. 1961, p. 13.

2013

SOUSA, Orlando de — Primeiras enchentes (contos) 1928.

Apud Orlando de Sousa — Terra das palmeiras.

2014

SOUSA, Sebastião de *ver* Penalva, Gastão, *pseud.* de Sebastião de Sousa.

SOUSA, Silveira de — O vigia e a cidade. Florianópolis, Ed. Livro de arte, 1959.

2015

SOUSA, Silveira de —Uma voz na praça. Florianópolis, Ed. Roteiro, 1963.

Contém 8 contos.

"(...) "Uma voz na praça", seu segundo livro, o autor reafirma as suas qualidades de ficcionista, alargando mais ainda a sua capacidade criadora, sempre em busca da expressão mais adequada e dos traços mais verdadeiros desta Ilha, matéria total das suas estórias. O mundo que nos revela é misterioso e belo. Velhos sobrados coloniais, fantasmas, loucos e bêbedos são os seus personagens. E o autor sùtilmente nos conduz no outro lado da moeda, êsse mesmo lado onde realmente todos nós vivemos, sofremos e consumimos o ódio, mas que sòmente percebido pelos poetas e visionários. Destacamos em SS duas características marcantes. A primeira, é o cuidado com que arma suas estórias, a esmerada correção dos caracteres e o emprêgo da palavra certa, adequada. A outra, é o profundo conhecimento da sua geografia. Para isso sabemos o quanto andou em viagens fabulosas por praias perdidas, bares e albergues, conhecendo a ilha, convivendo com seus habitantes, sentindo como poucos a densidade nebulosa do seu clima. As suas estórias estão repletas dessa vivência e de observações imperceptivas ao observador comum. (...)" *Iaponã Di Soares* — Santa Catarina cultural. A Ilha como matéria. *J. Let.*, nov./dez. 1967, p. 10.

2016

SOUSA, Soares de — Steppes, contos e phantazias. Rio, A. Novaes, 1894. 84 p.

"Oscila entre o naturalismo à Zola e o Decadentismo ou Ultra-romantismo retardatário; suas narrativas, que êle denomina de contos, consistem algumas vêzes de simples cromos ou reflexões, e giram em tôrno de assuntos caros à ficção naturalista" (...) *MassaudMoisés — O simbolismo.* São Paulo, 1966, p. 224.

2017

SOUSA DANTAS, Raimundo de *ver* Dantas, Raimundo de Sousa.

SOUSA E SILVA RIO, Ernesto Augusto de *ver* Rio, Ernesto Augusto e Silva.

SOUSA JÚNIOR, A. de — Castelo dos fantasmas. Porto Alegre, Globo, 1945. 167 p.

2018

SOUTO, Adalberto Pio — Lendas do Caverá, contos e fantasias. Porto Alegre, Livr. Americana, 1929. 45 p.

2019

SPÍNOLA, Noênio — Reunião *ver* Reunião.

STARLING, Nair — Cartão postal, contos. Rio de Janeiro |O Cruzeiro| 1967. 143 p.

2020

STEEN, Edla van — Cio |Pref. de Leo Gilson Ribeiro. Capa de Aurélio Martinez Flores. São Paulo| Von Schmidt ed. |1965| 124 p.

Contém 6 contos.

2021

STEIN, Carlos *e* Moacir Jaime Scliar — Tempo de espera. Pôrto Alegre, 1963.

"Dois novos de Pôrto Alegre — CS e MS — lançarão conjuntamente, na próxima Feira do Livro, "Tempo de espera" (coletânea de contos). Na palavra de um dos autores, a obra terá como temática" o homem perante a incerteza e o frenesi do nosso tempo. O livro não dá direções. Pergunta: para onde vamos?" *D. Not.*, Pôrto Alegre, 6 out. 1963 (Bôlsa do livro. Últimos lançamentos)

2022

SWAIN, Enói Renée Navarro — Contos premiados *ver* Contos premiados.

SWAIN, Enói Renée Navarro — O pecado dos outros (contos). Curitiba, Escola técnica, 1952. 148 p.

Contém 14 contos.

Prêmio Pânfilo de Assunção, do Centro de Letras do Paraná, em 1949. "Vivo o diálogo, flagrante a linguagem, compreensão do humano — eis o contista." *Valdemar Cavalcanti. J. Let.*, abr. 1953, p. 6 (Últimos lançamentos)

2023

T

TABORDA, Vasco José — O fisquim. Curitiba, Ed. d'O formigueiro, 1963.

Contém contos e lendas.

"(...) "O fisquim", de contos e lendas, (...) é um livro bonito, necessário e que, se outras qualidades substanciais não tivesse valeria, ainda como compêndio de psicologia para estudo da personalidade do seu autor que não teve dúvida em tomar "O Fisquim" como título do seu livro — nome de batismo estranho, sem trânsito na língua portuguêsa — que desperta, por isso mesmo, a curiosidade onomástica e o juízo crítico, apressado, dos maldizentes da rua Quinze" (...)

Entre os contos enfeixados no livro, "O piano sem alma", é talvez, o mais interessante.(...)" *Brasilino de Carvalho.* Contos e lendas de Vasco José Taborda. *C. Paraná,* Curitiba, 10 nov. 1963 (O Paraná em Manchete)

2024

TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle Taunay, *visconde de* — Ao entardecer (contos varios) Rio de Janeiro, H. Garnier, livr. ed., 1901. 196 p. 1 f. retr.

Publicação póstuma.

Contém 6 contos.

2025

TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle Taunay, *visconde de* — Ao entardecer. São Paulo, Companhia Melhoramentos, 1926. 152 p.

2026

TAUNAY, Alfredo d'Escragnolle Taunay, *visconde de* — Histórias brazileiras... Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1874. 237 p.

Contém contos e uma peça.

Publicado sob o pseudônimo de Sílvio Dinarte.

"(...) não será uma de suas melhores obras, mas possui a particularidade de revelar o escritor sob um aspecto em que êle é quase desconhecido: o do indianismo. Figuram aí dois contos, tendo como protagonistas selvagens: "Ierecê e Guaraná" e "Camiram e Kinikimáo".

Li êsses contos há muitos anos e tive a impressão de que Taunay reproduzia episódios por êle presenciados e vividos. Privara, naturalmente, com os índios durante a trágica expedição libertadora de Mato Grosso de que resultou o desastre da Retirada da Laguna e falava dos mesmos com conhecimento de causa. Nas páginas das "Memórias", publicadas em 1948, minhas conjecturas se confirmaram plenamente. "Ierecê e Guaraná" será mesmo a transposição romanesca de uma aventura amorosa do jovem tenente Escragnolle com uma índia, às margens do Aquidauana, perto do pôrto de Canuto. (...)

O outro conto indianista do volume "Camiran e Kinikimáo", constitui um episódio da invasão paraguaia em Mato Grosso, coisas que o escritor, de certo, ouviu contar e engenhosamente romantizou. Digo ouviu contar, porque se trata de cenas anteriores à chegada da expedição libertadora, como a resistência do tenente Antônio João no forte de Dourados. (...)" *Brito Broca* — O indianismo de Taunay, um aspecto ainda não estudado do autor de "Inocência". *Let. e Artes,* 11 maio 1952, p. 10.

2027

TAVARES, Adelmar — A linda mentira... |Rio de Janeiro, Paulo, Pongetti & cia.| 1925. 159 p.

Divagações, crônicas e contos.

2028

TAVARES, Umberto — Volta, a porta está aberta (perdão e reencarnação) (contos) |Capa: Jayme Resnicoff| Rio de Janeiro, Ed. Pongetti, 1966. 250 p.

Contém 40 contos.

"Narrativas de um "espiritualista", nas quais entra o sobrenatural como elemento básico". *Valdemar Cavalcanti. Jornal,* 10 agô. 1966.

2029

TAVARES FRANCO, Francisco Augusto *ver* Franco, Francisco Augusto Tavares.

TEFÉ, Otávio de — Para ler na cama, contos fluminenses. Rio de Janeiro. H. Garnier, 1906. v, 351 p.

"O Rio de Janeiro antigo, dos lampiões de gás, dos bondes de burro, dos batizados pomposos dos subúrbios, das sessões espíritas misteriosas, dos namoros de esquina, dos garbosos oficiais da Guarda Nacional e das patuscadas de estudantes vadios — um Rio ingênuo que não conhecia barulhos de buzinas e rádios e arranha-céus desgraciosos — revive, sugestivo e pitoresco, nas páginas do "Para ler na cama", de OT. (...)" *Donatelo Grieco* — Otávio de Tefé. *Antologia de contos brasileiros*. Rio, 1942, p. 217, 218.

2030

TEIXEIRA, Maria de Lourdes — O criador de centauros |Capa e ilust. de Giselda Leirner. São Paulo| Martins |1954| 191 p. ilust.

Contém 12 contos.

"O lirismo embora contido, servido por uma linguagem sóbria, concisa, pura e sempre renovada, é a nota predominante dêsse livro.

A Autora foge aos lugares comuns, não abusando de metáforas, comparações ou catacreses, transformando sua prosa num instrumento de precisão, sem artificialismos. Esta é a maior qualidade da Autora". *Olímpio Monat. Leitura,* mar./abr. 1965, p. 21-22.

2031

TELES, Leonor — Porteira velha. Pref. Benjamin Moraes. Rio de Janeiro |Alba| 1943. 182 p.

2032

TELES, Lígia Fagundes — O cacto vermelho. Rio de Janeiro, Ed. Merito S. A. |1949| 261 p.

A novela que dá título precedida de 11 contos.

Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, em 1949.

"(...) Ao ler, há muitos anos, a primeira de suas coletâneas, "Praia viva" (1944), já reparava eu na seriedade da jovem autora, em seu senso de responsabilidade, na qualidade intelectual de seus escritos.

Desde cedo, a contista empenhava-se em penetrar atrás da superfície do cotidiano, em identificar-se com suas personagens, em não apenas explicar-lhes o drama íntimo, mas vivê-lo com intensidade total. Atraída por todos os destinos, mas sobretudo por aquêles que gravitavam em redor de um polo oposto ao seu, desposava-os com um perfeito mimetismo. Desfilavam nos contos a operária acidentada (...); o estudante moço (...); a solteirona (...); o filho idiota (...). O leitor ficava aflito e, ao mesmo tempo. atraído pela visão patética que se revelava naquelas páginas, mal iluminadas, de vez em quando, por um sorriso.

Notava-se também, desde êsse primeiro volume, que a escritora não se confinava num único tipo de conto, mas abordava muitas variantes do gênero (evitando apenas as frívolas), como que experimentando suas possibilidades em cada uma delas. Mostrava-se especialmente dotada para o conto estático, em que aparentemente nada acontece (...) Experimentava também com êxito o conto formado de uma série de episódios (...)

(...) A coletânea |"O cacto vermelho" (1949)| confirmava a originalidade e o vigor da artista. Desprezando mêdos e tabus, animava-se ela a enfrentar — sem nunca incidir em vulgaridade — temas escabrosos, que noutras mãos deslizariam para o horripilante ou o licencioso, assim como assuntos banais e surrados, de que sua pena sabia desencadear tôda a dramaticidade latente. Debruçada sôbre espécimes do sofrimento humano apanhado em flagrante, fazia-nos sentir, por artes de um estilo impassível, de calculada precisão, o calor de uma profunda solidariedade. (...)

(...) A individualidade da nossa autora distingue-se ainda mais em "Histórias do desencontro" (1958) (...), cujo título define de maneira cabal a própria substância de sua arte. Não há entre as quatorze histórias dêsse livro(...) nenhuma em que não se armem os dados de um problema dolorosamente humano e não se desnude uma alma necessitada de compreensão. Cada vez mais atraída pelo essencial, a escritora abre mão do acessório e anedótico, para só perscrutar o íntimo de suas criaturas, às voltas com conflitos insolúveis, ilhadas em seu sofrimento, empurradas para o declive da loucura, ou roídas pela morte que nelas se instalou. Êsse universo cruel, cujo espetáculo, na palavra de Carlos Drummond de Andrade, "nos faz sofrer e ao mesmo tempo nos oferece o remédio compensador da arte", grava-se inesquecìvelmente em nossa memória. E o mais notável dessa arte é que, segundo observou Wilson Martins, "renova um gênero em que tudo parecia ter sido feito, sem escapar das suas linhas tradicionais, das suas leis não escritas"(...) *Paulo Rónai — A arte de Lígia* Fagundes Teles. *In: Teles, Lígia Fagundes — Histórias escolhidas.* São Paulo, 1961, p. 7-10.

2033

TELES, Lígia Fagundes — Histórias do desencontro |Capa de Poty| Rio de Janeiro, J. Olympio, 1958. 194 p.

Contém 14 contos.

Prêmio Artur Azevedo, do Instituto Nacional do Livro, em 1958.

"O sentido do livro da sra. LFT encontra-se no próprio título: "Histórias do desencontro". A constante dos 14 contos que compõem o volume é o desencontro, o desencontro nos diversos planos da existência. A sra. LFT procura surpreender ou mesmo demonstrar o desencontro como o signo sob o qual vive o homem"(...) *Bráulio do Nascimento. J. Let.,* jan. 1959, p. 5.

"(...) Os desencontros lhe parecem os melhores motivos literários e tão naturais dentro da vida como os encontros, acomodações, coincidências. Decerto mais dramáticos e acordes com seu ardor de viver. Decerto, pouco ligados às circunstâncias materiais — fome, desemprêgo, miséria — por uma questão de direção da sensibilidade, como artista. É com uma forte paixão que se debruça sôbre os mistérios da alma, desde os apenas suspeitados até a loucura patológica. A vida e a pessoa humana são seu encanto e sofrimento. Errar e acertar, duas atitudes igualmente válidas dentro das complexidades de cada caso. "Que extraordinária experiência é viver!" A exclamação fazia-se mesmo necessária para separar LFT da grande maioria dos contistas de hoje. Sua família é a da exclamação e não a da reticência e seus processos ligam-se de longe a Maupassant e, numa tradição bem mais próxima, a outro paulista, cujos artifícios modernizados, ainda são os seus, e cuja fascinação pela loucura, temas macabros e frustrações humildes é a sua fascinação: Lobato. (...)

A nitidez da fabulação e consciência dos artifícios, a deliberada procura das imagens, no sentido poético e dramático tudo isto me parece comum aos contos de frustração ou de horror de LFT, se bem que mais demonstráveis nos últimos. (...)

"Histórias do desencontro" é, pois, um livro de desenfreada paixão pela vida, elaborado sob moldes pré-estabelecidos e conscientes. LFT deixa-se conduzir pela sensibilidade mas não às cegas. Conhece-a pelo estudo, procura os melhores resultados literários, aprimora o estilo — tudo sob o signo da sensibilidade, é certo, mas daquela que se conhece e se investiga. E êsse é ainda um dos mais notáveis aspectos de unidade de seu livro: a procura do bom gôsto da expressão sem que os elementos restritamente líricos sufoquem a fabulação e sem que esta prescinda de lirismo". *Joel Pontes* — Unidade nas "Histórias do desencontro". *O aprendiz de crítica.* Rio de Janeiro, 1960, p. 108-109, 113-115 (Artigo publicado em *Est. S. Paulo,* 29 agô. 1959)

"LFT é escritora que trabalha sob o signo da morbidez. E esta já tomou pràticamente dois campos de sua sensibilidade: a memória e a imaginação. Na memória alinhou-se um processo de seleção bastante singular: da opulenta vivência que lhe serve o espírito destaca as relações de anormalidade, os atritos, os pontos de intransigência e desarmonia. Opera no sentido de aproveitar apenas os momentos em que os contactos humanos se carregam de passionalidade, luta, desentendimento. Sua câmara retrospectiva só alcança os períodos de desconfôrto e aflição da existência humana. Daí, a dramaticidade constituir nota saliente em sua ficção. (...)

A memória que se especializou em selecionar zonas de atrito contaminou a imaginação: esta desenvolve o processo para frente e LF, quando é tentada a completar com a fantasia os elementos colhidos ao longo da vida, só adiciona ingredientes mórbidos. A transposição da personagem para o quadro das cenas intemporais pouco altera o resultado. Êste é o mesmo, muda-se a roupagem. (...)

Nessa coerência temática é preciso assinalar que a memória está a serviço principalmente do choque, das lutas, do desencontro: já a imaginação, talvez por ser atributo cutivado a sós está predominantemente a serviço da solidão. Os momentos em que as personagens se isolam do mundo, pensam, refletem e sopesam as coisas, dão margem ao exercício da imaginação por parte da contista LFT. Não sabemos se a distinção é boa, mas procura estar fiel ao texto. (...) Pode-se dizer que o desencontro, na ficção de LFT, não é apenas externo: é também interior. A ansiedade é filha dêste desencontro interior. (...)

"Histórias do desencontro" de LFT possuem as características que acima apontamos. Nas diversas fábulas desenvolvidas, não há contatos sem atritos nem recolhimento sem ansiedade e solidão.

No plano literário, a autora retoma nossa tradição de impressionismo na prosa, começada auspiciosamente com "O Ateneu", de Raul Pompéia. Nossos críticos estilísticos não atentaram num fenômeno observável nessa família de escritores: o abuso dos comparativos.(...) Na obra de LFT é o que acabamos de observar. Raramente se encontrará uma págìna em "Histórisa do desencontro" em que não apareça o "como" uma, duas, três e até mais vêzes. (...)

Não quer isso dizer que em LFT não encontramos os outros recursos de linguagem. Apenas salientamos o predomínio da comparação. Cumpre ainda assinalar em "Histórias do desencontro" a desenvoltura com que a autora domina a prosa. Seu estilo é ágil, vívido, seus adjetivos — via de regra bem escolhidos — desempenham a contento certa função intensificadora da narrativa. (...)" *Fábio Lucas* — Contos fortes. *Temas literários e juízos críticos.* Belo Horizonte, 1963, p. 149-153.

2034

TELES, Lígia Fagundes — Histórias do desencontro. Lisboa, Livros do Brasil |1960| 268 p., 1 f. (Col. Livros do Brasil, 46)

2035

TELES, Lígia Fagundes — Histórias escolhidas. Introd. de Paulo Rónai |A arte de Lígia Fagundes Teles. Capa de Darcy Penteado. São Paulo| Boa leitura ed. |1961| 201 p. (Col. Grandes autores).

Contém 16 contos.
"Obra premiada no Concurso literário promovido pelas Ed. Melhoramentos e pelo Círculo de Boa Leitura".

2036

TELES, Lígia Fagundes — O jardim selvagem |Capa de Carmélio Cruz. Apresentação de Arnaldo Mendes. São Paulo| Martins |1965| 187 p.

Contém 12 contos.

Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, em 1965.

1.º lugar na "enquête" realizada com os colunistas literários de São Paulo (Capital e Interior), pelo escritor Henrique L. Alves, sôbre os melhores livros de 1965, no gênero contos.

"Pela primeira vez encontramos em LFT, assim nitidamente configurada, a raiz da maior parte dos dramas que se desenrolam em seu mundo de ficção... a mola desencadeante dos conflitos que galvanizam suas personagens: o mêdo de serem autênticas; o mêdo de se mostrarem na nudez de seu "eu", nas suas limitações de ser humano, para não perderem o amor, o respeito ou a admiração dos "outros".

Vários têm sido os temas desenvolvidos por nossa Escritora, através de sua obra, entretanto uma problemática subsiste em quase todos êles, com um pano de fundo: a barreira à revelação do eu-profundo; tragédia cuja raiz, afinal, parece ser aquêle mêdo. (...)" *Nelly Novais Coelho — Est. São Paulo,* 15 jan. 1966, supl. lit., p. 1.

"A sra. LFT é também uma criadora de estilo e de atmosferas. Seus contos melhores são os que tomam por tema as chamadas "velhas famílias", quase sempre arruinadas, vivendo mentalmente nas grandezas do passado como forma de fuga e de compensação para as misérias do presente. É, igualmente, o mundo das psicologias aberrantes ou estranhas: um conto como "O espartilho", entre outros, poderia exemplificar tal tendência, que é, também, a dos seus melhores romances. "O jardim selvagem" é, entretanto, um livro desigual, em que dá simples "instantâneos" à K. Mansfield, notações esparsas à Clarice Lispector e sólidas construções à Maupassant. Não o digo como restrição, pois há o tempo de Clarice Lispector e há, naturalmente, o tempo de Maupassant. Mas é bem certo que as inclinações naturais da sra. LFT vão mais para a atmosfera do que para a intriga e a ação, da mesma forma por que ela prefere as psicologias femininas um pouco excêntricas mais do que qualquer outro protótipo de mulher das literaturas conhecidas. (...)" *Wilson Martins* — A escada da glória. *Est. São Paulo,* 19 mar. 1966, supl. lit. p. 2 (Últimos livros)

"(...) o que, em cada uma dessas manifestações artísticas a grande escritora consegue nos comunicar é a emoção humana no seu estado mais puro e mais vivo, mais rico de tonalidades, mais cheio de calor e vibração. Não usa de recursos, não se filia a correntes, não finge, não truca. O que nos oferece, sem preocupações de fazer estilo ou de pertencer a escolas, modernas ou moderníssimas, novas ou novíssimas, é a emoção que tudo o que é humano, legítima, eternamente humano, contém, queiram-no ou não os inventores de movimentos literários "fenomenológicos" e de escolas oportunistas em moda. Sua "escrita" é clara, limpa, honesta — é a palavra de quem tem o que contar, não a de quem tem que contar. A liberdade preside a tudo o que escreve e dêsse dom não conheço exemplo mais significativo do que as diversas peças de "O jardim selvagem". (...)" *Otávio de Faria* — A ficcionista Lígia Fagundes Teles. *Est. S. Paulo,* 30 abr. 1966, supl. lit., p. 6, ilust.

"Suas histórias estão impregnadas de observações psicológicas, que repercutem no espírito do leitor como desabafo de uma alma sofrida, envôlta no labirinto dos antagonismos humanos, em busca de um triunfo generoso dentro dêsse "Jardim selvagem", onde a humanidade e amor realizem a felicidade, invés de servir à escravidão." *Cesário de Melo. D. Noite,* Recife, 13 out. 1966 (Flagrante literário)

2037

TELES, Lígia Fagundes — Os mortos. Lisboa, Depos. Ed. Organizações lda., 1963. 47 p., 2 f. (Col. Antologia best-sellers, 6).

Conto extraído do livro "O cacto vermelho".

2038

TELES, Lígia Fagundes — As pérolas. Sá da Bandeira, Ed. da autora [1960] 30 p. (Col. Imbondeiro, 12).

Conto extraído do livro "Histórias do desencontro".

2039

TELES, Lígia Fagundes — Porão e sobrado. São Paulo, Companhia Brasil ed., 1938. 94 p.

2040

TELES, Lígia Fagundes — Praia viva, contos. São Paulo, Livr. Martins ed. |1944| 136 p.

2041

TÉO FILHO, *pseud. ver* Freire Filho, Teotônio de Lacerda.

TEÓFILO, Rodolfo Marcos — O cunduru. Fortaleza, Typ. Assis Bezerra |1910| 117 p.

Contista naturalista.

"Conto igualmente bom é o "O Conduru" (...) o restante dos contos do livro são antes fábulas, quadros, fantasias, idílios(...)" *Braga Montenegro* — Evolução e natureza do conto cearense. *Clã*, fev. 1952, p. 11.

2042

TEÓFILO, Rodolfo Marcos — O cunduru. Fortaleza. Typ. Assis Bezerra |1910| 151 p.

2043

TEÓFILO, Rodolfo Marcos — A violação, conto. Fortaleza, Padaria espiritual, 1898. 103 p.

"Violação" será, indubitàvelmente, uma das melhores realizações de tôda a obra de RT, pelo realismo, pela expressividade, pelo trato comedido e emocional com que cuidou de assunto tão delicado". *Braga Montenegro* — Evolução e natureza do conto cearense. *Clã*, fev. 1952. p. 10, 11.

2044

TERRA, Álvaro Gomes — Os justos brilharão como o sol. Rio de Janeiro |Associação atlética Banco do Brasil| 1955. 55 p. (Cadernos A.A.B.B., 7).

2045

TERRA, Álvaro Gomes — Os justos brilharão como o sol; diálogos, contos, lendas e fábulas com ensinamentos da sabedoria universal. 2. ed. Rio de Janeiro |Gráf. Tupy| 1959. 292 p.

2046

TERRA. Felício, *pseud.* ver Andrade, Nuno Ferreira.

TOMÁS, Joaquim — Castigo de envelhecer (contos e fantasias epistolares) Rio de Janeiro, Of. gráf. do Jornal do Brasil, 1937. 236 p.

2047

TOMÁS, Joaquim — As confissões de uma solteira. 1. ed. Rio de Janeiro, Livr. Guanabara ed. |1938| 241 p. (P. E. N. clube. Brasil. Rio de Janeiro. Contos e fantasias, 2).

2048

THIOLLIER, Réné de Castro — A louca do Juquery, contos. São Paulo, Livr. Teixeira [192-?] 242 p.

2049

THIOLLIER, Réné de Castro — Senhor Dom Torres, paginas agrodoces. |São Paulo, Casa Mayença| 1921. 316 p.

2050

TIGRÊ, Manuel Bastos — Aconteceu... ou podia ter acontecido. Rio de Janeiro, A Noite |1953| 164 p.

2051

TÔRRES, Artur de Almeida — Contos. Pref. de Proto Guerra. 1930.

Contém 20 contos, escritos em épocas diversas.

2052

TÔRRES, Carlos — Amores dos outros (contos) |Salvador| Impr. oficial, 1949. 186 p.

2053

TÔRRES, L. Wanderlei — Prismas, contos. 1. ed. |Limeira| Empr. Gazeta de Limeira, 1947. 95 p.

2054

TÔRRES, Murila — Homem e mulher. Rio de Janeiro, 1927. 99 p.

2055

TOZZI, César, *pseud.* de Augusto César da Costa Galvão — Jovens contos |Ilust. da capa de Maria Tereza| Rio de Janeiro, Org. Simões, 1959. 145 p.

Prêmio Machado de Assis, da Prefeitura do Distrito Federal, em 1956.

2056

TREVISAN, Dalton — O anel mágico. Curitiba [196-?]

Contém 10 contos.

Assinala Flávio Macedo Soares ao analisar a obra, em geral, de DT: "(...) Trevisan, nesses pequenos contos, conseguiu o que conseguem os contistas realmente grandes de nosso tempo: aquela densidade absoluta, aquela valorização absoluta de cada linha. É também o grande escritor da vida de sua cidade — não é à toa que uma de suas melhores crônicas se chama "Essa Curitiba eu canto" — ou do que essa vida *não* tem, e é essencial. Poderíamos falar também de uma poesia da violência, mas essa violência

quando aparece é de tal forma sem sentido e a tal ponto um ato de desespêro que o têrmo mais justo seria poesia da estagnação. O que ainda não diria tudo: não se trata só de estagnação, mas do estagnamento progressivo, que vai oprimindo os seus personagens até aquêle salto — fora da ponte e da vida — de que fala João Cabral, ou à loucura, a outra saída de emergência. Seria então mais a poesia do estrangulamento, e com ela a grande e maior crônica da decomposição da baixa classe média nas cidades provincianas do Brasil.

Como dissemos, Trevisan para seus contos desenvolveu um número de técnicas, algumas muito originais, outras uma continuação de tradições literárias já existentes. Êle é tudo menos um escritor ingênuo: bastaria ver a forma com que parodia *Fany Hill (in Cemitério de Elefantes,* Ed. Civilização Brasileira) para sentir o quanto é intencional tudo o que escreve. A primeira técnica que gostaríamos de lembrar é a *técnica de mosaico.* Resume-se no seguinte: cada conto é uma soma de pequenos "quadrinhos" minúsculos, muitas vêzes apoiados por uma imagem-base que pode ter um caráter alucinatório ou nojento, um pouco como um doente que depois de ficar muitos dias na mesma cama sabe de cor tôdas as pequenas rachaduras do teto, os arranhões na mesa de cabeceira, etc. (...)" *Flávio Macedo Soares* — Notas sôbre Dalton Trevisan. *C. Manhã,* 12 nov. 1967.

2057

TREVISAN, Dalton — Cemitério de elefantes (contos) |Curitiba, Ed. Joaquim| 1962. 136 p.

Contém 23 contos.

"(...) Mundo poético, talvez cause estranheza, uma vez que êle se acha povoado do quase sempre odioso mistério do homem, de sua amargura, de sua morbidez, de sua anormalidade, enfim. Haverá poesia dentro dêsse clima? Por mais paradoxal que pareça, há. E é uma poesia adquirida justamente de olhos bem abertos, feita de lucidez, propondo a atitude mais viril, mesmo porque o homem normal não passa de uma imagem semelhante à da perfeição.

Clarividente e lírico, portanto, o sr. DT vai realizando a sua obra de contista, hoje, sem dúvida, das mais importantes de nossa literatura atual.

São contos os seus que inquietam, que levam o leitor a se examinar, a fazer perguntas, a se pôr na pele de muitos daqueles personagens cujas misérias morais, digamos assim, são próprias do homem de nossos dias, em pleno desbarato num mundo perdido. Êsse homem, de um conto para outro, muda apenas. Vivesse em outro meio ou outra sociedade, até menos materialmente regenerada, êle seria mais ou menos o mesmo. (...)" *Temístocles Linhares* — Significação do conto. *Est. S. Paulo,* 26 jan. 1963, supl. lit., p. 1.

2058

TREVISAN, Dalton — Cemitério de elefantes, contos |Orelha-prefácio de Fausto Cunha: Quase elefantes. Desenho de capa: Eugênio Hirsch| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1964| 88 p. (Col. Vera Cruz. Literatura brasileira, 78)

Prêmio Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, Seção do Rio, em 1964.

Melhor livro de contos de 1964, na "enquête" realizada entre os colunistas paulistas, pela "A Gazeta Esportiva", seção "Papel & Tinta & Livros".

"(...) Os elefantes são por definição mitológicos, não tivessem êles carregado o mundo no dorso durante tanto tempo. DT é também um mito. (...)

Leia êste livro como se fôsse um clássico. Não se preocupe com as histórias. Se elas não terminarem, é porque os personagens regressaram à sua vida normal, ou Dalton não quis acompanhá-los por mais tempo. Todos êles estão vivos, a distância entre as páginas dêste livro e a realidade é menor do que entre uma rua e outra.(...) O segrêdo da grandeza de DT é êsse: trazer o mundo para dentro de seus livros, sem distorções, sem desidratar a realidade. Viver já em si é uma coisa espantosa. Manter

a vida é como empalhar o pássaro sem que êle deixe de cantar. Que faz Dalton? Não empalha.

Nas suas histórias não há grandes tragédias nem sujeitos excepcionais. Seu mundo é tão real que talvez nem seja captado para nós de hoje: sua obra é todo um ato de sobrevivência — sobrevivência de uma linguagem, de um tipo de vida, de um tipo de morte. Nenhum outro escritor brasileiro atual traz mais do que êle a marca do futuro, o sinal forte da perenidade. Êle escolheu a estrada simples dos que têm alguma coisa a dizer.

Os elefantes morrem na solidão, você sabe, e além da tromba e do marfim têm os seus dias de circo e de furor. No mais, são medíocres e pacíficos. Não diferem muito dos homens. Para DT, os homens vivem na sua florestazinha particular, num assombro. O homem e a mulher são animais que precisam de ternura e de sonho, e se alimentam de frustrações e de chocolates. *Fausto Cunha — Quase elefantes,* orelha-prefácio.

"Cemitério de elefantes" é livro curto, estórias curtas, mas imensamente grandes nos dramas que emergem de uma humanidade marcada pela amargura, pela frustração e pela total indiferença das criaturas que marcam presença nas páginas. Os sonhos inexistem — melhor dizer que os pesadelos sim é que povoam a noite dos homens — naquêle barro humano mesclado de sordidez e desgraça, onde sexo e bebida são uma constante, que são causa e efeito, fins e meios de. (...) " *Décio Mafra. Leitura,* mar./abr. 1965, p. 19.

2059

TREVISAN, Dalton — Contos premiados *ver* Contos premiados.

TREVISAN, Dalton — Crônicas da província de Curitiba |Curitiba| Ed. particular, 1954. 35 p.

"Crônicas, quer dizer, contos. E o que impressiona logo é a maneira direta, incisiva com que o autor narra os fatos, nada obstante a riqueza de colorido humano de suas estórias e a sua flagrante tonalidade poética. É êle, digamos assim, um "instantaneísta": que vê, pensa ou sente, fixa rápido no papel, como se tudo em sua linguagem fôsse projeção imediata, senão automática. Por isso o seu estilo nos confunde pelo imprevisto. Nesses contos de 1, 2 páginas, DT está sem competidor". *Valdemar Cavalcanti. J. Let.,* agô. 1954, p. 6 (Últimos lançamentos)

2060

TREVISAN, DALTON — Lamentações de Curitiba |Curitiba, Ed. Joaquim| 1961. 83 p.

Abrange contos de diferentes épocas do escritor, desde 1946 (o conto "Canto de sereia", agora publicado com o título "Bonde") até as estórias recentemente publicadas em jornais. *Leitura,* mar. 1961, p. 50.

"DT nos apresenta nestas "Lamentações de Curitiba" aspectos da vida em comum na capital paranaense. As particularidades que na vida real nos pareceriam insignificantes, trabalhadas por DT atingem um plano de perfeita realização literária, onde o personagem que agora se nos afigura um ingênuo, um engraçado, mais adiante desencadeia sôbre si a tragicidade do mundo, a qual todos nós estamos sujeitos. *José Louzeiro. Leitura,* mar. 1961, p. 26

" (...) Outra constante que se nota nas "Lamentações", e que deve ser salientada, é a dimensão reduzida de cada conto, conseqüência imediata da contenção verbal e do poder de síntese do autor. Se os contos curtíssimos e muitas vêzes destituídos da estrutura tradicional confundem os menos avisados, que os tomam por crônicas, por outro lado revelam sensìvelmente a concretização de uma tendência manifestada por Trevisan desde suas primeiras experiências no âmbito literário: a consciência do conto como gênero autônomo, emancipado da novela curta e da técnica peculiar a esta (...) ". *Hélio de Freitas Pugliceli* — Livro de Trevisan abre o ano literário. *Leitura,* mar. 1961, p. 50 (Notícias de Curitiba)

2061

TREVISAN, Dalton — Minha cidade, contos. Curitiba, Ed. do autor, 1960. 138 p.

Contém 15 contos alguns inéditos.

"(...) Dentro de sua concepção o escritor paranaense nos mostra um mundo de homens desalmados que, mesmo nos momentos mais felizes, são capazes de atos revoltantes. A temática de DT pende, verticalmente, para o lado mórbido da vida. Sua linguagem é de um despojamento total. Inicia uma história, naturalmente, sem rebus camentos. De um momento para o outro nos apercebemos de que estamos pisando em chão diferente do habitual. O perigo que às vêzes se antecipa, não existe. Verificamos, então, temos entrado na cidade do ficionista, onde tudo o que vimos e sentimos, é estranho, embora não haja um divórcio da realidade". *José Carlos Rangel* — Três ficcionistas. *J. Let.*, mar. 1961, p. 8.

2062

TREVISAN, Dalton — Morte na praça, contos |Capa de José Medeiros. Rio de Janeiro| Ed. do autor [1964] 115 p.

Prêmio Luísa Cláudio de Sousa, do Pen Clube do Brasil, em 1964.

Contém 15 contos.

Analisando a obra, em geral, de DT, assim se expressa José Édison Gomes: "Assim, sem princípios éticos, dizendo objetivamente suas estórias, chocando sem que entretanto pareça fazer disso objetivo, exorbitando uma realidade já amarga em si, para a criação de ambientes ásperos, tumultuosos, onde viver quase sempre é o pior castigo (embora, apesar disso, os personagens de DT nunca se preocupem com o mero fato ou com a evidência de que estão vivendo: existem em decorrência apenas de não saberem como agir de outro modo), Dalton prossegue na efetivação de sua realidade, produzindo contos sôbre contos, publicando em edições comerciais ou não. *José Édison Gomes. Leitura*, out./nov. 1964, p. 20, 21.

2063

TREVISAN, Dalton — Novelas nada exemplares |Desenho da capa feito por Poty| Rio de Janeiro, J. Olympio, 1959. 214 p.

Contém 30 contos.

Prêmio de conto, do Instituto Nacional do Livro, em 1959, juntamente com Mauritônio Meira.

Oto Maria Carpeaux ao comentar DT, lembra W.H. Bruford, que ao analisar Tchekov desenhou um mapa da Rússia habitada pelos personagens do grande contista, "assim, diz o crítico, seria instrutivo um mapa da Trevisanlândia: país habitado por loucos, idiotas, sádicos, prostitutas, meninos perversos, pederastas, cornos, assassinos, incestuosos estrupadores, presidiários, que moram em celas sujas, em pensões sujas, em becos sujos." Mais adiante assinala o crítico:

"O sr. DT, que desconhece a atitude do humor, tampouco se apieda das suas criaturas. O motivo da sua atividade de novelista é outro: é a profunda aversão contra a vida que criou essas criaturas e contra a vida que levam.

Considerado assim, o livro do sr. DT pertence a uma grande tendência da literatura moderna: para defini-la bastam nomes como Sartre, Camilo José Cela e Moravia. É a literatura da "nausée". Mas sente-se na leitura das "Novelas nada exemplares" que não foram escritas em Paris nem em Madrid nem em Roma. A "nausée" do autor curitibano não é produzida pela vida "sans phrase", mas apenas pela estreiteza da vida provinciana, que lhe parece maldição apocalíptica. Sabe descrever êsses seus ambientes com a segurança de um naturalista. Mas exagera tremendamente. Não se sente seguro dentro dêsse mundo porque, na realidade, não é o seu mundo". *O.M. Carpeaux* — Pretensão sem surprêsa. *Livros na mesa, estudos de crítica*. Rio de Janeiro, 1960, p. 251, 253.

2064

TREVISAN, Dalton — Novelas nada exemplares |Apresentação de Carlos Heitor Cony. Desenho de capa: Eugênio Hirsch| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1965| 168 p. (Col. Vera Cruz. Literatura brasileira, 101).

2065

TREVISAN, Dalton — Ponto de crochê. Curitiba |1964?|

Contém 15 contos, alguns inéditos.

Edição revista da segunda parte das "Novelas nada exemplares".

"Contos de blso. É como DT podia denominar a coleção dos seus contos, que vem publicando em pequenos folhetos deliciosamente simples. (...) Nesses folhetos os contos aparecem em estado de pureza. Nada de artifícios gráficos, de encenações introdutórias. São contos despojados das vestimentas convencionais. Contos em "strip-tease". (...) Revisão em Dalton, quer dizer despojamento. Êstes contos, por isso mesmo, aparecem ainda mais puros. Carregar êstes folhetos no bôlso não é a mesma coisa que carregar livros de bôlso. Porque livros são livros, mas êstes folhetos nos oferecem a própria vida em fatias. (...)

Dalton não comenta, não lamenta e não aplaude. Mostra, apenas. Dos seus contos, podemos dizer que são recortes de vida. Não é fácil fazer isso. Pelo contrário, é dificílimo. Todos os escritores querem fazê-lo, mas a maioria se embrenha em si mesmo. nas suas idéias e nos seus juízos. Dalton, porém, conseguiu a vitória suprema: como aquêles deuses dos intermúndios mitológicos, êle deixa as criaturas viverem." *Herculano Pires. D. Noite,* São Paulo, 30 out. 1964 (Mundo dos livros)

2066

TREVISAN, Dalton — Sete anos de pastor |Curitiba| Ed. Joaquim, 1948. 127 p. ilust.

"Muitos dos contos que compõem o livro já foram publicados na revista "Joaquim", mas uma releitura em conjunto, como agora é possível fazer, é que nos permite captar o instinto que dirige Trevisan, quando êle procura a sua direção e as suas soluções estéticas.

Parece-nos que êsse instinto repousa em experiências que se desenvolvem nêle com um sentimento de vida que exclui qualquer falsa ciência ou dialética, como de alguém que naturalmente ama a vida, que dela extrai o seu prazer e as suas angústias e se entrega a novas experiências impelido por certo lirismo, a que não é estranho o "humor." Estamos, então, diante de uma nova técnica em matéria de contos? Não podemos dizer que outros já não tivessem praticado, mas a verdade é que estamos longe do conto tradicional e clássico, de que a nossa literatura pode dispor de algumas caracterizações interessantes. *Temístocles Linhares* — Um novo contista. *Interrogações.* 2. série. Rio de Janeiro, 1962, p. 107-108.

2067

TREVISAN, Dalton — O vampiro de Curitiba. Curitiba, Pap. Requião |196-?|.

Contém 12 contos.

2068

TREVISAN, Dalton — O vampiro de Curitiba |Desenho de capa: Eugênio Hirsch. Apresentação de M. Cavalcanti Proença| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1965| 136 p. (Col. Vera Cruz. Literatura brasileira, 89).

Contém: O vampiro de Curitiba — 12 contos: O anel mágico — 10 contos.

3.º lugar na "enquête" realizada com os colunistas literários de São Paulo (Capital e Interior), pelo escritor Henrique L. Alves sôbre os melhores livros de 1965.

"O autor continua com suas fábulas trágicas, que retratam não só os dramas familiares, como o drama individual a tragédia particular e obsessiva de um caráter. Nesse sentido— como já tivemos oportunidade de afirmar — DT é um inventor. Seus contos, às vêzes, não ultrapassam uma página dactilografada, mas nem por isso deixa de estruturar um trabalho e de situar o seu "plot". *Assis Brasil. J. Let.*, out./nov./dez. 1964, p. 3.

2069

TREVISAN, Dalton — A velha querida |Curitiba, Pap. Requião, 1964| 113 p.

Edição revista da primeira parte das "Novelas nada exemplares".

2070

TRINDADE, Henrique Golland, *sac.* — Os contos de frei Jacopone (1. série) Desenhos de H. Graf. |Petrópolis| Typ. das Vozes de Petrópolis, 1933. 125 p., 1 f. ilust.

Contém 13 contos.

2071

TRINDADE, Henrique Golland, *sac.* — Os contos de frei Jacopone (1. série) 2. ed. Desenhos de H. Graf. Petrópolis, Ed. Vozes ltda., 1942. 124 p. ilust.

2072

TRINDADE, Henrique Golland, *sac.* — Os nossos pobres contos. Petrópolis, Ed. Vozes, 1952. 171 p.

2073

TROTA, Frederico — O talismã do cabo Pierre. Rio de Janeiro, Ed. Vecchi |1957| 169 p.

Contos e fantasias.
"Aproveitando sua experiência de caserna, vez que tenente do nosso Exército, integrou as tropas regulares que lutaram contra a Coluna Prestes, o autor escreveu os contos que ora nos apresenta em volume (...) Uma coisa ressalta indiscutível em "O talismã do cabo Pierre": a maturidade do autor, sua pouca pressa na publicação dos contos em volume, e antes e acima de tudo, o aproveitamento da grande lição da vida que foi sua mestra na tumultuária mocidade." *Oliveiros Litrento* — Experiência e ficção. *J. Let.*, nov. 1959, p. 11.

2074

U

URUGUAI, Alice Linhares — Contos |Capa de E. G. Carôllo| Rio, Ed. G. T. L. |1951| 167 p.

Contém 12 contos.

2075

UZZO, Pedro — Malungo. São Paulo |Rev. dos tribunais| 1959. 238 p.

2076

V

VALDEZ, Alba, *pseud. ver* Rodrigues, Maria

VALPASSOS, Osvaldo — Contando e ouvindo... (contos) |Apresentação de Herman Lima| Rio de Janeiro, Ed. Pongetti, 1966. 158 p.

Contém 50 contos.

"Pernambucano de Garanhuns, andou êle nos idos da mocidade, palmilhando os sertões nordestinos, anos e anos de corrida, em ofício que lhe permitia um nomadismo de cigano, muito do seu agrado e proveito. (...)

Porque tudo o que êle conta é da melhor procedência, traz sempre a marca da fidelidade ao linguajar matuto, foge de todo a qualquer contrafação tendente a impressionar de outro modo o leitor". *Herman Lima — Apresentação.*

2077

VANDERLEI, Mário dos — Diálogo dos abutres. São Paulo |Companhia graphico-editora Monteiro Lobato| 1924. 146 p., 1 f.

Contém 8 contos.

2078

VAREJÃO, Lucilo — Adão. Rio, Benjamim Costallat e Miccolis |1924?| 190 p.

2079

VAREJÃO, Lucilo — A mulher do próximo e outras mulheres, contos. 1925.

2080

VAREJÃO, Lucilo — Teia dos desejos. Recife, Impr. Industrial, 1924.160 p.

Menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, em 1925.

2081

VARELA, Luís Nicolau Fagundes — As ruinas da Gloria, *In: Cavalheiro, Edgar — Fagundes Varela.* 3. ed. São Paulo, Livr. Martins ed. |1956| p. 280-292.

Apenso n. 3, transcrito do "Correio Paulistano".

Não foi incluido nas 1.ª e 2.ª edições da obra de Edgar Cavalheiro.

O grande poeta romântico de "Cântico do calvário", enveredou também pelo gênero conto, tomando como modêlo Álvares de Azevedo e publicando em 1861 no "Correio Paulistano", "As ruínas da Glória" — conto fantástico —; "Ester", "Cora", "Iná" — conto de assunto indígena —; "As bruxas" e "A guarida de pedra" — narrativas de crenças populares. Todos com a predominância do elemento trágico. Êste material e mais escritos em prosa, como fantasias, polêmicas e mesmo críticas só sairam em

jornais. As edições de suas obras completas (1886-1892 da Garnier, 1943 da Valverde e a de 1943 da Cultura de São Paulo) limitam-se quase que exclusivamente à sua obra poética, excetuando um ou outro trabalho em prosa. Edgar Cavalheiro, que minuciosamendte estudou o poeta, dedicando-lhe um grosso volume, já em 3.ª edição, transcreveu grande parte de seus trabalhos em prosa, estando neste caso o conto fantástico "Ruínas da Glória", transcrito como apêndice na 3.ª edição (São Paulo, Martins, 1956)

Escreve Cavalheiro": "Visìvelmente influenciado pelo "Noite na Taverna", de Álvares de Azevedo, "Ruínas da Glória", com o subtítulo de "contos fantásticos", traz todos os defeitos e tôdas as virtudes dêsses contos fantasiosos, em que os mistérios e as reticências provocam arrepios na leitora sentimental ou no rapazola imberbe. Convém acrescentar que o poeta partia de premissas mais ou menos verdadeiras. As ruínas, na verdade, existiam. Um vasto paredão defronte do antigo cemitério de escravos com o muro de taipas em estado desolador, o local não passava de uma nota fúnebre na paisagem pitoresca que se perdia atrás, onde o Tamanduateí, sossegado, deslizava. À noite, era fácil ex citar imaginações pouco afeitas aos mistérios, às histórias fantásticas, com duendes e assombrações. O poeta andara pessoalmente inspirando-se nas ruínas. Vagara por ali de olhar aceso, na inquieta e inútil procura de fantasmas perdidos. Não os encontrando, cabia-lhe supri-los com a imaginação. Já possuia o cenário. O resto não foi difícil.

O estilo conserva tôdas as galas dos estilos da época. Empolado, com grandes e altos períodos, entrecortados de bojudas hipérboles e de imagens poéticas ansiosamente procuradas, denota, indiscutìvelmente, antes a presença de um poeta do que a de um prosador. Algo de Hoffmann, muito de Vitor Hugo, mais ainda de Álvares de Azevedo.

Sente-se certo apuro na linguagem, trabalhada com capricho. É certo que o português não é lá dos mais castiços, dos mais corretos. Vício, aliás, das gerações românticas. A não ser Gonçalves Dias, todos os outros escreveram sem graves preocupações gramaticais. Mas é um ponto a ser, futuramente, abordado. Acentuemos, por ora, que Varela não escrevia mal. Claudicava, sim, pois não era homem que sacrificasse idéias ou imagens por causa de um pronome ou de uma concordância. E só podemos elogiá-lo, por isso. *Edgar Cavalheiro — Fagundes Varela (cap. VI — O prosador)* 3. ed. São Paulo, 1956, p. 78, 79.

2082

VÁRZEA, Virgílio — Contos de amor. Lisboa, Tavares Cardoso & irmão, 1901. 251 p.

Nome completo: Virgílio dos Reis Várzea.

"(...) Mas o marinhista por excelência quase sempre exprimindo o mar nos seus contos e novelas é VV. Ao contrário do que ocorre com Gustavo Barroso, que publica "Praias e várzeas" e logo se volta para o sertão, VV publica "Mares e campos" e volta-se de preferência para o mar, com os "Contos de amor" (1901) e "Nas ondas" (1910), fazendo apenas um breve intervalo de regresso à terra com as páginas campesinas das "Histórias rústicas" (1905) [sic]

E é oportuno acentuar-se que a obra do contista catarinense estendeu Coelho Neto a sombra de sua influência. No estilo um tanto precioso de VV repercutem algumas das peculiaridades mais expressivas do estilo de seu confrade. (...)

Entretanto, ao estrear-se nas letras, em 1885, com "Tropos e fantasias", VV não fazia prenunciar a feição de marinhista que seria o traço principal de sua vida de escritor.

Os contos de "Tropos e fantasias", escritos de colaboração com Cruz e Sousa, faziam presumir que também para o simbolismo se orientaria VV. Mas nos volumes que publicou a seguir, dissociado agora do companheiro de livro e juventude, o contista de "Nas ondas" propendeu para a escola naturalista". *J. Montelo* — O conto brasileiro de Machado de Assis, a Monteiro Lobato. *In: Academia brasileira de letras — Curso de conto.* Rio de Janeiro, 1958, p. 151, 152.

2083

VÁRZEA, Virgílio — Historias rusticas. Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1904. 200 p., 2 f. (Col. Antonio Maria Pereira, 53)

Contém 25 contos.

2084

VÁRZEA, Virgílio — Mares e campos, quadros da vida rustica catharinense. Rio, Cunha e irmão, 1895. 209 p.

2085

VÁRZEA, Virgílio — Mares e campos, quadros da vida rustica catharinense. 2 ed. Rio de Janeiro, Garnier |19-?| 215 p.

2086

VÁRZEA, Virgílio — Nas ondas. Rio, Garnier, 1910. 319 p.

Prêmio da Academia Brasileira de Letras, em 1909.

2087

VÁRZEA, Virgílio *e* João da Cruz e Sousa — Tropos e phantasias. Desterro, Typ. da Regeneração, 1885. 71 p.

Ver nota crítica referência 2011.

2088

VASCONCELOS, Almir de — Quarto vazio, contos. Salvador |Ed. Bahia| 1962. 69 p.

2089

VASCONCELOS, Francisco — O palhaço e a rosa. Manáus, Sérgio Cardoso & cia. ltda. ed., 1963.

2090

VASCONCELOS, João — Historias do Gama. Recife, Tradição, 1945. 172 p. ilust.

2091

VASCONCELOS, João — Novas histórias do Gama... |Pref. de Luís da Câmara Cascudo| Recife |Impr. Oficial| 1959. 207 p. ilust. (Col. Concordia).

"O que nos parece mais destacado no contista de "Novas histórias do Gama" é a fidelidade à região e ao homem nordestino. Sem a preocupação do requinte estilístico e de densa análise psicológica, JV levanta, contudo, de maneira excelente, em páginas de uma ficção sóbria, personagens simples de vida ainda mais simples. São criaturas do interior, sem complexidade novelística, a transmitirem de forma intensa o contato do homem com a terra(...) O Nordeste, especialmente Pernambucano e a Paraíba, aparece nos contos de JV carregando estradas empoeirados de verão, a atmosfera do agreste, serras, taboleiros, várzeas e matas. Mas aliado à geografia sentimental do autor vem um povo, grupo étnico bem caracterizado, castigado pelo sol e cauterizado pelas sêcas.

Homens de bacamarte e *pernambucanas* ligam seus destinos à terra ingrata que depende das chuvas para ser boa. É o Nordeste, descortinando um cenário de epopéia e lenda.(...)" *Oliveiros Litrento* — Ficcionistas da Província. *J. Let.*, set. 1960, p. 7.

2092

VASCONCELOS, Marcos de — 30 contos redondos. Apresentação de Otto Lara Rezende. Rio de Janeiro, José Álvaro ed., 1963. 120 p. ilust. (Col. Marco, 1).

2093

VASCONCELOS MAIA, Carlos *ver* Maia, Carlos Vasconcelos.

VAZ, Alcides — Retalhos de pensamentos |Rio de Janeiro, Navegantes Assunção| 1955. 146 p.

2094

VAZ, Leo, *pseud.* de Leonel Vaz de Barros — Ritinha e outros casos. São Paulo, Monteiro Lobato |1923| 206 p.

2095

VAZ, Pedro — Crepúsculos. Rio de Janeiro, Typ. Besnard frères, 1898. 74 p.

Simbolista, tem o seu livro "Crepúsculos" citado por Massaud Moisés, nos capítulos "O poema em prosa" e "O conto", no movimento simbolista.

"(...) volume que enfeixa narrativas por êle denominadas de contos". Como sempre, o embaralhamento das fôrmas e gêneros explica a arbitrária rotulagem. Na verdade mereceriam mais a rubrica de poemas em prosa. *Massaud Moisés — O simbolismo.* São Paulo, 1966, p. 225.

2096

VEIGA, José J. — Os cavalinhos de Platiplanto, contos. Capa de Clérida. Rio de Janeiro, Ed. Nitida, 1959. 142 p.

Contém 12 contos.

Livro de estréia, distinguido com menção honrosa pela Comissão Julgadora do "Prêmio Monteiro Lobato", em São Paulo.

"Os cavalinhos de Platiplanto, de JV, distinguido com menção honrosa pela Comissão Julgadora do "Prêmio Monteiro Lobato", em São Paulo, é livro desigual, apresentando contos magníficos, como por exemplo, "A ilha dos gatos pingados", "Os cavalinhos de Platiplanto" e "Roupa no coradouro", ao lado de outros pouco convincentes (...)

No conjunto, "Os cavalinhos de Platiplanto" faz jus à sua menção honrosa. Seu autor, JJV, tenta fundir vida e sonho, o que quase sempre consegue, ainda vez por outro resvale para o pesadelo. É estréia auspiciosa porque revela, através dos contos analisados, uma autêntica vocação para o gênero". *Oliveiros Litrento* — Experiência e ficção. *J. Let.*, nov. 1959, p. 11.

"(...) Suas narrativas estão envôltas num lirismo que nos faz sentir, no mais recôndito da alma, a amargura de vidas tristes, de vidas que não têm finalidade, mas que são vidas (...)

JJV veio inaugurar na literatura brasileira um capítulo nôvo: o do conto fantástico, sem ser de terror. A condepção de vida que o escritor nos apresenta é a de um homem que já sofreu muito e tornou-se, por isso mesmo, um resignado(...)" *José Carlos Rangel* — Três ficcionistas. *J. Let.*, mar. 1961, p. 8.

2097

VEIGA MIRANDA *ver* Miranda, João Pedro da Veiga.

VELOSO, Dario Persiano de Castro — Althair, conto. Curitiba, 1898.

Simbolista, tem os seus livros citados por Andrade Murici e Massaud Moisés como "Poemas em prosa".

A inclusão talvez excessiva de autores simbolistas, como "contistas", decorre do fato de: poemas em prosa, manchas, quadro, divagações, fantasias e até contos pròpriamente ditos, estarem quase sempre mesclados na bagagem do escritor simbolista. A frase de Andrade Murici referindo-se a "indistinção e, no mais das vêzes, da interpenetração dos gêneros em mãos dos ficcionistas-poetas do simbolismo", explica bem a nossa indecisão. "Os limites entre o conto-narração e o poema em prosa são pouco marcados. Freqüentemente êstes gêneros fundem-se numa vagueza de sonho, que já não é mais pròpriamente poesia em prosa, e ainda não chega à prosa impressionista(...) confessa Murici, asseverando que "o idealismo dos simbolistas não os predispunha para a criação ficcionista". *Andrade Murici* — Presença do simbolismo. *In: A literatura no Brasil.* Rio de Janeiro, 1959, v. 3, t. 1, p. 144-145.

Massaud Moisés ao enumerar os simbolistas e suas obras, entre os quais se encontra DV, faz a ressalva: "Neste elenco, òbviamente lacunoso, não poucas obras abrigam poemas em prosa, crônicas, e mesmo contos; e, algumas vêzes, as composições oscilam entre êsses tipos de prosa poética." *Massaud Moisés — O simbolismo.* São Paulo, 1966, p. 222.

2098

VELOSO, Dario Persiano de Castro — A cabana Fellah, conto. Curitiba, 1915.

2099

VELOSO, Dario Persiano de Castro — Esquifes, contos. Curitiba, 1896.

2100

VELOSO, Dario Persiano de Castro — Primeiros ensaios, contos. Curitiba, 1889.

2101

VELOSO FERNANDES, Hellé *ver* Fernandes, Hellé Veloso.

VERGARA, Telmo — Cadeiras na calçada, contos. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1936. 167 p.

Prêmio Humberto de Campos, em 1936.

"O que há de mais lírico no cotidiano da vida é o de que se serve TV para os seus contos. Não sei se diga bem contos da esplêndida literatura do jovem escritor gaúcho. Como Marques Rebêlo, Vergara é um poeta que se serve da vida sem tirar grandes conclusões, ou melhor, que explora os pequenos veios da existência humana. Os homens e as mulheres de seus retratos e de suas crônicas não anunciam tempestades, não se propõem a parar o sol. Êles vivem, sofrem, amam com mêdo de que alguém esteja olhando o seu caso. E no entanto a poesia que os atos dessa gente exprimem é de tal natureza que provoca a cumplicidade de todos nós. A fôrça lírica vale pela his-

tória, domina o anedótico, extravassa a criação. Por isto Prudente de Morais Neto, que é o grande crítico da geração, premiou "Cadeiras na calçada". Foi que a narrativa de TV lhe trouxe um depoimento da vida que era por demais matéria humana, matéria humana bem expressa em literatura. (...) O lírico Vergara, o amigo da gente humilde, das pequenas dores, da vida que corre sem o estrépito das quedas dágua, aparece cada vez mais firme e senhor de si, com o caráter de sua personalidade inalterável. (...)" *José Lins do Rêgo* — Telmo Vergara. *D. Casmurro,* 11 fev. 1939, p. 2.

2102

VERGARA, Telmo — Contos da vida breve |Apresentação de Fernando Sales. Capa de Dounê. Rio de Janeiro| Ed. O Cruzeiro |1966| 261 p.

Contém: 1.ª parte: Seleção de contos dos livros: "Seu Paulo convalesce", "Cadeiras na calçada", "9 histórias tranqüilas", "Histórias do irmão sol"; 2.ª parte: 4 contos e "Série do Negrinho".

"(...) conto que é, ao mesmo tempo, um painel do velho cotidiano gaúcho, da vida nos arrabaldes pôrto-alegrenses, com o luar branquejando as ruazinhas onde os moradores, sentados em cadeiras nas calçadas, falam do calor, ouvem programas de rádio no botequim da esquina, enquanto as mocinhas sonhadoras passeiam de braços dados. Um grande contista, numa coletânea que reúne os seus melhores contos. (...)" *Fernando Sales — Apresentação.*

"(...) TV teve a missão histórica de quebrar a tradição do conto brasileiro em curso, passando o enfoque da narrativa do exterior, objetiva para o interior, subjetiva, o que a escritora inglêsa |Katherine Mansfield| só havia experimentado para a revalorização dos personagens.

Outra boa contribuição de TV para a ficção nacional foi também a revalorização da linguagem literária. Êle ousa, naquelas alturas de 1934 e 36, usar o coloquial, dando assim um toque já bem brasileiro às suas narativas. (...)" *Assis Brasil. J. Let.,* abr. 1967, p. 3.

2103

VERGARA, Telmo — Histórias do irmão sol (contos) |Curitiba| Ed. Guaira, 1940. 242 p.

"(...) O que logo se observa é a sua capacidade técnica, o seu conhecimento da arte do conto. O sr. TV não se atirou à literatura como quem deseja realizar uma brincadeira para si mesmo e para os outros, mas procurou, ao contrário, o sentimento e conhecimento da sua arte.(...) Agrada-me assim, em primeiro lugar, o esfôrço com que procura oferecer o melhor de si mesmo, a constância do seu trabalho e da sua técnica. Daí a boa construção dos seus contos, pois consegue expor e movimentar com segurança todos os elementos ao seu alcance. Não se dirá de nenhum dêles que seja uma improvisação ou um arremêdo. (...)" *Alvaro Lins* — Contos. *Jornal de crítica.* 2. série. Rio de Janeiro, 1943, p. 159.

2104

VERGARA, Telmo — Na plateia (contos). Porto Alegre, Globo, 1930. 222 p.

2105

VERGARA, Telmo — Nove histórias tranquilas, contos. Pôrto Alegre, Globo, 1938. 179 p.

2106

VERGARA, Telmo — Seu Paulo convalesce (e mais 12 historias) Porto Alegre, Globo, 1934. 138 p.

2107

VERÍSSIMO, Érico — O ataque. Pôrto Alegre, Ed. Globo |1959| 193 p. (Col. Catavento).

Êste livro, citado no "Balanço de 1959", por *Antônio Olinto* (*J. Let.*, jan./fev. 1960, p. 1) inclui "Sonata" que o crítico dá na sua seleção dos 10 melhores contos do ano. Segundo o autor, na apresentação:

"(...) Reuni nêle quatro histórias desiguais entre si, e que pràticamente "nunca se encontraram antes", pois têm origens e propósitos diversos.

"O ataque" é um fragmento de "O arquipélago", terceiro volume da trilogia "O tempo e o vento", ainda não publicado.

"Esquilos de outono" é o meu conto americano (...)

"Sonata" é uma fantasia poética em tôrno do Tempo, versão modificada dum roteiro cinematográfico nunca aproveitado (...)

A primeira história do volume |"A Ponte"| me foi sugerida por uma pequena ponte de pedra que avistei da janela dum trem em marcha, ao passar por uma aldeia andina, no Peru".

2108

VERÍSSIMO, Érico — Duas novelas e dois contos. *In*: *Veríssimo, E. — Ficção completa. Romances e novelas.* Rio de Janeiro, Companhia Aguilar ed., 1966 |c. 1967| v. 2, p. 569-746.

Contém a novela-romance "Noite", seguida de "Sonata", "A Ponte", "Esquilos de outono".

2109

VERÍSSIMO, Érico — Fantoches. Porto Alegre, Livr. do Globo, 1932. 211 p.

"Há nesse volume de contos e diálogos a indubitável revelação de um escritor fora do comum (...) Mesclando malícia e ingenuidade, misturando o real e o irreal, falando-nos ao mesmo tempo como um poeta romântico e como um observador escarninho das miudezas cotidianas, o sr. EV(...) traz um bom pecúlio de talento (...) "Chico", "Malazarte" e "Faustino" são narrações, entre líricas e sarcásticas, de quem poderá vir a ser, muito breve, o Alcântara Machado da sua região". *B. Ariel,* agô. 1932, p. 7.

"Pela primeira vez Érico apareceu com um livro de contos denominado "Fantoches". Além do conto pròpriamente dito, isso é, da história correntia e comum em que se conta determinado fato, Érico nesse mesmo livro, fêz algumas cenas de diálogo bem interessantes. Assim conseguiu fugir um pouco à regra geral, não restringindo seu campo de ação. Desde êsse primeiro livro notamos em EV a preocupação, preocupação essa que vem acompanhando tôda a obra do escritor, de sempre procurar uma renovação, não caindo nunca na frase batida, no chavão.

Dos contos que compõe o volume, hoje meio esquecido, há alguns que merecem um relêvo. Entre êles: "A dama da noite sem fim", "Malazarte", "Um dia a sombra desceu" e vários outros merecem um relêvo especial do conjunto da obra". *Paulo de Medeiros e Albuquerque* — Érivo Veríssimo. *D. Casmurro,* 13 se. 1941, p. 2.

2110

VERÍSSIMO, Érico — Fantoches e outros contos. Lisboa, Livros do Brasil |1955| 351 p. (Col. Livros do Brasil), 30 .

2111

VERÍSSIMO, Érico — As mãos de meu filho. Pôrto Alegre, Ed. Meridiano, 1942. 187 p. (Col. Tucano, 4).

Contos e artigos.

2112

VERÍSSIMO, José — Scenas da vida amazonica, com um estudo sobre as populações indigenas e mestiças da Amazonia. Primeiro livro. Lisboa, Livr. ed. de Tavares Cardoso & irmão, 1886. 267 p.

Nome completo: José Veríssimo Dias de Matos.

"Aqui está um livro que há de ser relido com aprêço, com interêsse, não raro com admiração. O autor que ocupa lugar eminente na crítica brasileira, também enveredou um dia pela novela, como Sainte-Beuve, que escreveu "Volupté", antes de atingir o sumo grau na crítica francesa. Também há aqui um narrador e um observador, e há mais aquilo que não acharemos em "Volupté", um paisagista e um miniaturista. Já era tempo de dar às "Cenas da vida amazônica" outra e melhor edição. Eu, que as reli, achei-lhes o mesmo sabor de outrora. Os que as leram, pela primeira vez, dirão se o meu falar desmente as suas próprias impressões.

Talvez achem comigo que o título é exato, sem dizer tudo. São efetivamente cenas daquela vida e daquele meio; sente-se que não podem ser de outra parte, que foram vistas e recolhidas diretamente. Mas não diz tudo o título. Três, ao menos, das quatro novelas em que se divide o livro, são pequenos dramas completos. Tais o "Bôto", o "Crime do tapuio" e a "Sorte de Vicentina". O próprio "Voluntário da pátria" tem o drama na alma de tia Zeferina, desde a quietação na palhoça até aquêle adeus que ela fica acenando na margem, não já o filho, que a não pode ver, nem ela a êle, mas ao fumo do vapor que se perde ao longe no rio, como uma sombra.

Em todos êles, os costumes locais e a natureza grande e rica, quando não é só áspera e dura, servem de quadro a sentimentos ingênuos, simples e alguma vez fortes. O sr. JV possui o dom da simpatia e da piedade. (...) Há locuções da terra. Há a tecnologia dos usos e costumes. Ninguém esquece que está diante da vida amazônica, não tôda, mas aquela que o sr. JV escolheu naturalmente para dar-nos a visão do contraste entre o meio e o homem.

O contraste é grande. A floresta e a água envolvem e acabrunham a alma. A magnificência daquelas regiões chega a ser excessiva. Tudo é inumerável e imensurável. São milhões, milhares e centenas os sêres que vão pelos rios e igarapés, que espiam entre a água e a terra, ou bramam e cantam na mata, em meio de um concêrto de rumôres, cóleras, delícias e mistérios. O sr. JV dá-nos a sensação daquela realidade. (...) Ao pé do trágico, o mesquinho, o comum, o quotidiano da existência e dos costumes, que o autor pinta breve ou minuciosamente. (...)

Em tão várias cenas e lances, o estilo do sr. JV (salvo nos "Esbocetos", cuja estrutura é diferente) é já e estilo correntio e vernáculo dos seus escritos posteriores. Já então vemos o homem feito, de mão assentada, dominando a matéria. Há, a mais, uma nota de poesia, a graça e o vigor das imagens, que outra sorte de trabalhos nem sempre consentem. (...) *Machado de Assis* — Um livro [Cenas da vida amazônica] *In: Machado de Assis — Conto e teatro. Casa velha.* Rio de Janeiro, 1962, v. 2, p. 721-723 (Obra completa)

"Nas quatro novelas e nos seis quadros que compõem o livro há o cuidado de fixar paisagens, tipos, localismos, crendices e costumes da região, obedecendo aquêle intuito de transposição da realidade objetiva, que dá a página literária o sabor de um documento etnográfico.

Vocação de analista estudioso, mais interessado em compor o documento, que em elaborar o texto de literatura criadora, o JV das "Cenas da vida amazônica" é um ficcionista acidental, prestes a abandonar o conto e a novela ao encontrar no ensaio e na crítica a plena expansão de seus pendores intelectuais. *J. Montelo* — O conto brasileiro de Machado de Assis e Monteiro Lobato. *In: Academia brasileira de letras — Curso de conto.* Rio de Janeiro, 1958, p. 148.

2113

VERÍSSIMO, José — Scenas da vida amazonica. Lisboa, Livr. ed. de Tavares Cardoso & irmão |1887?| 267 p.

2114

VERÍSSIMO, José — Scenas da vida amazonica. Nova ed. Rio de Janeiro, Laemmert, 1899. 375 p.

2115

VERÍSSIMO, José — Cenas da vida amazônica. 3. ed. Rio, Org. Simões, 1957. 242 p. (Cem obras da literatura nacional, 8).

2116

VERÍSSIMO, José — Cenas da vida amazônica. *In*: *Veríssimo, J.* — *Crítica*, por Olívio Montenegro. Rio de Janeiro, Livr. Agir ed., 1958, p. 16-29 (Nossos clássicos, 21).

Contém do conto "O Bôto": "Em Óbidos"; de "O crime do tapuio": "A sicuriju" e "A sorte de Vicentina".

2117

VERSIANI, Antônio *ver* Anjos, Antônio Versiani dos.

VIANA, Artur Gaspar — Enchentes e remansos. São Paulo, Typ. d'O Pharol, 1925. 116 p.

2118

VIANA, Euclides Godofredo Ribeiro Mendes *ver* Gustavo, Paulo, *pseud.* de Euclides Godofredo Ribeiro Mendes Viana.

VIANA, Maria Moreira da Fonseca Gaspar — Contos e novellas... Petropolis, Ed. do Centro da boa imprensa, 1921. 197 p.

Publicado com as iniciais C.F.

Contém, além de 7 contos, 2 crônicas.

2119

VIANA, Maria Moreira da Fonseca Gaspar — Contos e novelas de C. F. (3. ed.) |Ilust. por Mendes| Rio de Janeiro |Pap. Natal| 1941. 206 p., 3 f. (Col. Passiflóra).

Publicado:: C.F. (Passiflóra)

Contém 6 contos.

2120

VIANA, Nelson Washington — Chico doido, contos e crônicas. Ilust. do autor. Rio de Janeiro, Pongetti, 1959. 225 p. ilust.

2121

VIANA, Oduvaldo — Feira da ladra (contos humoristicos). Lisboa, Guimarães & cia., 1916. 170 p.

2122

Contém: "Prólogo"; "Memórias d'um jornalista"; "Teatro elétrico" e "Dez contos fracos".

VICENTE SOBRINHO, José *ver* Azevedo Sobrinho, José Vicente de.

VIEIRA, Adelina Amélia Lopes — Destinos. Rio, Laemmert. 1900. 303 p.

Contos urbanos, descrevendo episódios da fase do Encilhamento.

2123

VIEIRA, Celso — Para as lindas mãos, contos e perfis. 1932.

2124

VIEIRA, Damasceno — Noites de verão, contos. Porto Alegre, Typ. do Jornal do commercio, 1888. 198 p.

Nome completo. João Damasceno Vieira Fernandes.

2125

VIEIRA, José Geraldo — A ronda do deslumbramento, contos |Illust. de Harry Clarke| Rio de Janeiro, Empr. Brasil ed. |1922| 203 p.

Contém 24 contos.
Nom completo: José Geraldo Manuel Germano Correia Vieira Machado da Costa.

2126

VIEIRA, Lélis — Factos e fitas. São Paulo, 1922.

2127

VIEIRA, Pires *ver* Pires, Vieira.

VILELA, Carneiro — Noivados originaes.. |189-?|

Contista naturalista.
Apud Roberto Simões: "Faria Neves Sobrinho e o conto naturalista. *Leitura,* abr. 1961, p. 30.

2128

VILELA, Iracema Guimarães — Uma aventura, contos. São Paulo, Monteiro Lobato, 1925. 180 p.

Publicado sob o pseudônimo de Abel Juruá.
Menção honrosa da Academia Brasileira de Letras, em 1926.

2129

VILELA, Luís — Tremor de terra. Apresentação de Laís Corrêa de Araújo. Belo Horizonte, Ed. do autor, 1967. 164 p.

Contém 20 contos.

Prêmio Nacional de Ficção "Prefeitura do Distrito Federal", em 1967.

"Alguns de nós preferiremos sua face menos áspera (entretanto, cuidado, pois podemos nos encontrar retratados nesse espelho plano...), enquanto outros preferirão a face congestionada pela angústia e pelo problema da comunicação, que é a própria atmosfera de nossa época, atmosfera de inquietude, de mêdo, de desamor. (...)" *Laís Correia de Araújo — Apresentação.*

2130

VILELA, Luís — Tremor de terra, contos |2. ed. Capa de Mem de Sá. Rio de Janeiro| Lidador |1967| 164 p., 1 f.

"(...) Vocação de criador, é já LV um escritor completo, com a marca vivencial, o poder de comunicação e o domínio instrumental que se lhe poderiam exigir.

São vinte contos que se reúnem em "Tremor de terra", e de alguns dêles poderíamos dizer que melhor ficariam fora do livro, sendo antes meros exercícios (de extremo virtuosismo, às vêzes) ou repetições (embora muito bem construídas) de situações outras. (...) É positivo entretanto o saldo de que dispõe o autor, e algumas das peças são definitivas pelo lastro de humanidade e incontida comoção. Flagrantes da vida cotidiana, povoam-se os contos de vária gente, que vive uma temática diferenciada: a hipocrisia religiosa, o dilema da acusação, a rotina doméstica, o enfado conjugal, a pungência da solidão, a indiferença entre os sêres — para ficarmos em alguns.

Não haveria demérito, acreditamos, em se relacionar o trabalho criador de LV com o de Dalton Trevisan. Trata-se de aproximação que se explica por vários motivos: a lavra de temas, a nitidez de traço no desenho de personagens, a secura do discurso... Com uma diferença, talvez: há em Vilela mais amor (malgrado a sátira) às criaturas; prova-o a incidência mínima de fatos violentos, que são uma constante na ficção de Trevisan. (...)

Em três dêsses contos podemos ver o tripé em que assenta o sentimento de afeição humana de LM, é justamente pelo seu alto grau de vivência, por sua profunda autenticidade, constituem-se nas melhores peças do livro: "Enquanto dura a festa", ou a ânsia do amor filial; "Meu amigo", ou o cristal da amizade; "Tremor de terra", peça titular do livro, ou a busca da realização amorosa.

A aspereza e o tédio do convívio humano não poderiam, contrastantemente, deixar de figurar na temática do livro. De sua contemplação resultaria uma pequena obra-prima, "O buraco", singular no seu simbolismo, embora correndo o risco de ser tomado, num julgamento mais superficial, como reminiscência de Kafka. Não há dúvida, porém, de que Vilela mediu bem êsse risco, e vencê-lo foi a melhor afirmação de sua autêntica vocação de escritor." *Darci Damasceno* — Um contista revelado. *C. Manhã*, 31 mar. 1968, 4. cad., p. 6 (Resenha)

2131

VILELA, Pedro de Carvalho — Mundaú. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1950. 207 p. ilust.

2132

VILELA, Urbano Lago — Gauchadas do Candinho Bicharedo, contos gauchescos da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti ed., 1961. 193 p.

Contém 37 contos, uma introdução e um glossário do autor.

Ao introduzir o herói, ULV assim se expressa: "Imaginação fértil, em pouco tempo era Candinho Bicharedo, cujo apelido deriva justamente de suas façanhas, conhecido por tôda a campanha fronteiriça do oeste do Rio Grande, carreando para a responsabilidade de sua fama tudo quanto se contasse, onde a verdade cedesse lugar ao fantástico e ao impossível(...) O autor apenas cria o ambiente próprio a cada conto,

aproveitando o ensejo para tornar conhecido o meio e a vida campeira, pois a essência da tirada é conhecida da grande maioria dos que labutam no campo nesta zona do Rio Grande (...) "

2133

20 histórias curtas |Capa de Egberto. Rio de Janeiro| Ed. Antunes |1960| x, 183 p.

Contém 5 contos de cada um dos seguintes autores: Alberto Dines, Esdras do Nascimento, Guido Vilmar Sassi, Isaac Piltcher.

"(...) AD conta histórias de imigrantes. EN preocupado com problemas formais, tenta maneiras novas de fazer contos, dentro de uma visão caracterizadamente pessoal. IP revela segredos que o homem esconde até de si mesmo e faz histórias subterrâneas, em que o mistério do ser apenas transparece, e GVS, dentro de uma técnica segura, aborda temas do dia a dia, e consegue efeitos da mais autêntica dramaticidade". *Maurício Hill. J. Let.*, maio 1960, p. 3.

2134

VITAL, Raul — Redemoinho. Rio, Livr. ed. Zelio Valverde, 1945. 158 p.

2135

VÍTOR, Leo *ver* Silva, Leo Vítor de Oliveira e

VÍTOR, Nestor — Signos (contos) Rio de Janeiro |Typ. Correia, Neves| 1897. viii, 208 p.

Nome completo: Nestor Vítor dos Santos.

Simbolista, tem o seu livro "Signos", citado por Andrade Murici e Massaud Moisés, respectivamente, nos capítulos "A ficção narrativa" (Presença do simbolismo. *In:* A literatura no Brasil. Rio de Janeiro, 1959, v. 3, t. I, p. 199-209) e "O conto" (O simbolismo. São Paulo, 1966, p. 234)

"Osmose entre a ficção narrativa e descritiva e a poesia, e franca adesão aos fundamentos estéticos e culturais do Simbolismo. No primeiro caso, verifica-se que a palavra "contos" empregada para rotular as fabulações, mais uma vez não corresponde à rigorosa verdade dos fatos: se algumas merecem a rubrica, outras devem ser classificadas como poemas em prosa, crônica poética, capítulo ou embrião de romance, etc. (...) Fôrça é afirmar (...) fazem de "Signos" um livro importante não apenas para a história do nosso Simbolismo mas mesmo da nossa prosa de ficção. Quando menos, ostenta merecidamente o lugar de precursor, mais do que nenhum outro ficcionista do seu tempo, em matéria de monólogo interior". *Massaud Moisés — O simbolismo.* São Paulo, 1966, p. 234.

2136

VITRAL, Antônio Caldeira — O prestidigitador. Belo Horizonte, Impr. Oficial, 1952. 65 p.

2137

VIVEIROS DE CASTRO *ver* Castro, Francisco José Viveiros de

W

WAYNE, Pedro R. — Almas penadas. Rio de Janeiro, Pongetti, 1942. 182 p.

2138

WERLANG, Carlos — Inquietude |Rio, C. Mendes Junior| 1948. 84 p. ilust.

2139

WEYNE, Fernando — Miudinhos. Fortaleza |189-?|

Apud Braga Montenegro — Evolução e natureza do conto cearense. *Clã*, fev. 1952, p. 13.

2140

X

XAVIER, Benedito — Contos da roça. São Paulo, Typo-lithographia Ribeiro, 1898. 31 p.

2141

XAVIER, Lindolfo Otávio — Flores e fructos (contos) Rio, Leon de Rennes, 1907. 209 p.

2142

Z

ZALUAR, Augusto Emílio — Contos da roça. Rio, Typ. do Diario do Rio de Janeiro, 1868. 107 p.

Português, naturalizado brasileiro.

"Série de narrativas, em que os costumes, por certo cheios de encanto e poesia, e a vida pacífica dos habitantes do interior do nosso país são desenhados e descritos da maneira mais ingênua que imaginar se pode.

O estilo é fluente, agradável e destituído de afetação, ora simples, sem ser rasteiro, ora elegante, sem ser empolado". *Araripe Júnior* — Contos da roça (impressões de leitura) *C. pernambucano*, 5 out. 1968 (Literatura) |Seção assinada com o pseudônimo de Oscar Jagoanharo e datada de 28 set. 1868. Transcrita em: *Araripe Júnior* — *Obra crítica*. Rio de Janeiro, 1958, v. 1, p. 11.

2143

OBRAS CONSULTADAS

I. LIVROS

ABREU, Jorge O. e Almeida — História da literatura nacional |Rio de Janeiro| Of. gráf. do Mundo médico, 1930. 383 p.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, RIO DE JANEIRO — Curso de conto. Conferências realizadas na Academia brasileira de letras. Rio de Janeiro, 1958. 192 p.

ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS, SÃO LUÍS — Antologia... 1908-1958. São Luís |Graf. Taveira| 1958. 263 p.

ADONIAS FILHO — Modernos ficcionistas brasileiros... ensaios |Rio de Janeiro| Ed. O Cruzeiro |1958| 242 p.

ADONIAS FILHO — Modernos ficcionistas brasileiros. 2. sér. |Capa de Antônio Dias. Rio de Janeiro| Ed. Tempo brasileiro, 1965. 88 p., 1 f. (Biblioteca de estudos literários, 5).

AFONSO, José — Seleta de prosadores mineiros... Belo Horizonte, Imp. of. do Estado de Minas Gerais, 1914. 240 p.

ALBUQUERQUE, José Joaquim Medeiros e — Páginas de crítica... Rio de Janeiro, Leite Ribeiro & Maurilo, 1920. 528 p.

ALENCAR, Mário Cockrane de — Alguns escritores. Rio de Janeiro, H. Garnier, livr. ed., 1910. 158 p., 1 f.

ALVARENGA, Otávio Melo — Mitos & valores. Rio de Janeiro, Ministério da educação e cultura, Instituto nacional do livro, 1956. 236 p. (Biblioteca de divulgação cultural, 7).

ALVES, Joaquim — Autores cearenses |1. sér. Fortaleza| Ed. Clã, 1949. 146 p.

AMORA, Antônio Augusto Soares — História da literatura brasileira (sec. XVI-XX) 3. ed. rev. e ampl. São Paulo, Saraiva, 1960. 215 p.

AMORA, Antônio Augusto Soares — O romantismo (1833-1838/1878-1881). São Paulo, Ed. Cultrix |1962| 356 p. (Roteiro das grandes literaturas. A literatura brasileira, 2).

ANDRADE, Carlos Drummond de — Passeios na ilha, divagações sôbre a vida literária e outras matérias. Rio, Ed. Organização Simões, 1952. 250 p.

ANDRADE, Mário de — Aspectos da literatura brasileira |Rio de Janeiro| Americ.-Ed. |c. 1943| 250 p., 1 f.

ANDRADE, Mário de — O empalhador de passarinho. 2. ed. São Paulo, Livr. Martins edit. |1955| 300 p. (Obras completas de Mário de Andrade, 20).

ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar — Obra crítica |Rio de Janeiro| Ministério da educação e cultura, Casa de Rui Barbosa, 1958-1960. 2 v. (Col. de textos da língua portuguêsa moderna, 3).

ASSIS, Joaquim Maria Machado de — Crônicas (1859-1888) Rio de Janeiro, W. M. Jackson inc., 1937, v. 1.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de — Obra completa, org. por Afrânio Coutinho... Poesia, crônica, crítica, miscelânea e epistolário... Rio de Janeiro, Ed. José Aguilar ltda., 1959, v. 3.

AZEVEDO, Fernando de — Ensaios, crítica literária para "O Estado de São Paulo" 1924-1925. São Paulo, Melhoramentos, 1929. 240 p.

AZEVEDO, Raul de — Bazar de livros (coment.rios) Rio de Janeiro, Adersen, 1934. 197 p.

AZEVEDO, Vicente de Paulo Vicente de — A vida atormentada de Fagundes Varela |São Paulo| Martins |1966| 441 p. ilust.

BARBOSA, Francisco de Assis — Achados do vento. Rio de Janeiro, Ministério da educação e cultura, Instituto nacional do livro, 1958. 177 p. (Biblioteca de divulgação cultural. Sér. A-15).

BARBOSA, Francisco de Assis — Romance, contos, novelas. *In*: *Morais, Rubens Borba de e William Berrien, org. — Manual bibliográfico de estudos brasileiros.* Rio de Janeiro, Gráf. ed. Sousa, 1949, p. 684-705.

BARREIRA, Dolor Uchoa — História da literatura cearense |Fortaleza| Ed. Instituto do Ceará ltda., 1951-1954. 3 v. (História do Ceará. Monografia, n. 18).

BARRETO, Paulo — O momento literário. Rio de Janeiro, Garnier |s.d.| 334 p.

BARRETO FILHO, José — Introdução a Machado de Assis. Em apêndice: "Garção e Assis" de Nestor Vitor. Rio de Janeiro, Livr. Agir ed., 1947. 270 p., 1 f.

BARROS, Jaime de — Espelho dos livros (estudos literários) 1. sér. Rio, José Olímpio, 1936. 386 p.

BELO, José Maria — Estudos críticos. Rio de Janeiro, Jacinto Ribeiro dos Santos, 1917. 203 p.

BITHENCOURT, Adalzira — Mulheres e livros. Rio de Janeiro, Gráf. Neugart, 1948. 160 p.

BITTENCOURT, Liberato — Academia brasileira de letras, estudo crítico de patronos e ocupantes. Rio de Janeiro, Of. gráf. do Ginásio 28 de setembro, 1941-43. 2 v.

BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento — Dicionário bibliográfico brasileiro. Rio de Janeiro, Tip. nacional, 1883-1902. 7 v.

BROCA, José Brito — Horas de leitura. Rio de Janeiro, Ministério da educação e cultura, Instituto nacional do livro, 1957. 308 p. (Biblioteca de divulgação cultural).

BROCA, José Brito — Machado de Assis e a política e outros estudos. Rio de Janeiro, Simões, 1957. 240 p.

BROCA, José Brito — Pontos de referência |Rio de Janeiro| Ministério da educação e cultura, Serviço de documentação |1962| 156 p.

BROCA, José Brito — Raul Pompéia |São Paulo| Ed. Melhoramentos |1956| 80 p. ilust. (Grandes vultos das letras, n. 21).

BROCA, José Brito — A vida literária no Brasil — 1900. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, J. Olímpio, 1960. 308 p. (Col. Documentos brasileiros, 108).

BRODBECK, Sully — Bibliografia de obras sôbre o Rio Grande do Sul, compilada pelos alunos do Curso de Biblioteconomia do D.S.P. de 1952-53. |Pôrto Alegre, 1953| 9 f. mimeogr.

BRUNO, Haroldo — Estudos de literatura brasileira. 2. ed. |Rio de Janeiro| Ed. leitura, s. a. |1968?| 254 p.

CALMON, Pedro — História da literatura bahiana... Salvador, Prefeitura municipal, 1949. 251 p. (Evolução histórica da cidade de Salvador, 7)

CALMON, Pedro — História da literatura bahiana. 2. ed. Rio de Janeiro, J. Olímpio, 1949. 251 p. (Col. Documentos brasileiros, 62).

CAMPOS, Humberto de — Crítica. 1. sér.-4. sér. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1933-1936. 4 v.

CÂNDIDO, Antônio — Ficção e confissão; ensaio sôbre a obra de Graciliano Ramos. Rio de Janeiro, Livr. José Olímpio ed., 1956. 83 p.

CARPEAUX, Oto Maria — Livros na mesa, estudos de crítica. Rio de Janeiro, Livr. São José, 1960. 268 p.

CARPEAUX, Oto Maria — Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira |Rio de Janeiro| Ministério da educação e saúde, Serviço de documentação, 1951. 271 p.

CARPEAUX, Oto Maria — Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira. 2. ed. rev. e aum. |Rio de Janeiro| Ministério da educação e cultura, Serviço de documentação, 1955. 297 p.

CARPEAUX, Oto Maria — Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira. 3. ed. rev. e aum. |Rio de Janeiro| Ed. Letras e artes, 1964. 335 p.

CARPEAUX, Oto Maria — Respostas e perguntas |Rio de Janeiro| Ministério da educação e saúde, Serviço de documentação |1953| 110 p., 1 f.

CARPEAUX, Oto Maria — Retratos e leituras. Rio, Ed. da Org. Simões, 1953. 205 p.

CARVALHO, José Mesquita de — História da literatura... Belo horizonte, Ed. Itatiaia |1958| v. 1.

CARVALHO, Ronald de — Estudos brasileiros. 1. sér. Rio de Janeiro, Ed. do Anuário do Brasil |1924| 221 p.

CARVALHO, Ronald de — Estudos brasileiros. 2. sér. Rio de Janeiro, F. Briguiet & cia., ed., 1931. 203 p.

CARVALHO, Ronald de — Pequena história da literatura brasileira. Pref. de Medeiros e Albuquerque... 8. ed. rev. Rio de Janeiro, F. Briguiet, 1949. 384 p. ilust.

CASTELO, José Aderaldo — Gonçalves de Magalhães. Trechos escolhidos. Rio de Janeiro, Agir, 1961 (Nossos clássicos, 55).

CASTRO, Oscar Oliveira — Vultos da Paraíba (patronos da Academia) |Rio de Janeiro, Dep. de Imp. nacional| 1955. |34| p. ilust.

CAVALCANTI, Valdemar — Jornal literário, crônicas. Rio de Janeiro, Livr. José Olímpio ed., 1969. 247 p.

CAVALHEIRO, Edgar — Evolução do conto brasileiro |Rio de Janeiro| Ministério da educação e cultura, Serviço de documentação |1954| 47 p. (Os cadernos de cultura, 74).

CAVALHEIRO, Edgar — Fagundes Varela. 3. ed. São Paulo, Livr. Martins ed. |1956| 325 p. ilust.

CAVALHEIRO, Edgar — Monteiro Lobato, vida e obra |São Paulo| Companhia distribuidora de livros |1955| 2 v. ilust.

CAVALHEIRO, Edgar — Monteiro Lobato, vida e obra. 3. ed. |São Paulo| Ed. brasiliense |1962| 3 v. ilust.

CÉSAR, Guilhermino — História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902) Rio de Janeiro, Ed. Globo |1956| 414 p. ilust. (Col. Província, 10).

CLÁUDIO, Afonso — História da literatura espiritosantense, com um prólogo por Clóvis Bevilaqua (subsídios para a História da literatura brasileira) Pôrto, Of. do Comércio do Pôrto, 1912. 556 p.

COELHO NETO, Henrique — Compêndio de literatura brasileira. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1929. 178 p.

COSTA, Francisco Augusto Pereira da — Dicionário biográfico de pernambucanos célebres. Recife, Tip. Universal, 1882. 804 p.

COUTINHO, Afrânio — Correntes cruzadas (questões de literatura). Rio de Janeiro, Ed. A Noite, 1953. xxiii, 383 p.

COUTINHO, Afrânio — A filosofia de Machado de Assis e outros ensaios. Rio de Janeiro, Livr. São José, 1959. 191 p., 1 f.

COUTINHO, Afrânio, *org.* — A literatura no Brasil. Direção de Afrânio Coutinho, com a assistência de Eugênio Gomes e Barreto Filho. Rio de Janeiro, Ed. Sul americana s. a. |c. 1955-1959| 3 v. *in* 4 t.

COUTINHO, Afrânio — Machado de Assis na literatura brasileira. Rio de Janeiro, Livr. São José, 1960. 107 p.

COUTO, Soter — Vultos e fatos de Diamantina. Belo Horizonte |Imp. oficial| 1954. 286 p.

CUNHA, Édison da Paz — Vozes imortais, crestomatia da Academia piauiense de letras |Fortaleza, Tip. Minerva| 1945. 218 p. ilust.

CUNHA, Fausto — A luta literária |Rio| Ed. Lidador, |1964| 210 p. (Col. Mimesis).

DELGADO, Luís — Lopes Gama. Textos escolhidos. Rio de Janeiro, Livr. Agir ed., 1958. 125 p. retr.

DINIZ, Almáquio — A cultura literária da Bahia contemporânea. Bahia, Tip. Baiana, 1911. 68 p.

DINIZ, Almáquio — A relatividade na crítica. Rio de Janeiro, Papelaria Venus |1923| 100 p.

DINIZ, Almáquio — Meus ódios e meus afetos. São Paulo, Monteiro Lobato, 1922. 302 p.

DINIZ, Almáquio — Zoilos e estetas (figuras literárias) Pôrto, Chardron, 1909. 185 p.

DOCA, Emílio Fernandes de Sousa — História do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, Org. Simões, 1954. 454 p.

DUTRA, Valtensir *e* Fausto Cunha — Biografia crítica das letras mineiras; esbôço de uma história da literatura em Minas Gerais... Rio de Janeiro, Instituto nacional do livro, 1956. 134 p. (Biblioteca de divulgação cultural, 5).

FALCÃO, Luís Aníbal — O conto na literatura brasileira, resumo feito para a Comissão brasileira e cooperação intelectual. Rio de Janeiro |Tipografia| 1941. 55 p.

FERREIRA, João Francisco — Elementos para uma bibliografia sôbre o Rio Grande do Sul |Pôrto Alegre| Faculdade de filosofia |1957?| 36 p.

FREITAS, José Bezerra de — Fontes da cultura brasileira. Pôrto Alegre, Livr. do Globo |1940| 191 p.

FRIEIRO, Eduardo — Páginas de crítica e outros escritos. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia ltda. |1955| 443 p.

FRIEIRO, Eduardo — Letras mineiras, 1929-1936. Belo Horizonte, Os Amigos do livro, 1937. 287 p.

FUSCO, Rosário — Vida literária |Capa de Santa Rosa| São Paulo, S. E. Panorama ltda., 1940. 274 p. (Col. de Estudos e documentos. Dir. de Eurialo Canabrava, 1).

GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA, Rio de Janeiro — Catálogo. Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do comércio, de Rodrigues & c., 1906, v. 2.

GALANTI, Rafael Maria, *sac.* — Biografias de brasileiros ilustres, resumidamente expostas... São Paulo, Duprat & c., 1911. 367 p.

GOMES, Eugênio — Espelho contra espelho, estudos e ensaios. São Paulo, Instituto Progresso editorial, s.a. |1949| 254 p.

GOMES, Eugênio — Prata de casa (ensaios de literatura brasileira) Rio de Janeiro, Ed. A Noite |1953| 181 p.

GOMES, Eugênio — Visões e revisões. Rio de Janeiro, Ministério da educação e cultura, Instituto nacional do livro, 1958. 323 p., 2 f. (Brasil. Instituto nacional do livro. Biblioteca de divulgação cultural. Sér. A-19).

GONÇALVES, Rui — História literária fluminense, do período colonial até aos nossos dias. Est. gráf. Barreto & Carbone |1939?| 166 p. (Biblioteca de obras e autores fluminenses).

GRIECO, Agripino — Evolução da prosa brasileira. 2. ed. rev. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1947. 287 p.

GUARANÁ, Armindo — Dicionário bio-bibliográfico sergipano. Rio de Janeiro |Pongeti| 1925. 280 p.

GUIMARÃES Rosa — |Conferências proferidas no ciclo de estudos sôbre Guimarães Rosa, organizado pelo Departamento de Educação e cultura da Reitoria da U.F.M.G. e pelo Instituto de Humanidades "Arduíno Bolivar" da Faculdade de Filosofia, por| Henriqueta Lisboa, Wilton Cardoso, Maria Luísa Ramos, Fernando Correia Dias |Introd. de Ângela Vaz Leão| Belo Horizonte, Centro de estudos mineiros, 1966. 100 p. (Minas Gerais, Universidade federal. Publicação 391).

HOUAISS, Antônio — Crítica avulsa |Salvador| Ed. conjunta com a Universidade da Bahia. Livr. Progresso ed. |1960| 289 p., 3 f. (Col. Cultura).

IVO, Lêdo — O universo poético de Raul Pompéia. Em apêndice "Canções sem metro" e "Textos esparsos". Rio de Janeiro, Livr. São José, 1963. 259 p.

JOBIM, Anísio — A intelectualidade no extremo norte (contribuições para a história da literatura no Amazonas) Manaus. Livr. Classica, J. J. da Câmara, 1934. 170 p.

JOBIM, Renato — Crítica. Rio de Janeiro, Livr. São José, 1960. 162 p., 2 f.

JÚLIO, Sílvio — Terra e povo do Ceará |Rio de Janeiro| R. Carvalho, 1936. 194 p. ilust.

JUREMA, Aderbal — Provicianos. 1. sér. Recife, Ed. Nordeste, 1949. 150 p.

KRUG, Guilhermina *e* Nelly Rezende Carvalho — Letras rio-grandenses. Pôrto Alegre, Livr. do Globo, 1935. 333 p.

LEAL, Antônio Henriques — Panthéon maranhense; ensaios biográficos dos maranhenses ilustres já falecidos. Lisboa, Impr. nacional, 1873-75. 4 v. ilust.

LEÃO, Múcio — João Ribeiro. Rio de Janeiro, Livr. São José, 1962. 291 p., 2 f.

LIMA, Alceu de Amoroso — Estudos... Rio de Janeiro, Terra de sol, 1927-33. 5 v. *in* 6.

LIMA, Alceu de Amoroso — Estudos. 2. ed. Rio de Janeiro, A Ordem, 1929—

LIMA, Alceu de Amoroso — Estudos literários. Rio de Janeiro, Aguilar, 1966, v. 1.

LIMA, Alceu de Amoroso — Novos estudos. Rio de Janeiro. 1944-45. 2 v.

LIMA, Alceu de Amoroso — Primeiros estudos; contribuição à história do modernismo literário. Rio de Janeiro, Agir ed., 1948, v. 1.

LIMA, Alceu de Amoroso — Três ensaios sôbre Machado de Assis. Belo Horizonte, Livr. ed. Paulo Bluhm, 1941. 94 p.

LIMA, Filgueiras — A literatura cearense depois de 1920. *In*: *Martins Filho Antônio e Raimundo Girão — O Ceará.* 3. ed. |Fortaleza| Ed. Inst. do Ceará |1966| p. 267-271.

LIMA, Herman — O conto |Salvador| Universidade da Bahia, 1958. 68 p. (Bahia. Universidade. Publicação. Sér. 5: Conferências e Monografias, 4)

LIMA, Herman — Variações sôbre o conto |Rio de Janeiro| Ministério da educação e saúde, Serviço de documentação |1952| 111 p.

LIMA, Herman — Variações sôbre o conto |Rio de Janeiro, Livros de bôlso, 1967| 131 p., 3 f. (Livros de bôlso, Ed. de ouro, culturais. Sêlo de ouro, 635).

LIMA, Mário de — Coletânea de autores mineiros... Belo Horizonte, Impr. oficial, 1922 — v. 1 —

LINHARES, Mário — História literária do Ceará... Rio de Janeiro, Jornal do comércio, 1948. 203 p. ilust.

LINHARES, Temístocles — Interrogações. 1. sér. Rio de Janeiro, Livr. J. Olímpio ed., 1959. 357 p.

LINHARES, Temístocles — Interrogações. 2. sér. Rio de Janeiro, Livr. São José, 1962. 318 p.

LINS, Álvaro — Jornal de crítica... Rio de Janeiro, José Olimpio, 1941-1963. 8 v.

LITRENTO,Oliveiros L. — O crítico e o mandarim |Rio de Janeiro| Livr. São José |pref. 1961| 163 p., 3 f.

LUCAS, Fábio — Temas literários e juízo críticos. Belo Horizonte. Ed. Tendência, 1963. 170, 1 p.

MACEDO, Joaquim Manuel de — Ano biográfico brasileiro... Rio de Janeiro, Tip. e lit. do Imperial instituto artístico, 1876. 4 v.

MAGALHÃES, Valentim — Escritores e escritos (Perfis literários e esboços críticos) Rio de Janeiro, Tip e lit. de Carlos Gaspar da Silva, ed., 1889. xiii, 205 p.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo — Ao redor de Machado de Assis (pesquisas e interpretações) Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1958| viii, 285 p.

MAIA, Alcides — Machado de Assis (algumas notas sobre o humour) Rio de Janeiro, Livr. ed. Jacinto Silva, 1912. 161, viii p., 2 f., est., retr.

MARQUES, Osvaldino — A seta e o alvo, análise estrutural de textos e crítica literária. Rio de Janeiro, Ministério da educação e cultura, Instituto nacional do livro, 1957. 279 p. (Biblioteca de divulgação cultural, sér. A-13).

MARQUES, Xavier — Letras acadêmicas.Rio de Janeiro, Renascença, 1933. 232 p.

MARTINS, Arí — O movimento intelectual do Rio-Grande do Sul. *R. Acad-s. Let.*, n. 9, abr. 1939.

MARTINS, Mário Rodrigues — A evolução da literatura brasileira... Rio de Janeiro, Outubro, 1945. 2 v.

MARTINS, Wilson — Interpretações (ensaios de crítica) Rio de Janeiro, José Olímpio, 1946. 354 p.

MARTINS, Wilson — O modernismo (1916-1945) São Paulo, Ed. Cultrix |1965| 311 p. (Roteiro das grandes literaturas. A literatura brasileira, 6)

MATOS, Mário — Machado de Assis. O homem e a obra. Os personagens explicando o autor. São Paulo, Companhia editora nacional, 1939. 454 p. est.

MEIRELES, Mário Martins — Panorama da literatura maranhense. São Luís |Impr. oficial, 1955| 255 p.

MELO, Luís Correia de — Dicionário de autores paulistas. S. Paulo |Ed. graf. Irmãos Andrioli s.a.| 1954. 678 p.

MELO FILHO, Osvaldo Ferreira de — Introdução à história da literatura catarinense... Florianópolis, Faculdade catarinense de filosofia, 1958. 134 p. (Florianópolis. Faculdade catarinense de filosofia. Centro de estudos filológicos. Publicação,4).

MENDONÇA, Rubens de — Dicionário biográfico mato-grossense... |São Paulo, Gráf. mercúrio| 1953. 133 p.

MENESES, Raimundo de — Escritores na intimidade. São Paulo, Livr. Martins |1949| 326 p.

MEYER,Augusto — À sombra da estante. Rio, Livr. José Olímpio ed., 1947. 257 p.

MEYER, Augusto — Machado de Assis, 1935-1958. Rio de Janeiro, Livr. São José, 1958. 238 p., 1 f.

MEYER, Augusto — Prêto & branco |Rio de Janeiro| Ministério da educação e cultura. Instituto nacional do livro, 1956. 227 p. (Biblioteca de divulgação cultural, 1).

MEYER, Augusto — Prosa dos pagos, 1941-1959. Rio de Janeiro, Livr. São José, 1960. 334 p.

MILLIET, Sérgio — Diário crítico. São Paulo, Ed. brasiliense, 1944-1959. 10 v.

MOISÉS, Massaud — O simbolismo (1893-1902) São Paulo, Ed. Cultrix |1966| 293 p. (Roteiro das grandes literaturas. A literatura brasileira, 4).

MONIZ, Heitor — Vultos da literatura brasileira (1. sér.) |Rio de Janeiro, Marisa| 1933. 228 p.

MONTELO, Josué — Artur Azevedo e a arte do conto, conferência pronunciada na Academia brasileira a 29 de setembro de 1955. Rio de Janeiro, Livr. São José, 1956. 70 p., 1 f.

MONTENEGRO, Abelardo Fernando — Cruz e Sousa e o movimento simbolista no Brasil. Fortaleza |Ed. A. Batista Fontenele| 1954. 187 p.

MONTENEGRO, Joaquim Braga — Evolução e natureza do conto cearense. *Clã*, n. 12, fev. 1952, p. 1-34.

MONTENEGRO, Olívio — Ensaios |Rio de Janeiro| Ministério da educação e cultura, Serviço de documentação, 1954. 109 p. (Os cadernos de cultura, 72).

MONTENEGRO, Olívio — Retratos e outros ensaios. Rio de Janeiro, Livr. José Olímpio ed., 1959. 247 p.

MORAIS, Antão de — Tomás Alves. Campinas, Genoud, 1920. 70 p., 3 f., retr.

MORAIS, Péricles — Legendas & águas-fortes (ensaios críticos)Manáus, Livr. Clássica, 1935. 284 p.

MOREIRA, Júlio Estrêla — Dicionário bibliográfico do Paraná. Curitiba, Impr. oficial do estado |1960| xiii, 637 p., 1 f. (Museu paranaense. Publicação).

MOTA, Artur — Vultos e livros. Academia brasileira de letras. 1. sér. São Paulo, Monteiro Lobato, 1921. 284 p. ilust.

MURICI, José Cândido de Andrade — A nova literatura brasileira, crítica e antologia. Pôrto Alegre, Globo, 1936. 425 p.

NEVES, Fernão — A Academia brasileira de letras, notas e documentos para a sua história (1896-1940). Pref. de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro, Academia brasileira, 1940. 304 p.

NOBRE, Freitas — Juvenal Galeno |São Paulo| Ed. Melhoramentos |1957| 64 p. ilust. (Grandes vultos das letras, 15).

OLINTO, Antônio — Cadernos de crítica. Rio de Janeiro, J. Olímpio, 1959. 243 p.

OLIVEIRA, Franklin de — Viola d'amore. Rio de Janeiro, Ed. Val, 1965. 220 p.

OLIVEIRA, Martins de — História da literatura mineira (esquema de interpretação e notícias biobliográficas) Belo Horizonte, Ed. Itatiaia |1958| 246 p.

OTÁVIO FILHO, Rodrigo — Inglês de Sousa (1.º centenário de seu nascimento) Rio de Janeiro, Ed. Companhia brasileira de artes gráficas |1955| 43 p. retr.

PACHECO, João — O realismo (1870-1900) 2. ed. São Paulo, Ed. Cultrix |1967| 206 p. (Roteiro das grandes literaturas. A literatura brasileira,, 3).

PAIXÃO, Múcio da — Movimento literário em Campos (notícia sôbre alguns poetas e prosadores campistas). Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do comércio, 1924. 399 p.

PEIXOTO, Afrânio — Noções de história da literatura brasileira. Rio de Janeiro, Livr. Francisco Alves, 1931. 352 p. ilust.

PEIXOTO, Afrânio — Panorama da literatura brasileira. São Paulo, Companhia editora nacional, 1940. 558 p.

PEREIRA, Astrojildo — Machado de Assis, ensaios e apontamentos avulsos. Rio de Janeiro, Livr. São José |1959| 273 p., 1 f.

PEREIRA, Lafayette Rodrigues — Vindiciae, o sr. Sílvio Romero, crítico e filósofo, por Labieno |pseud.| Rio de Janeiro, Livr. Cruz Coutinho de J. R. dos Santos, 1899. 253 p.

PEREIRA, Lúcia Miguel — Machado de Assis (estudo crítico e biográfico) São Paulo, Companhia editora nacional, 1936. 342 p. ilust. (Biblioteca pedagógica brasileira. Sér. 5. Brasiliana, 73).

PEREIRA, Lúcia Miguel — Machado de Assis (estudo crítico e biográfico) 4. ed. São Paulo, Gráfica editôra Brasileira ltda., 1949. 218 p., 1 f.

PEREIRA, Lúcia Miguel — Machado de Assis (estudo crítico e biográfico) 5. ed. rev. pela autora. Rio de Janeiro, Livr. José Olímpio ed., 1955. 310 p. ilust.

PEREIRA, Lúcia Miguel — Prosa de ficção (de 1870 a 1920) Rio de Janeiro, José Olímpio, 1950. 338 p. (História da literatura brasileira, sob a direção de Álvaro Lins, 12. Col. Documentos brasileiros, 63).

PEREIRA, Lúcia Miguel — Prosa de ficção (de 1870 a 1920) 2. ed. rev. Rio de Janeiro, Livr. José Olímpio ed., 1957. 344 p. (História da literatura brasileira, sob a direção de Álvaro Lins, 12. Col. Documentos brasileiros, 63).

PEREZ, Renard Q. — Escritores brasileiros contemporâneos (27 biografias seguidas de antologia) edição ilustrada. Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1960| 386 p. ilust.

PEREZ, Renard Q. — Escritores brasileiros contemporâneos (2. sér.) (20 biografias, seguidas de antologia) edição ilustrada. Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1964| 332 p. ilus.

PEREZ, Renard Q. — A evolução do conto no Brasil. *R. Liv.*, n. 19, set. 1960, p. 63-74.

PEREZ, Renard Q. — Panorama do conto brasileiro. *J. Let.*, n. 118, maio 1959, p. 8.

PINHEIRO, João — Literatura piauiense, escôrço histórico. Teresina, Imp. oficial, 1937. 267 p.

PINTO, Luís — Antologia da Paraíba, séculos: XVII, XVIII, XIX e XX. Primeira parte, poesia; segunda parte, prosa. Rio de Janeiro, Ed. Minerva, ltda., 1951. 341 p.

PONTES, Elói — A vida inquieta de Raul Pompéia. Rio, Livr. José Olímpio ed., 1935. 337 p., 1 f.

PONTES, Joel — O aprendiz de crítica. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e cultura, Instituto nacional do livro, 1960. 329 p., 3 f. (Biblioteca de divulgação cultural. Sér. A-26).

PORTELA, Eduardo — Dimensões I (crítica literária) Pref. de Gilberto Freire. 2. ed. rev. Rio de Janeiro, Livr. Agir ed., 1959. 216 p.

PROENÇA, M. Cavalcanti — José de Alencar na literatura brasileira. Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1966| 147 p.

PUJOL, Alfredo — Machado de Assis. 2. ed. Rio de Janeiro, Livr. José Olímpio ed., 1934. viii, 364 p. est.

REIS, Antônio Manuel dos — Álbum literário. São Paulo, Tip. Imparcial, 1862. 520 p.

RIBEIRO, João Felipe de Sabóia — Roteiro de Adolfo Caminha. Rio de Janeiro, Livr. São José |1957| 88 p.

RIBEIRO FILHO, João Sousa — Dicionário bibliográfico de escritores cariocas (1565-1965) Rio de Janeiro, Livr. Brasiliana ed., 1965. 285 p. (Col. Vieira Fazenda, 3).

ROMERO, Sílvio — Estudos de literatura contemporânea, páginas de crítica. Rio de Janeiro, Tip. Universal de Laemmert, 1885. 290 p.

ROMERO, Sílvio — História da literatura brasileira... 4. ed. org. e pref. por por Nelson Romero. Rio de Janeiro, Livr. José Olímpio ed., 1949. retr. 5 v. (Col. Documentos brasileiros, 24, 24-d).

ROMERO, Sílvio — Machado de Assis, estudo comparativo de literatura brasileira. Rio de Janeiro, Laemmert & c.-ed., 1897. xxxii, 347 p., 1 f. retr.

ROMERO, Sílvio — Valentim Magalhães, estudo. Rio de Janeiro, Tip. da Escola de Serafim José Alves |1884| vi, 80 p.

RÓNAI, Paulo — Encontros com o Brasil. Rio de Janeiro, Ministério da educação e cultura, Instituto nacional do livro, 1958. 249 p., 2 f. (Biblioteca de divulgação cultural. Sér. A-17).

SALES, Antônio — História da literatura cearense. *In*: *Martins Filho, Antonio e Raimundo Girão — O Ceará*. 3. ed. |Fortaleza| Ed. Inst. do Ceará |1966| p. 257-266.

SANTOS, Presalindo Lerí — Panthéon fluminense, esboços biográficos. Rio de Janeiro, Tip. Leuzinger, 1880. 667 p.

SÃO TIAGO, Arnaldo — História da literatura catarinense. Rio de Janeiro, 1957. 547 p.

SERAINE, Florival — Através da literatura cearense (crítica) Fortaleza, Ed. Estudos, 1948. 117 p.

SILVA, João Pinto da — História literária do Rio Grande do Sul... 2. ed. Pôrto Alegre, Ed. da Livr. do Globo, 1930. 280 p. ilust.

SILVA, João Pinto da — Fisionomias de "novos". São Paulo, Monteiro Lobato, 1922. 258 p.

SILVA, João Pinto da — Vultos do meu caminho (estudos e impressões de literatura) Pôrto Alegre, Globo |19-| 208 p.

SILVA, Raimundo Nonato da — Província literária. Rio de Janeiro, Irmãos Pongeti, 1953. 176 p.

SILVA, Raimundo Nonato da — Zona do pôr do sol (o tempo e os homens da província) Rio de Janeiro |Ed. do Instituto cultural do Oeste Potiguar| 1964. 198 p. (Col. Mossoroense, 12).

SPALDING, Válter — Bibliografia do folclore Rio grandense do sul. Pôrto Alegre, Of. gráf. da Impr. Oficial, 1954, p. |245|-263. Separata Publicação n. 4 da Comissão estadual de folclore do Rio Grande do Sul.

SPALDING, Válter — Itinerário da literatura sul-rio-grandense. *In*: *Enciclopédia rio-grandense*... Canoas |1956| v. 2, p. 191-220.

STUDART, Guilherme, barão de — Dicionário bio-bibliográfico cearense... Fortaleza, Tipo-litografia a vapor, 1910-15. 3 v. *in* 1.

TÁTI, Miécio — Estudos e notas críticas. Rio de Janeiro, Ministério da educação e cultura, Instituto nacional do livro, 1958. 316 p., 1 f. (Biblioteca de divulgação cultural. Sér. A-18).

TEIXEIRA, Múcio Scoevola Lopes — Os gaúchos... Rio de Janeiro, Leite Ribeiro & Maurilo, 1921. 2 v.

TINHORÃO, José Ramos — A província e o naturalismo. Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1966| 107 p.

VALE, José Ribeiro de Sá, *ed.* — Antologia maranhense. 1. ed. Maranhão, Estab. gráf. Ramos d'Almeida, 1937. 124 p.

VEIGA NETO, *org.* — Antologia goiana... prosadores, jornalistas e poetas falecidos 1838-1943. Goiânia, Bolsa de publicações Hugo de Carvalho Ramos |1944| 310 p.

VELHO SOBRINHO, João Francisco — Dicionário bio-bibliográfico brasileiro. Rio de Janeiro |Irmãos Pongeti| 1937-1940. 2 v.

VELINHO, Moisés de Morais — Letras da província. Pôrto Alegre, Livr. do Globo |1944| 197 p. (Col. Autores brasileiros, 1).

VELINHO, Moisés de Morais — Letras da província. 2. ed. rev. e acrescentada. Rio de Janeiro, Ed. Globo |1960| 271 p. (Col. Província).

VERÍSSIMO, José — Estudos de literatura brasileira... Rio de Janeiro, Garnier, 1901-07. 6 v.

VERÍSSIMO, José — História da literatura brasileira, de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908) 1.º milheiro. Rio de Janeiro, Livr. Francisco Alves & c., 1916. 3 f., 435 p.

VERÍSSIMO, José — Letras e literatos (estudinhos críticos da nossa literatura do dia) 1912-1914. Rio de Janeiro, Livr. José Olímpio ed., 1936. 209 p., 1 f.

VÍTOR, Edgar Baiense d'Almeida e Brito — Ad imortalitatem... Rio de Janeiro, Pongeti, 1943. 165 p.

VÍTOR, Nestor — Cartas à gente nova. Rio de Janeiro, Anuário do Brasil |1924| 366 p.

VÍTOR, Nestor — Os de hoje, figuras do movimento modernista brasileiro. São Paulo, Cultura moderna |1938| 322 p.

2. PERIÓDICOS

Abreviatura	Título
Acaiaca	Acaiaca, revista de cultura, Belo Horizonte n. 1- nov. 1948-1958
Akademia	Akademia, São Paulo. n. 1- 1962-
Anhembi	Anhembi, São Paulo. n. 1-144 dez. 1950-nov. 1962
Anu. Acad. Bras. Let.	Anuário da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro. n. 1- 1935-
Anu. Acad. Let. José de Alencar	Anuário da Academia de Letras José de Alencar, Curitiba. n. 1 1945
Anu. bras. Lit., Let., Artes, Ciênc.	Anuário Brasileiro de Literatura, Letras, Artes, Ciências, Rio de Janeiro. n. 1-8 1937-1944
Anu. Fac., Ciênc., Let. Sedes Sapientiae PUCSP	Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae" da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. n. 1- 1943-

Anu. Lit. bras.	Anuário da Literatura Brasileira, Rio de Janeiro. n. 1- 1960-
Aut. e Liv.	Autores e Livros, suplemento literário de "A Manhã", Rio de Janeiro. n.1- 1941-1950
Bibliogr. bras.	Bibliografia Brasileira, por Antônio Simões dos Reis. n. 1- 1966-
Bibliogr. bras. Inst. Nac. Liv.	Bibliografia Brasileira do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro. n. 1- 1938/1939-
Bibliogr. bras. mens. Inst. Nac. Liv.	Bibliografia Brasileira Mensal, do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro. n. 1- nov. 1967-
Bibliogr. nac.	Bibliografia Nacional, por Antônio Simões dos Reis. n. 1-8 1942
B. Ariel	Boletim de Ariel, mensário crítico-bibliográfico, letras, artes, ciências, Rio de Janeiro. n. 1- out. 1931-abr. 1938
B. Bibliogr. port.	Boletim de Bibliografia portuguêsa, da Biblioteca Nacional de Lisboa. n.1- 1935-
B. bibliogr. bras.	Boletim Bibliográfico Brasileiro, do Sindicato Nacional das Emprêsas Editôras de Livros e Publicações Culturais, Rio de Janeiro. n. 1- 1952-
B. bibliogr. Bibl. Nac. RJ	Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. n. 1- 1918-
B. bibliogr. Bibl. Públ. Mun. SP	Boletim Bibliográfico da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo. n. 1- out./dez. 1943-
B. mens. Acad. Camp. Let.	Boletim Mensal da Academia Campista de Letras, Campos. n. 1- set. 1944-
Cad. bras.	Cadernos brasileiros, Rio de Janeiro. n. 1- abr. 1959-
Clã	Clã, revista de cultura, Fortaleza. n. 1- fev. 1948-
Convivium	Convivium, São Paulo. n. 1- 1962-
C. braz.	Correio Braziliense, Brasília. Coluna literária — Ézio Pires
C. Manhã	Correio da Manhã, Rio de Janeiro. Escritores e livros — José Condé Suplemento literário

C. Paraná, Curitiba	Correio do Paraná, Curitiba. O Paraná em Manchete — Brasilino de Carvalho.
C. Povo, Pôrto Alegre	Correio do Povo, Pôrto Alegre. Livros — Acácio Prosa das terças — Manoelito de Ornelas
Cultura	Cultura, do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro. n. 1-5 set. 1948-dez. 1952
Cultura, Cons. Fed. Cult.	Cultura, do Conselho Federal de Cultura do Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro. n. 1- jul. 1967-
Diário	O Diário, Belo Horizonte. No mundo dos livros
D. Minas	Diário de Minas, Belo Horizonte Livros — Ângelo Osvaldo Livros & Fatos — Otávio Dias Leite Suplemento literário
D. Noite	Diário da Noite, São Paulo. Mundo dos livros — Herculano Pires
D. Noite, Recife	Diário da Noite, Recife. Flagrante literário — Cesário de Melo
D. Not.	Diário de Notícias, Rio de Janeiro. Correntes cruzadas — Afrânio Couinho Encontro matinal — Eneida Suplemento literário
D. Not., Niterói	Diário de Notícias, Niterói. Livros novos
D. Not., Pôrto Alegre	Diário de Notícias, Pôrto Alegre. Bôlsa do livro. Últimos lançamentos.
D. pop.	Diário Popular, São Paulo.
D. S. Paulo	Diário de São Paulo, São Paulo. Mundo dos livros — Herculano Pires Notícias literárias A vida dos livros — Domingos Carvalho da Silva
D. Casmurro	Dom Casmurro, Rio de Janeiro. n. 1-333 maio 1937-1943
Ed. bras.	Edições Brasileiras, do Sindicato Nacional dos Editôres de Livros, Rio de Janeiro. n. 1- jan. 1963-
Est. Minas	O Estado de Minas, Belo Horizonte. Livros — Édison Moreira Suplemento literário

Est. S. Paulo	O Estado de São Paulo, São Paulo. Livros — Bruna Becherucci Suplemento literário
Est. bras.	Estudos Brasileiros, Rio de Janeiro. n. 1-39 1938-dez. 1944
F.S. Paulo	Fôlha de São Paulo, São Paulo. Livros — Nogueira Moutinho
F. Tarde, Pôrto Alegre	Fôlha da Tarde, Pôrto Alegre. Noticiário — Sérgio W. Tocchetto
Gaz. esport., São Paulo	Gazeta Esportiva, São Paulo. Papel & Tinta & Livros
Gaz. Not.	Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro. Nós e o mundo — Maura de Sena Pereira
Globo	O Globo, Rio de Janeiro Porta de livraria — Edmundo Lys e — Antônio Olinto
Handb. Lat. Amer. Stud.	Handbook of Latin American Studies, Cambridge, Massachussets. n. 1- 1935-
Joaquim	Joaquim, Curitiba. n. 1-20 abr. 1946-1948
Jornal	O Jornal, Rio de Janeiro. Jornal literário — Valdemar Cavalcanti Suplemento literário
J. Brasil	Jornal do Brasil, Rio de Janeiro. Panorama das letras — Lago Burnett Suplemento do Livro Suplemento literário
J. Com.	Jornal do Comércio, Rio de Janeiro. Gazetilha literária — Santos Morais Leitura — Rocha Filho Suplemento literário
J. Com., Recife	Jornal do Comércio, Recife. Idéias, livros e fatos — Luís Delgado Vida literária — J. Gonçalves de Oliveira Suplemento literário
J. Let.	Jornal de Letras, Rio de Janeiro. n. 1- jul. 1949-
Kriterion	Kriterion, da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte. n. 1- jul. 1947-
Lançam. Ano	Lançamentos do Ano, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. n. 1- 1961-
Leitura	Leitura, Rio de Janeiro. 1.ª fase: n. 1-52 1942-1949 Nova fase: n. 1- 1957-

Let. e Artes	Letras e Artes, suplemento literário de "A Manhã", Rio de Janeiro. n. 1- maio 1946-1954
Metropolitano	O Metropolitano.
Minas Gerais	Minas Gerais; órgão oficial dos poderes do estado, Belo Horizonte. Suplemento literário n. 1-57 set. 1966 – set. 1967
Notícia	A Notícia, Rio de Janeiro. Feira de livros — Carlos Meneses
ParaTodos	ParaTodos, Rio de Janeiro/São Paulo. 1.ª fase: n. 1- 1918-1932 2.ª " : n. 1-44 maio 1956-mar. 1958
R. Acad.	Revista da Academia, São Paulo n. 1- abr. 1859
R. Acad. Amaz. Let.	Revista da Academia Amazonense de Letras, Manaus. n. 1- 1918-
R. Acad. Bras. Let.	Revista da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro. n. 1- jul. 1910-
R. Acad. Cear. Let.	Revista da Academia Cearense de Letras, Fortaleza. n. 1- 1896-
R. Acad. Flum. Let.	Revista da Academia Fluminense de Letras, Niterói. n. 1- out. 1949-
R. Acad. Let. Bahia	Revista da Academia de Letras da Bahia, Salvador. n. 1- agô. 1930-
R. Acad. Let. RGS	Revista da Academia de Letras do Rio Grande do Sul, Pôrto Alegre. n. 1- set. 1910-
R. Acad. lit.	Revista da Academia Literária, São Paulo. n. 10 jul. 1863
R. Acad. Maran. Let.	Revista da Academia Maranhense de Letras, São Luís. n. 1- 1916-
R. Acad. Matogr. Let.	Revista da Academia Matogrossense de Letras, Cuiabá. n. 1- jan. 1933-
R. Acad. Min. Let.	Revista da Academia Mineira de Letras, Belo Horizonte. n. 2 1923
R. Acad. Paraen. Let.	Revista da Academia Paraense de Letras, Belém. n. 1- maio 1950-

R. Acad. Paraib. Let.	Revista da Academia Paraibana de Letras, João Pessoa. n. 1- mar. 1947-
R. Acad. Paran. Let.	Revista da Academia Paranaense de Letras, Curitiba. n. 1- jan./mar. 1939-
R. Acad. Paul. Let.	Revista da Academia Paulista de Letras, São Paulo. n. 1- nov. 1937-
R. Acad. Piauiense Let.	Revista da Academia Piauiense de Letras, Teresina. n. 12 jan. 1928
R. Acad. Riogr. Let.	Revista da Academia Riograndense de Letras, Pôrto Alegre. n. 2 jan./jun. 1937
R. Acad. Serg. Let.	Revista da Academia Sergipana de Letras, Aracajú. n. 4 dez. 1932
R. Acad. Sul-Riogr. Let.	Revista da Academia Sul-Riograndense de Letras, Pôrto Alegre. n. 1- jun. 1940-
R. Acad.-s Let.	Revista das Academias de Letras, Rio de Janeiro. n. 1- dez. 1937-
R. acad.	Revista Acadêmica, Rio de Janeiro. n. 64 jun. 1944
R. acad., Recife	Revista Acadêmica, da Faculdade de Direito do Recife, Recife. n. 1- 1891-
R. acad., São Paulo	Revista Acadêmica, São Paulo. n.1- maio 1882-
R. Arq. Mun. SP	Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, São Paulo. jan./fev. 1946
R. Arq. Públ., Recife	Revista do Arquivo Público, Recife. 1952-1956
R. Branca	Revista Branca, Rio de Janeiro. n. 1-32 jun. 1948-1957
R. bras.	Revista Brasileira, jornal de Ciências, Letras e Artes, Rio de Janeiro. 1.ª fase: n. 1-4 1857-1861 2.ª " : n. 1-10 1879-1881 3.ª " : n. 1-19 1895-1899 4.ª " : n. 1-9 1934-1935
R. bras. Acad. Bras. Let.	Revista Brasileira, da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro. n. 1- jun. 1941-

R. Brasil	Revista do Brasil, São Paulo. 1.ª fase: n. 1-112 1916-abr. 1925 2.ª " : n. 1-10 set. 1926-jan. 1927 3.ª " : n. 1-56 jul. 1938-dez. 1943
R. Let., Assis	Revista de Letras, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, São Paulo. n. 1- 1960-
R. Liv.	Revista do Livro, do Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro. n. 1- jun. 1956-
Sul	Sul, revista do Círculo de Arte Moderna, Florianópolis. n. 1- jan. 1948-
Tarde	A Tarde, Salvador. Livros — Junot Silveira Suplemento literário
Trib. Impr.	Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro. Livros — Carlos Freire — Júlio Moura Tribuna dos livros
Última Hora	Última Hora, Rio de Janeiro. Literária — Moreira Alves Livros — Aguinaldo Silva

ÍNDICE DE TÍTULOS

ÍNDICE DE CRÍTICOS

A P Ê N D I C E

ANTOLOGIAS DE CONTOS

ANTOLOGIAS NACIONAIS

AGUIAR, Álvaro Pinto de, ed. — Contos regionais brasileiros. Pref. e seleção de Pinto de Aguiar. 2. ed. |Salvador| Livr. Progresso |1957| 255 p.

Conteúdo: — "Terra caída", por Alberto Rangel. — "A salga", por Peregrino Júnior. — "O seringueiro", por Humberto de Campos. — "As mulheres", por Herman Lima. — "Baleia", por Graciliano Ramos. — "O homem na tôrre", por Joel Silveira. — "Maria Rosa', por Xavier Marques. — "Cheia grande", por D. Martins de Oliveira. — "A garupa", por Afonso Arinos. — "Amor", por Valdomiro Silveira. — "A colcha de retalhos", por Monteiro Lobato. — "Os humildes", por Vicente de Carvalho. — "Carreteiros", por Darcí Azambuja.

Para a 1.ª edição, ver: Contos regionais brasileiros. O conteúdo varia.

1

ANTOLOGIA brasileira de ficção científica |Pref. de João Camilo de Oliveira Tôrres: "A ficção científica como fantasia pura ou a vingança de Dom Quixote". Capa: Eddie Moyna| Rio de Janeiro, Ed. GRD, 1961. 182 p. (Ficção científica, 6).

Conteúdo: — "O comêço do fim", por André Carneiro. — "O menino e a máquina", por Antônio Olinto. — "O estranho mundo", por Clóvis Garcia. — "A ficcionista", por Diná Silveira de Queirós. — "Último vôo para Marte", por Fausto Cunha. — "Estação espacial Alfa", por Jerônimo Monteiro. — "Correio sideral", por Lúcia Benedetti. — "As cinzentas planícies da lua" ,por Rubens Teixeira Scavone. — "O verbo" por Zora Seljan.

2

UMA ANTOLOGIA do conto cearense (com um estudo de Braga Montenegro) |Evolução e natureza do conto cearense. Capa e ilust. de Nearco Araújo| Fortaleza, Impr. universitária do Ceará, 1965. 220 p. ilust.

Edição comemorativa do 10.º aniversário de instalação da Universidade do Ceará.

Conteúdo: — "Eu, Lázaro", por Artur Eduardo Benevides. — "Os demônios", por Braga Montenegro. — "Joaninha Pé-Torto", por Eduardo Campos. — "Ventania", por Fran Martins. — "A fuga", por João Clímaco Bezerra. — "O estranho", por José Maia. — "O ex-operário Expedito em sua maior felicidade", por Juarez Barroso. — "A máquina de retrato", por Lúcia Fernandes Martins. — "Amanhã, às cinco horas", por Margarida Sabóia de Carvalho. — "Aquela que eu perdi", por Milton Dias. — "O banho", por Moreira Campos. — "Fim da pena", por Sinval Sá.

3

BARBOSA, Almiro Rolmes *e* Edgar Cavalheiro, *comp.* — As obras primas do conto brasileiro. Seleção, introd. e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. Retratos de J. Wasth Rodrigues. São Paulo, Livr. Martins |1943| xii, 356 p. ilust. (A marcha do espírito, 9)

Conteúdo: — "Cunhã Etá Maloca", por Barbosa Rodrigues. — "Pedro Barqueiro", por Afonso Arinos. — "O santo", por Afonso Schmidt. — "Chão de terra preta", por Amadeu Queirós. — "A morte da porta-estandarte", por Aníbal Machado. — "Gaetaninho", por Antônio de Alcântara Machado. — "Plebiscito", por Artur Azevedo. — "Ninho de periquitos", por Carvalho Ramos. — "Firmo, o vaqueiro", por Coelho Neto. — "Porque matei o violinista", por Ernâni Fornari. — "Meu sósia", por Gastão Cruls. — "O relógio do hospital", por Graciliano Ramos. — "Galinha cega", por João Alphonsus. — "O bebê de tarlatana rosa", por João do Rio. — "O crime do tapuio", por José Veríssimo. — "A caolha", por Júlia Lopes de Almeida. — "O homem que sabia javanês", por Lima Barreto. — "Os cegos", por Luís Jardim. — "Missa do galo", por Machado de Assis. — "Nísia Figueira, sua criada", por Mário de Andrade. — "Circo de coelhinhos", por Marques Rebêlo. — "Colcha de retalhos", por Monteiro Lobato. — "Shonosuké", por Orígenes Lessa. — "Guapuiador", por Peregrino Júnior. — "Uma noite de chuva, ou Simão diletante de ambientes", por Ribeiro Couto. — "Contrabandista", por Simões Lopes Neto. — "Truque", por Valdomiro Silveira. — "Aventuras de Pedro Malazarte", por Lindolfo Gomes.

4

BARBOSA, Almiro Rolmes *e* Edgar Cavalheiro, *comp.* — As obras-primas do conto brasileiro. Seleção, introd. e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. Retratos de J. Wasth Rodrigues. São Paulo, Livr. Martins |1947| xii, 356 p. ilust. (A marcha do espírito, 9).

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

5

BARBOSA, Almiro Rolmes *e* Edgar Cavalheiro, *comp.* — As obras-primas do conto brasileiro. Seleção, introd. e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. Retratos de J. Wasth Rodrigues. 3. ed. São Paulo, Livr. Martins |1950| xii, 356 p. ilustr.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

6

BARBOSA, Almiro Rolmes *e* Edgar Cavalheiro, *comp.* — As obras-primas do conto brasileiro. Seleção, introd. e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. Retratos de J. Wasth Rodrigues. 4. ed. São Paulo, Livr. Martins |1952| xii, 356 p. ilustr.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

7

BARBOSA, Almiro Rolmes *e* Edgar Cavalheiro, *comp.* — As obras-primas do conto brasileiro. Seleção, introd. e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. Retratos de J. Wasth Rodrigues. 5. ed. São Paulo, Livr. Martins |1954| xii, 356 p. ilust.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

8

BARBOSA, Almiro Rolmes *e* Edgar Cavalheiro, *comp.* — As obras-primas do conto brasileiro. Seleção, introd. e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. 6. ed. São Paulo, Livr. Martins |1955| xii, 356 p. ilustr.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

9

BARBOSA, Almiro Rolmes *e* Edgar Cavalheiro, *comp.* — As obras-primas do conto brasileiro. Seleção, introd. e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. 7. ed. São Paulo, Livr. Martins |1957| xii, 356 p. ilustr.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

10

BARBOSA, Almiro Rolmes *e* Edgar Cavalheiro, *comp.* — As obras-primas do conto brasileiro. Seleção, introd. e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. Retr. de J. Wasth Rodrigues. 9. ed. São Paulo, Livr. Martins |1962| xii, 356 p. ilust. (Col. Obras-primas, 1)

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

11

BARBOSA, Almiro Rolmes *e* Edgar Cavalheiro, *comp.* — As obras-primas do conto brasileiro. Seleção, introd. e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. Retr. de J. Wasth Rodrigues. 9. ed. São Paulo, Livr. Martins |1966| 290 p. ilust. (Col. Obras-primas, 1).

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

12

CAMPOS, Paulo Mendes, *org.* Páginas de humor e humorismo. Il. de Carlos Thiré |Rio de Janeiro| Ministério da Educação e cultura, Serviço de documentação |1956| 2 v. (Os cadernos de cultura, 92,93).

Contém entre outros trabalhos: "Bárbara", por Murilo Rubião. "Hora quieta", por Valdomiro Silveira. — "O colibri", por Léo Vaz. — "Apólogo brasileiro sem véu de alegoria", por Alcântara Machado. — "Um baile na S.D.F. "Caprichosos da estôpa., por Orestes Barbosa. — "O peru de Natal", por Mário de Andrade.

13

CAMPOS, Paulo Mendes, *org.* — Antologia brasileira de humorismo. |Rio de Janeiro| Ed. do autor |1965| 238 p.

"Em 1956, PMC fêz, para o Serviço de Documentação do Ministério da Educação, uma antologia sob o título "Páginas de humor e humorismo". A presente antologia é uma edição muito melhorada e muito ampliada daquêle "caderninho de cultura" que se esgotou ràpidamente".

Contém entre outros trabalhos: "O plebiscito", por Artur Azevedo. — "Hora quieta", por Valdomiro Silveira. — "O homem de cabeça de papelão", por João do Rio. — "O homem que sabia javanês", por Lima Barreto. — "O colibri", de Léo Vaz. — "O peru de Natal", de Mário de Andrade. — "O piano", por Aníbal Machado. — "Apólogo brasileiro sem véu de alegoria", por Antônio de Alcântara Machado. — "Um baile na S.D.F. "Caprichosos da estôpa", por Orestes Barboza. — "Bárbara", por Murilo Rubião. — "História de assombração", por Mário Neme. — "O generalíssimo", por Joel Silveira. — "Imaginação em férias", por Diná Silveira de Queirós. — "Uma galinha", por Clarice Lispector.

14

CASTRO, Nei Leandro de, *org.* — Contista Norte-rio-grandenses. Seleção, apresentação e notas de Nei Leandro de Castro |Capa de Newton Navarro| Natal, Departamento estadual de imprensa, 1966.

Apud Aluísio Furtado de Mendonça. *J. Com.*, Recife, 2 out. 1966.

15

CAVALHEIRO, Edgar, *comp.* — O conto mineiro. Seleção e notas de Edgard Cavalheiro |Capa de Nora Rónai| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brabrasileira |1959| 339 p. (Panorama do conto brasileiro, 4).

Conteúdo: "A dança dos ossos", por Bernardo Guimarães. — "Joaquim Mironga", por Afonso Arinos. — "Chão de terra prêta", por Amadeu de Queirós. — "Venanço", por Silva Guimarães. — "Romão da Januária", por Veiga Miranda. — "O legado", por Godofredo Rangel. — "Viola de Queluz", por Antônio Versiani. — "Tati, a garôta", por Aníbal Machado. — "Casa das três meninas", por Mário Matos. — "O senhor secretário", por Moacir de Andrade. — "Seu Magalhães suicidou-se", por Rodrigo Melo Franco. — "Aquêle Natal de Guadalupe", por Eduardo Frieiro. — "Sardanapalo", por João Alphonsus. — "Flor, telefone, môça", por Carlos Drummond de Andrade. — "A campainha e o camundongo por Jurandir Ferreira. — "O duelo", por João Guimarães Rosa. — "Hoje somos nós", por Osvaldo Alves. — "Ti'Oscar", por Ildeu Brandão. — "Acontecimento da noite", por Lúcio Cardoso. — "O ex-mágico da taberna minhota", por Murilo Rubião. — "Um caso de polícia", por Mário Garcia de Paiva. — "O moinho", por Oto Lara Rezende. — "Passeio", por Fernando Sabino. — "A ilha escalvada", por Valdomiro Autran Dourado.

16

CAVALHEIRO, Edgar, *comp.* — O conto paulista. Seleção e notas de Edgard Cavalheiro |Capa de Nora Rónai| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1959| 297 p. (Panorama do conto brasileiro, 3).

Conteúdo: "Crianças", por Vicente de Carvalho. — "Última carpa", por Valdomiro Silveira. — "O comprador de fazendas", por Monteiro Lobato. — "O grêmio", por Léo Vaz — "O bugre da neblina", por Afonso Schmidt. — "O disco", por Menotti del Picchia. — "O poço", por Mário de Andrade. — "O bloco das mimosas borboletas", por Ribeiro Couto. — "Apólogo brasileiro sem véu de alegoria", por Antônio de Alcântara Machado. — "Milhar sêco", por Orígenes Lessa. — "A esperança da família", por Alfredo Mesquita. — "A secretária da Câmara", por João Pacheco. — "O pôrto resplandescente", por Diná Silveira de Queirós. — "O quarto da frente", por Helena Silveira. — "De como Nenzinho chegou a homem", por Miroel Silveira. — "Missa de sétimo dia", por Guilherme Figueiredo. — "Avelino, Avelino, por Mário Donato. — "A parábola da sota", por Leonardo Arroyo. — "Dona Adelaide", como o nome indica", por Mário Neme. — "A presença", por Ruth Guimarães. — "O encontro", por Lígia Fagundes Teles.

17

CAVALHEIRO, Edgar — O conto romântico. Seleção de Edgar Cavalheiro. Introd. e notas de Mário da Silva Brito |Desenho de capa: Nora Rónai| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1961| 324 p. (Panorama do conto brasileiro, 2).

Conteúdo: "Amância", por Domingos José Gonçalves Magalhães. — "Camila, memórias duma viagem", por Casimiro José Marques de Abreu. — "Cinco minutos", por José Martiniano de Alencar. — "Carlotinha da mangueira", por Gentil Homem de Almeida Braga. — "Gennaro", por Manuel Antônio Álvares de Azevedo. — "As ruínas da Glória", por Luís Nicolau Fagundes Varela. — "A dança dos ossos", por Bernardo Joaquim da Silva Guimarães. — "A bôlsa de sêda", por Joaquim Manuel de Macedo. — "A promessa de Marcolina", por Luís Caetano Pereira Guimarães Júnior. — "As duas órfãs", por Joaquim Norberto de Sousa Silva. — "O segrêdo de Augusta", por Joaquim Maria Machado de Assis. — "Juca, o tropeiro", por Alfredo D'Escragnole Taunay. — "Jaguaruçu e Saí", por Tristão de Alencar Araripe Júnior.

18

CAVALHEIRO, Edgar *e* Raimundo de Menezes, *comp.* — Histórias de crimes e criminosos (uma antologia de contos brasileiros) |Ilust. de Carnicelli. Capa de Edgard Koetz. São Paulo| Ed. Civilização brasileira |1956| 333 p. ilust.

Conteúdo: "Uma resolução", por Adelino Magalhães. — "O criminoso", por Afonso Schmidt. — "Hohann", por Álvares de Azevedo. — "Testemunha jurada", por Amadeu de Queirós. — "Amor e sangue", por Antônio de Alcântara Machado. — "Zé Bala", por Aurélio Buarque de Holanda. — "A dança dos ossos", por Bernardo Guimarães. — "Para salvar o "Graxaim", por Ernâni Fornari. — "Vingança", por Humberto de Campos. — "O mensageiro", por João Alphonsus. — "O narciso em equação", por João Pacheco. — "História de gente alegre", por João do Rio. — "O homem que roubou um pão", por Léo Vaz. — "Tara", por Lígia Fagundes Teles. — "O enfermeiro", por Machado de Assis. — "Crime impunido", por Medeiros e Albuquerque. — "O crime daquela noite", por Menotti del Picchia. — "O estigma", por Monteiro Lobato. — "O crime", por Olavo Bilac. — "O crime de Bandu", por Raimundo Magalhães Júnior. — "O crime do estudante Batista", por Ribeiro Couto. — "Matosinhos, o vingador", por Silveira Bueno. — "O negrinho do pastoreio, por Simões Lopes Neto. — "O selvagem", por Vicente de Carvalho. — "Ladrão", por Viriato Correia.

19

A CIDADE de cada um, contos premiados no concurso "A melhor história sôbre sua cidade", instituído pelo Correio da Manhã |Desenho de capa: Eugênio Hirsch| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1963| 199 p. (Col. Vera Cruz. Literatura brasileira, 46).

Foram reunidos os 13 melhores contos, dentre bem mais de mil selecionados em concurso por iniciativa de José Condé.

Conteúdo: "Barathron", por José Maria de Lima Campos. — "Josias e a imperatriz", por Gastão de Holanda. — "O nome do falecido, curatela e D. Laura", por E. Martins Garcia. — "Maria Prometida", por Clementino de Alencar. — "A manhã seguinte", por Wander Piroli. — "Grande Hotel Cabo Branco", por William Carlos Müller. — "Um ordálio carioca", por Leandro Konder. — "Prisão no morro", por Ferúcio Fabbri. — "Quem não tem ocupação faz colher de pau", por Orlandino Seitas Fernandes. — "O coveiro Maromba", por Gentil Ursino Vale. — "O império do futebol", por Álvares da Silva. — "Os gigantes, os rios...", por Guilherme Figueiredo. — "Coaraci ou delícias da vida urbana", por João Bethencourt.

20

COELHO, José Saldanha, *org.* — Antologia de contos de escritores novos do Brasil. Pref. de Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro, Rev. Branca, 1949. 409 p. ilust.

Conteúdo: "A solteirona", por Almeida Fischer. — "O navio", por Aluísio Medeiros. — "Cafèzinho de visita", por Aníbal Nunes Pires. — "As barbas do pai", por Bernardo Gersen. — "Os manequins", por Braga Montenegro. — "A valsa", por Breno Acióli. — "Conto de Belém", por Carlos Castelo Branco. — "A fuga", por Cláudio Tavares Barbosa. — "A mão e o destino", por Cléia Malheiros. — "A moral de cada um", por Constantino Paleólogo. — "O baralho", por Da Costa e Silva Filho. — "A pedra dos coronel Fulgêncio", por Dirceu Quintanilha. — "O maquinista", por Domingos Félix. — "Céu limpo", por Eduardo Campos. — "Albertino", por Fran Martins. — "Um pedaço de chão, por Francisco Brasileiro. — "O segrêdo, por Gasparino Damata. — "Entre a fila e o jardim", por Gastão de Holanda. — "A emboscada", por Herberto Sales. — "O legado", por Herly Drumond. — "A maldita", por Ibrahim Abi-Ackel. — "Padrão "G", por José Carlos Cavalcanti Borges. — "Ravina", por José Condé. — "O último expediente de Damião, por José Estênio Lopes. — "Isaura", por Lêdo Ivo. — "Jaboticabas", por Lineu Selos. — "Os mortos", por Lígia Fagundes Teles. — "Vigília", por Moreira Campos. — "O ex-mágico da taberna Minhota", pro Murilo Rubião. — "Em tôrno de um veleiro", por Nataniel Dantas. — "O quadro de Miguel", por Pedro Luís Masi. — "Borrasca", por Renato Sérgio Jobim. — "Capela velha", por Roland Corbisier. — "A mulher do comerciante", por Saldanha Coelho. — "Caxinguelê", por Vasconcelos Maia. — "Romance urbano", por Xavier Placer.
O organizador da antologia, Saldanha Coelho, procurou dar um caráter de documentário em que se reflete a posição atual do conto brasileiro reunindo 36 autores de tendências bem nítidas.

21

COELHO, José Saldanha, *comp.* — Contistas brasileiros. New Brazilian short stories. Seleção de Saldanha Coelho... Trad. de Rod W. Horton... Ilust. de Sörensen... Capa de Orval... |Rio de Janeiro| Rev. Branca |1957| 238 p. ilust.

Texto em português e inglês.
Conteúdo: "A ilha", por Almeida Fischer. — "As agulhas", por Breno Acióli. — "Lábio de criança", por Eduardo Campos. — "A lua", por Joel Silveira. — "O cachorro", por José Condé. — "Felicidade", por Lígia Fagundes Teles. — "Coração alado", por Moreira Campos. — "Bárbara", por Murilo Rubião. — "Memória", por Saldanha Coelho. — "Largo da Palma", por Vasconcelos Maia.

22

COELHO, José Saldanha, *comp.* — Contistas brasileiros. Conteurs brésiliens. Seleção de Saldanha Coelho... Trad. de Edouard Bailby... Ilust. de Sörensen... Capa de Orval... |Rio de Janeiro| Rev. Branca |1958| 241 p. ilust.

Texto em português e francês.
Conteúdo: idêntico ao da edição em inglês.

23

COELHO, José Saldanha, *comp.* — Contistas brasileiros. Nuovi racconti brasiliani. Seleção de Saldanha Coelho... Trad. de Giovanni Passeri... Ilust. de Sörensen... Capa de Orval... |Rio de Janeiro| Rev. Branca |1959| 242 p. ilust.

Texto em português e italiano.
Conteúdo: idêntico ao da edição em inglês.

24

CONTOS de médicos [Capa de Glauco Chaves. Pref. de Arnaud Pierre. Orelha de Fausto Cunha. Rio de Janeiro, Pulso, 1966] 139 p.

Prêmio Pulso 1965.

"Os dez melhores contos de médicos de todo o país".

[Conteúdo: "Amai-vos", por Moacir Jaime Scliar. — "As cartas do meu irmão", por Milton da Rocha Marques. — "O colecionador de nuvens", por Jaime Santos Neves. — "O comprador de burros", por Eduardo Adami. — "O conto", por Holdemar Oliveira de Menezes. — "O crime do Salustiano", por Paulo Rosa. — "Debutando no penico", por Aziz Ansarah Rizek. — "História de cachorro", por Reginaldo Guimarães. — "O processo", por Paulo Saraiva. — "Vida de cirurgião", — por Djalma Chartinet Contreiras. — "Visita", por Breno Acióli.

25

CONTOS de repente. Curitiba, Delfos ed., 1965.

Conteúdo: — Altivo Ferreira, René Dotti, Elias Farah, Hélio de Freitas Puglielli, Antônio de Ramos Cordeiro, Luís Geraldo Mazza, Ailton Sisti, Moacir Pereira, Enock de Lima Pereira, Jodat Nicolas Kury, Jamil Sneje, Valmor Marcelino, Renato Muniz Ribas, Nelson Padrela, Aderbal Fortes Júnior.

26

CONTOS provincianos... Limeira, Paulista, 1952. 105 p.

Conteúdo: — "Diário de um comedor de festa" por Clidenor Ribeiro Bastos. — "Cão simbólico", por A. Oliveira e Sousa. — "Aquela noite úmbrica", por Ernâni Donato. — "Licantropia", por David Antunes. — "A mudança", por João de Sousa Ferraz. — "O rouxinol do Albaicin", por Martim Ruiz. — "Indústrias modernas", por Francisco de March. — "A história de um torturado do estômago", por Luís M. Rodrigues Filho.

27

CONTOS regionais brasileiros. Salvador, Progresso, 1951. 225 p.

Conteúdo: — "A garupa", por Afonso Arinos. — "A colcha de retalhos", por Monteiro Lobato. — "Os humildes", por Vicente de Carvalho. — "O seringueiro", por Humberto de Campos. — "Sinhàzinha Lelé", por Viriato Correia. — "Cheia grande", por D. Martins de Oliveira. — "Terra caída", por Alberto Rangel. — "As mulheres", por H. Lima. — "A alma do mar", por Sodré Viana. — "Carreteiros" [e] "Brinquedo pesado", por Darci Azambuja. — "A salga", por Peregrino Júnior. — "Fogo", por Vítor Gonçalves Neto. — "Amor", por Valdomiro Silveira.

Para a 2.ª edição ver: Aguiar, Álvaro Pinto de, ed. — Contos regionais brasileiros.

28

COUTINHO, Frederico dos Reis, *ed.* — Os mais belos contos brasileiros de amor. Seleção, pref. e notas de Frederico dos Reys Coutinho. Rio de Janeiro, Vecchi [1945] 349 p.

Conteúdo: — "Manuel Lúcio", por Afonso Arinos. — "O plano de Mr. Fothergill", por Afrânio Peixoto. — "Ceguinho de estrada", por Alcides Maia. — "O madeireiro", por Aluísio Azevedo. — "Amor e sangue", por Antônio de Alcântara Machado. — "A Réclame", por Artur Azevedo. — "A garganta do inferno", por Bernardo Guimarães. — "Sonho de Eva", por Coelho Neto. — "Confirmações", por Gonzaga Duque. — "As guabirabas", por Herman Lima. — "Catimbau", por Humberto de Campos. — "O bôto", por José Veríssimo. — "O voto", por Júlia Lopes de Almeida. — "Ex-cátedra", por Machado de Assis. — "Menina de ôlho fundo", por Mário de Andrade. — "Clarinha

das rendas", por Mário Sete. — "Oscarina", por Marques Rebêlo. — "Flor sêca", por Medeiros e Albuquerque. — "O crime", por Olavo Bilac. — "Baianinha", por Ribeiro Couto. — "Ierecê a guaná", por Taunay. — "Saudades do Natal", por Valdomiro Silveira. — "Selvagem", por Vicente de Carvalho. — "Velada", por Virgílio Várzea. — "... Piuma al vento", por Viriato Correia. — "A noiva do golfinho", por Xavier Marques.

29

DAMATA, Gasparino, *org.* — Histórias do amor maldito. Seleção de Gasparino Damata. Pref. de Octávio de Freitas Jr. [Capa de Luiz Canabrava. Rio de Janeiro] Gráf. Récord ed., 1967. 430 p., 1 f. (Col. maldita, 1).

Entre outros gêneros, os contos: "O bem amado", por Dalton Trevisan. — "A solidão de Acácio", por Alcides Pinto. — "O iniciado do vento", por Aníbal Machado. — "A ilha escalvada", por Valdomiro Autran Dourado. — "Frederico Paciência", por Mário de Andrade. — "A moralista", por Diná Silveira de Queirós. — "Aprendizado", por Luís Canabrava. — "História de gente alegre", por João do Rio. — "Baixo contínuo", por Assis Brasil. — "Rafael Donzela", por Edilberto Coutinho. — "Pílades e Orestes", por Machado de Assis. — "O filho", por José Édison Gomes. — "Sangue esclarecido", por Nélida Piñon. — "Como se utilizou Salomão da sua oportunidade?", por José Condé. — "Perturbadora Miss Doly", por Miroel Silveira. — "A grande atração", por R. Magalhães Júnior. — "O seu minuto de glória", por Samuel Rawet. — "Sábado", por Renard Perez. — "O vampiro das rosas", por Nataniel Dantas. — "A maldição do amor", por Aguinaldo Silva. — "História moderna à moda antiga", por Homero Homem. — "Taís", por Valmir Ayala.

30

DEPOIS das seis; antologia de contos de escritores que trabalham em propaganda [Capa: Eddie Moyna. Ilust.: José Federico Spitale, Gerineldo Garcia, Licinio de Almeida, Patrício Marré Gimenez, Ramon Bayona, Armando de Moura, Manoel Victor, Salvio Negreiros, Antônio Eusébio dos Santos Neto, Minoru Naruto, Daniel Marshall, Rodrigo Frank, Ivã Pereira de Melo, Dino Ippolito, Domingos Baronne, Hugo Zanzi, Sílvio Consentini, Hans Handenschild, Eric Nice, Milton Christovam, Percy Deane] Rio de Janeiro, Ed. GRD, 1964. 264 p.

Conteúdo: — "Sol loiro em céu azul", por Benedito Rui Barbosa. — "Papai compra um carro", por Dirceu Borges. — "Cocktail party", por Eliezer Burlá. — "Cangerão não sei de que", por Emil Farhat. — "Queijos", por FranciscoRocha Morel. — "Conto a Andrelaura", por Geraldo Santos. — "O camarim", por [Henrique Matteucci. — "Campeiro", por Ernâni Donato. — "Lata de lixo", por Ivã Pedro de Martins. — "Fujie", por João Antônio. — "Passe as férias em Nassau", por Julieta de Godói Ladeira. — "Negócio fechado", por Jorge Medauar. — "Manchete", por Marcos Rei. — "Avelino, Avelino", por Mário Donato. — "História de uma promoção de venda", por Milton Pedrosa. — "Caiu na vida", por Miroel Silveira. — "Madrugada", por Orígenes Lessa. — "Minha filha", por Osvaldo Alves. — "O prisioneiro", por Renato Castelo Branco. — "As rêdes", por Ricardo Ramos. — "Noturno", por Ronaldo Moreira.

31

OS DEZ melhores contos brasileiros... [Rio de Janeiro] Ed. Miniatura [1948?] 128 p. (Ed. Miniatura, 6).

32

FISCHER, Osvaldo de Almeida, *org.* — Contistas de Brasília. Org., anotada e selecionada por Almeida Fischer. Capa e ilust. de Esmerino Magalhães. Brasília, Ed. Dom Bosco, 1965. 170 p. ilust.

Conteúdo: — "Seu Nestor", por Alphonsus de Guimaraens Filho. — "O indivíduo", por Aluísio Vale. — "Os olhos da virgem", por Anderson Braga Horta. — "Sete anos de pastor", por Anselmo Macieira. — "Pressentimento", por Fonseca Pimentel. — "Lua na Ala Norte", por Arnaldo Brandão. — "Dezembro, e floriam", por Astrid Cabral. — "O filho", por Carlos Castelo Branco. — "Morte no agreste", por Ciro dos Anjos. — "A porta", por Geraldo Lemos Bastos. — "Sortilégio", por Joanir de Oliveira. — "Requiem", por João Falcão. — "Retôrno", por José Augusto Guerra. — "Solidão de Santa Brígida", por José Godói Garcia. — "A visita", por Mário Teles. — por Mauritônio Meira. — "O suicídio", por Pedro Luís Masi. — "O fio", por Samuel Rawet. — "Morituri", por Romeu Jobim. — "A desconhecida", por Ivone de Miranda. — "O rosto", por Almeida Fischer.

33

GARDE, Mário, *org.* — Natal; a mais completa antologia natalina em verso e em prosa |Porto Alegre| Ed. Paulinas |1959| 320 p. ilust.

Entre outros gêneros, os contos: O Natal do meu guarda-noturno", por Soares de Azevedo. — "O Natal nas coxilhas (conto gaúcho narrado por um tropeiro) ", por Décio Andriotti. — "O Natal de Florzinha", por Leôncio Marques. — "Os presentes de Natal", por Aristides Ávila. — "Papai Noel não gosta de favelas", sem indicação de autor. — "O canto de Natal", por Paulo Setubal. — "Cristo não vai nascer", por Aquiles Araújo. — "O páraco", por Coelho Neto. — "O Natal de Miguelito", por Vera Maria. — "O Natal de frei Guido", por Magalhães de Azeredo. — "O Natal do centurião", por Mário Serrano.

34

GRIECO, Donatelo, *org.* — Antologia de contos brasileiros, org. por Donatello Grieco, com noticias critico-biograficas |Desenhos de Armando Pacheco| Rio de Janeiro, A Noite |1942| 261 p. ilust.

Conteúdo: — "Joaquim Mironga", por Afonso Arinos. — "Obstinação", por Alberto dona Emerenciana", por Marques Rebelo. — "Negrinha" e "O fígado indiscreto", por Artur Azevedo. — "O contrabando", por Darcí Azambuja. — "G.C.P.A., por Gastão Cruls. — "Encontro", por João do Rio. — "O negrinho do pastoreio" e "O boi velho", por J. Simões Lopes. — "Clara dos Anjos", por Lima Barreto. — "Uns braços", por Machado de Assis. — "Túmulo, túmulo, túmulo", por Mário de Andrade. — "Na rua dona Emerenciana", por Marques Rebelo. — "Negrinha" e "O fígado indiscreto", por Monteiro Lobato. — "O pão que o diabo amassa", por Otávio Tefé. — "Baianinha", por Ribeiro Couto. — "Última carpa", por Valdomiro Silveira.

35

GRIECO, Donatelo, *ed.* — Antologia de contos brasileiros, org. por Donatello Grieco, com 16 notícias crítico-biográficas |Desenhos de Armando Pacheco| Rio de Janeiro, Ed. A Noite |1953?| 261 p. ilust.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

36

GRIECO, Donatelo, *org.* — O livro de bôlso dos Contos brasileiros. Antologia org. por Donatello Grieco, com 16 notícias crítico-biográficas. Desenhos de Armando Pacheco |Capa: Trechos dos quadros de Tarsila, A. Ferrigino, Lasar Segall, Portinari. Rio de Janeiro| Ed. de Ouro |1964| 261 p. (Ed. de Ouro, Copa de Ouro 379)

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

37

HISTÓRIAS da Bahia. Pref. de Adonias Filho. Capa de Carybé |Rio de Janeiro| Ed. GRD, 1963. 315 p., 1 f.

Conteúdo: — "O brabo e sua índia", por Adonias Filho. — "Crispiniano, o livro e o pelourinho", por A. Mendes Neto. — "A doce lei dos homens", por Ariovaldo Matos. — "Tanque nôvo", por Davi Sales. — "O garôto e o cachorro encantado", por Dioscórides M. dos Santos. — "Um simples farol no mar", por Dias da Costa. — "Cheia grande", por D. Martins de Oliveira. — "O crime", por Elvira Foeppel. — "Ninguém está inteiro", por Hélio Pólvora. — "A emboscada", por Herberto Sales. — "O sentinela", por James Amado. — "Josefina", por João Ubaldo Ribeiro. — "De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto", por Jorge Amado. — "Rê I, Ri... Tê A, Ta..., por Jorge Medauar. — "O amor no circo", por José Pedreira. — "O velho", por Luís Henrique. "O pecado viaja de trem", por Nelson Galo. — "Margaridas para a bem-amada", por Noênio Spinola. — "Manezim da Umburana", por Rui Santos. — "O piano", por Santos Morais. — "Sábado de encontro", por Sônia Coutinho. — "Prêto e branca", por Vasconcelos Maia. — "Maria Rosa", por Xavier Marques.

38

HISTÓRIAS do acontecerá — I |Capa: Adir Botelho| Rio de Janeiro Ed. GRD |1961| 137 p. (Ficção científica GRD, 12).

Conteúdo: — "Natal", por Álvaro Malheiros. — "A organização do Dr. Labuzze", por André Carneiro. — "O desafio", por Antônio Olinto. — "O paraíso perdido", por Clóvis Garcia. — "O céu anterior", por Diná Silveira de Queirós. — "A experiência", por Leon Eliachar. — "Ma-Hôre", por Rachel de Queirós. — "A idade da razão", por Ruy Jungmann. — "Maternidade", por Zora Seljan.

39

LEANDRO, Nei, *org. ver* Castro, Nei Leandro, *org.*

LIMA SOBRINHO, Barbosa, *comp.* — Os precursores do conto no Brasil. Introd., pesquisa e seleção de Barbosa Lima Sobrinho |Capa de Nora Ronai| Rio de Janeiro, Civilização brasileira |1960| 296 p. (Panorama do conto brasileiro, 1).

Conteúdo: — "A paixão dos diamantes" e "Um sonho", por Justiniano J. da Rocha. — "O aniversário de D. Miguel em 1828; "Amor, ciúme e vingança"; "Um primeiro amor"; "Luísa"; "Maria" e "As catacumbas de S. Francisco de Paula", por João Manuel Pereira da Silva. — "Os três desejos" e "Um sonho", por Firmino Rodrigues da Silva. — "Um enforcado"; "O carrasco"; "A prenda de casamento"; "Fui ao baile"; "Sou escritor "dramático" e "A freira", por Josino do Nascimento Silva. — "A mãe-irmã e "O enjeitado", por Francisco de Paula Brito. — "A nova sociedade das senhoras viúvas", por Miguel do Sacramento Lopes Gama. — "Um episódio de 1831; "Uma viagem na barca de vapor" e "Minhas aventuras numa viagem nos ônibus", por Luís Carlos Martins Pena. — "Um ofício de defunto e uma bênção nupcial", por Carlos Emílio Adet. — "O último suspiro"; "Virgínia ou a vingança de Nassau" e "A família desgraçada", por João José de Sousa e Silva Rio. — "Dois dias de viagem na província de Minas", por Vicente Pereira de Carvalho Guimarães.

40

LOUSADA, Wilson, *org.* — Antologia de carnaval. Desenhos de Percy Deanne. Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1945. 366 p. ilust.

Conteúdo: Além de outros gêneros, contém os seguintes contos: "Cló", por Lima Barreto. — "A morte da porta--estandarte", por Aníbal Machado. — "O bloco das mimosas borboletas", por Ribeiro Couto. — "O mártir Jesus Senhor Crispiniano B. de Jesus",

por Antônio de Alcântara Machado. — "Dois mascarados", por Adalgisa Néri. — "Uma senhora", por Marques Rebêlo. — "A rainha do rancho", por Raimundo Magalhães Júnior. — "Embaixada da Concórdia", por Francisco Inácio Peixoto. — "O bloco", por Raquel Crotman.

41

LOUSADA, Wilson, *org.* — Contos de carnaval. Organizado por Wilson Louzada. Desenhos de Percy Deanne |Capa: Di Cavalcanti — Carnaval. Contracapa: trechos de quadros de Carlos Coelho Louzada, Heitor dos Prazeres e Eurídice Bresani. Rio de Janeiro| (Ed. de Ouro |1965| 366 p. (Ed. de ouro. Coroa de ouro, 488).

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

42

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo, *comp.* — O conto da vida burocrática. Pref. e seleção de R. Magalhães Júnior |Capa de Nora Rónai| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1960| 299 p. (Panorama do conto brasileiro, 11).

Conteúdo: — "O caso Barreto", por Machado de Assis. — "Cônsul", por Domício da Gama. — "O indício", por Lúcio de Mendonça. — "O velho Lima", por Artur Azevedo. — "Agaricus auditae", por Lima Barreto. — "Suplício moderno", por Monteiro Lobato. — "Os três relógios", por Viriato Correia. — "Fifinho, autoridade", por Adelino Magalhães. — "D. Teodorinha", por Ribeiro Couto. — "Dois dedos", por Graciliano Ramos. — "O fiapo", por Ernâni Fornari. — "Passa-três", por Orígenes Lessa. — "Onofre, o terrível ou A sêde de justiça", por Marques Rebêlo. — "João das Neves e o condutor", por Aurélio Buarque de Holanda. — "Dona Adalgisa", por Moreira Campos. — "Mar oceano", por Fran Martins. — "Contos dos bosques de Viena", por Nélio Reis. — "Suspeita", por Almeida Fischer. — "O lado humano", por Oto Lara Rezende. — "O ex-mágico da taberna Minhota", por Murilo Rubião. — "O último expediente de Damião", por José Stênio Lopes. — "A aposentadoria", por Josué Montelo.

43

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo, *comp.* — O conto do Norte. Seleção e notas de R. Magalhães Júnior |Capa de Nora Rónai| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1959| 2 v. (Panorama do conto brasileiro, 5 5A).

Conteúdo: — v. 1: "Redivivo", por Domingos Olímpio. — "O gado do Valha-me-Deus", por Inglês de Sousa. — "A conselheira", por Artur Azevedo. — "A lavadeira", por José Veríssimo. — "Fora de horas", por Aluísio Azevedo. — "Vocação contrariada", por Xavier Marques. — "A melhor cartada", por Oliveira Paiva. — "Banzo", por Coelho Neto. — "O noviço", por Adolfo Caminha. — "Tique-taque", por Medeiros e Albuquerque. — "O almôço", por Antônio Sales. — "O imaginário", por Alberto Rangel. — "Sinfrônio e Agripa", por Carlos Dias Fernandes. — "Amôres... amôres", por Tomás Lopes. — "O rio", por Oscar Lopes. — "O outro", por Viriato Correia. — "Um depósito de coisa fungível", por Policarpo Feitosa. — "A professôra", por Mário Sete. — "O seringueiro", por Humberto de Campos. — "O idílio impossível", por Téo Filho. — "A testemunha", por Graciliano Ramos. — "O crime do coronel", por Ranulfo Prata. — "Sertanejos", por Barbosa Lima Sobrinho. — "Ressaca", por Herman Lima. — "Puçanga", por Peregrino Júnior. — v. 2: "Última aventura de Simão Sampaio", por Osvaldo Orico. — "O ladrão de cavalo", por Luís Jardim. — "Cheia grande", por D. Martins de Oliveira. — "Decisão", por Dias da Costa. — "Uma chama ao vento", por Braga Montenegro. — "A primeira confissão", por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. — "Coração de D. Iaiá", por José Carlos Cavalcanti Borges. — "Experiências", por Humberto Peregrino. — "História do carnaval", por Jorge Amado. — "O banho",

por João Clímaco Bezerra. — "João Redondo", por Fran Martins. — "Lama e fôlhas", por Moreira Campos. — "O ovador", por Josué Montelo. — "A emboscada", por Herberto Sales. — "O segrêdo", por Gasparino Damata. — "Há olheiras entristecendo a serra do Boeiro", por Joel Silveira. — "Chão de Santa Rita", por José Condé. — "O navio", por Aluísio Medeiros. — "Conto de Belém", por Carlos Castelo Branco. — "O tocador de bombo", por Eduardo Campos. — "A grande safra", por Vasconcelos Maia. — "O ministro", por Lêdo Ivo. — "Os gestos", por Osmã Lins. — "Dominguinhos", por Ricardo Ramos. — "Psicologia do enfêrmo", por Raimundo Sousa Dantas. — "Xarias e canguleiros", por Homero Homem.

44

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo — Seleção de contos do norte |Pref. de R. Magalhães Júnior. Ilust. de Poty. Rio de Janeiro, Ed. de ouro, 1967| 2 v. (Livros de bôlso. Ed. de ouro. Contos brasileiros, Coroa de ouro, 531).

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

45

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo, *comp.* — O conto do Rio de Janeiro... Seleção e notas de R. Magalhães Júnior |Capa de Abelardo Zaluar| Rio de Janeiro, Ed Civilização brasileira |1959| 341 p. (Panorama do conto brasileiro, 7).

Conteúdo: 1.ª parte: CONTISTAS CARIOCAS: "Platonismo", por França Júnior. — "Noite de almirante", por Machado de Assis. — "Cabeça e coração", por Visconde de Taunay. — "O nome do menino", por Luís Guimarães Júnior. — "O caso do Lousada", por Cármen Dolores. — "Três charutos", por Garcia Redondo. — "As pastilhas do imperador", por Papi Júnior. — "Teorias", por Valentim Magalhães. — "Final de ato", por Júlia Lopes de Almeida. — "O crime", por Olavo Bilac. — "Agonias da carne", Lima Campos. — "Confirmação", por Gonzaga Duque. — "Caso de adultério", por Pedro Rabêlo. — "Januário", por Mário de Alencar. — "Na vida real", por Magalhães de Azeredo. — "As surprêsas de Robespierre Pereira, sonhador", por Tristão da Cunha. — "Cló", por Lima Barreto. — "A fada das pérolas", por João do Rio. — "Os camundongos", por Roberto Gomes. — "O homem triste", por Roquette-Pinto. — "Tântalo", por José do Patrocínico Filho. — "O abcesso de fixação", por Gastão Cruls. — "Uma operação gratuita", por José Geraldo Vieira. — "Circo de coelhinhos", por Marques Rebêlo. — "Guilhermino", por Dirceu Quintanilha. — 2.ª parte: CONTISTAS FLUMINENSES: "O mêdo", por Visconti Coaraci. — "Luís da Serra", por Lúcio de Mendonça. — "Fio de ouro", por Alberto de Oliveira. — "Conto de verdade", por Domício da Gama. — "As festas de reis de minha prima", por Raul Pompéia. — "Cinzas frias", por Alcindo Guanabara.

46

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo — Seleção de contos do Rio de Janeiro |Pref. de R. Magalhães Júnior. Ilust. de Poty. Rio de Janeiro, Ed. de ouro, 1967| 359, 9 p. (Livros de bôlso, Ed. de ouro. Contos brasileiros. Coroa de ouro, 538).

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

47

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo, *comp.* — O conto feminino. Seleção e notas de R. Magalhães Júnior |Capa de Nora Rónai| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1959| 359 p. (Panorama do conto brasileiro, 10).

Conteúdo: — "Dois mascarados", por Adalgisa Néri. — "A vaidade!... A vaidade!...", por Adelina Lopes Vieira. — "Uma carta", por Caci Cordovil. — "Um drama na roça", pro Cármen Dolores. — "As saudades", por Chrysanthème. — "Os laços de família", por Clarice Lispector. — "Amôres mortos", por Corina Coaraci. — "A moralista" por Diná Silveira de Queirós. — Enfermaria de 3.ª", por Elsie Lessa. — "Êle e Na poleão", por Emi Bulhões Carvalho Fonseca. — "Clòcló entre oceanos, mares e rios" por Eneida de Morais. — "Luciana ciclotímica", por Fernanda Lopes de Almeida. — "O areal", por Florence Bernard. — "Aida Arouche Magnocavallo", por Helena Silveira. — "A aula de Geografia", por Heloneida Studart. — "A primeira consulta", por Iracema Guimarães Vilela. — "Cena de comédia", por Júlia Lopes de Almeida. — "A finada D. Aninhas", por Lia Correia Dutra. — "A confissão de Leontina", por Lígia Fagundes Teles. — "Chimango", por Lúcia Benedetti. — "Apólogo", por Lúcia Miguel Pereira. — "Orgulho ou covardia?", por Maria Eugênia Celso. — "Nobreza", por Maria José Dupré. — "Uma história de Lampeão", por Maria Vanderlei Meneses. — "Portranca", por Mercedes Dantas. — "O espelho de Narciso", por Morena Flôres. — "Nhá Colaquinha, cheia de graça", por Nair Lacerda. — "Pássaro assustado", por Ondina Ferreira. — "O bloco", por Raquel Crotman. — "Metonímia ou a vingança do enganado", por Raquel de Queirós. — "O extraordinário relógio", por Rosalina Coelho Lisboa. — "O internato", por Teresinha Éboli.

48

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo — Seleção de contos femininos |Pref. de R. Magalhães Júnior. Ilust. de Poty. Rio de Janeiro, Ed. de ouro, 1967| 373, 11 p. (Livros de bôlso. Ed. de ouro. Contos brasileiros. Coroa de ouro, 533).

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

49

MAIA, Vasconcelos *e* Nelson de Araújo — Panorama do conto baiano. Seleção e notas de Vasconcelos Maia e Nelson de Araújo |Capa de Lênio, Salvador| Liv. Progresso ed. |1959| 253 p.

Conteúdo: — "O brabo e sua índia", por Adonias Filho. — "A dura lei dos homens" por Ariovaldo Matos. — "El aprendiz de toreador", por Camilo de Jesus Lima. — "Atrás, a madrugada", por Davi Sales. — "Alucinação", por Dias da Costa. — "Cheia grande", por D. Martins de Oliveira. — "O velho Sousa", por Flávio Costa. — "Negra Sebastiana", por Gilberto Savastano. — "A retreta na praça", por Glauber Rocha. — "O violão e a bicicleta", por Hélio Pólvora. — "Só", por Hélio Vaz. — "A emboscada", por Herberto Sales. — "A sonsa", por Hildegardes Viana. — "A rosa", por James Amado. — "Vôo de Natal", por João Martins. — "Luci", por João Palma Neto. — "Lugar e circunstância", por João Ubaldo Ribeiro. — "História do carnaval", por Jroge Amado. — "O facão na bainha", por Jorge Medauar. — "O amor no circo", por José Pedreira. — "O menino e o peixe", por Luís Garboggini Quaglia. — "A noite do homem", por Luís Henrique. — "Os girassóis, o tempo", por Nelson de Araújo. — "Bahia antiga", por Nelson Galo. — "O disco", por Pedro Moacir Maia. — "Caçador de borboletas", por Santos Morais. — "O homem da janela, a cavaleiro", por S. Maron. — "A corda", por Sodré Martins. — "Morte", por Vasconcelos Maia.

50

MELO FILHO, Osvaldo Ferreira de *e* Salim Miguel, *comp.* — Contistas novos de Santa Catarina. Org. por Osvaldo Ferreira de Melo (filho) e Salim Miguel. Introd. de Nereu Correia. Ilust. de artistas plásticos catarinenses |Capa de Antônio Faria| Florianópolis, Ed. Sul |1954| 100 p. ilust. (Ed. Sul, 5).

Conteúdo: — "O rosto", por A. Boos Jr. — "Flôres", por Aníbal Nunes Pires. — "Se êle encontrasse o Zéquinha", por Antônio Paladino. — "Dominó", por Carlos Adauto Vieira. — "Cerração", por Guido Vilmar Sassi. — No bar e café "Expresso", por Hugo Mundi Jr. — ""O prisioneiro do baú", por José Tito Silva. — "Primeira comunhão", por Marcos de Farias. — "Dó sustenido", por O.F. de Melo (filho). — "Pépe", por Osvaldo de Oliveira. — "Rinha", por Salim Miguel. — "Saudade do morto", por Silveira da Penha. — "Jeremias", por Silveira de Sousa.

51

MONTEIRO, Jerônimo, *comp.* — O conto fantástico. Seleção, pref. e notas de Jerônimo Monteiro |Capa de Nora Rónai| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1959| 329 p. (Panorama do conto brasileiro, 8).

Conteúdo: — "Assombramento (História do sertão)", por Afonso Arnios. — "Delírio", por Afonso Schmidt. — "Solfieri", por Álvares de Azevedo. — "O impenitente", por Aluísio de Azevedo — "O telegrama de Artaxerxes", por Aníbal M. Machado. — "Um esqueleto", por Machado de Assis. — "Os donos da caveira", por Ernâni Fornari. — "Sertório", por Galpi (Galdino Fernandes Pinheiro). — "Noturno n.º 13", por Gastão Cruls. — "Confirmação" por Gonzaga Duque. — "Paulo", por Graciliano Ramos. — "O duplo", por Coelho Neto. — "Os olhos que comiam carne", por Humberto de Campos. — "O baile do judeu", por Inglês de Sousa. — "O sino da Soledade", por Josué Montelo. — "Sua Excelência", por Lima Barreto. — "Maria Bandá", por Luís Canabrava. — "De além-túmulo", por Magalhães de Azeredo. — "O soldado Jacó", por Medeiros e Albuquerque. — "A gargalhada", por Orígenes Lessa. — "O lobisomem", por Raimundo Magalhães. — "Papai Noel e o outro", por Ribeiro Couto. — "O defunto", por Tomás Lopes. — "Os curiangos", por Valdomiro Silveira. — A cadeira", por Veiga Miranda. — "A Rita do vigário", por Viriato Correia.

52

MONTEIRO, Jerônimo, *comp.* — O conto trágico. Pref. e seleção de Jerônimo Monteiro |Capa de Nora Rónai| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1960| 331 p. (Panorama do conto brasileiro, 9).

Conteúdo: — "Curiango", por Afonso Schmidt. — "Um homem bom", por Alberto Rangel. — "Estaqueado", por Alcides Maia. — "O açougue", por Breno Acióli. — "Mau sangue", por Coelho Neto. — "Possessão", por Domício da Gama. — "G.C.P.A.", por Gastão Cruls. — "O caldo", por Humberto de Campos. — "Acauã", por Inglês e Sousa. — "A hora e a vez de Augusto Matraga", por João Guimarães Rosa. — "Dentro da noite", por João do Rio. — "Miss Elkins", por Léo Vaz. — "Venha ver o pôr do sol", por Lígia Fagundes Teles. — "Clara dos Anjos", por Lima Barreto. — "O hóspede", por Lúcio de Mendonça. — "João Peba", por Luís Canabrava. — "A causa secreta", por Machado de Assis. — "Uma escrava", por Magalhães de Azeredo. — "Bichaninha" por Medeiros e Albuquerque. — "Bugio moqueado", por Monteiro Lobato. — "Gapuidor", por Peregrino Júnior. — "O primeiro amor de Antônio Maria", por Ribeiro Couto. — "Camunhengue", por Valdomiro Silveira. — "O presente de bodas", por Veiga Miranda. — "A bêsta", por Viriato Correia.

53

MORAIS, Benjamin, *org.* — Meu Natal; coletânea de poesias, contos e pequeno teatro sôbre o natal de Jesus. Rio de Janeiro, Centro brasileiro de publicidade, ltda., 1937. 208 p.

Entre outros gêneros, os contos: — "Natal de juiz", por Ferreira do Amaral — "O Natal de Jesus", por Benjamin Morais.

54

NASCIMENTO, Esdras do, *org.* — Coletânea, 1. Doze contista premiados e selecionados por Esdras do Nascimento. Rio de Janeiro Ed. GRD |1963| 125 p.

Conteúdo: — "O sol", por André de Figueiredo. — "A paciência de Dona Sancha", por César Tozzi. — "O túnel", por Domingos Soares de Oliveira. — "Programa", por Eliza Barreto. — "Fim de menestral", por Genaro Mucciolo. — "Meninão do caixote", por João Antônio. — "O mêdo", por João Uchôa Cavalcanti Neto. — "O filho", por José Édison Gomes. — "Canguçu", por Luís Carlos Lisboa. — "Cabeça-dura", por Maria Geralda do Amaral Melo. — "Hora staccato", por Robério Toscano. — Mágoa", por Teresa Cristina.

55

NOVE do Sul, contos. |Capa e planejamento gráf. de Hilton J. de Almeida| Pôrto Alegre, Ed. Difusão de Cultura, 1962. 158 p. retr.

Conteúdo: — Cândido de Campos, Josué Guimarães, Tânia Jamardo Faillace, Sérgio Jockiman, Iara de Lemos, Rui Ostermann, Sérgio Ortiz Pôrto, Moacir Scliar, Carlos Stein.

56

NOVE elas são... Rio de Janeiro, Liv. Freitas Bastos, 1957. 314 p. (Coleção Jóia, 3).

Conteúdo: — O pôrto resplandescente", por Diná Silveira de Queirós. — "Tortura lenta", por Emi Bulhões Carvalho da Fonseca. — "Flôres do mato", por Francisca de Basto Cordeiro. — "Luaral", por Lásinha Luís Carlos. — "Comediante", por Sra. Leandro Dupré. — A confissão de Leontina", por Lígia Fagundes Teles. — A meia dúzia", por Maria Eugênia Celso. — "Era uma vez três meninas", por Ondina Ferreira. — "A casa do Morro Branco", por Raquel de Queirós.

57

9 histórias reiúnas... |Capa de Luís Canabrava. Rio de Janeiro| Biblioteca do Exército, 1956. 198 p.

Contekdo: — "O coronel" e "Podalirio revoltado", por Harry Laus. — "O recruta e seu amigo macumbeiro", por A.J. de Figueiredo. — "Um soldado", por Xavier Placer. — "Escola regimental", por Rubens Mário Jobim. — O regresso", por Lúcia Benedetti. — "Nove anos de praça", por M. Cavalcanti Proença. — "Rufino ficou" e "Caderno de um adolescente", por Humberto Peregrino.

58

OLIVEIRA, Alberto *e* Jorge Jobim. — Contos brasileiros. Rio de Janeiro, Livr. Garnier |1920| 404 p.

É a primeira antologia brasileira de contos.

Conteúdo: — O crime", por Olavo Bilac. — "Sabina", por Artur Azevedo. — "O crime do tapuio", por José Veríssimo. — S. Boemundo", por João Ribeiro. — "A caolha", por Júlia Lopes de Almeida. — "Mau sangue", por Coelho Neto. — "As calças do Raposo", por Medeiros e Albuquerque. — Dentro da noite", por João do Rio. — "Caminho das tropas", por Carvalho Ramos. — "A ciganinha", por Graça Aranha. — "O samba", por Magalhães Azeredo. — "Herói", por Roque Calage. — História de uma dor", por Felício Terra. — "Mariquita", por Xavier Marques. — "O defunto", por Tomás Lopes. — "Flor do mar", por Virgílio Várzea. — "Pedro Barqueiro", por Afonso Arinos. — "A cartomante", por Machado de Assis. — "Coração de caipira", por Lúcio de Mendonça. — "O testamento do tio Pedro", por Garcia Redondo. —

"Selvagem", por Vicente de Carvalho. — "Os dois frutos verdes", por Oscar Lopes. — "Velho conto", por Alcides Maia. — "Fruta brava", por Afrânio Peixoto. — "Os três mineirinhos", por Alberto Rangel. — "G.C.P.A.", por Gastão Cruls. — "A Salomé do sertão", por Gustavo Barroso. — "O madeireiro", por Aluísio Azevedo. — "Romão da Januária", por Veiga Miranda. — "Confirmação", por Gonzaga Duque. — "A colcha de retalhos", por Monteiro Lobato. — "Gongo-velho", por Rodrigo Otávio. — "Cara a cara", por Viriato Correia. — "A loucura de um sábio", por Valentim Magalhães. — "Moloch", por Domício da Gama. — "Mísero amor", por Alcides Flávio.

59

OLIVEIRA, José Osório de — Contos brasileiros. Seleção, pref. e notas de José Osório de Oliveira. Lisboa, Liv. Bertrand |1944?| 370 p. (Col. Cruzeiro do sul, 1)

Conteúdo: — "Uns braços", por Machado de Assis. — "Mandovi", por Coelho Neto. — "O negrinho do pastoreiro", por Simões Lopes Neto. — "Pedro Baqueiro", por Afonso Arinos. — "Camunhengue", por Valdomiro Silveira. — "O homem que sabia javanês", por Lima Barreto. — "O jardineiro Timóteo", por Monteiro Lobato. — "Caso em que entra bugre", por Mário de Andrade. — "Tati, a garôta", por Aníbal M. Machado. — "O negrinho do pastoreiro", por Simões Lopes Neto. — "Pedro Baqueiro", por Afonso — "As cinco panelas de ouro", por Antônio de Alcântara Machado. — "Godofredo e a virgem", por João Alphonsus. — "Paisagem perdida", por Luís Jardim. — "Gapuiador", por Peregrino Júnior. — "Circo de coelhinhos", por Marques Rebêlo. — "Não jures pela lua inconstante", por Raquel de Queirós.

60

OLIVEIRA, José Osório de — Contos do Brasil |1.ª série| Seleção, pref. e notas de José Osório de Oliveira. Lisboa, Portugália ed. |194-?| 285 p., 1 f. (Antologias universais. Conto, 12. Contos do Brasil)

"É esta a 2.ª antologia de contos brasileiros (ou do Brasil) que organizo, e posso fazê-lo porque ao apresentar a 1.ª seleção, publicada por outro editor, disse não se "tratar de uma coleção dos melhores contos, mas apenas de dezessete de entre os contos brasileiros (...)". *José Osório de Oliveira — Prefácio.*

Conteúdo: — "Conto de escola", por Machado de Assis. — "Contrabandista", por Simões Lopes Neto. — "Joaquim Mironga (tipo do sertão)", por Afonso Arinos. — "Maiby", por Alberto Rangel. — "A agonia do negro", por Magalhães de Azeredo. — "Puro amor", por João do Rio. — "A nova Califórnia", por Lima Barreto. — "O bugio moqueado", por Monteiro Lobato. — "Minsky", por Graciliano Ramos. — Piá não sofre? Sofre", por Mário de Andrade. — "A morte da porta-estandarte", por Aníbal M. Machado. — "Gaetaninho", por Antônio de Alcântara Machado. — "Eis a noite", por João Alfonsus. — "Dias de chuva", por Darcí Azambuja. — "Dois pares pequenos", por Marques Rebêlo. — "Célia chamou Peri", por Telmo Vergara. — A fuga", por Francisco Inácio Peixoto. — "Zé bala", por Aurélio Buarque de Holanda. — "Nosso amor", por Diná Silveira de Queirós.

61

PACHECO, João, *comp.* — Antologia do conto paulista |planejamento gráfico da coleção e capa de Edgar Koetz| São Paulo, Conselho estadual de cultura, Comissão de literatura |1959| 275 p. (Col. textos e documentos, 1).

Conteúdo: — "Em roda do fogo", por Vicente de Carvalho. — "Amor e pinga", por Amadeu de Queirós. — "Pedaço de cumbersa", por Valdomiro Silveira. — "O diabo existe", por Júlio César da Silva. — "Velhos marujos", por José Vicente Sobrinho. — "O ladrão", por J. Batista Coelho. — "Querença", por Carlos da Fonseca. — "O que o mundo não vê", por Veiga Miranda. — "Um homem honesto", por Monteiro Lobato — "Atira, Juca", por Cornélio Pires. — "Coração de môça", por Amando Caiubi. — "O filho pródigo", por Léo Vaz. — "Curiango", por Afonso Schmidt. — "O homem

que não era", por Menotti del Picchia. — Vestida de prêto", por Mário de Andrade. — "Annie", por Enéias Ferraz. — "Dona Violante das Tôrres Negras", por Galeão Coutinho. — "O bloco das mimosas borboletas", por Ribeiro Couto. — "O aventureiro Ulisses", por Antônio de Alcântara Machado. — "Companhia à noite", por Orígenes Lessa. — "Manhã de Agôsto", por Alfredo Mesquita. — "Raimundo, Babinha e Eunice", por Diná Silveira de Queirós. — "Vida de negra", por Elsie Lessa. — "Essa gente grande!", por Helena Silveira. — "De como o Nenzinho chegou a homem", por Miroel Silveira. — "Meu tio Ricardo", por Lúcia Benedetti. — "Samambaias na varanda", por Guilherme Figueiredo. — "O rosto", por Almeida Fischer. — "A meia branca", por Sílvio Rodrigues. — "Chuva no bairro", por Leonardo Arroio. — "Dona Adelaide, como o nome indica", por Mário Neme. — "Vento da noite", por Virgílio Paula Santos. — "Felicidade", por Lígia Fagundes Teles.

62

PEDROSA, Milton — Gol de letra, o futebol na literatura |Prefácio: Duas palavras, por Paulo Rónai. Capa: Luiz Fernando. Rio de Janeiro| Livr. ed. Gol |1967| 239 p., 4 f.

Entre outros gêneros, os contos: "O defunto inaugural", por Aníbal Machado. — "Corintians (2) VS Palestra (1)", por Antônio de Alcântara Machado. — "De tarde e domingo", por Dias da Costa. — "Herói", por Lima Barreto. — "O torcedor", por Paulo Coelho Neto.

63

PIMENTEL, O. — Antologia de contos. Seleção e notas biográficas de O. Pimentel. Rio de Janeiro, Livr. Cultura ltda. |1961| 2 v. (Biblioteca de cultura brasileira, 7, 8)

64

QUEIRÓS, Amadeu de — As obras primas do conto brasileiro. São Paulo, Liv. Martins, 1947.

65

RAMOS, Graciliano, *comp.* — Contos e novelas. Seleção de Graciliano Ramos. A apresentação segue um critério geográfico, incluindo escritores antigos e modernos de todo o país... Rio de Janeiro, Casa do estudante do Brasil |1957| 3 v.

Conteúdo: v. 1: *NORTE E NORDESTE.* PARÁ: "O baile do judeu", por H. Inglês de Sousa. — "O serão", por José Veríssimo. — "O guarda-chuva", por Eneida de Morais. MARANHÃO: "Útil inda brincando", por Artur Azevedo. — "Demônios", por Aluísio Azevedo. — "Os pombos", por Coelho Neto. — "Ladrão (confissão de um assassino)", por Viriato Correia. — "O monstro", por Humberto de Campos. PIAUI: "O espelho", por Francisco Pereira da Silva. — "Vento sêco", por Humberto Teles. — CEARÁ: "O lobisomem", por Raimundo Magalhães. — "Alma bárbara", por Herman Lima. — "Rio movido" por R. Magalhães Júnior. — "Manhã triste", por Cordeiro de Andrade. — "Retrato de um brasileiro", por Raquel de Queirós. — "Pai e filho", por Melo Lima. — "Coração alado", por Moreira Campos. — RIO GRANDE DO NORTE: Ritinha", por Peregrino Júnior. — "Pedro Cobra", por Humberto Peregrino. — "O último título", por Milton Pedrosa. — PARAÍBA: "A volta dos cães", por José Maria dos Santos. — PERNAMBUCO: "O ratinho Tique--Taque", por Medeiros e Albuquerque. — "Bucho-de-Piaba", por Alberto Rangel. — "Um sereno de casamento", por Mário Sete. — "A última viagem do almirante Alcino Silva", por Múcio Leão. — "O castigo", por Luís Jardim. — "Felicidade", por José Carlos Cavalcanti Borges. — ALAGOAS: "Minsk", por Graciliano Ramos. — "O major Fausto", por José de Morais Rocha. — "Orfanato", por Carlos Paurílio. — "Prelúdio em si menor", por Luís

Augusto de Medeiros. — "Retrato de minha avó", por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. — "João Urso", por Breno Acióli. v. 2: *LESTE.* — SERGIPE: "Só a vista faz fé", por João Ribeiro. — "Onde andará Esmeralda", por Joel Silveira. BAHIA: "Gangorra", por Urbano Duarte. — "A vida do homem", por Xavier Marques. — "Alucinação", por Dias da Costa. — ESPÍRITO SANTO: "Eu e Bebu, na hora neutra da madrugada", por Rubem Braga. — RIO DE JANEIRO: "Os brincos de Sara", por Alberto de Oliveira. — "Só", por Domício da Gama. — "Tílburi de praça", por Raul Pompéia. — "As sete côres do arco-íris", por Miécio Tati. — DISTRITO FEDERAL: "Encomendas", por França Júnior. — "A causa secreta", por Machado de Assis. — "Paulo e Virgínia (cartas confidenciais)", por Luís Guimarães Júnior. — "Mana Minduca", por Pedro Rabêlo. — "O natal de frei Guido (lenda mística)", por Magalhães de Azeredo. — "Coração de velho", por Mário de Alencar. — "História da amorosa viúva e dos sete amantes frustrados", por Tristão da Cunha. — "Sua Excelência", por Lima Barreto. — "D. Joaquina", por João do Rio. — "G.C.P.A.", por Gastão Cruls. — "O filho de Maria Bárbara", por José Geraldo Vieira. — "Na rua Dona Emerenciana", por Marques Rebêlo. — "Mundo perfeito", por Lia Correia Dutra. — "A intérprete", por Léonie Tolipan. MINAS GERAIS: "Joaquim Mironga", por Afonso Arinos. — "O destacamento", por Godofredo Rangel. — "Tati, a garôta", por Aníbal M. Machado. — "O entêrro de seu Ernesto", por Rodrigo M. F. de Andrade. — "A noite do conselheiro", por João Alphonsus. — "Um escritor nasce e morre", por Carlos Drummond de Andrade. — "A hora e a vez de Augusto Matraga", por J. Guimarães Rosa. — "A fuga", por Francisco Inácio Peixoto. — "Dorme, meu filho", por Osvaldo Alves. — "Ofélia, meu cachimbo e o mar", por Murilo Rubião. "O defunto", por Otávio Dias Leite. — "Alucinação", por Fernando Tavares Sabino. — v. 3: *SUL E CENTRO — OESTE.* SÃO PAULO: "Fôrça escondida", por Valdomiro Silveira. — "Tragédia dum capão de pintos", por Monteiro Lobato. — "A rifa", por Léo Vaz. — "Túmulo, túmulo, túmulo", por Mário de Andrade. — "O bloco das mimosas borboletas", por Ribeiro Couto. — "Carmela", por Antônio de Alcântara Machado. — "A viagem a Nápoles", por Sérgio Buarque de Holanda. — "A herança", por Orígenes Lessa. — "Um feriado", por Nair Lacerda. — "A medalha, o revólver e a dúvida", por Guilherme Figueiredo. — "O homem bom", por Cacil Cordovil. — "Encontro com o passado", por Elsie Lessa. — "Bailado entre o lógico e o absurdo", por Francisco De Marchi. — "De como o Nenzinho chegou a homem", por Miroel Silveira. — "Meu tio Ricardo", por Lúcia Benedetti. — "Delírio?", por Helena Silveira. — "Nos olhos de Margarida", por Amaral Gurgel. PARANÁ: "Agonias", por Nestor Vítor. — "Pau-dos-Ferros", por Brasílio Itiberê. — SANTA CATARINA: "O velho Sumares", por Virgílio Várzea. — RIO GRANDE DO SUL: "Duelo de Farrapos", por J. Simões Lopes Neto. — "Guri", por Alcides Maia. — "Êle era como um papagaio", por Dionélio Machado. — "Os devaneios do general", por Érico Veríssimo. — "Por pena", por Darci Azambuja. — "Damião, o sem tempo", por Ernâni Fornari. — "Caminhos da infância", por Augusto Meyer. — "Bolinhos última instância", por Telmo Vergara. — GOIÁS: "O saci", por Hugo de Carvalho Ramos. — "Pai Norato", por Bernardo Élis. — "A filha", por B. Rocha.

66

RAMOS, Graciliano, *org.* — Seleção de contos brasileiros [por] Graciliano Ramos. Ilust. de Cleo [Rio de Janeiro] Ed. de Ouro [1966] 3 v. (Ed. de Ouro, Copa de Ouro, 1341-1343. Contos brasileiros)

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

67

REIS, Léia *e* Mercedes, Pêcego, ed. — 15 contam histórias. Coletânea organizada por Léa Reis e Mercedes Pêcego. Rio de Janeiro, Dep. Cultural da ABBR, 1962. 157 p.

Conteúdo: — "Triste história do gato Peri", por Austregésilo de Ataíde. — "O conto da adolescência", por Dante Costa. — "O lago dos cisnes", por Dirceu Quintanilha. — "A fronteira do mormaço", por Elisa Lispector. — "Longe, longe", por Guilherme Figueiredo. — "Todos os homens são iguais", por Oto Lara Rezende. — "A floresta"

por José Condé. — "A única vez que eu fiz um bloco", por Lúcia Benedetti. — "A perna de pau", por Luís Jardim. — "O inefável Senhor Ocello", por Mauro Vilar. — "Missão incompreendida", por Nélio Reis. — "Pequena história de Matiratá", por Orígenes Lessa. — "O conto do revólver", por Raimundo Magalhães Jr. — "Uma velha história de maçãs", por Samuel Rawet. — "O assassino", por Sérgio Pôrto.

89

Ernani Silva Bruno. Org. Diaulas Riedel. São Paulo, Ed. Cultrix |1959|

RIEDEL, Diaulas, *org.* — Os canaviais e os mocambos: Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Capa e ilust. de Guilherme Valpeteris. Seleção, introd. e notas 339 p. ilust (Histórias e paisagens do Brasil, 3)

Seleção de contos, crônicas, memórias e narrativas de aventuras e viagens.

Contém os contos: "João Inácio", por Mário Sete. — "Reis de maracatu", por Lucilo Varejão. — "O ladrão de cavalo", por Luís Jardim. — "Filho e pai", por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

69

RIEDEL, Diaulas, *org.* — A cidade, o mar e as serras: Espírito Santo, Rio de Janeiro e Distrito Federal |Capas e ilust. Guilherme Valpeteris| Seleção, introd. e notas Ernani Silva Bruno. Org. Diaulas Riedel. São Paulo, Ed. Cultrix |1959| 335 p. ilust. (Histórias e paisagens do Brasil, 5)

Seleção de contos, crônicas, memórias e narrativas de aventuras e viagens.

Contém os contos: "Conto de escola", por Machado de Assis. — "Banzo", por Coelho Neto. — "Clara dos Anjos", por Lima Barreto. — "Em maio", por Marques Rebêlo. — "A morte da porta-estandarte", por Aníbal M. Machado.

70

RIEDEL, Diaulas, *org.* — Coqueirais e chapadões: Sergipe e Bahia. |Seleção, introd. e notas. Ernani Silva Bruno. Org. Diaulas Riedel| Capas e ilust. Guilherme Valpeteris| São Paulo, Cultrix |1959| 326 p. ilust. (Histórias e paisagens do Brasil, 4).

Seleção de contos, crônicas, memórias e narrativas de aventuras e viagens.

Contém os contos: "A cidade encantada", por Xavier Marques. — "Maria do sertão", por Alberto Deodato. — "Ismael", por Joel Silveira. — "O dinheiro do caju", por Jorge Medauar.

71

RIEDEL, Diaulas, *org.* — Coqueirais e chapadões: Sergipe e Bahia. Seleção, introd. e notas Ernani Silva Bruno. Org. de Diaulas Riedel. |Capas e ilust. de Guilherme Valpeteris| 2 ed. São Paulo, Ed. Cultrix |1961| 326 p. ilust. (Histórias e paisagens do Brasil, 4).

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

72

RIEDEL, Diaulas, *org.* — Maravilhas do conto brasileiro. Introd. e notas de Fernando Góes. Org. de Diaulas Riedel. Seleção de Fernando R. P. Santos |Capa de Mogens Ove Osterbye. Desenhos de D. Nasi| São Paulo, Ed. Cultrix |1958| 311 p. ilust.

Conteúdo: — "A causa secreta", por Machado de Assis. — "O testamento do tio Pedro", por Garcia Redondo. — "O hóspede", por Lúcio de Mendonça. — "Um ingrato", por Artur Azevedo. — "O madeireiro", por Aluísio Azevedo. — "Os brincos de Sara", por Alberto de Oliveira. — "A noiva do golfinho", por Xavier Marques. — "O sino de ouro", por Júlia Lopes de Almeida. — "Tíburi de praça", por Raul Pompéia. — "Mau sangue", por Coelho Neto. — "O boi velho", por Simões Lpoes Neto. — As calças do Raposo", por Medeiros e Albuquerque. — "Assombramento", por Afonso Arinos. — "Hospitalidade", por Alberto Rangel. — "Isso não acaba bem", por Amadeu de Queirós. — "Camunhengue",, por Valdomiro Silveira. — "Alvos", por Alcides Maia. — Romão da Januária", por Veiga Miranda. — "A nova Califórnia", por Lima Barreto. — "O fim de Arsênio Goddard", por João do Rio. — "Negrinha", por Monteiro Lobato. — "Morfina", por Humberto de Campos. — "O destacamento", por Godofredo Rangel. — "Paulo", por Graciliano Ramos. — "Vestida de prêto", por Mário de Andrade. — "Mágoa de vaqueiro", por Carvalho Ramos. — "Foguetes ao longe", por João Alphonsus. — "As cinco panelas de ouro", por Antônio Alcântara Machado.

73

RIEDEL, Diaulas, *org.* — Maravilhas do conto brasileiro |Capa de Mogens Ove Osterbye. Desenhos, D. Nasi| Introd. e notas de Fernando Góes. Org. de Diaulas Riedel. Seleção de Fernando R. P. Santos. 2.ed. São Paulo, Ed. Cultrix |1958| 311 p. ilust.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

74

RIEDEL, Diaulas, *org.* — Maravilhas do conto brasileiro. Introd. e notas de Fernando Góes. Org. de Diaulas Riedel, Seleção de Fernando R. P. Santos. 3. ed. |Capa de Mogens Ove Osterbye Des. de D. Nasi| São Paulo, Ed. Cultrix |1961| 306 p.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

75

RIEDEL, Diaulas,*org.* — Maravilhas do conto moderno brasileiro |Capa dê Mogens Ove Osterbye. Desenhos, Guilherme Valpeteris| Introd. e notas de José Paulo Paes. Org. de Diaulas Riedel. Seleção de Fernando R. P. Santos. São Paulo, Ed. Cultrix |1958| 329 p. ilust.

Conteúdo: — "O abcesso de fixação", por Gastão Cruls. — "Olhos alheios", por Afonso Schmidt. — "O piano", por Aníbal Machado. — "A salga", por Peregrino Júnior. — "O conto da madrugada", por Ribeiro Couto. — "Paisagem perdida", por Luís Jardim. — "Contrabando", por Darci Azambuja. — "O natal de tia Calu", por Orígenes Lessa. — "As mãos de meu filho", por Érico Veríssimo. — "Labirinto", por Marques Rebêlo. — "Sarapalha", por Guimarães Rosa. — "O chapéu de meu pai", por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. — "Tarciso", por Diná Silveira de Queirós. — "Crime mais que perfeito", por Luís Lopes Coelho. — "Aída Arouche Magnocavallo", por Helena Silveira. — "O prêso", por Moreira Campos. — "Um assassinato por tabela", por Bernardo Élis. — "A velha senhora Magdala", por José Condé. — "O homem na tôrre", por Joel Silveira — "Amigo velho", por Guido Vilmar Sassi. — "Sol", por Vasconcelos Maia. — "As pérolas", por Lígia Fagundes Teles. — "Elegíada", por Osmã Lins. — "Penélope", por Dalton Trevisan. — "O trole", por Ricardo Ramos. — "A hospedeira", por Edilberto Coutinho.

76

RIEDEL, Dîaulas, *org.* — Maravilhas do conto moderno brasileiro |Capa de Mogens Ove Osterbye. Desenhos de Guilherme Valpeteris| Introd. e notas de José Paulo Paes. Org. de Diaulas Riedel. Seleção de Fernando R. P. Santos. 3. ed. São Paulo, Ed. Cultrix, 1961. 334 p. (Coleção "Maravilhas do conto universal").

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

77

RIEDEL, Diaulas, *org.* — O ouro e a montanha: Minas Gerais |Capa e ilust. de Guilherme Valpeteris| Seleção, introd. e notas Ernani Silva Bruno. Org. de Diaulas Riedel. São Paulo, Ed. Cultrix |1959| 302 p. ilust, (Histórias e paisagens do Brasil, 9).

Seleção de contos, crônicas, memórias e narrativas de aventuras e viagens.

Contém os contos: — "A garupa", por Afonso Arinos. — "Gongo-velho", por Rodrigo Otávio. — "O candeeiro", por Amadeu de Queirós. — "Duelo", por João Guimarães Rosa.

78

RIEDEL, Diaulas, *org.* — O pampa e os cavaleiros: Rio Grande do Sul |Capa e ilust., Guilherme Valpeteris| Seleção, introd. e notas Ernani Silva Bruno. Org. Diaulas Riedel. São Paulo, Ed. Cultrix |1959| 316 p. ilust. (Histórias e paisagens do Brasil, 8).

Seleção de contos, crônicas, memórias e narrativas de aventuras e viagens.

Contém os contos: — "Por vingança", por Alcides Maia. — "No manancial", por J. Simões Lopes Neto. — "Fandango", por Roque Calage. — "Uma tora, no mais...", por Vieira Pires. — "Querência", por Darci Azambuja. — "Cati", por Ciro Martins. — Tranças negras", por Barbosa Lessa.

79

RIEDEL, Diaulas, *org.* — O pampa e os cavaleiros. Rio Grande do Sul |Capa e ilust., Guilherme Valpeteris| Seleção, introd. e notas Ernani Silva Bruno. Org. de Diaulas Riedel. 2. ed. São Paulo, Ed. Cultrix |1961| 318 p. ilust. (Histórias e paisagens do Brasil, 8).

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

80

RIEDEL, Diaulas, *org.* — Pinherais e marinhas: Paraná e Santa Catarina |Capas e ilust., Guilherme Valpeteris| São Paulo, Ed. Cultrix |1959| 318 p. ilust., (Histórias e paisagens do Brasil, 7)

Seleção de contos, crônicas, memórias e narrativas de aventuras e viagens.

Contém os contos: — "O André canoeiro", por Virgílio Várzea. — "Totó Bueno", por Júlio Perneta. — "Como um romance...", por Jaime Balão Júnior. — "Santa Luzia", por Tito Carvalho. — "Já é tarde, não?", por Mário Neme. — "O tímido Manuel Inácio", por Aluísio Ferreira de Abreu. — "Cerração",, por Guido Vilmar Sassi. — "A carreira", por José Cruz Medeiros. — "O pica-pau", por Oton d'Eça.

81

RIEDEL, Djaulas, *org.* — O planalto e os cafezais: São Paulo |Capas e ilus., Guilherme Valpeteris| Seleção, introd. e notas Ernani Silva Bruno. Org. por Diaulas Riedel. São Paulo, Ed. Cultrix |1959| 332 p. ilust. (Histórias e paisagens do Brasil, 6).

Seleção de contos, crônicas, memórias e narrativas de aventuras e viagens.

Contém os contos: — "Selvagem", por Vicente de Carvalho. — "A vingança da peroba", por Monteiro Lobato. — "Os curiangos", por Valdomiro Silveira. — "A assombração', por Amando Caiubi. — "Caso em que entra bugre", por Mário de Andrade. — "A dança de São Gonçalo", por Antônio de Alcântara Machado. — "Ensaio sôbre a comadre", por Mário Neme.

82

RIEDEL, Diaulas, *org.* — O planalto e os cafèzais: São Paulo |Capa e ilust., Guilherme Valpeteris| Seleção, introd. e notas Ernani Silva Bruno. Org. por Diaulas Riedel. 2. ed. São Paulo, Ed. Cultrix |1962| 328 p. ilust. (Histórias e paisagens do Brasil, 6).

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

83

RIEDEL, Diaulas, *org.* — Os rios e a floresta: Amazonas e Pará |Capas e ilust. de Guilherme Valpeteris| Seleção, introd. e notas Ernani Silva Bruno. Org. Diaulas Riedel. São Paulo, Ed. Cultrix |1958| 330 p. ilust. (Histórias e paisagens do Brasil, 1)

Seleção de contos, crônicas, memórias e narrativas de aventuras e viagens.

Contém os contos: — "O crime do tapuio", por José Veríssimo. — "O gado do Valha-me-Deus', por Inglês de Sousa. — "Maibi", por Alberto Rangel. — "A casa abandonada", por Aurélio Pinheiro. — "Gapuiador", por Peregrino Júnior.

84

RIEDEL, Diaulas, *org.* — Os rios e a floresta: Amazonas e Pará |Capas e ilust. de Guilherme Valpeteris| Seleção, introd. e notas Ernani Silva Bruno. Org. Diaulas Riedel. 2. ed. São Paulo, Ed. Cultrix |1958| 330 p. ilust. (Histórias e paisagens do Brasil, 1)

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

85

RIEDEL, Diaulas, *org.* — Os rios e a floresta: Amazonas e Pará |Capa e ilust., Guilherme Valpeteris| Seleção, introd. e notas Ernani Silva Bruno. Org. Diaulas Riedel. 3. ed. São Paulo |Ed. Cultrix| 1953. 332 p. ilust (Histórias e paisagens do Brasil, 1)

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

86

RIEDEL, Diaulas, *org.* — As selvas e o pantanal: Goiás e Mato Grosso |Capa e ilust., Guilherme Valpeteris| Seleção, introd. e notas Ernani Silva Bruno. Org. de Diaulas Riedel. São Paulo, Ed. Cultrix |1959| 312 p. ilust. (Histórias e paisagens do Brasil, 10)

87

Seleção de contos, crônicas, memórias e narrativas de aventuras e viagens.

Contém os contos: — "A dança dos ossos", por Bernardo Guimarães. — "Peru de roda", pro Hugo de Carvalho Ramos. — "Corá", por José de Mesquita. — "Motivos sertanejos", por E. Roquette Pinto. — "Pai Norato", por Bernardo Élis. — "No pantanal do Tarigara", por Francisco Brasileiro. — "O rezador do Barreiro", por Leo Godoi Otero. — "Uma briga", por W. Bariani Ortêncio.

RIEDEL, Diaulas, *org.* — O sertão, o boi e a sêca: Maranhão, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte |Capa e ilust., Guilherme Valpeteris| Seleção, introd. e notas Ernani Silva Bruno. Org. de Diaulas Riedel. São Paulo, Ed. Cultrix |195-| 314 p. ilust. (Histórias e paisagens do Brasil, 2)

Seleção de contos, crônicas, memórias e narrativas de aventuras e viagens.

Contém os contos: "A bêsta", por Viriato Correia. — "Mau sangue", por Coelho Neto. — "A mãe-d'água", por Herman Lima. — "Pedro Cobra", por Humberto Peregrino.

88

RIEDEL, Diaulas, *org.* — O sertão, o boi e a sêca: Maranhão, Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte |Capa e ilust., Guilherme Valpeteris| Seleção, introd. e notas Ernani Silva Bruno. Org. de Diaulas Riedel. 2. ed. São Paulo, Ed. |1960| 314 p. ilust. (Histórias e paisagens do Brasil, 2)

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

89

SALES, Herberto, *org.* — A eterna infância, antologia de temas da infância, org. por Herberto Sales |Rio de Janeiro, Empr. gráf. O Cruzeiro, 1948| 214 p.

Conteúdo: — "Conto de escola", por Machado de Assis. — "O negrinho do pastoreio", por J. Simões Lopes Neto. — "Negrinha", por Monteiro Lobato. — "O barão de Macaúbas", por Graciliano Ramos. — "Piá não sofre? Sofre", por Mário de Andrade. — "Tati, a garôta", por Aníbal M. Machado. — "Infância", por Ribeiro Couto. — "Quando minha avó morreu", por Rodrigo M.F. de Andrade. — "Chico", por Ézio Pinto Monteiro. — "Gaetaninho", por Marques Rebêlo. — "A fuga", por Francisco Inácio Peiteiro. — "Gaetaninho", por Antônio de Alcântara Machado. — "Vejo a lua no céu", por Marques Rebêlo. — "A fuga", por Francisco Inácio Peixoto. — "Acorda, preguiçoso", por Aurélio Buarque de Holanda. — "Varanda", por Joel Silveira. — "Fita em série", por Fernando Sabino. — "O tamborim", por A. Acióli Neto.

90

SALES, Herberto, *org.* — Os belos contos da eterna infância. Antologia de temas da infância, org. por Herberto Sales |Capa de Portinari. Rio de Janeiro| Ed. de Ouro |1966| 214 p. (Ed. de Ouro, Estrêla Ouro, 1207).

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

91

SEGREDO conjugal [Pref de Medeiros e Albuquerque. Rio de Janeiro] Ed. Calvino Filho, 1932. viii, 235 p.

Conteúdo: — "Quiproquó amoroso", por Afonso Celso. — "O plano de Mr. Fothergill", por Afrânio Peixoto. — "Sphinx", por Alexandre Delamare. — "Equívoco... acertado", por Augusto de Lima. — "A caixa de charão", por Fernando Rodrigues. — "Os cônjuges confidentes...', por Maurício de Medeiros. — "O plano do sr. Fothergill", por Medeiros e Albuquerque. — "Tatiana", por E. Roquete-Pinto.

92

64 d.c. |Ilust.: Jaguar. Capa: |Renato Landin. Fotografia: Jorge Moura Costa| Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 1967. 176 p. ilust.

Conteúdo: — "O homem cordial", por Antônio Calado. — "Ordem do dia", por Carlos Heitor Coní. — "O estranho caso do computador", por Hermano Alves. — "Acudiram três cavalheiros", por Marques Rebêlo. — "O elefante", por Sérgio Pôrto.

93

7 de amor e violência, contos |Ilust. de L. C. Andrade Lima, Maurício Távora, V. Jaci Mendes, Valêncio Xavier, Nelson Pedrella, Álvaro Borges e Tomás Wartelsteiner. Capa de Álvaro Borges Curitiba, Ed. KM, 1955. 164 p. ilust.

Conteúdo: — "Primeiro de abril", por Elias Farah. — "A greve", por Valêncio Xavier. — "Quem grita na escuridão", por Milton Volpini. — "A síria após o Atlântico", por Jodat Kury. — "Baralho cortado a 7" e "A serraria", por Nelson Padrella. — "Os caranguejos", por Sílvio Bach. — "Violenta paz imposta aos mortos", por Valmor Marcelino.

94

OS SETE pecados capitais... |Desenho de capa: Eugênio Hirsch. Rio de Janeiro| Ed. Civilização brasileira |1964| xviii, 268 p. (Col. Vera Cruz. Literatura brasileira, 61).

Conteúdo: — Soberba: "Os chapéus transeuntes", por Guimarães Rosa. — Avareza: "A cilada", por Oto Lara Rezende. — Luxúria: "Grandeza e decadência de um caçador de rolinhas", por Carlos Heitor Coní. — Ira: "O canivete", por Mário Donato. — Gula: "De gula ad aennium silvarium", por Guilherme Figueiredo. — Inveja: "Crônica do que aconteceu ao beato Torquato M. de Jesus, na cidade de Caruaru, Pernambuco, em 1927", por José Condé. — Preguiça: "Gabí", por Lígia Fagundes Teles.

95

ANTOLOGIAS INTERNACIONAIS

COM A INCLUSÃO DE AUTORES BRASILEIROS

BARBOSA, Almiro Rolmes *e* Edgar Cavalheiro, *comp.* — Obras primas do conto moderno. Seleção, introd. e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. Retratos de Armando Pacheco. São Paulo, Livr. Martins, 1944. 328 p. ilust. (A marcha do espírito, 14).

Entre os contistas incluidos, o brasileiro Monteiro Lobato, com "O jardineiro Timóteo".

96

BARBOSA, Almïro Rolmes *e* Edgar Cavalheiro, *comp.* — Obras primas do conto moderno. Seleção, introd. e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. Retratos de Armando Pacheco. 2. ed. São Paulo, Livr. Martins |1951| 328 p. ilust.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

97

BARBOSA, Almiro Rolmes *e* Edgar Cavalheiro, *comp.* — Obras primas do conto moderno. Seleção, introd. e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. Retratos de Armando Pacheco. 3. ed. São Paulo, Livr. Martins |1954| 329 p. ilust.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

98

BARBOSA, Almiro Rolmes *e* Edgar Cavalheiro, *comp.* — Obras-primas do conto moderno. Seleção, introd. e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. Retratos de Armando Pacheco. 4. ed. São Paulo, Livr. Martins |1955| 348 p. ilust.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

99

BARBOSA, Almiro Rolmes *e* Edgar Cavalheiro, *comp.* — Obras-primas do conto moderno. Seleção, introd. e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. Retratos de Armando Pacheco |5. ed.| São Paulo, Livr. Martins |1957| 367 p. ilust.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

100

BARBOSA, Almiro Rolmes *e* Edgar Cavalheiro, *comp.* — Obras primas do conto moderno. Seleção, introd e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro. Retratos de Armando Pacheco |Capa de Dorca. São Paulo| Livr. Martins |1962| 367 p. ilust.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

101

BARBOSA, Almiro Rolmes *e* Edgar Cavalheiro, *org.* — Obras-primas do conto moderno. Seleção, introd. e notas de Almiro Rolmes Barbosa e Edgard Cavalheiro, Retratos de Armando Pacheco |Capa de Dorca| São Paulo, Livr. Martins, 1966. 367 p. ilust.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

102

FONSECA, Persiano da, *comp.* — Os mais belos contos de amor, dos mais famosos autores... |Persiano da Fonseca compilou e traduziu| Rio de Janeiro, Ed. Vecchi |1943| 308 p.

Entre os contistas incluidos, os brasileiros: Machado de Assis, com "To be or not to be" e Humberto de Campos, com "Juramento".
Para as séries seguintes ver pelo título.

103

FONSECA, Persiano da, *comp.* — Os mais belos contos de amor dos mais famosos autores. 1. ser. 5. ed. Trad. de Persiano da Fonseca. Rio de Janeiro, Ed. Vecchi |1960| 317 p.

O conteúdo é idêntico às outras edições desta série.

104

ODÍLIO, Ives — Contos de alcova. Compilados por Yves Idílio. São Paulo, Ed. O Livreiro ltda. |19--?|

Entre os contistas incluídos, os brasileiros: Machado de Assis, com "A senhora do Galvão" e Humberto de Campos com "Poço de maridos".

105

IDÍLIO Ives — Contos de alcova. Compilados por Yves Idílio 2. ed. São Paulo, Ed. Victor [19--?] 203 p.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

106

OS MAIS belos contos de amor dos mais famosos autores. 2. série |Tradutores: Edison Carneiro, F. dos Reis Coutinho, I. da Cunha Borges, Manuel Rodrigues da Silva, Odilon Galloti| Rio de Janeiro, Ed. Vecchi |1943| 319 p.

Entre os contistas incluidos, o brasileiro José de Alencar com "Cinco minutos".
Para a 1.ª edição ver: Fonseca, Persiano da.

107

OS MAIS belos contos de amor dos mais famosos autores. 3. série|Tradutores: Manuel R. da Silva, J. da Cunha Borges, Frederico dos Reis Coutinho, Enéias Marzano, Constantino Ianni, Edison Carneiro| Rio de Janeiro, Ed. Vecchi |1944| 309 p.

Entre os contistas incluidos, o brasileiro Coelho Neto, com "Amor".
Para a 1.ª edição ver: Fonseca, Persiano da.

108

MARTINS, Luís, *org.* — Obras primas do conto de suspense |Com seleção, introd. e notas de Luís Martins, e capa de Edgard Koetz. Arte de Flávio Tâmbolo. São Paulo, Livr. Martins ed., 1966| 289 p.

Entre os contistas incluidos, os brasileiros: Machado de Assis com "A chinela turca". — João do Rio com "As aventuras de Rozendo Moura". — Monteiro Lobato com "Bôca-torta". — Luís Lopes Coelho com "A magnólia perdida".

109

MARTINS, Luís, *comp.* — Obras-primas do conto policial. Introd., notas e compilação de Luís Martins, São Paulo, Livr. Martins |1954| 365 p.

Entre os contistas incluidos, o brasileiro: Luís Lopes Coelho, com "Ninguém mais se perderá por Luba".

110

MARTINS, Luís, *comp.* — Obras-primas do conto policial. Introd., notas e compilações de Luís Martins. Capa de Darcy Penteado. 2. ed. São Paulo, Livr. Martins |1955| 365 p.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

111

MARTINS, Luís, org. — Obras-primas do conto policial. Introd., notas e compilações de Luís Martins. Capa de Darcy Penteado. São Paulo, Livr. Martins |1960| 366 p.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

112

MARTINS, Luís, *comp.* — Obras primas do conto policial |Introd., notas e compilações de Luís Martins. Capa de Darcy Penteado. São Paulo| Livr. Martins [1954] 366 p.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

113

MILLIET, Sérgio, *comp.* — As obras-primas do conto humorístico. Introd., no-notas e compilação de Sérgio Milliet. São Paulo, Livr. Martins |1954| 333 p.

Entre os contistas incluidos, os brasileiros: Antônio de Alcântara Machado, com "Guerra civil". — Machado de Assis, com "Quem conta um conto". — Monteiro Lobato, com "O comprador de fazendas". — Mário Neme, com "Pedro Marques, o lobisomem inteligente".

114

MILLIET, Sérgio, *comp.* — Obras-primas do conto humorístico. Introd. notas e compilação de Sérgio Milliet. São Paulo, Livr. Martins |1956| 333 p.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

115

MILLIET, Sérgio — Obras-primas do conto humorístico |Introd., notas e compilação de Sérgio Milliet. Capa de Darcy Penteado. São Paulo| Livr. Martins |1963| 272 p.

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

116

NABUCO, Araújo, *comp.* — Livro de Natal; as mais lindas histórias de Natal dos maiores escritores do mundo |Seleção e notas biográficas de Araújo Nabuco| São Paulo, Livr. Martins |1947| 281 p. ilust.

Entre os contistas incluidos, os brasileiros: Coelho Neto, com "O pároco" e Machado de Assis, com "Missa do galo".

117

NABUCO, Araújo, *comp.* — Livro de Natal; as mais lindas histórias de Natal dos maiores escritores do mundo. Ilust. de R. Zamboni |Seleções e notas biográficas de Araújo Nabuco| São Paulo, Livr. Martins |1955| 320 p. ilust.

O conteúdo é idêntico ao da edição de 1947.

118

NUNES, Cassiano *e* Mário da Silva Brito, *org.* — Noite de Natal; coletânea reunindo histórias de Natal dos escritores... Seleção, introd., trad. e notas biobibliográficas dos organizadores do volume. São Paulo, Ed. Saraiva |1950| 255 p. (Coleção Saraiva, 30).

Entre os contistas incluidos, os brasileiros: Machado de Assis, com "Missa do galo". — Guilherme de Almedia, com "O vigilante (Legenda de Natal) ". — Mário de Andrade, com "O peru de Natal". — Coelho Neto, com "Firmo, o vaqueiro". — Virgílio Várzea, com "Conto de Natal". — Valdomiro Silveira, com "Saudades do Natal". — Miroel da Silveira, com "Presente de Natal". — Medeiros e Albuquerque, com "O último presente de Papai Natal". — Garcia Redondo, com "Para melhor mundo".

119

ORICO, Osvaldo, *org.* — Os mais belos contos de Natal. Rio de Janeiro, A Noite, 1945. 189 p. ilust.

Entre os contistas incluidos, os brasileiros: Celso Vieira, com "Vencedora de Jesus" e Machado de Assis, com "Missa do galo".

120

ORICO, Osvaldo, *org.* — Os mais belos contos de Natal. Rio de Janeiro, A Noite |1948| 189 p. ilust.

O conteúdo é idêntico ao da edição de 1945.

121

PENTEADO, Jacó, *org.* — Obras primas do conto de terror. Seleção, introd. e notas de Jacob Penteado |Capa de Isabel Soblier. São Paulo| Livr. Martins |1958| 367 p.

Entre os contistas incluidos, os brasileiros: Afonso Celso, com "Valsa fantástica". — Viriato Correia, com "A cobra preta". — Humberto de Campos, com "Os olhos que comiam carne". — Gabriel Marques, com "Mêdo".

122

PENTEADO, Jacó, *org.* — Obras primas do conto de terror. Seleção, introd. e notas de Jacob Penteado |Capa de Isabel Soblier São Paulo| Livr. Martins |1962| 299 p. (Coleção Obras-primas)

O conteúdo é idêntico ao da edição de 1958, com a exclusão de Gabriel Marques.

123

PENTEADO, Jacó, *org.* — Obras-primas do conto fantástico. Introd., seleção e notas biográficas de Jacob Penteado. Capa de Darcy Penteado. São Paulo, Livr. Martins |1956| 376 p.

Entre os contistas incluidos, os brasileiros: Gastão Cruls, com "O espelho". — Afonso Schmidt com "Delírio". — Afonso Arinos, com "Uma noite sinistra". — Viriato Correia, com "A ficha n.º 20.003". — Monteiro Lobato, com "Bugio moqueado".

124

PENTEADO, Jacó, *org.* — Obras-primas do conto fantástico. |Introd., seleção e notas biográficas de Jacob Penteado. Capa de Darcy Penteado São Paulo| Livr. Martins |1961| 378 p.

O conteúdo é idêntico ao da edição de 1956.

125

PENTEADO, Jacó, *org.* — Obras-primas do conto fantástico. |introd., seleção e notas biográficas de Jacob Penteado. Capa de Darcy Penteado. São Paulo| Livr. Martins, ed. |1966| 346 p.

O conteúdo é idêntico ao da edição de 1956.

126

RIEDEL, Diaulas, *org.* — Maravilhas do conto de Natal. Introd. de Edgard Cavalheiro. Org. de Diaulas Riedel. Seleção e trad. de Flávio André |Capa de Mogens Ove Osterbye. Ilust de José Rivelli Neto| São Paulo, Ed. Cultrix |1957| 259 p. ilust.

Entre os contistas incluidos, os brasileiros: Mário Matos, com "Milagre do Natal". — Rubem Braga, com "Conto de Natal". — Mário de Andrade, com "O peru de Natal".

127

RIEDEL, Diaulas, *org.* — Maravilhas do conto de Natal |Capa de Mogens Ove Osterbye. Ilust. de José Rivelli Neto| Introd. de Edgard Cavalheiro. Org. de Diaulas Riedel. Seleções e trad. de Flávio André. São Paulo, Ed. Cultrix |1960| 278 p. ilust.

O conteúdo é idêntico ao da edição de 1957.

128

RIEDEL, Diaulas, *org.* — Maravilhas do conto feminino. Introd. de Edgard Cavalheiro. Org de Diaulas Riedel. Seleção de E. Fecchio. São Paulo, Ed. Cultrix |1958| 328 p.

Entre os contistas incluidos, a brasileira: Júlia Lopes de Almeida, com "As rosas".

129

RIEDEL, Diaulas, *org.* — Maravilhas do conto universal. Introd. de Edgard Cavalheiro. Org. de Diaulas Riedel. Seleção de E. Fecchio |Capa de Mogens Ove Osterbye. Desenhos Pedro Gamborotto| São Paulo, Ed. Cultrix |1958| 443 p.

Entre os contistas incluidos, o brasileiro: Machado de Assis, com "O espelho".

130

SILVA, Fernando Correia da, *org.* — Maravilhas do conto amoroso. Seleção, introd. e org. de Fernando Correia da Silva |Capa de Mogens Ove Osterbye| São Paulo, Ed. Cultrix |1959| 286 p.

Entre os contistas incluidos, o brasileiro: Virgílio Várzea, com "Nerá".

131

SILVA, Fernando Correia da, *org.* — Maravilhas do conto amoroso. Seleção, introd. e org. de Fernando Correia da Silva |Capa de Mogens Ove Osterbye| 2. ed. São Paulo, Ed. Cultrix |1961| 288 p. (Coleção "Maravilhas do conto universal")

O conteúdo é idêntico ao da edição de 1959.

132

SILVA, Fernando Correia da, *org.* — O livro de bôlso dos Contos amorosos. Seleção, introd. e org. de Fernando Correia da Silva |Capa: detalhe de um quadro de Dufy| |Rio de janeiro| Ed. de Ouro |1966| 286 p. (Ed. de Ouro. Copa de ouro, 1178.

O conteúdo é idêntico ao da edição de 1959.

133

SILVA, Fernando Correia da, *org.* — Maravilhas do conto fantástico. Introd. e seleção de José Paulo Paes. Org. de Fernando Correia da Silva |Capa de Guilherme Valpeteris| São Paulo, Ed. Cultrix |1960| 281 p. ilust. (Biblioteca Maravilhas do conto universal. Série 2).

Entre os contistas incluidos, os brasileiros: Aluísio Azevedo, com "Demônios". — Alvares de Azevedo, com "Bertram". — Carlos Drummond de Andrade, com "Flor, telefone, môça".

134

SILVA, Fernando Correia da, *org.* — Maravilhas do conto fantástico. Introd. e seleção de José Paulo Paes. Org. de Fernando Correia da Silva |Capa de Guilherme Valpeteris| 2.ed. São Paulo, Ed. Cultrix |1960| 288 p. (Coleção "Maravilhas do conto universal").

O conteúdo é idêntico ao da 1.ª edição.

135

SILVEIRA, Breno, *org.* — Antologia de contos de terror e do sobrenatural. Seleção, trad., introd. e notas de Breno Silveira |Capa de Eugênio Hirsch| Rio de Janeiro, Ed. Civilização brasileira |1959| viii, 206 p. (Panorama do conto universal, 3)

Entre os contistas incluidos, o brasileiro: Luís Lopes Coelho com "A magnólia perdida".

136

TÔRRES, Mariano, *ed.* — Maravilhas do conto humorístico... Introd. de Mário S. Brito. São Paulo, Ed. Cultrix |1959| 299 p.

Entre os contistas incluidos, os brasileiros: Machado de Assis, com "O empréstimo". — Artur Azevedo, com "De cima para baixo". — Antônio de Alcyntara Machado, com "Apólogo brasileiro sem véu de alegoria". — Aluísio Azevedo, com "Politipo". — João do Rio, com "O homem de cabeça de papelão".

137

TÔRRES, Mariano, *ed.* — Maravilhas do conto humorístico. Seleção de Mariano Tôrres e introd. de Mário S. Brito. 2. ed. São Paulo, Ed. Cultrix, 1961. 304 p. (Coleção "Maravilhas do conto universal").

O conteúdo é idêntico ao da edição de 1959.

138

TÔRRES, Mariano, *sel.* — O livro de bôlso dos Contos humorísticos. Seleção de Mariano Tôrres. Introd. de Mário S. Brito |Rio de Janeiro| Ed. Ouro |1966| 299 p. (Ed. de Ouro. Copa de Ouro, 1180)

O conteúdo é idêntico ao da edição de 1959.

139